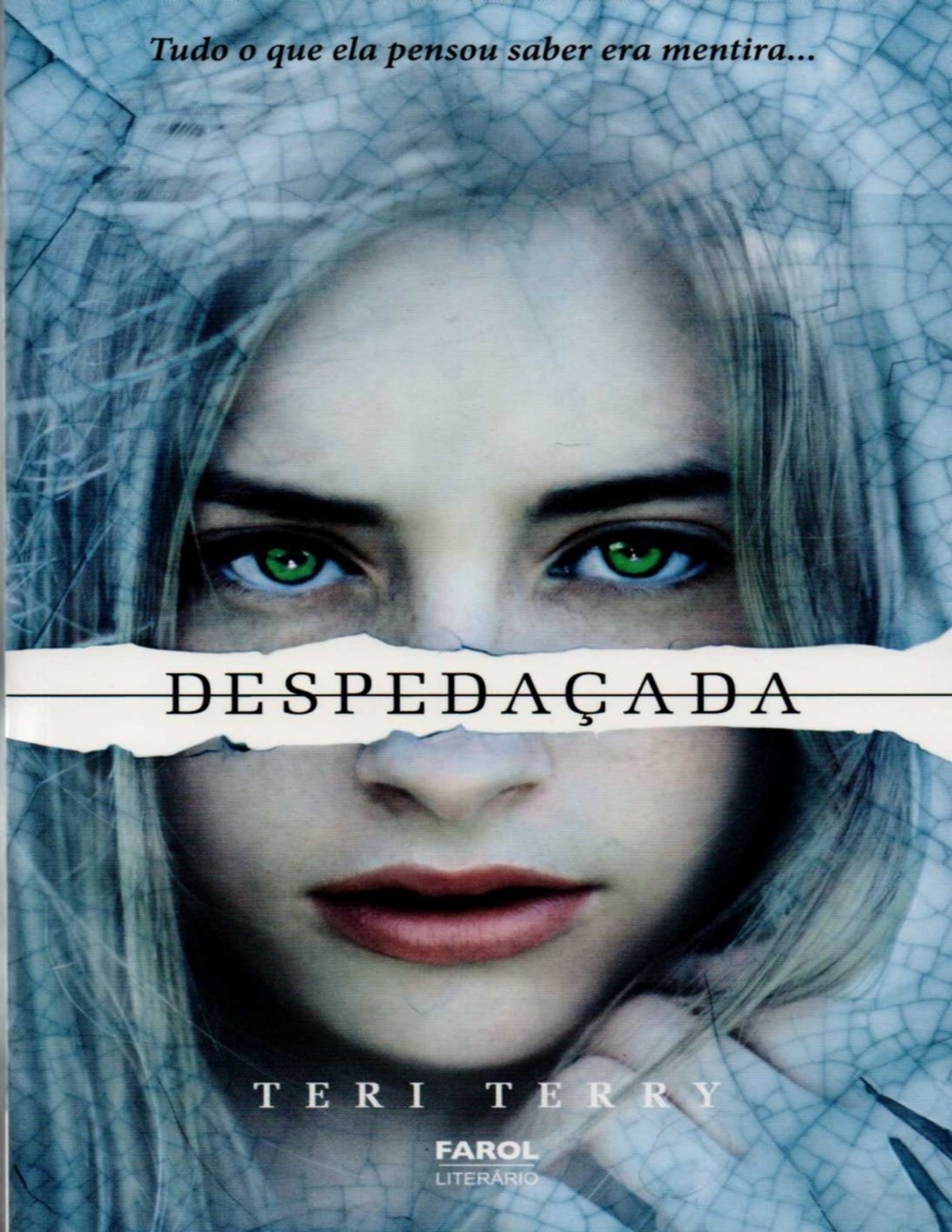
Tudo o que ela pensou saber era mentira...



DESPEDAÇADA

TERI TERRY

FAROL
LITERÁRIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Quando você não sabe quem é, como decidir quem você quer ser?

Kyla foi Reiniciada: sua memória foi apagada pelo opressivo governo dos Lordeiros. Mas, quando lembranças proibidas de um passado violento começam a aparecer, surgem também dúvidas: ela pode confiar naqueles que passou a amar, como Ben?

As autoridades querem a morte de Kyla. Com a ajuda de amigos no DE A, ela vai afundo, sondando seu passado e fugindo. A verdade que ela busca desesperadamente, no entanto, é mais surpreendente do que ela poderia imaginar.

Ao final do terceiro volume desta aclamada série, os mais profundos e imprevisíveis segredos serão revelados.

"Um thriller psicológico original e assombroso. Prendeu minha atenção desde a primeira página e me deixou ansiosa para continuar lendo. -Julie Bertagna, autora de Exodus".

As crianças se aproximam. O primeiro é um menino de cerca de onze ou doze anos. Caminhando e sorrindo. As outras crianças o seguem, a poucos metros de distância, um por um, sem reação. Conforme passam, são cada vez mais jovens. Uma menina de uns sete anos se aproxima agora. Alguns mais novos, cerca de quatro ou cinco anos de idade, seguem no fim da fila. O menino da frente para. Ele me olha intrigado. E sorri. — Hoje é sábado. Estamos fazendo a nossa caminhada de sábado de manhã. Os três sorriem, sem fazer movimento para continuar. É como se eles fizessem o que eu digo e quando digo para fazer, sorrindo o tempo todo. Assim como os outros, todos andando no mesmo ritmo, sorrindo. É quase como se...

Não. Não, não pode ser. Não pode.

Eu começo a tremer, o horror me tomando por dentro. E lá estão brilhando em seus pulsos: Nivos. Não pode ser, é completamente ilegal. Ser um Reiniciado é uma punição para os criminosos adolescentes menores de dezesseis anos. Não para criancinhas. O que eles poderiam ter feito para merecer isso?

A prova está lá, Lordeiros estão violando a lei, estão transformando criancinhas em Reiniciados. Ninguém pode ignorar isso. É a única coisa que finalmente vai fazer todo mundo parar, se unir, e dizer chega para os Lordeiros? Temos que revelar a todos. E acabar com isso.

TERI TERRY
DESPEDAÇADA
Tradução: Flávia Cortes



Copyright © 2014 do texto: Teri Terry Copyright © 2014 da edição brasileira: Farol Literário Todos os direitos reservados ao autor.
Título original: Shattered
Publicado originalmente em inglês em 2014 pela Orchard Books.
DIRETOR EDITORIAL: EDITORA: Raul Maia Júnior
EDITORA: Eliana Gagliotti
ASSISTENTE: Camila Lins
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda
TRADUÇÃO: Flávia Cortes
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Eliane de Abreu Santoro
REVISÃO: Simone Zac Fátima Valentina Cezare Pasculli
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Cláudio Tito Braghini Júnior
Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do acordo da língua portuguesa.
Dados Internacionais de Catalogação (CIP)
Terry, Teri
Despedaçada / Teri Terry; tradução [de] Flávia Cortes. - São Paulo: Farol Literário, 2014. 400 p. i il.; 21 cm.
ISBN 978-85-8277-055-9
1. Ficção - Inglesa. 2. Memória - ficção juvenil. 3. Identidade (Psicologia) - ficção juvenil. 4. Escolas de ensino médio - ficção juvenil. 5. Ficção cientifica. I. Cortes, Flávia, trad. II. Título.
T329d CDD 823
1° edição agosto 2014
Farol Literário
Uma empresa do Grupo DCL — Difusão Cultural do Livro Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 — Bairro do Limão CEP 02712-120 — São Paulo — SP
Tel.: (Oxxl 1)3932-5222 www.farolliterario.com.br

À minha mãe.

CAPÍTULO 1

Não parece grande coisa visto aqui de fora. Mas é basicamente isso que se consegue ao olhar algo pelo lado de fora. As pessoas, principalmente, podem ser tão diferentes do que aparentam que você nunca imaginaria o que elas guardam dentro de si. Do que são capazes. No meu caso, o que espreitava em meu interior estava tão bem escondido que nem mesmo eu tinha conhecimento.

Aiden para o carro ao lado do edifício decadente e olha para mim.

— Não pareça tão amedrontada, Kyla.

— Não estou — discordo, mas olho de relance para a estrada e, de repente, estou amedrontada. — Lordeiros — sussurro, me encolhendo no banco. Uma van preta nos bloqueia por trás. O sangue gela em minhas veias, me mantendo estática e entorpecida, ainda que algo dentro de mim esteja gritando corra. O medo me faz recuar. Para outro momento, outro Lordeiro. Coulson. A arma em sua mão aponta para mim e então...

Bang!

O sangue de Katran. Um oceano vermelho e quente nos cobriu e levou meu amigo para sempre. Essa morte foi tão parecida com a de meu pai, há tantos anos, que desenterrou antigas memórias. Ambos assassinados. Ambos por minha culpa.

Aiden coloca a mão sobre a minha, um olho preocupado no espelho retrovisor e o outro em mim. As portas se abrem, alguém sai. Mas não está vestido com a roupa preta dos Lordeiros. Uma figura esbelta; uma mulher, de chapéu abaixado para encobrir o rosto. Ela caminha em direção à porta do edifício. Ele se abre de dentro para fora e ela desaparece em seu interior.

— Olhe para mim, Kyla — a voz de Aiden está calma, segura, e eu desvio o olhar da van às nossas costas. — Não há nada com que se preocupar; apenas não chame a atenção deles — ele se contorce no banco do motorista, passa o braço ao meu redor e tenta me puxar para mais perto, mas estou rígida de medo. — Colabore — ele insiste, e eu tento relaxar o corpo aconchegado ao dele. Ele murmura entre os meus cabelos: — Estou só inventando um motivo para estarmos aqui parados. Para o caso de ficarem curiosos.

Inspiro lentamente. Eles não estão atrás de mim. Irão embora agora. Eles não estão atrás de mim. Estou colada a Aiden e ele me abraça com mais força. Ouço o barulho de um carro vindo de trás; pneus esmagando o cascalho e seguindo em frente.

— Eles se foram — diz Aiden, mas não me solta. O alívio é tão grande que deixo o corpo cair sobre ele e enfio meu rosto em seu peito. Seu coração bate forte, entoando um tum-tum que me passa segurança, aconchego e algo mais. Mas isso é errado. Ele não é o Ben.

Meu medo foi substituído pelo embaraço, seguido pela raiva. Raiva de mim mesma. Eu me afasto. Como pude ser tão fraca e deixá-los se aproximar de mim desse jeito? Como pude me apegar a Aiden só porque estava assustada? Eu me recordo do que ele disse mais cedo, quando estávamos a caminho: que os Lordeiros costumam vir aqui. Lordeiros, oficiais do governo e seus familiares. Pessoas com dinheiro e o poder de fazer com que os outros olhem para o lado e fiquem de boca fechada. Aquela mulher provavelmente é esposa de um Lordeiro. E provavelmente está aqui pelo mesmo motivo que eu. Fico corada.

Os olhos azuis de Aiden estão acolhedores, preocupados.

— Tem certeza de que dá conta disso, Kyla?

— Sim. Claro que tenho. E eu achei que você não pudesse mais me chamar por esse nome.

— Seria mais fácil se você tivesse decidido qual nome usar. Não falo nada, porque estou quase decidida, mas não quero dizer a ninguém ainda. Não tenho certeza se ele vai gostar.

— Caminhe como se fosse a dona do lugar e ninguém olhará para você uma segunda vez. Tudo deve ficar no anonimato.

— Está bem.

— Melhor ir, antes que chegue mais gente. Mais Lordeiros?

Abro a porta do carro e saio. É um dia frio e cinzento de janeiro, o que é razão suficiente para a echarpe enrolada em minha cabeça, protegendo a identidade que irá mudar em breve. Endireito os ombros e sigo para a porta. Ela se abre e eu entro.

Estou preparada; meus pés falseiam e então repito para mim mesma: caminhe como se fosse dona do lugar. Deste lugar brilhante, com enormes poltronas felpudas, música suave e uma enfermeira sorridente? Um guarda discreto em um canto. A mulher que vimos sair da van do Lordeiro minutos antes está recostada em uma poltrona com uma taça de vinho na mão.

A enfermeira se aproxima e sorri.

— Bem-vinda. Você sabe o seu número?

— 7162 — falo o número que Aiden tinha me passado. Embora seja melhor que meu nome não seja revelado, não tenho certeza se gostei de ser conhecida por um número, não depois de ter sido reiniciada. Não depois de ter um Nivo em volta do meu pulso com um número gravado, me classificando como criminosa para quem quisesse ver. Isso terminou, não há marcas visíveis, mas as cicatrizes

permanecem.

Ela verifica a tela em suas mãos e sorri novamente.

— Sente-se um pouco. Seu consultor TAI estará com você em alguns instantes.

Sento e me espanto quando a poltrona se move, se ajustando ao meu corpo. TAI: Tecnologia de Aperfeiçoamento de Imagem. Raramente mencionada, absurdamente cara e totalmente ilegal. Estou aqui por conta de favores devidos à organização de Aiden, o DEA. DEA significa Desaparecidos em Ação, mas acontece que eles não fazem só isso (buscar por pessoas desaparecidas e lutar para revelar a verdade sobre os Lordeiros). Eles também ajudam pessoas a entrar no Reino

Unido e a sair. Os consultores TAI reconhecem uma boa oportunidade no mercado negro quando vêem uma.

A mulher na outra cadeira se vira para mim. Ela é bonita e deve ter uns cinquenta anos. Se o que dizem é verdade, ela vai aparentar vinte anos a menos antes de deixar este lugar. Há um brilho de curiosidade em seu olhar, com uma cara de O que você está fazendo aqui? Eu a ignoro.

Uma porta se abre e ouço passos se aproximando. Ela começa a se levantar, mas os passos passam por ela, e um homem para diante de mim. Um médico? Não de um tipo que eu já tenha visto antes. Ele está de jaleco, mas de um tecido roxo brilhante, que combina com as luzes de seu cabelo e com os olhos também roxos, perfeitos, que brilham como se fossem naturais.

Ele estende as duas mãos, me ajuda a levantar e beija minhas bochechas, sem tocá-las.

— Olá, querida. Sou o doutor Jour, mas você pode me chamar de DJ. Por aqui, por favor — sua voz tem um tom melodioso, um sotaque desconhecido. Parece irlandês.

Eu o sigo, reprimindo um sorriso diante do olhar indignado da mulher. Ela deve estar se perguntando quem sou eu e por que tive a preferência. Se ela soubesse...

Se ela soubesse, correria para contar ao seu marido Lordeiro.

— Tem certeza de que é só isso que quer fazer? — doutor Jour soa desapontado. — Cabelo castanho 7. — ele fala como se cabelo castanho fosse o cúmulo da mediocridade. Mas o que preciso é poder passar despercebida na multidão.

— Sim, castanho. Ele suspira.

— Você tem um cabelo tão lindo, e tão difícil de se conseguir. Como um raio de sol matinal sobre narcisos 12. Com nuances de 9 — ele passa os dedos pelo meu cabelo, analisando-o, como se o estudasse para o próximo paciente. Em

seguida, estuda meu rosto. — Que tal mudar a cor dos olhos?

— Não. Gosto deles verdes.

— Eles são bem marcantes. É um risco — ele parece preocupado. O quanto sabe sobre mim?

Ele pisca o olho.

— Eles têm um tom interessante. Quase um verde cítrico 26, mas mais intenso — ele gira a cadeira em que estou sentada e me olha de cima a baixo. Eu me encolho. — Você gostaria de ser mais alta?

Ergo uma sobrancelha.

— Você consegue fazer isso?

— Claro. Mas demora um pouco. Eu encrespo.

— Qual o problema com a minha altura?

— Nada. Se você não se importa em ter que pular para enxergar o que está no alto...

— Só o cabelo.

— Castanho. Você está ciente de que a TAI é uma tecnologia genética avançada? Ela é permanente. Você terá cabelos castanhos para sempre. Ele irá crescer assim; você nunca mais será loira, a menos que volte aqui.

Ele me entrega um espelho e eu me olho nele. É tão estranho pensar que na próxima vez que me olhar não terei mais o cabelo que sempre tive. A cor está boa, eu acho, mas é tão ralinho. Eu sempre quis um cabelo mais espesso. Como o lindo cabelo negro da Amy. Foi a primeira coisa que notei na minha nova irmã quando fui morar com eles, assim que fui reiniciada, há poucos meses.

— Espere. Estava pensando se...

Ele gira a cadeira de volta e me encara com seus olhos roxos. É difícil ignorá-los.

— Sim?

— Você pode deixá-lo mais comprido? E mais espesso. Talvez... algumas mechas. Nada exagerado, uma coisa mais natural.

Ele bate palmas.

— Considere feito.

Um pouco depois, me mandam deitar sobre uma mesa parecida com as cadeiras da sala de espera; ela se molda ao redor do meu corpo. Ondas de pânico me mantêm acordada. Será que foi assim quando fui reiniciada? Não tive escolha naquela época (vi a foto na minha ficha). Fui amarrada a uma mesa como uma criminosa. Os Lordeiros e aquela cirurgia roubaram minhas memórias, colocaram um chip em meu cérebro que poderia ter me matado antes de o meu Nivo ser retirado. Mas isso não é a mesma coisa. Será apenas o cabelo. E foi escolha minha, eu não tenho de fazer isso.

A música ambiente fica distante. Tudo parece místico e vago, e meus olhos começam a fechar.

Será apenas o cabelo... mas foi neste cabelo que Ben passou os dedos quando me beijou.

Desde que os Lordeiros o levaram embora e apagaram sua memória, Ben não se lembra mais de mim. Mas e se ele lutar; lutar contra o que os Lordeiros fizeram com ele, e começar a se lembrar? Começar a entender por que sou a garota dos seus sonhos. E aí? Ele nunca me encontrará se eu estiver com uma aparência diferente.

Engulo em seco, luto para concatenar as ideais, para mandá-los parar, porque mudei de idéia.

Ben...

Os rostos se distorcem e desaparecem.

Corremos. À noite, lado a lado, mas as pernas compridas de Ben levam uma pequena vantagem sobre mim. Está chovendo, mas não ligamos. Estamos sobre uma colina escura agora, ele vai na frente; a água corre pelo caminho estreito entre as rochas. Em pouco tempo, estamos encharcados e cobertos de lama. Ele está rindo quando chega ao topo, e levanta as mãos para o céu conforme a chuva ganha força.

— Ben! — eu o alcanço, passo os braços em sua volta e o puxo para baixo de uma árvore, me aconchegando em seu peito.

Mas há algo errado.

— Ben? — me afasto um pouco e olho naqueles olhos familiares: castanhos, como chocolate derretido, de reflexos quentes. Olhos intrigantes. — O que é isso?

Ele balança a cabeça e me afasta.

— Não entendo.

— O quê?

— Pensei que conhecesse você, mas não. Eu conheço você?

— Sou eu! Sou a... — minha voz falha. Entro em pânico, buscando por um nome, não um nome qualquer, mas o MEU nome. Quem sou eu, de verdade?

Ele balança a cabeça e começa a se afastar. Corre pela trilha e desaparece.

Eu me apoio contra a árvore. E agora? Devo correr atrás dele, para que possa me ignorar mais uma vez? Ou voltar pela outra trilha, sozinha?

O céu se ilumina: um clarão de luz me ofusca a visão e deixa as árvores à mostra. Começa a chover forte. Antes que a escuridão retorne, um forte estrondo faz meus ossos estremecerem.

Enquanto parte de mim se contorce de dor pela partida de Ben, outra parte do meu cérebro está processando: é perigoso ficar embaixo de uma árvore durante

uma tempestade.

Mas quem sou eu realmente? Preciso responder a essa pergunta antes de saber por qual caminho seguir.

CAPÍTULO 2

Somente dias depois recebo um espelho de DJ. Eu o encaro e estico os dedos, ansiosa. O cabelo (meu cabelo) está diferente até no toque, como se pertencesse a outra pessoa. Não pareço mais comigo mesma. É claro que era esse o objetivo. Ele está castanho, mas cintila com as mechas douradas. Elas realçam tanto o verde dos meus olhos que fico pensando se DJ não resistiu e adicionou alguma melhora neles também, mas chego à conclusão de que eles são os olhos com os quais nasci. Meu cabelo não é o mesmo, em nenhum aspecto: ele está sedoso, espesso e cai no meio das minhas costas. Estremeço ao virar a cabeça. O cabelo está tão pesado que dói. Levarei um tempo para me acostumar.

— Seu couro cabeludo ficará sensível por um tempo — DJ segura um pequeno frasco. — Analgésicos; tome no máximo dois por dia, por uma semana. E então?

Desvio do espelho e olho para ele.

— Então o quê?

— Você gosta do que está vendo?

Dou um sorriso largo.

— Gosto.

— Ainda falta um pequeno toque, eu acho — DJ coloca um dedo de cada lado do meu queixo, levanta meu rosto e me olha nos olhos. Ele me encara um longo tempo, o suficiente para que eu me sentisse desconfortável se fosse com outra pessoa qualquer, mas de algum modo não é assim com ele. É como se ele estivesse medindo e analisando... mas o quê? O queixo, a estrutura óssea que o sustenta, a pele, quase como se ele pudesse ver cada célula e seu conteúdo genético. Ele balança a cabeça e se vira para um armário com várias gavetas; abre uma, depois outra, e retira algo, que passa para mim. Algo de alta tecnologia.

— Óculos? Eu não preciso de óculos.

— Confie em mim. Ponha — eu obedeço e me olho no espelho. Engasgo de espanto, olho novamente para ele e então para o espelho.

A armação é de um metal prata-acinzentado delicado e combina com o meu rosto como se tivesse sido feita para ele, mas não foi isso que me espantou: são os meus olhos. As lentes são completamente transparentes, mas ainda assim estou mudada. Meus olhos não são mais verdes. Estão mais para um azul-acinzentado. Viro a cabeça de um lado para o outro, tiro os óculos e os coloco

novamente. Me analiso como se olhasse para um estranho. Essa garota de cabelos escuros é outra. Ela também parece mais velha. Ninguém a reconheceria. Nem mesmo Ben. Eu poderia passar por minha mãe e por Amy na rua e elas também não me reconheceriam.

— Isso é incrível. Você é incrível.

— Eu sou — ele sorri. — E esta tecnologia — ele toca em meus óculos — ainda é desconhecida no Reino Unido, ao menos por enquanto. Sendo assim, usá-los não levantará nenhuma suspeita.

Ele gira minha cadeira e estamos frente a frente de novo.

— Então... a garota loira de olhos verdes se foi, substituída por uma versão mais sofisticada, uma que pode passar por dezoito anos de idade se for necessário tirar uma identidade ou viajar. Qual será seu próximo passo? — eu hesito e ele ri. — Guarde o seu segredo. Espero... não, eu tenho certeza que nossos caminhos se cruzarão novamente.

— Obrigada por tudo.

Ele inclina a cabeça, algo em seus olhos ainda medindo, analisando.

— O que foi?

Ele balança a cabeça.

— Nada, e tudo ao mesmo tempo. É hora de você ir — ele abre a porta e a segura. Quando a atravesso, ele acrescenta: — Diga ao Aiden que preciso vê-lo.

Mais tarde, naquele dia, me escondo em um pequeno cômodo nos fundos de uma fábrica. Uma sala escura onde novas identidades são fabricadas. Vidas novas se iniciam.

— Nome? — um homem desconhecido pergunta.

Está na hora de decidir. Não sou Lucy, nome que me deram quando nasci. Não sou Chuva, nome que escolhi após ser levada por Nico e seus Terroristas AntiGovernistas (o Reino Unido Livre, como eles costumavam dizer), que me transformaram em uma arma contra os Lordeiros. Não sou Kyla, nome que me foi dado no hospital após ter sido capturada e reiniciada por ser uma terrorista do TAG. Serei quem eu escolher ser.

— Nome? — me perguntam novamente.

Não sou nenhuma delas. E sou todas elas ao mesmo tempo.

— Riley. Riley Kain — respondo. Um nome que engloba todos os outros.

Em pouco tempo estou com uma identidade falsa em mãos: uma garota de olhos cinzentos, de dezoito anos, apta a viajar e viver sua própria vida: Riley Kain.

Que vida devo escolher viver?

CAPÍTULO 3

O ônibus sacoleja por ruas urbanas, e depois por estradas e rodovias: com a nova identidade e aparência, não preciso mais me esconder e fiz questão de viajar de volta a Londres sozinha. Mas quem iria imaginar que uma bomba do TAG seria encontrada hoje em um trem londrino e que toda a rede ferroviária seria parada enquanto os vagões eram revistados? Assim, o ônibus foi minha única alternativa. Sinto cada balanço da estrada em minha cabeça dolorida, e tenho de segurar as mãos para não levá-las ao cabelo novo e erguê-lo para suportar o peso.

Campos, fazendas e vilarejos passam rápido, tornando o lugar familiar. Estamos próximos ao vilarejo em que eu morava com mamãe e Amy: saí de lá no dia em que Nico e sua bomba do TAG quase me mataram. Eu fugi, fugi para me esconder na casa de Mac. Mac é meu amigo, sim, alguém em quem confio, mas ele não me conhecia havia tempo suficiente para se arriscar tanto. Ele é primo do namorado de Amy e de alguma forma se envolveu com Aiden e o DEA. Mesmo sem saber, ou se preocupar em saber o que aconteceu (o que eu fiz, ou o porquê), ele e Aiden estavam lá, oferecendo ajuda. Um lugar seguro para me esconder. A chance de uma vida nova. A vida antiga, com mamãe e Amy, terminou há pouco tempo, mas já parece distante. Outra vida que se distancia de mim.

Um veículo comprido e preto se aproxima pelo lado oposto da rua, com um caixão na parte traseira, e o trânsito fica lento dos dois lados. Um carro preto segue o carro fúnebre. Há duas pessoas lá dentro, de braços dados: uma é jovem, de pele morena e cabelo negro e espesso; a outra é mais velha, e pálida. Elas desaparecem rapidamente. Estou de olhos espantados.

Eram mamãe e Amy.

O ônibus para próximo ao final da longa rua de Mac, e eu caminho rápido. Boa parte de mim está chocada com o que acaba de ver. Elas estavam indo ao funeral de quem? Sinto o pânico se apoderar de mim, enquanto outra parte de minha mente está distraída, conjecturando que o ar e o céu estão com aquela friagem que precede a neve, mas, como eu nunca vi neve, me pergunto como posso ter essa sensação. Mas devo ter visto neve quando era Lucy, uma criança crescendo no Lake District, antes de suas memórias serem apagadas e ela ter sido Reiniciada.

Mais uma curva e a casa de Mac aparece: uma construção solitária em uma

rua solitária. Nesse momento, vejo por cima do portão dos fundos a ponta de uma van branca. Será a de Aiden?

Estou sendo esperada. Uma cortina se move e a porta se abre assim que a alcanço. É o Mac.

— Uau! É você mesma, Kyla?

— É Riley agora — digo ao entrar; estremeço quando tiro o chapéu e o cachecol e os largo em uma cadeira.

Aiden aparece e vê meu rosto.

— Eu disse que poderia buscar você. Você está bem? Dou de ombros e passo por eles em direção ao computador

no final do corredor. Skye, a cadela de Ben, tenta saltar e lamber meu rosto, mas a afago de leve e a afasto. O computador de Mac é ilegal, mas não é monitorado pelo governo. Eu planejava fazer uma pesquisa geral por notícias locais na esperança de que o funeral tenha sido noticiado, mas algo me faz ir ao site do DEA primeiro.

Lucy Connor, desaparecida dentro de casa, em Keswick, desde os dez anos de idade. Recentemente fui dada como encontrada. Eu mesma havia cucado nessa opção, na esperança de encontrar um caminho de volta para quem eu era tantos anos atrás, por meio de quem relatou meu desaparecimento.

Agora, estou marcada como "falecida". Olho para a tela, incapaz de processar aquela palavra.

Uma mão toca meu ombro.

— Você me parece bem para uma pessoa morta. Eu gosto do cabelo novo — diz Mac.

Eu me viro; Aiden está ao lado dele. Há algo em seu rosto.

— Você sabia — digo, entre os dentes. Ele não diz nada, e isso diz tudo.

— Por que falecida?

— Você está. Oficialmente — ele diz. — De acordo com os registros do governo, você morreu quando uma bomba explodiu em sua casa adotiva. Os Lordeiros deram você como morta.

— Mas não havia nenhum corpo. Os Lordeiros não se deixariam enganar. O ônibus passou por um cortejo fúnebre no caminho para cá; mamãe e Amy seguiam o carro da funerária. Aquele era o meu funeral?

— Sinto muito. Eu não sabia que seria hoje.

— Mas você sabia. Que elas pensaram que eu morri — estou com raiva, mas também estou confusa. — Por que os Lordeiros diriam que estou morta?

— Talvez eles não queiram admitir que não sabem o que aconteceu com você? — sugere Mac.

— Não entendo por que eles fariam isso.

Aiden inclina a cabeça. Ele também não acredita nisso. A desconfiança está em seus olhos.

— Talvez eles não queiram admitir que falharam — ele diz. Aiden achava que a bomba tinha sido lançada por um Lordeiro, como revanche por eu ter ajudado Ben a se livrar do Nivo, e eu nunca lhe expliquei. Ele não sabe do jogo duplo e secreto que fiz com os Lordeiros e com o grupo do Nico, do TAG. Tantos segredos guardados me fizeram conviver com a culpa; por pagar com o silêncio a ajuda que recebi. Mas ele também guarda os seus segredos.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não posso deixar que minha mãe e Amy pensem que morri naquela explosão. Não posso.

Aiden senta-se ao meu lado e segura minhas mãos.

— Você precisa. É melhor assim. Elas não podem ser forçadas a dizer o que não sabem.

Afasto minhas mãos.

— Não. NÃO. Não posso permitir isso. Eu já não estava gostando quando pensava que elas achavam que eu estava desaparecida, e isso é muito pior! Não posso ir embora e deixá--las pensando que estou morta.

— Você não pode vê-las. Elas podem estar sendo vigiadas, para o caso de você fazer algum contato. É perigoso demais — explica Aiden.

— Ninguém me reconheceria. Aiden sacode a cabeça.

— Pense bem. Você tem uma nova vida lhe aguardando em Keswick. Não jogue isso fora agora.

— Mas a minha mãe...

— Ela não ia querer que você se arriscasse — ele diz.

E eu fico em silêncio. Sei que ele está certo. Se eu pudesse me encontrar com ela, se lhe contasse toda a história e perguntasse o que deveria fazer, ela diria para eu não me arriscar. Minha cabeça lateja, torço o cabelo e me encolho ao puxar os fios; seguro o cabelo no alto. Quem diria que cabelo espesso dói tanto? Estou louca para deitar, mas preciso lidar com isso primeiro. Por que o DEA me classificou como falecida assim que os Lordeiros disseram que eu estava morta?

— Você está bem? — pergunta Mac.

Dou de ombros e me encolho por causa do movimento.

— Tenho analgésicos na bolsa — digo, e Mac pega para mim, com um copo de água. Tomo um comprimido.

— Você devia descansar — diz Aiden.

— Ainda não. Você precisa me explicar uma coisa primeiro. Por que me classificou como falecida no DEA? Os Lordeiros, por acaso, o monitoram? Você fez isso por causa deles?

Aiden e Mac trocam olhares. É Mac quem responde.

— Não sabemos se eles fazem isso; os links são secretos e mudam com frequência. Mas não podem ser difíceis de serem encontrados, senão seria inútil para aqueles que precisam dele. Acreditamos que os Lordeiros monitoram o site, e provavelmente façam isso com freqüência.

— Mas e quando me classifiquei como encontrada? Eles não saberiam?

Aiden sacode a cabeça.

— Isso não aparece na tela, em lugar nenhum; é reportado ao DEA. E, como eu já lhe disse antes, quando chega a hora, apenas os indivíduos envolvidos diretamente em um caso de uma pessoa desaparecida ficam sabendo disso, e só quando precisam saber. Anotações são feitas somente quando julgamos que é seguro para todos os envolvidos.

Já questionei Aiden sobre essa inflexibilidade, sobre quem sabe onde estou agora e para onde estou indo. E acredito nele quando diz que é uma questão de querer saber: ele ainda não me contou quem me declarou como desaparecida. Embora eu acredite que tenha sido minha mãe de verdade, ele não vai me contar até achar que eu preciso saber. Ele deve ter me achado muito paranoica; ele não sabia que havia um motivo para todas as minhas perguntas. Ele não sabia que Nico tinha infiltrados no DEA, que eu tinha visto um dos motoristas do DEA no acampamento terrorista. Eu precisava ter certeza de que ele não havia me declarado como encontrada e contado ao Nico. Eu precisava avisar Aiden sobre ele, mas como fazer isso, sem contar todo o resto?

— O que normalmente acontece quando alguém é encontrado? — pergunto. — Se são garotos e garotas Reiniciados como eu, nunca será seguro para eles retornarem para suas vidas anteriores. É ilegal.

— Não é assim que costuma acontecer — admite Aiden.

— Embora, às vezes, as pessoas se encontrem em segredo, mas continuam suas vidas, afastadas.

— Às vezes. Mas o que acontece na maioria dos casos em que alguém é encontrado?

Aiden e Mac trocam olhares. É Aiden quem responde.

— Normalmente, quando descobrimos o que houve com alguém... é tarde demais.

— Eles morrem de verdade, você quer dizer? — ele confirma com um movimento da cabeça. — Mas eu sou diferente

— sempre volto nessa história de Kyla é diferente.

— Mas você está oficialmente morta — enfatiza Aiden.

— Você não pode voltar para essa sua vida aqui. Há poucas opções. Uma delas é a que você escolheu. Retornar com outra identidade, buscar seu passado.

— Eu preciso fazer isso — suspiro. Já conversamos sobre isso antes, mas eu nunca contei ao Aiden o verdadeiro motivo. Eu nunca disse a ele sobre a morte do meu pai, sobre as últimas palavras que ele me disse. Nunca se esqueça de quem você é! E eu me esqueci. Preciso descobrir quem eu era. Por ele.

— Qual é mesmo o seu nome novo? — pergunta Mac. Pego minha identidade no bolso e passo para ele. — Riley Kain. Um pouco diferente, mas gostei.

Aiden faz uma careta.

— Soa parecido demais com Kyla, não acha?

— Nem tanto — eu sabia que ele ia achar parecido. Se ele soubesse que meu nome no TAG era Chuva, Rain, ficaria ainda mais chateado, mas não há mais muitas pessoas vivas que me conheçam por esse nome. Apenas Nico, sussurra uma voz dentro de mim. Eu a afasto; isso só teria importância se ele descobrisse meu novo nome, mas como isso poderia acontecer? Eu não vou chegar nem perto do TAG. Esse nome permite que eu una todas as partes de mim mesma. Se eu as deixar ir, o que me restará?

Minha cabeça está confusa. Deixo Mac me ajudar a levantar, me levar até o sofá da sala e me cobrir. Ele e Aiden estão sussurrando ao lado da porta.

Por mais que eu tenha insistido que era preciso, que eu precisava saber quem eu era, estou com medo. O que acabarei descobrindo?

— Poucas opções? — pergunto, me remetendo ao comentário anterior de Aiden. — Que outras opções existem?

Aiden retorna à sala, se ajoelha ao meu lado e tira o cabelo do meu rosto.

— Você sabe, Kyla. Você poderia contar sua história para o DEA, ser uma das nossas testemunhas.

— E depois fugir novamente.

— Eu não colocaria desse jeito. Nós esconderíamos você em um local seguro, ou você poderia desaparecer completamente, enquanto estivéssemos levantando provas. Até estarmos prontos.

— Para expor os Lordeiros para o mundo. Para que o povo derrube o governo.

— Sim.

Ele é um sonhador. Os Lordeiros nunca sairão calados. Se é que sairão. Mas é um sonho bom. Eu sorrio para Aiden, e os lábios dele se contorcem.

— Você fica simpática quando toma analgésicos.

— Ah, cale a boca.

— E seu cabelo novo é lindíssimo.

— Ele machuca.

— Quer outro analgésico? Balanço a cabeça.

— Melhor não. Aiden tem coisas que não lhe contei.

— Eu sei. Me conte quando estiver pronta.

Os olhos de Aiden são amáveis, gentis. Se ele soubesse tudo sobre mim, tudo o que fiz, será que ainda me olharia desse jeito? Ele é muito ingênuo para este mundo; ele precisa saber. Eu tenho de contar a ele.

Dou um suspiro.

— Tem uma coisa que preciso lhe contar agora, pronta ou não.

— O quê?

— Seu motorista. O que veio aqui quando vimos Ben correndo na trilha. Não confie nele.

O rosto de Aiden fica sério, retraído, pensativo.

— Isso explica algumas coisas — ele diz, finalmente. — Vamos verificar isso. Mas o curioso é: como você sabe disso?

Como seria bom contar tudo a ele. E não carregar esse fardo sozinha. Mas, antes que eu consiga formar uma frase, ele balança a cabeça.

— Não, não responda. Não enquanto está sob efeito de analgésicos. Me conte seus segredos quando tiver certeza de que quer fazer isso — ele começa a se levantar, mas minha mente está processando o que ele disse antes.

— Espere. O que você quis dizer com você poderia desaparecer completamente?

— Você poderia deixar o país.

— Poderia?

— Você sabe que o DEA ajuda pessoas a saírem quando é perigoso demais ficar aqui. A fugir do país pelo mar. Para a Irlanda Unida, ou um lugar mais distante.

Irlanda Unida: um lugar de sonhos, não de realidade. Desde que se separaram do Reino Unido, décadas atrás, sua existência não foi reconhecida. Como é que lá seria melhor que aqui?

Será que eu poderia fazer isso, deixar tudo para trás? Meus olhos se fecham. Há tanta coisa que o Aiden não sabe. Coisas que não contei a ele. Eu disse a mim mesma que era por ser perigoso, que é melhor, para ele, não saber. Mas é realmente por isso? Um frio desconfortável na barriga me diz que há algo mais: não quero que ele saiba as coisas que fiz. Que olhe para mim de outro jeito. Tenho tão poucos amigos; não posso arriscar perder mais um.

Por vontade própria ou não, eu tinha pertencido ao TAG. Eu tinha sido uma terrorista. Mesmo tendo dado as costas para eles e seus métodos no final das contas, como eu poderia ser testemunha do DEA contra os Lordeiros? Sou a prova viva de que o processo de reiniciação é uma coisa boa. Atravessar o mar...

Para quê e para onde? Para o desconhecido. Para fugir.

Forço o passo ao longo da trilha. Subindo cada vez mais, o mais rápido que minhas pernas curtas permitem. Em pouco tempo, ruas e edifícios estão fora de vista. Tudo está parado, silencioso. Sozinha, finalmente.

Estou nervosa, mas me recordo do caminho, embora não tenha vindo sozinha da outra vez. A caminhada parece mais longa sozinha efico aliviada quando chego ao portão.

Há uma névoa misteriosa sobre as pedras. Elas estão adormecidas, encobertas pelo branco. O sol brilha acima e as montanhas são sentinelas brilhantes, que protegem seus bebês adormecidos. Caminho pelo campo, em meio à névoa, e pressiono minhas mãos contra uma pedra. O sol não transpassa a névoa; ela é fria e compacta. Mas, quando você para e olha para as montanhas, as pedras estão menores.

Meu pai as chama de Crianças das Montanhas, e eu também, embora tenha aprendido na escola que o círculo de pedra de Castlerigg foi colocado aqui por homens e druidas, e não por montanhas. Há milhares de anos. Começo de um lado, tocando cada uma delas e contando.

Já passo da metade do caminho quando ouço uma voz me chamar:

— Sabia que encontraria você aqui. — É papai.

Não falo nada; continuo contando as pedras. As montanhas tiveram muitos filhos. Eu sou uma só. Meu pai vem até mim.

— Número? — ele pergunta.

— Vinte e quatro — respondo, e ele caminha comigo, enquanto conto em voz alta.

— Vinte e cinco.

— Ela está muito preocupada.

— Vinte e seis.

— Ela está com medo de que algo aconteça com você e você fique fora de alcance.

Suspiro.

— Vinte e sete.

— Eu sei que ela pode ser difícil.

— Vinte e oito.

— Mas ela ama você.

— Vinte e nove.

— Você não devia fugir.

— Mas VOCÊ faz isso, às vezes. Trinta — nós paramos. — E ela me deixa louca.

Meu pai ri.

— Vou lhe contar um segredo — ele olha para os dois lados. — Às vezes, ela

também me deixa louco. Vamos para casa e ser loucos juntos.

— Posso terminar primeiro?

— Claro.

Continuamos contando, agora os dois em voz alta, até chegarmos a quarenta.

— Pronto — digo, e seguimos em direção ao portão. Olho para trás. As névoas começam a se dissipar. As crianças de pedra ficarão felizes quando acordarem com a luz do Sol; elas terão umas às outras para brincar quando tivermos ido embora.

Mais tarde, prometo não fugir mais. Mas meus dedos estão cruzados ao dizer isso.

CAPÍTULO 4

Acordo cedo, paralisada, e me desespero por não conseguir me mover. Então percebo que Skye está em cima do sofá, esparramada sobre minhas pernas; um cobertor pesado de golden retriever, que não acorda e não há como remover.

Vou até a cozinha preparar um chá e dou uma espiada pela janela. O mundo está coberto de gelo e minhas mãos estão comichando por papel e lápis. A cerca e as árvores estão cobertas por intrincados padrões esbranquiçados, que também decoram os carros e peças de carros do quintal de Mac, que lembra mais uma oficina que um jardim. Não está nevando, ao menos por enquanto. E o melhor de tudo: nenhuma van branca, o que significa que Aiden se foi. Isso facilita o plano de hoje. Que elaborei nos mínimos detalhes.

Pego meu bloco de desenho e sento no sofá com uma xícara de chá e Skye ao meu lado, planejando desenhar delicados padrões de gelo, mas em vez disso um círculo de pedras insiste em aparecer. E uma menininha loira (eu, talvez com oito anos de idade) com as mãos em uma pedra. Aquele lugar do sonho era real? Algo me diz que sim. Talvez o encontre quando for a Keswick; talvez eu conte as pedras e as Crianças das Montanhas mais uma vez. Mas ele não irá até lá para me encontrar, não dessa vez. Ele se foi para sempre.

Meu pai morreu tentando me salvar do Nico e do TAG há cinco anos, mas essa lembrança é recente para mim, foi soterrada tão profundamente, e por tanto tempo, que, quando afinal retornou, foi como se tivesse acabado de acontecer.

Por que voltar? Meu pai não estará lá. E não me lembro de mais ninguém daquela vida. Será que era da minha mãe verdadeira que eu estava fugindo no sonho?

Ela ama você, ele disse. De dedos cruzados ou não, eu prometi que não fugiria novamente. Não foi por minha escolha que saí dali aquela vez, mas agora sim. Eu preciso voltar.

Mas não posso ir ainda, não sem dizer adeus. Não desta vez. Tenho de contar à mamãe e à Amy o que realmente aconteceu.

Estou calçando minhas botas quando Mac finalmente aparece, de olhos inchados e bocejando.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Deixa eu adivinhar... você vai levar Skye para passear. Só uma caminhada e logo estará de volta.

— É claro. Isso mesmo — Skye começa a bater o rabo no chão ao ouvir a

palavra "passear".

— Aonde você vai?

— Acho que você sabe.

— Aiden vai ficar furioso.

— Mas você, não. Porque você sabe que eu preciso fazer isso.

Ele me encarou.

— A cada dia que passa, percebo mais e mais que há momentos em que, não importa o risco, alguma coisa precisa ser feita. Algumas coisas devem ser ditas. Este é um desses momentos?

— Sim. Tenho de contar à minha mãe. Ela já perdeu gente demais na vida.

Se alguém pode me entender, esse alguém é o Mac; por causa da culp<a com que convive desde que uma bomba explodiu no ônibus escolar em que ele estava, há mais de seis anos; por ter sobrevivido e, acima de tudo, por não ter contado sobre outros sobreviventes, como Robert, o filho da minha mãe, que desapareceu e foi Reiniciado. Sem deixar vestígios. Assim como os pais dela, o Primeiro Ministro dos Lordeiros e sua esposa, os dois assassinados por uma bomba do TAG quando ela era ainda mais nova do que sou agora. Não posso deixá-la pensar que o mesmo aconteceu comigo.

Skye torna a deitar entre nós, obviamente se dando conta de que o passeio não vai acontecer; ao menos, não comigo.

— Levo você depois — promete Mac, e se volta para mim. — Eu passei pelo seu vilarejo outro dia.

— Mesmo?

— Sua casa ainda está vazia desde a explosão. Ninguém está morando lá. Onde eles estariam?

— Puxa, não pensei nisso. Eles provavelmente devem estar na casa da tia Stacey — faço uma careta. Minha mãe e tia Stacey são muito amigas, e ela parece ser uma boa pessoa. Mas o irmão dela é o ex da minha mãe, um Lordeiro. Se Stacey me vir, guardará segredo? — Já sei, vou tentar no trabalho. Ela me disse que sai para caminhar durante a hora do almoço quase todos os dias. Ficarei à espreita para encontrá-la na ida ou na volta.

— Parece um tiro no escuro.

— É o melhor que posso fazer.

— Quer uma carona?

— Não. Sou mais discreta sozinha — é o que digo em voz alta, mas é algo que de fato devo fazer sozinha. E, apesar do meu cabelo novo, e da minha nova identidade, ir até lá ainda é arriscado. Se houver realmente alguém atrás de mim, seria fácil enganá-lo?

— Leve minha bicicleta.

— Combinado. Obrigada — digo, com um sorriso.

— Tudo bem. Mas tenha cuidado. E coma alguma coisa antes de ir.

Chego bem antes do horário do almoço dela, e algo me faz parar no cemitério. Desço da bicicleta e a apoio contra o muro, que já se despedaça. O gelo contorna as árvores sem folhas; as lápides estão cobertas por um branco fantasmagórico. Atravesso o portão e sigo a trilha; minha respiração é como uma mortalha que me cobre do ar gelado.

É um cemitério pequeno, não será difícil encontrá-la. Não há lápide ainda, se é que haverá um dia, mas o solo está remexido; um pedaço de marrom sobre a grama cinza, de pontas congeladas, salpicado de flores.

Será que enterraram aqui uma outra garota qualquer ou será que o caixão estaria vazio, cheio de pedras para que ninguém notasse?

Ajoelho, tiro as luvas e aproximo os dedos trêmulos de um lírio congelado. Sua beleza delicada foi preservada do frio? Não. Uma pétala se solta ao toque.

— Olá — diz uma voz, cortando o silêncio e me assustando. Uma voz conhecida.

Levanto e me viro. Olho para ela, incapaz de falar.

— Você era amiga de Kyla? — pergunta mamãe.

— Você não me conhece?

As sobrancelhas dela se juntam. Ela parece mais velha, embora não tenha passado muito tempo desde a última vez que a vi. Os olhos dela estão cansados, vermelhos.

— Desculpe, nós nos conhecemos?

As lágrimas brotam em meus olhos. Tiro os óculos, coloco os cabelos escuros para o lado, sentindo um pouco de incômodo pelo peso extra.

— Sou eu. Kyla — sussurro.

Ela fica pálida e sacode a cabeça.

— Mamãe? — estico a mão, mas ela dá um passo atrás, se vira, olha os arredores do cemitério e a estrada mais adiante.

— Coloque os óculos de novo. — Assim que o faço, ela me abraça. Ela me puxa pela trilha para os fundos do cemitério e depois para fora do portão, por entre a floresta ao fundo, andando depressa. A trilha faz uma curva e depois se divide, então pegamos a rota menos usada.

Finalmente, ela para. Um pouco ofegante, se vira e olha para mim.

— É você mesma. Você está bem.

Minhas lágrimas retornam e as dela vêm a seguir. Ela me puxa para um abraço. Ficamos ali por um longo tempo, sem nos mexer, sem falar.

Ela então se afasta.

— O que houve com seu cabelo? — ela se aproxima para tocá-lo. — TAI?

Confirmo, com a cabeça.

— Como? Não, não responda! Foram os... — ela hesita — os Lordeiros?

Balanço a cabeça negativamente.

— Eles não sabem onde estou. E não foram eles que tentaram me matar, mas, por alguma razão, eles disseram que morri. Não entendo o motivo.

— Então a bomba não era deles. David disse que não era, mas... — ela dá de ombros, não é preciso terminar a frase. Ela não acreditou nele. Por que acreditaria no marido que vive ausente, e depois de tudo o que ele nos fez?

— Não. Foi o TAG. Ela empalideceu.

— Eles estão atrás de você? Dou de ombros.

— Eles acham que os denunciei aos Lordeiros.

— Você fez isso? Eu confirmo.

— Não foi de propósito. Os Lordeiros me seguiram até eles — não conto o resto, que fui contra os planos de Nico, que não fiquei lá com ela e o resto de sua família, ao lado do Primeiro Ministro Gregory, para que Nico pudesse detonar a bomba que eu carregava sem saber. Que, em vez disso, saí para libertar a prisioneira dele, doutora Lysander, minha médica. A inventora do processo de Reiniciação. Se Nico descobrir que ainda estou viva, seu desejo de vingança não terá nada a ver com lógica: para ele será pessoal.

— Então, talvez seja bom que os Lordeiros tenham dito que você está morta. Talvez o TAG acredite neles — ela aproxima a mão do meu queixo. — Estou tão feliz que você esteja bem, mas você não devia ter vindo aqui. É perigoso demais. E como você sabia onde me encontrar? Nem eu sabia que viria. Apenas saí para uma caminhada, e meus pés me trouxeram até aqui.

— Eu não sabia. Pensei que você estivesse no trabalho, eu ia tentar lá. Eu não poderia viver deixando você pensar que morri.

Ela me envolve num abraço apertado.

— Você tem um lugar seguro para ir?

— Acho que sim. Vou tentar lhe dar notícias mais tarde.

— Não faça isso. É mais seguro assim.

— E Amy? Como está?

— Anda distraída. Mas não posso contar a ela sobre você. Ao menos, não por enquanto.

Minhas lágrimas começam a retornar. Amy é minha irmã mais velha desde que fui destinada para essa família, após me tornar uma Reiniciada. Não importa que tenham sido apenas alguns meses, Amy jamais faria algo para me prejudicar de propósito. Mas será que ela seria capaz de guardar um segredo tão grande?

— Ela estará mais segura se não souber. Eu cuidarei dela.

— Sei disso. Tudo bem.

— A doutora Lysander ligou, enviou flores. Ela parecia realmente triste por sua causa.

Sinto outra contração de dor. Ela não merece ficar sem saber, mas não há maneira segura de contar a ela.

Mamãe me olha como se tentasse decorar meu rosto, depois beija minha bochecha.

— É melhor eu ir. Espere um pouco antes de sair daqui — ela me abraça forte mais uma vez, e então se vira, seguindo apressada pela trilha.

Eu me recosto em uma árvore, os braços ao redor do corpo.

É tanta dor: a dela, a de Amy, a minha. E todo esse mistério de funeral. Para quê? Por qUe os Lordeiros inventaram que eu morri?

Pouco depois, saio da floresta. Quando chego ao cemitério, paro junto ao portão, mas não vejo ninguém. Pego a bicicleta e retorno para a casa de Mac.

Logo pesados flocos brancos caem do céu, girando à minha volta. Estico as mãos para pegá-los; eles se acomodam em meu chapéu e em meu cabelo, que passam do castanho para o branco. Encobrindo meu disfarce, encobrindo tudo sobre mim. Pedalo mais rápido conforme a neve se encorpa no chão, e, após um tempo, desço e passo a empurrar a bicicleta.

Quando finalmente retorno à casa, estou ensopada e praticamente congelada. Mac está aliviado e me faz sentar junto ao fogo.

Skye está grudada na janela, seus olhos acompanham cada floco de neve.

— Ela parece meio pirada com o tempo — comento.

— Isso não é nada: quando tem tempestade, ela treme e se esconde embaixo da cama. Por falar em se esconder, Aiden telefonou quando você estava fora.

— E...?

— Eu disse a ele que você saiu para uma caminhada. O rosto dele diz tudo.

— Aposto que ele não acreditou em você e que não está contente com isso.

— Não é que você acertou? Mas e então, foi tudo bem? Você disse o que precisava dizer?

— Sim.

— Pronta para seguir em frente agora?

— Posso me aquecer primeiro?

— Você tem até amanhã de manhã. Os trens voltaram a circular e as passagens foram reservadas. Há um arquivo de computador para você estudar hoje à noite, com detalhes de sua nova vida. Aiden chega às nove.

Não preciso me despedir de mais ninguém. Mais tarde naquela noite, após Mac ir dormir, subo em uma cadeira da cozinha e pego a escultura de coruja de cima da geladeira. Coloco-a sobre a mesa e passo os dedos levemente por seu bico e pelas asas abertas. Foi feita com vários pedaços de sucata, mas em uma

combinação incrível. Parece tão real. Foi a mãe de Ben quem fez, e fez para mim, a pedido dele, baseada em um desenho meu. Parece que foi há tanto tempo. Agora ela está morta, assassinada com o marido, assassinada pelos Lordeiros. Apenas por ter feito perguntas demais sobre o que houve com o Ben.

Passo os dedos pelas costas da coruja até sentir a pontinha do papel. Eu o seguro entre as unhas e puxo.

Desdobro o bilhete que guarda as últimas palavras de Ben para mim; suas últimas palavras enquanto ele ainda era o meu Ben.

Querida Kyla,

Se você encontrou isto, significa que as coisas deram errado. Sinto muito pela dor que lhe causei. Mas saiba que isso foi decisão minha, apenas minha. Não há ninguém para se culpar.

Com amor,

Ben.

Não importa o que ele tenha escrito, eu achava que a culpa era minha por Ben ter tido vontade de cortar seu Nivo, e por tudo o que veio a seguir: as convulsões; sua mãe me mandando sair; os Lordeiros o levando embora, sem que eu soubesse se ele estava vivo ou morto. E então ele foi encontrado pelo DEA. Mas os Lordeiros o modificaram de alguma forma, e ele nem sequer sabia quem eu era. Na última vez que vi Ben, eu tentei, eu realmente tentei, chegar até ele, para lhe dizer que resistisse aos Lordeiros. Houve um momento em que vi algo em seus olhos e achei que ele houvesse acreditado em mim, que houvesse entendido. Mas tudo o que posso fazer por ele agora é ter esperança.

E a outra coisa com a qual tive de lidar, depois disso, foi descobrir que Nico tinha convencido Ben a cortar o Nivo numa tentativa de me traumatizar a ponto de provocar o retorno das minhas memórias, do tempo em que participei do TAG ao lado dele. Mas, mesmo assim, ainda é culpa minha. Se não fosse por mim, Nico não teria tido motivo para se aproximar de Ben, teria?

Olho para o bilhete em minhas mãos. Devo levá-lo comigo? Estou tentada. Mas, de alguma forma, ele pertence ao lugar onde o encontrei, onde está escondido desde sempre. Eu o dobro e cuidadosamente o recoloco dentro da coruja, e a ponho de volta em cima da geladeira. Mac vai mantê-la a salvo.

Talvez um dia Ben e eu voltemos para buscá-la. Juntos.

CAPITULO 5

Na manhã seguinte, a neve cobre o chão. A rua está intransponível. Após um telefonema de Aiden, Mac diz que caminhará comigo para encontrá-lo na estrada principal.

Paro diante da porta, relutante por deixar para trás o que conheço bem, um lugar no qual me sinto segura, e pelo quê? Mac me olha nos olhos.

— Você vai voltar.

— Será?

— Claro que sim. Skye ficará muito triste se você não a visitar novamente — ele abre a porta e Skye salta para fora, descendo o degrau e escorregando até parar assustada, quando a neve chega quase até o seu focinho.

Eu saio da casa, pego um pouco de neve com minha mão protegida pela luva e ofereço para ela cheirar.

— Isto é neve — explico, faço uma bola e jogo para a frente. Ela corre para pegá-la, saltando sobre a neve em vez de correr, e para confusa por não distinguir a bola em meio a toda aquela neve.

Mac ri e teima em carregar minha pequena sacola de viagem com meus pertences. Seguimos pela rua, com a neve passando dos nossos joelhos.

— E então, o Aiden ainda parecia aborrecido? — pergunto.

— Ele está, mas comigo.

— Ah, desculpe. Mac dá de ombros.

— Vamos superar isso. Assim que ele souber que você está bem.

Ao chegarmos à estrada principal, felizmente já livre da neve, a van de Aiden nos espera.

— Obrigada por me aturar. Por tudo — onde eu estaria agora, se não fosse pela casa de Mac, para me refugiar e esconder?

Mac me dá um abraço e abre a porta da van. Ele segura Skye quando ela tenta entrar comigo. Aceno pela janela, piscando compulsivamente, tentando me controlar até estarmos fora de vista.

Aiden balança a cabeça quando digo oi, e então se concentra para nos manter na estrada coberta de gelo. O silêncio é tão gelado quanto esta manhã de inverno até ele parar diante da estação de trem.

— Aiden, me desculpe. Mas eu tinha que ver minha mãe antes de ir. Não culpe o Mac, ele não poderia me impedir. Não vamos nos despedir deste jeito.

Ele segura minha mão. Seu rosto está sério, seus olhos profundamente azuis

penetram os meus.

— Kyla, por favor, tenha mais cuidado daqui em diante. Não deixe nada escapar. Sua vida e a de outras pessoas dependem de você não ser pega.

— Não deixe nada escapar... como errar o meu nome, por exemplo?

— Exatamente.

— Como você acaba de fazer? Eu sou Riley agora, lembra? A sombra de um sorriso passa por seu rosto. Ele remexe uma pasta e me passa um cartão de plástico.

— Aqui está sua passagem. Não perca. Eu reviro os olhos e a coloco no bolso.

— Vou tentar.

— Pegou sua identidade?

Dou a ele um olhar fuzilante, mas ele não se abala. Suspiro, procuro na bolsa e retiro minha nova identidade para que ele a veja, depois torno a guardá-la.

— Está com a história decorada, do arquivo que enviei para você? Me diga.

— Eu sou Riley Kain. Tenho dezoito anos e nasci no dia 17 de setembro de 2036. Sou natural de Chelmsford e sou filha única. Meus pais são professores. Vou para Keswick e ficarei em um local para menores de vinte e um anos, próximo ao lago Derwentwater, chamado Waterfall — Lar Para Garotas, onde me inscreverei no PEC: Programa de Estágio de Cúmbria. Seja lá o que for isso. A propósito, tenho mesmo que fazer isso?

— Você não pode ir lá só para visitar; tem de estar lá por uma razão — ele sorri de verdade desta vez, e o nó apertado dentro de mim se afrouxa. — Cheguei a pensar em um emprego em hotelaria, lavando louça, temos contato em um hotel lá. Então, as coisas podiam ser piores.

— Obrigada. Mas você não me deu uma informação superimportante.

— Qual?

— Como vou encontrar quem denunciou meu desaparecimento?

Os lábios dele se contraem.

— Já lhe disse isso antes. Essa informação é restrita, só para quem precisa saber.

— Quem precisa saber mais do que eu agora? Você não vai me dizer?

— Prefiro fazer uma surpresa. Eu o fuzilo com os olhos.

— Brincadeira. Será fácil encontrar sua mãe, Stella Connor. Ela dirige o Lar Waterfall. Ela sabe que você está chegando; sabe que você é sua filha desaparecida.

Minha mãe. Minha mãe verdadeira, a que me deu à luz, não uma designada por um Lordeiro. Foi ela quem denunciou meu desaparecimento, como eu tinha pensado. Minha mãe... aquela da qual não consigo me lembrar.

Aiden aperta minha mão, como se pudesse ver os pensamentos que me impedem de falar.

— Vá logo. Não faça parecer que está preocupada com os seguranças, ou eles prestarão mais atenção em você. Apenas passe pelo portão como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Está bem — consigo dizer. Mas ainda estou sentada na van e Aiden ainda está segurando minha mão.

— Kyla. Quero dizer, Riley, se cuide. Você sabe o que fazer se precisar de alguma ajuda, se algo sair errado?

Confirmo com a cabeça. O arquivo de Aiden também mencionava um certo quadro de aviso comunitário. Através dele, uma mensagem codificada chegará a seu destino.

— Espero que tudo dê certo para você. Espero que encontre o que está procurando. Mas se não encontrar... — a voz dele falha. — De qualquer forma, melhor seguir em frente — mas ele ainda segura minha mão, e há algo em seus olhos, alguma emoção muito primitiva e pessoal, mas não consigo desviar o olhar. Os segundos se arrastam até que ele finalmente a solta.

Saio da van com minha sacola, fecho a porta e me viro, dando adeus; com a mão agora vazia e fria. As palavras estão presas em minha garganta embargada. Outro amigo que eu talvez não veja nunca mais. Olho para ele através da janela, guardando aquela imagem, o jeito como ele vira a cabeça para um lado quando me olha com intensidade, como faz agora, o tom afogueado de seu cabelo vermelho sob o sol da manhã. Aiden fez tanto por mim, e tudo o que eu faço é deixá-lo preocupado e causar problemas. Nada daquilo deve ter sido fácil de se conseguir e eu sequer disse um "obrigada" decente.

Mas, como quem é capaz de ver o que se passa dentro de mim, ele balança a cabeça. Está tudo bem. Vá em frente, leio em seus lábios.

Eu me viro, endireito os ombros e me afasto da van, para a frente da estação. As portas automáticas se abrem quando me aproximo. O arquivo de Aiden dizia que elas detectam as passagens e a identidade da pessoa em qualquer lugar e que funcionam automaticamente; elas também vasculham por armas. Os guardas de uma cabine olham em minha direção e a seguir para suas telas de segurança. Eu passo. Uma seta no chão se conecta com minha passagem e se ilumina aos meus pés, mostrando o caminho a seguir. Começo a me afastar das portas automáticas para o elevador indicado, ainda pensando em todas as coisas que devia ter dito...

DJ! Estive tão ocupada com meu falso funeral e depois com Aiden aborrecido por eu ter falado com minha mãe, que me esqueci completamente do recado do médico da TAL De que ele queria ver Aiden. Eu me viro para olhar pelas portas de vidro, mas a van de Aiden já some de vista.

Tarde demais. Espero que não seja nada importante.

CAPÍTULO 6

O elevador desce suavemente e se abre para uma plataforma no subsolo. O trem já está aqui; mais uma vez uma seta a meus pés se comunica com minha passagem e aponta o caminho para o vagão correto e depois para o meu assento. Outros passageiros passam por mim, seguindo suas próprias setas.

Será que eu já estive em um trem? Se estive, não me lembro.

Coloco minha sacola no compartimento sobre o assento, mas penso melhor e a puxo de volta para tirar minha identidade e colocá-la no bolso com a passagem, devolvendo a sacola ao seu lugar. Não posso perder minha identidade. Diferente do que ocorre com a maioria das pessoas, a minha identidade será muito difícil de ser substituída.

O trem não está muito cheio e ninguém senta perto de mim. Estou no lado da janela e quando o trem parte, alguns momentos depois, alguns vídeos passam pela janela. Imagens incríveis do interior do país ou das geleiras do ártico ou de uma selva enevoada. Tudo ao alcance de um toque, e não consigo evitar experimentar todas. Felizmente o arquivo de Aiden explicava isso, do contrário eu estaria assustada e confusa. Depois de um tempo, noto que quase ninguém usa a janela de vídeos e a desligo. Passo a analisar os passageiros.

Poucos são jovens de jeans, como eu, talvez estudantes ou estagiários, mas a maioria é gente de negócios. Homens e mulheres de terno, vestidos como o meu pai adotivo quando saía, supostamente para instalar e cuidar da manutenção de sistemas computadorizados para o governo. No entanto, quem sabe o que ele realmente fazia para os Lordeiros? Ele viajava por todo o país, ao menos era o que dizia. Esse pensamento me faz verificar cada passageiro ao meu redor, para ter certeza de que ele não está aqui. Ele viajava de carro para alguns lugares, e há ônibus que fazem percursos curtos, como para Londres, mas a maioria das viagens de carro de longa distância está proibida agora. Todos devem viajar no trem sustentável de alta velocidade.

Os minutos passam, e lá se vai uma hora; o trem para diversas vezes em outras estações subterrâneas. Em uma delas, entra uma mãe de olhar perturbado, com um menino de uns quatro anos de idade, sua mãozinha agarrada na dela. Eles se sentam algumas fileiras na minha frente. Depois de certo tempo, ele olha para trás, por cima do banco, seus olhos escuros me encaram. Sorrio e ele se esconde. Momentos depois seu rosto surge novamente com um sorriso levado, e dá risinhos, até que a mãe o faz sentar. Ele se debate no colo dela, que o segura

firme.

Uma mãe segurando seu filho no colo. Teria sido assim comigo e minha mãe? Aperto os olhos com força, depois me viro para a tela da janela, tão vazia e morta como minhas lembranças. Fecho os olhos. Talvez, quando nos virmos, tudo volte, como se eu tivesse dez anos novamente. Talvez corramos uma para a outra, ela irá me abraçar e eu me sentirei em casa. Saberei quem eu era, quem eu sou. Talvez não.

O pânico se instala, do tipo que diz corra; que diz que não saber pode ser melhor do que saber; que as coisas vão mudar, e que nem sempre mudar é bom. Pouco tempo antes, eu estava desesperada para saber quem eu era, de onde vim e por que fui Reiniciada. Descobrir sobre o TAG e os planos de Nico para mim não me fez bem algum, fez?

Uma parte de mim nota que o trem parou enquanto estive pensativa. Por mais tempo do que em qualquer outra parada. Abro os olhos; as portas ainda estão fechadas. Não estamos em uma estação?

Olho para os outros passageiros e é tangível o desconforto crescente. O que está acontecendo? A mulher e o menino saem de seus assentos e caminham para a porta que conecta ao outro vagão em frente ao nosso. Tenho visto pessoas entrarem e saírem por ali, retornando com xícaras nas mãos. Mas desta vez a porta não se abre. Eles voltam aos seus lugares.

Momentos depois, a porta se abre, e o desconforto se transforma em pavor. Lordeiros. Dois deles, em suas vestes negras, os olhos frios e mortos. Um está de arma na mão, o outro segura um pequeno aparelho. Ao lado deles está um guarda do trem, e suas sobrancelhas estão com gotas de suor.

— Pegue suas passagens e identidades, pessoal — diz o guarda, a voz não muito firme. Os passageiros se movimentam, retiram seus cartões das bolsas e bolsos. Pego o meu, com as mãos trêmulas. Segure firme. As anotações de Aiden diziam que verificações de passagens e identidades são comuns; que a minha passará facilmente e que devo ficar calma se isso acontecer. Mas ele nunca disse nada sobre os Lordeiros estarem envolvidos.

O Lordeiro com a arma para junto à porta, o outro segue o guarda. Quando se aproximam do primeiro passageiro, o guarda escaneia sua passagem e identidade. Então o Lordeiro pega o aparelho e ordena ao passageiro que olhe para o seu interior até que ouça um bipe; primeiro com um olho, depois com o outro.

Um scanner portátil de retina?

Essa não é uma verificação rotineira. A sensação de medo se transforma em pavor. Os óculos precisam ser retirados para se escanear a retina; eles verão que a cor dos meus olhos é falsa. Se ao menos eu tivesse deixado DJ torná-los

castanhos permanentemente, sem disfarçá-los. A vaidade de manter meus olhos verdes poderia me matar. Eu poderia tirar os óculos antes de eles chegarem aqui, torcendo para que não tenham notado, mas então entro em pânico novamente. E se minha retina mostrar meu nome errado, de uma garota morta, a Kyla Davis? Fizemos leitura de retina no colégio. E no hospital. Olho para trás, mas há Lordeiros ali também. Bloqueando a passagem.

Não há para onde ir. Estou cercada. Como Reiniciada, investigar sobre minha vida passada é completamente ilegal.

Sem mencionar o TAI e viajar usando identidade falsa. Após tudo o que passei, é aqui que vou terminar? Keswick poderia estar a poucos minutos de distância. Será que minha identidade falsa chamou atenção? Será que estão procurando por mim?

Eles se aproximam, fileira por fileira. O guarda verifica cada passagem e cada identidade; o Lordeiro usa o scanner de retina.

Alguma coisa bate no meu pé e eu quase dou um grito. Olho para baixo. É o menininho. Engatinhando sob os bancos. Mais à frente, eles estão com a mãe dele. O rosto dela está mais do que pálido, está cinza, e ela mostra os documentos com a mão trêmula. O guarda os escaneia e eles são aprovados, mas os lábios do Lordeiro se curvam em um sorrisinho de satisfação. Ele sabe. Está certo de que encontrou o que está procurando. Não sou eu. Ele aponta o scanner de retina para os olhos dela. Em vez de um bipe, ele apita. O sorriso dele se abre.

O Lordeiro coloca a mão no ombro dela, a puxa para cima e a empurra pelo corredor.

— Ande! — ele grita. Eles caminham para a frente do vagão. Ouço um chorinho ao fundo. Não me atrevo a virar, mas ela sim, e seu rosto se contrai. A seguir, um dos Lordeiros do fundo do vagão passa por mim, arrastando um garotinho.

Eles desaparecem pela porta da frente. Ninguém diz nada; ninguém olha para os lados. Estou horrorizada, mas também aliviada. Eles não estavam atrás de mim. Não dessa vez. Mas, se meu assento estivesse antes do dela, e se tivessem escaneado minhas retinas... estremeço por dentro.

E então sinto vergonha. O que acontecerá com eles agora? Nunca saberei se ela fez algo realmente ruim para ser arrastada pelos Lordeiros daquele jeito; nunca saberei o que houve com ela, ou com seu filho. E se todos neste vagão tivessem dito, juntos: Não, vocês não podem levá-los. Poderíamos tê-los impedido?

A resposta seria sim, mas por alguns poucos minutos. Eles trariam reforço na próxima estação; seríamos todos presos e levados embora. Enfrentaríamos o mesmo destino que ela. Seria essa uma boa razão para não dizer nada?

E se todas as pessoas do país dissessem não, ao mesmo tempo, como Aiden pensa que fariam se soubessem o que realmente acontece? Eles não podem prender todo o mundo.

CAPÍTULO 7

Saio do elevador da estação escura para um sol ofuscante. Em Keswick. Está um frio congelante; o ar é tão gelado que respirar quase me faz tossir. Não há neve no chão hoje, mas de cima caem flocos brancos. Sinto um arrepio na nuca e na espinha, mas não de frio. É uma reação física por estar nesse lugar, por respirar esse ar. Fico parada, olhando para as montanhas, até que uma onda de sanidade me traz de volta ao aqui e agora. Não chame atenção. Forço a vista para olhar ao redor.

Apenas alguns dos passageiros desembarcaram aqui, e se afastam rapidamente. Há uma van dos Lordeiros estacionada ao lado da estação, bloqueando a vista de um dos elevadores. Será que estão com os prisioneiros do trem? Eu me afasto, evitando qualquer olhar mais atento. Ajeito a sacola no ombro; Aiden havia avisado de uma placa apontando para o centro da cidade; eu a vejo e sigo em sua direção. Recordo algo, sobre a estação, ou para onde ir. Olho para trás, e, sobre o arco onde ficam os elevadores e as cabines de venda de passagens, está escrito "2050". Essa estação não existia quando eu morava aqui. É nova.

Dez minutos depois, chego ao centro da cidade, e a leve sensação de espanto, de conhecer ou desconhecer o lugar, retorna. Há uma área lotada de pedestres que leva ao antigo Centro de Informações, com uma placa na frente. Pedras do asfalto se desmancham sob meus pés, me deixando a sensação de que são menores do que deveriam ser. Talvez seja porque cresci.

Sacudo a cabeça. Estarei imaginando coisas? Não há uma lembrança definida, apenas resquícios que parecem enevoados se tento focar. Talvez seja apenas a vontade de conhecer esse lugar.

Ao chegar a Keswick, sigo para o Lar Waterfall. E para a minha mãe. Sinto um aperto na garganta; a palavra me soa estranha. O Lar fica às margens do lago Derwent Water, praticamente do outro lado de Keswick. Decorei mapas para aprender a chegar até lá. Cerca de três milhas a pé. Mas posso pegar uma lancha e atravessar o lago. Ou um ônibus e dar a volta.

A pé demora mais. Decido ir a pé. Estradas e trilhas levam para o centro da cidade, passam pelas ruínas de um teatro e descem o lago; trilhas vagueiam por matas com vistas sobre o lago, e então se desviam em direção à água. O gelo cintila em suas margens de um azul profundo; o chão está congelado. Vejo pessoas, algumas com cachorros, caminhando pelas trilhas em todas as direções,

suas respirações formando névoas brancas em torno do rosto. Quanto mais me afasto de Keswick, o número de pessoas diminui. Logo estou sozinha.

Meus pés se movem mais e mais lentamente, minha cabeça está cheia de pensamentos malucos. Quero rir e chorar ao mesmo tempo. Quero tocar cada árvore e cada pedra do caminho. Quero conhecê-las, levá-las até mim para que sussurrem fragmentos de memória. Minha cabeça está confusa, desejo me lembrar de ter estado aqui antes, mas nada é concreto. Pode ser apenas esse desejo que me faz sentir assim, que faz com que meus pés desejem caminhar para a frente e para trás nos mesmos lugares para que eu me recorde deles, se não do passado, de agora.

Afasto essas idéias da cabeça. Aiden me disse que ela sabe que estou chegando. Ela deve estar se perguntando o que houve comigo... de novo. Começo a andar num passo mais rápido. Como terá sido para ela? Para minha mãe. Repito essas palavras várias vezes em minha mente, degustando-as, mas ainda me parecem estranhas, como se não fosse certo. Sou filha dela, isso também é estranho. Eu desapareci quando tinha dez anos de idade. Sete anos atrás. Como superar algo desse tipo? E então o marido dela morreu, alguns anos depois que desapareci, quando tentava me salvar. E por minha culpa. Ela deve me culpar.

Então, meus pés caminham mais rápido e diminuem e aceleram novamente pelo resto do caminho, conforme meus pensamentos se agitam dentro de mim. Quando finalmente avisto o lar ao longe, meus pés param por completo. Sei pelas anotações de Aiden, que ali costumava ser o hotel Lodore Falls, que hoje é chamado de Lar Waterfall Para Garotas. As paredes, cobertas por lascas de ardósia cinza de Lake District, combinam com a paisagem, com o lago e o bosque que se estende por trás, e com as colinas rochosas salpicadas por neve mais adiante.

É aconchegante visto de longe, como se estivesse envolto em névoa, um castelo dos sonhos, mesmo que eu saiba que boa parte foi destruída durante as revoltas, décadas atrás, e então reconstruída com mais concreto e menos ardósia. Continuo em frente. Quanto mais me aproximo, mais difícil me parece.

Quando finalmente chego, paro diante da porta. É agora. Será que ela vai me reconhecer? Será que vou reconhecê-la? Ansiedade e medo lutam dentro de mim, somados à precaução. Assim como diziam as anotações de Aiden, muitas garotas moram aqui. Nenhuma delas pode desconfiar de nossa ligação.

Devo bater? Entrar direto?

Como se para responder a minha pergunta, a porta se abre e uma garota sai. Ela me cumprimenta e segue em frente. Eu entro antes que a porta se feche.

Há outras garotas na área de entrada. Duas sentadas, conversando. Uma

mulher está diante de uma grande mesa. Ela é alta; o longo cabelo loiro desce pelas costas, com a raiz escura aparecendo; é magra, talvez uns quarenta anos. Está vestida de um jeito sóbrio. Sóbrio demais. Até os botões de sua roupa brilham. É ela? Nada nela me é familiar. Vou até a mesa.

— Pois não? — ela diz.

— Ah, oi. Sou Riley Kain. Acho que ficarei hospedada aqui.

— Você está atrasada. Eu estava prestes a enviar algumas das garotas para procurar por você para o caso de ter se perdido na mata.

Será ela, a minha mãe? Os lábios estão franzidos, a voz é tranquila e clara, mas seus olhos me analisam confusos e ansiosos. Ela esperava que eu fosse loira, de olhos verdes. Ela não sabe sobre o TAI?

De costas para as outras garotas, tiro os óculos, como se para esfregar os olhos. Meus olhos verdes. Os dela se arregalam. Coloco os óculos de volta.

— Sua identidade? — ela pede, e eu a entrego. Ela o escaneia em um netbook, suas mãos estão levemente trêmulas. — Você realmente ficará conosco, Riley. Sou Stella Connor. Você pode me chamar de Stella.

Olho para ela. Stella Connor. A mãe de Lucy Connor. Mas nada sobre ela ou seu nome me é familiar, e um leve desapontamento pela falta de memória me corrói por dentro.

— Creio que você perdeu o almoço. O chá será servido às quatro horas, aqui nesta sala, e o jantar na sala principal, às sete. Aqui está sua lista de regras — ela me entrega um número considerável de folhas de papel, tocando minha mão quando o faz. — Conversaremos mais tarde — ela completa, praticamente num sussurro, que não tenho certeza de ter ouvido ou imaginado.

— Madison? — ela chama, e uma das garotas se volta para nós. — Pode mostrar o quarto para Riley, por favor? A torre.

A garota se levanta, é bonita, de cabelos escuros e encaracolados, pouco mais alta que eu, um brilho malicioso nos olhos. Ela se aproxima.

— Pode deixar, senhora Connor.

Os olhos de Stella se estreitam. Não gostou do "senhora Connor".

— Por aqui! — Madison faz uma reverência exagerada. Eu a sigo por corredores e escadas. Ela olha para trás. — Leve-a para a torre! — ela gesticula, um dedo apontando dramaticamente para uma escadaria, imitando a voz de Stella. Tive que rir. No alto da escada, Madison abre a porta.

— Não acredito que ela colocou você na torre. Está vazia há séculos. Ela só deixou uma pessoa ficar aqui no ano passado, por pouco tempo, e só porque vários quartos estavam inundados e todos os outros estavam ocupados, e, assim que um esvaziou, ela a trocou de quarto.

— Quantas garotas moram aqui? — pergunto, entrando no quarto e

colocando a sacola sobre a cama.

— Não muitas agora. Com você, somos dezessete, eu acho. Todo mundo abandona o Lar da Esquisitice se consegue um outro lugar qualquer.

— Esquisitice por quê?

— Você conheceu a Rainha Esquisita lá embaixo, não notou? Espere até ler a lista de regras — ela a retira de minhas mãos e a sacode antes de colocá-la na mesa ao lado da cama. — Quebre qualquer uma das regras durante sua perigosa estadia... — ela imita a voz de Stella e eu tento não rir. É da minha mãe que ela está debochando. — E ainda tem a família dela — ela revira os olhos.

Família? Eu tenho outra família?

— Por quê? Quem são eles? — pergunto, tentando não parecer curiosa demais.

— A mãe dela é a OCJ principal de toda a Inglaterra. Não é alguém com quem você queira dividir o mesmo ambiente. Felizmente, ela quase não faz visitas.

OCJ? Olho para ela, chocada. Eu tenho uma avó. E minha avó não é apenas um dos Lordeiros, mas uma Oficial do

Controle Juvenil, e não apenas isso, mas a comandante deles, em toda a Inglaterra. Estou de boca aberta. Madison não parece notar meu espanto.

— O que você veio fazer em Keswick?

— Vim para a admissão de estagiários.

— Do PEC? Começa amanhã, não é?

Confirmo com a cabeça. Havia uma data-limite nas anotações de Aiden, e foi essa a razão para a minha viagem corrida até aqui, para chegar a tempo do primeiro dia.

— E você, faz o quê?

— Trabalho na Cafeteria da Cora. Hoje é meu dia de folga. Mal posso esperar até fazer vinte e um no próximo verão, para poder sair daqui. Eu tinha acabado de me mudar para um apartamento maravilhoso com três outras garotas quando eles trouxeram essa última LJ idiota há dois anos, e tivemos que desistir.

Olhei para ela sem entender.

— Você nem mesmo sabe por que está aqui? Lei Juvenil OCJ 29(b) — ela fica em posição de sentido. — "Os jovens devem morar com sua família ou sob supervisão, em acomodações estruturadas e aprovadas, até a idade de vinte e um anos" — ela fala num tom anasalado, e então finge se estrangular. — O que eles acham que vamos aprontar? Até parece que temos muito o que fazer em Keswick, mesmo que não estivéssemos presas aqui.

Madison abre a porta para me mostrar minha suíte.

— Você ficará isolada na torre, mas ao menos não terá que dividir o

banheiro. Não se esqueça da regra número nove: não mais do que cinco minutos no banho. Se você passa disso, ela desliga a água quente da casa toda pelo resto do dia. De alguma forma, ela sempre sabe. E dá incertas também. Caminha pelos corredores no meio da noite em certas épocas, para garantir que não quebremos as regras de número seis ou onze.

— Obrigada — olho para ela sorrindo. Saia, por favor. Preciso ficar um pouco sozinha.

Ela deve ter notado isso em minha expressão.

— Você quer que eu vá, está bem.

— Ah...

— Não se preocupe. Vejo você no chá às quatro, lá embaixo. NÃO se atrase: regra número dois.

Finalmente sozinha, caminho pelo quarto. Há uma cama de casal, um guarda-roupa vazio, uma mesa e uma cadeira. Há mais guarda-roupas do outro lado do quarto, mas fechados. E muito espaço vazio. É um quarto grande. Será que era o quarto de Lucy? Era por isso que Stella o mantinha vazio? Dou de ombros. Não faço idéia. Nada aqui me parece familiar.

Abro as cortinas até o fim. Há janelas por toda volta, o lago está de um lado, o bosque do outro. A vista é linda e eu fecho meus olhos, tentando imaginar aquele quarto comigo ali dentro, mais jovem, olhando para fora da janela com meu pai, mas não consigo.

Ouço um barulho estranho vindo da porta. Parecem arranhões. Uma pata cinza passa por baixo. Eu a abro.

Um gato cinza me olha e atravessa a porta aberta. Salta rapidamente sobre a cama e senta-se delicadamente, lambendo uma das patas, sem tirar os olhos verdes de mim.

A gata cinza de Lucy, seu presente de aniversário, aos dez anos, uma das poucas memórias que tive sobre ser ela desde que fui Reiniciada. Seria... a mesma gata?

Caminho em direção à cama, sento na outra ponta e cruzo as pernas.

— É você? — sussurro. Ela me encara da outra extremidade, se aproxima de mim em círculo, como se me analisasse. Levanto uma mão e ela esfrega o queixo contra ela. Em um instante ela está em meu colo, eu a acaricio e ela se enrosca, ronronando.

A lista de regras está ao meu lado, onde Madison a deixou. Eu a pego e olho para a primeira página. Regra número um: seja gentil com a Pipoca (ágata).

— Pipoca? — me espanto e ela se estica, olha para mim com olhos estreitados e aperta as patas em volta da cabeça, como quem diz: Fique quieta, não vê que estou dormindo?. Pipoca me soa como um nome que uma menina de

dez anos daria para uma gatinha.

Bem, Stella pode até ser meio estranha, mas, levando-se em consideração que ela coloca isso como primeira regra, talvez eu e ela possamos nos dar bem, no final das contas.

CAPÍTULO 8

Chego para o chá exatamente um minuto antes das quatro horas, de estômago roncando. Madison e a garota que vi mais cedo-estão ali, e mais duas; não vejo sinal de Stella e me dizem que as outras estão trabalhando em diversos lugares nos arredores de Keswick. Há um bule de chá e um prato de bolinhos com geleia que todas devoramos com prazer. Elas normalmente só recebem biscoitos secos durante o chá, me diz Madison, e eu me pergunto se o tratamento especial é para mim.

Após o chá, elas me levam para um passeio rápido. Há uma sala de TV com sofás e lareiras, uma biblioteca e uma sala de jantar, com uma mesa comprida já arrumada para a refeição.

Zanzo um pouco pela casa e volto ao quarto para desfazer a bagagem. Quando nos reunimos para jantar, às sete, Madison me passa uma cadeira ao lado da dela. Em pouco tempo, todas as cadeiras estão ocupadas, exceto duas. Noto olhares curiosos, amistosos, e os nomes são chamados um a um, são muitos para gravar. Tudo parece ser... legal. Aconchegante. Não é um lugar do qual se tenha vontade de fugir.

Stella chega precisamente às sete horas e todas param de conversar. Ela vai até uma cadeira vazia na cabeceira da mesa, olha para a outra que está vazia e franze a testa.

— Alguém sabe onde a Ellie está? — algumas garotas murmuram que não, outras balançam as cabeças.

— Talvez ela não esteja com fome. Talvez não esteja passando bem. Talvez tenha encontrado algo melhor para fazer — responde Madison, e a sala cai em silêncio.

Stella franze a testa.

— Então, ela deveria ter avisado. Alguém pode checar o quarto dela, por favor?

Uma garota se voluntária e retorna pouco tempo depois.

— Ela está no quarto. Adormeceu — enquanto ela fala, eu me pergunto: por que Ellie não veio agora?

A tensão no rosto de Stella se dissipa, assim como, pouco a pouco, a de todas as garotas. As travessas de comida começam a passar de mão e mão. Estou aliviada por estar a tantas cadeiras de distância e não preciso puxar assunto com Stella na frente de todas, mas vez ou outra não consigo evitar de olhar para ela,

encontrar seu olhar e desviar o meu novamente. Isso é tão surreal: estou no mesmo cômodo, jantando com minha verdadeira mãe pela primeira vez após sete anos e nos sentamos separadas, sem nos falar. Há uma parte de mim que deseja levantar e dizer Já chega!. E outra parte está feliz por manter a aparência diante de estranhos, por esperar e observar.

Quando terminamos, todas começam a sair, menos duas, que estão responsáveis pela louça e começam a recolhê-la. As outras caminham em duas ou três; algumas vão para a sala de

TV, outras para outras direções, e eu permaneço ali, incerta. Será que Stella pretende conversar comigo agora? Mas Madison me dá o braço e me arrasta com ela; outras meninas nos seguem pelo corredor. Subimos alguns degraus e batemos a uma porta.

— Entre — diz alguém, do lado de dentro.

— Você me trouxe alguma coisa? — pergunta uma garota, que me apresentam como a Ellie, que estaria dormindo. — Estou faminta!

Madison e as demais garotas surgem com embrulhos e coisinhas surrupiadas do jantar.

— Não entendo. Por que você não foi simplesmente jantar conosco? Qual o sentido de enviar alguém para ver como você está e depois deixar você aqui?

Madison revira os olhos.

— Você não pode jantar se estiver atrasada. É contra a Regra Esquisita número três.

— Não seja tão indelicada. Ela é legal — diz Ellie, e estou aliviada por ouvir alguém defendê-la. Mas essa não parece uma opinião muito popular.

— É ridículo contar cada uma de nós a cada segundo do dia. Não somos bebês — diz uma das garotas.

— Mas você sabe o motivo — retruca Ellie, e tenho a impressão de que aquela é uma conversa que todas já tiveram antes.

Madison faz uma careta.

— Sim, mas há quantos anos isso aconteceu? Ela já não deveria ter superado isso?

— Superado o quê? — pergunto. Mas algo me diz que eu já sei, embora não devesse saber. Devo perguntar por ser o mais normal a se fazer ou devo apenas ouvir? Ouvir outra pessoa dizer coisas que sei serem reais, mas das quais não me recordo.

— Ninguém supera uma coisa dessas — Ellie explica, sacudindo a cabeça, e então se volta para mim. — A filha dela desapareceu. Ninguém sabe o que houve com ela. Acho que Stella tem medo de que algo assim aconteça com uma de nós; ela só está cuidando da gente.

Mais tarde, naquela noite, ouço uma batida leve na porta e ela se abre. Sento na cama, de coração acelerado.

A luz do corredor tremula ao redor de Stella.

Ela está diferente, os cabelos soltos, um robe de flanela amarrado na cintura; mais leve e insegura. Pipoca passa correndo por ela e salta sobre a cama.

Stella puxa uma cadeira para perto da cama e senta. Ela segura minha mão com tanta força que dói.

— Lucy? É você mesmo? — ela sussurra, estendendo a outra mão, trêmula, até os meus cabelos. — O que houve com seu lindo cabelo?

— Foi modificado, permanentemente, pela TAL

— Acho que podemos tingi-lo.

— Não. Estou tentando não ser reconhecida.

— Ah, é claro — ela suspira. — Eu posso parar de tingir o meu.

— Por quê? Precisamos combinar? Ela afasta a mão.

— Não exatamente. É só que eu não reconheci você quando você chegou. Não reconheci minha própria filha. Você também não me reconheceu, não foi?

Hesito, mas confirmo com um gesto. Ela parece magoada.

— Desculpe. Você sabe que fui Reiniciada, não sabe? Ela confirma.

— Ela me disse.

— Quem?

Ela afasta o olhar.

— Não sei. Seja lá quem for, me disse que você finalmente estava voltando para casa.

Alguém do DEA?

— Me conte sua história, Lucy. Conte tudo o que puder sobre onde esteve nesses sete anos.

Aguardo um momento. Fui até ali porque queria descobrir sobre meu passado, os anos que vivi naquele lugar, mas é claro que ela quer o mesmo em retorno, saber tudo o que perdeu da minha vida desde então. Uma troca justa? Mas não tenho vontade de falar sobre a maior parte das coisas pelas quais passei nesses últimos anos. Alguns medos ficam melhor trancados, escondidos.

— Lucy?

— Você poderia não me chamar de Lucy? Simplesmente porque é perigoso. Ninguém pode saber quem eu realmente sou.

— Ninguém pode nos ouvir agora.

— Mas você pode deixar escapar quando outras pessoas estiverem por perto.

Ela sorri.

— Vou tentar, Lu... — e se levanta, sentindo-se culpada — Riley — corrige. — Como você deve me chamar? — seus olhos estão ansiosos e eu sei o que ela

quer ouvir, mas ainda não consigo.

— Pelo mesmo motivo, devo chamá-la como todas as outras garotas chamam: Stella.

Ela franze a testa e suspira.

— Está bem. Me fale de sua vida, Riley.

Olho para ela. Devo contar tudo, não importa se tenho vontade ou não? É perigoso saber de tudo?

— Eu não sei tudo. Muitas de minhas memórias se foram.

— Conte o que você sabe, então.

— Acho que fui seqüestrada quando tinha dez anos. Não entendi o motivo por muito tempo.

Seus lábios se estreitam.

— O TAG.

Eu me surpreendo. Ela sabe ou desconfia?

— Sim, foram eles. Tinham algum tipo de plano, de fragmentar minha personalidade. Para que, quando eu fosse Reiniciada, restassem algumas memórias.

O rosto de Stella está entre a tristeza e o horror.

— Você deve ter tido tanto medo.

Restaram poucas memórias daquele tempo, mas elas não são boas. Ouvia o médico dizer vez após outra, tarde da noite: você não tem família; eles não querem você; eles lhe deram para nós. Meus olhos começam a arder e eu pisco.

— Tem certeza de que quer saber? — pergunto. — De tudo? Não é fácil falar sobre isso. Pode ser difícil de ouvir.

Stella hesita.

— Sim. Me conte — ela passa um braço por meus ombros, insegura, e parte da minha resistência se vai por um instante, quando me recosto nela e lhe conto as memórias mais sombrias daquela época.

Levanto a mão esquerda.

— Eles me tornaram destra, quando eu era a Lucy. Quebraram os dedos da minha mão esquerda para que eu não tivesse escolha — ela aninha minha mão nas delas, em silêncio. Gesticula uma vez para que eu continue, mas não pressiona. No entanto, não consigo dizer a ela o que houve para que finalmente conseguissem fragmentar minha personalidade, que meu pai me resgatou do TAG e que quase escapamos. Mas Nico nos pegou. A arma na mão de Nico. Será que ela sabe como meu pai (o marido dela) morreu?

Endireito a coluna.

— No final das contas, eles conseguiram. Dividiram minha personalidade. Quando eu era canhota, treinei com o TAG como se fosse um deles; mas de vez

em quando eu era destra, e era Lucy. Quando os Lordeiros me pegaram e me reiniciaram, minha outra parte se escondeu, e Lucy se tornou dominante. Assim, fui Reiniciada como destra e foram as memórias de Lucy que foram apagadas. As outras memórias, que ganhei no TAG, sobreviveram. A vida anterior de Lucy se foi.

— Por que eles fariam algo assim?

— Pelo que entendi, era parte de um plano, para mostrar aos Lordeiros que reiniciar uma pessoa poderia ser algo falho, que qualquer criminoso Reiniciado poderia ser violento, mesmo que isso fosse considerado impossível. Que nenhum deles era confiável. — Não menciono as conseqüências que os planos de Nico poderiam acarretar: sem ter como saber quais dos Reiniciados poderiam se modificar, o que os Lordeiros fariam com todos os Reiniciados? Estremeço.

— Mas, se você foi Reiniciada, por que não tem um Nivo? Isso está indo por um caminho perigoso. Não é seguro para ela saber como fui pega entre os planos violentos de Nico e do TAG e a chantagem dos Lordeiros. Saber como eles me rastrearam até o TAG e pensei que o agente Coulson fosse me matar, mas Katran (sim, um terrorista, mas um velho amigo, que realmente se importava comigo) correu para me salvar, e Coulson atirou em Katran a sangue frio e o matou na minha frente. Saber como o ato de segurar Katran enquanto ele morria me fez finalmente me lembrar da morte do meu pai. Graças à doutora Lysander, os Lordeiros pensaram que eu tinha feito como eles queriam; eles me deixaram ir e removeram meu Nivo.

— Lucy? Desculpe, eu quis dizer Riley. O que houve com seu Nivo? — ela insiste, e eu me pergunto por quanto tempo estive olhando o vazio.

— Ele foi cortado — uma pequena mentira. O método de retirar dos Lordeiros foi delicado, alguns botões apertados em uma máquina e a dor se foi.

— Eu não sabia que isso era possível.

— Mas é — e digo isso com sinceridade. Eu cortei o Nivo de Ben com uma serra elétrica, não foi? Ele sobreviveu.

Por pouco, mas sobreviveu; e então os Lordeiros o levaram embora.

— Tem uma coisa que não compreendo. Se você foi Reiniciada como destra, como os anos que você passou aqui se foram? Você era canhota até os dez anos. Você tem de lembrar! — ela diz como se quisesse muito que isso acontecesse.

— Não entendo toda a parte neurológica disso. É como se a mão dominante fosse moldável; pode ser manipulada e modificada. Acho que isso foi parte do processo de fragmentar minha personalidade.

— Tão jovem — ela balança a cabeça. — Mas algumas memórias permaneceram depois de você ter sido Reiniciada?

— Não exatamente. No início, eu era como qualquer outro Reiniciado.

Ganhei uma nova família, e...

— Eles eram legais?

— Quase todos. Minha mãe e minha irmã, sim, embora mamãe tenha tido dificuldade para lidar com isso no início.

Stella aguarda um pouco, antes de dizer:

— Você chamou essa outra mulher de mamãe.

— Eu fui Reiniciada. Eles nos disseram para fazer isso.

— Desculpe. Isso não importa. E depois?

— Comecei a ter lembranças — omito como isso aconteceu. Ela não precisa saber que fui atacada, que o medo e a ira romperam as fronteiras e fizeram Chuva emergir: uma parte de mim que era pura TAG, pura terrorista, sob o controle de Nico e pronta a fazer o que ele ordenasse.

— Então, do que você se lembra?

Viro a cabeça de um lado para o outro.

— Desculpe. As lembranças que tenho são de depois de ter saído daqui. Com o TAG. Depois disso é a parte em que fui Reiniciada.

Ela me olha, desesperada, como se implorasse.

— Mas você se lembra de alguma coisa sobre mim? De algo sobre este lugar, de antes, qualquer coisa?

Alguma coisa, não sei bem o quê, me faz dizer não. Embora alguns fragmentos tenham voltado, como a gata, que está agora enrascada entre nós. Os jogos de xadrez com papai e a torre. Seria porque, como ela mesma disse, eu era canhota quando pequena? Se fosse verdade, então talvez eu me lembre de algo mais. Ou seria porque essas eram coisas que a Chuva sabia? A pior lembrança de todas, a morte de papai, foi suprimida, enterrada tão profundamente que não retornou até que Katran morreu.

— Lucy? Quero dizer, Riley, o que foi?

Balanço a cabeça. Será que ela sabe como ele morreu? Será que sabe que foi minha culpa? Não posso dizer isso em voz alta. Não esta noite.

Olho para a cama em que estamos sentadas.

— Este era o meu quarto?

Ela nega e estou aliviada. Não parecia nem um pouco um quarto que tivesse sido meu. Ao menos isso eu acertei.

— Coloquei você aqui porque é distante das outras garotas. Mais fácil para visitar você — ela hesita. — Costumava ser o meu quarto. Há muito tempo atrás.

— Me diga tudo o que lembra — peço. — Por favor. Quero saber de tudo.

Ela parece vacilar, e então estica a mão novamente. Um pequeno gesto, embora para mim seja tão difícil dar a mão a ela, dar a mão a uma estranha, quando seus olhos imploram tão desesperados. Eu o faço, e ela segura com força

novamente. Ela sorri.

— O que quer saber?

— Tudo, desde o início. Me fale sobre quando nasci. Onde nasci? Meu... — eu hesito. Relutei tanto em mencioná--lo que percebo agora que Stella também não o fez. — Meu pai era presente?

Ela balança a cabeça, os lábios se tornam uma linha fina.

— Ele não estava lá. Ele raramente estava nos momentos difíceis.

Fico surpresa, quero retrucar, mas mordo a língua.

— Mas você, Lucy, foi o bebê mais lindo que já existiu — ela sorri. — E vou lhe mostrar — ela se levanta e tira umas chaves do bolso do roupão. Vai até um dos armários fechados. — Deixei uns álbuns aqui para você: fotografias, de todo tipo de coisa que você queira ver daquela época. São onze álbuns, um para cada ano. Vamos começar a fazer outro agora, não vamos?

Ela pega um álbum, o coloca em minhas mãos, e eu viro as páginas impaciente. É mesmo, eu era um bebê muito fofo. Fotos e mais fotos da minha fofura, coisas de neném: no berço, segurando as mãos e rindo; dando risada no banho; suja de papinha. Sempre sorrindo. Será que eu nunca chorava? Stella está em algumas delas, de cabelos escuros, sorrindo de um jeito que aparecia em seus olhos. E há alguns espaços vazios aqui e ali, algumas fotos estão faltando. Teriam sido removidas?

— Por que não há fotos do meu pai? Ela fecha o álbum com força.

— É o suficiente por hoje. Você precisa dormir um pouco. Seu dia começa cedo amanhã, não é mesmo? — ela coloca o álbum de volta no armário e o tranca novamente.

— Posso ficar com a chave?

Ela vacila e então balança a cabeça.

— Não. Você precisa descansar. Veremos as fotos juntas, está bem? Boa noite, Lucy.

Ela sai do quarto. Muito bem.

As Esquisitices de Waterfall. As palavras de Madison ecoam em minha mente, e eu me sinto mal. Isso não é justo. Stella passou por poucas e boas, não foi? A única filha foi seqüestrada aos dez anos de idade, para retornar sete anos depois, Reiniciada, sem se lembrar dela. É óbvio que ela teve problemas com meu pai. Preciso descobrir o que foi, e o que devo ou não contar a Stella sobre ele. Respiro longamente. No fundo, estou tomada por uma necessidade de saber tudo o que posso sobre meu pai, tudo o que esqueci e muito mais. Me pergunto se há fotos dele em algum lugar.

Afasto Pipoca dos meus joelhos, atravesso o quarto até o guarda-roupa e analiso a fechadura. Algumas tentativas com um grampo de cabelo e a fechadura

destrava. Abre-te, sésamo! Algo que aprendi com Nico.

Dentro dele há roupas penduradas de um lado. Vestidos de verão, provavelmente guardados durante o inverno. Do outro lado há algumas prateleiras. As primeiras estão com os álbuns numerados de um a onze, como ela disse. Mas se ela tirou o meu pai do primeiro álbum, deve ter feito isso em todos eles. As outras prateleiras estão com coisas embrulhadas em papel fino. Curiosa, pego um embrulho, levo até a cama e tiro o papel com cuidado. Roupas de criança cuidadosamente dobradas. De menina. Seriam minhas?

Hesito. Estou invadindo as memórias de Stella, embrulhadas e trancadas por quanto tempo? Isso não é certo.

Mas as memórias dela deveriam ser minhas também. Pego um vestidinho, provavelmente para nove ou dez anos de idade. É rosa com babados, muito fofo, fofo até demais, na verdade...

Detesto vestidos. Principalmente os cor-de-rosa.

Eu me sinto tonta e coloco o vestido sobre a cama.

Ela me obrigou a usá-lo.

Minha cabeça está girando; me sinto mal. Não quero ver mais isso. Eu o dobro novamente e o embrulho cuidadosa, com as mãos trêmulas. Não era isso que eu queria.

Meu pai. Quero fotos do meu pai.

Devolvo o embrulho para onde o encontrei. As prateleiras de baixo contêm apenas embrulhos de papel fino que parecem roupas. Mais lembranças preservadas e trancadas. Torno a me levantar.

A prateleira de cima é alta demais para que eu a alcance com facilidade, então pego a cadeira e subo. Há uma caixa de plástico bem no fundo; eu não podia vê-la da parte de baixo. Eu a pego da prateleira, coloco sobre a mesa e retiro a tampa. Bingo. Fotos emolduradas, as que ela tirou de vista. Tem de haver uma aqui.

Mas em vez disso há fotos de uma mulher, uma que não reconheço. As de cima parecem antigas, por conta das roupas usadas e dos penteados. Mais abaixo há uma da mesma mulher com uma garotinha, uma mão em seu ombro; outra com a menina um pouco mais velha. Eu me espanto ao perceber: a menina é uma versão de Stella com cabelos escuros. A mulher deve ser a mãe dela, minha avó. A que é uma Lordeira OCJ.

Observo melhor o rosto dela, mas não noto o olhar de um Lordeiro. Há fotos mais recentes; ela está mais velha, o cabelo preso e grisalho, mas parece bem para sua idade, seja lá qual for. Sessenta e poucos, talvez. Ela é magra, veste boas roupas, que parecem caras, mas não ostentadoras. Um sorriso gentil em seu rosto. Seguro uma foto dela e analiso os olhos. Não sei como, mas de algum

modo a reconheço; estremeço e guardo a foto rapidamente.

Continuo remexendo a caixa. No fundo há um último porta retrato e eu o retiro.

Uma foto de grupo em um casamento. Um casal no meio, um casal ao lado do noivo, provavelmente seus pais, e, ao lado da noiva, minha avó.

É difícil reconhecer a noiva como Stella. Não tanto pelo passar dos anos ou pelo vestido branco, mas pela alegria juvenil em seu sorriso. Ao lado dela, usando algo como um terno, está o meu pai. Mais jovem do que em meus sonhos, minhas lembranças, mas não há dúvida de que seja ele. Estendo a mão trêmula para a moldura e o toco. Mas ele não está voltado para a câmera: olha para Stella, com tanto amor em seu rosto que é até difícil olhar para ele.

O que houve com eles?

Devolvo as fotos para onde as encontrei e coloco a caixa de volta na prateleira. Tranco o guarda-roupa e apago a luz. Há outras caixas ali, e outro guarda-roupa ao lado do primeiro, mas é o suficiente por uma noite.

Na cama, me dou conta de como estou gelada; puxo as cobertas e acaricio Pipoca. Ela fica comigo, quentinha, ronronando, e me lembro do Sebastian. Sinto saudade de casa, de mamãe e de Amy.

Não consigo pensar em Stella como mamãe, nem mesmo como mãe. Ao menos, ainda não.

A única foto de papai que encontrei até agora no primeiro guarda-roupa foi a do casamento. Será que Stella destruiu todas elas, mas não foi capaz de destruir aquela?

E ela esconde todos os vestígios de sua mãe em uma caixa de plástico, dentro de um guarda-roupa trancado. Por quê?

Acho que ela ser uma Lordeira já é uma boa razão.

Andamos furtivamente para a porta dos fundos. Papai sorri e coloca um dedo sobre os lábios.

— Silêncio agora, Lucy; nós somos espiões.

— Em uma missão secreta? — murmuro, vestindo o casaco que ele me passa.

Ele concorda e pisca, e nos abaixamos sob as janelas dos fundos da casa.

Ele olha para ver se o estou seguindo.

— Hummm... espere um pouco — ele volta por onde viemos e pouco depois retorna, com minhas botas impermeáveis na mão.

Reviro os olhos.

— Coloque-as, Lucy. Menos uma coisa para levarmos bronca — ele pisca novamente. Eu me esforço para tirar os odiados sapatos rosa, já um pouco sujos nessa grande fuga pelo jardim, e estou prestes a jogá-los atrás dos arbustos

quando papai os pega e os coloca cuidadosamente em um peitoril de janela.

— Elas serão capazes de seguir a nossa trilha — aviso. Ele encolhe os ombros.

— Tenho certeza de que ela vai saber para onde fomos, de qualquer maneira.

— Então, por que ser tão cuidadoso?

— Nós somos espiões, lembra?

— Mas não estou vestida como uma espiã —faço uma careta, seguro a saia rosa ridícula que aparece sob o casaco e dou um giro com minhas galochas.

Ele ri e se curva para mim.

— Você é, verdadeiramente, a imagem perfeita de uma espiã princesa demente, Sua Majestade. Venha, sua carruagem de espionagem de aniversário oficial a aguarda — começamos a caminhar em direção ao lago e aos caiaques.

Mas, então, uma porta bate mais acima. Uma voz me chama:

— Volte aqui imediatamente; sua avó está aqui.

— Descobertos — digo.

— É melhor voltarmos, Lucy.

— Por quê?

— Ela só quer dizer feliz aniversário. Vamos lá.

Eu dou um suspiro e começo a marchar de volta para casa, meus pés parecem chumbo. Quando chego à janela, onde meus sapatos aguardam, me viro: papai se foi. O som distante da água diz que meu carro espião partiu sem mim.

Na porta dos fundos, tiro as galochas e calço os sapatos de cetim rosa. Na verdade, eles são melhores para espionar do lado de dentro. Ainda na brincadeira, rastejo sem fazer um único som. Mas não sigo pelo corredor principal. Espiões usam passagens secretas com cuidado e tranquilidade. Eu me arrasto pelo escritório da mamãe e saio pela porta escondida atrás das cortinas. Pego o corredor estreito que dá a volta na sala de estar, onde sei que elas estarão.

Mais um passo e outro mais...

Suas vozes passam de murmúrio a palavras que consigo ouvir, e eu desejo não ter ouvido.

CAPÍTULO 9

Miau? Miaaaaau.

Hein? Abro os olhos. Ainda está escuro, e Pipoca está arranhando a porta do meu quarto. Levanto e abro para ela sair. Ela desaparece escada abaixo.

Confiro o relógio, são cinco e vinte. Obrigada por ter me acordado cedo, gata. Bocejo e me espreguiço, estremecendo enquanto fecho o roupão. Não conseguirei voltar a dormir agora.

Aquele sonho foi tão estranho; ainda assim, algo dentro de mim diz que era real. Aquilo aconteceu. Teria sido aquele vestido rosa horroroso que trouxe essa lembrança?

A princípio era alegre, uma aventura com meu pai; e então... o que houve? Ouvi sem querer uma conversa entre Stella e sua mãe. Algo perturbador. Mas o que era?

Desço as escadas até o corredor para beber alguma coisa. Conforme caminho, detectores de movimento acendem luzes que me deixam cega, iluminando blocos de escuridão e se apagando para acender outro bloco. Sigo pelo corredor errado, em dúvida sobre o caminho, e retorno para tentar achar a área da recepção em que estive ontem e o equipamento de chá que fica lá.

Enquanto aqueço a chaleira, desligo as luzes novamente e vou para as janelas que dão para o lago, mas só vejo escuridão. Um caiaque espião: ainda haverá caiaques por ali? Sorrio para mim mesma e depois franzo a sobrancelha. Papai saiu sem mim e me fez voltar para encontrá-las sozinha. Nunca estava presente nos momentos difíceis, não foi isso que Stella disse? Não. Isso não é justo. Tentar me salvar do Nico foi um momento bem difícil. Falhar foi o mais difícil de todos.

A sala é tomada por uma luz forte de repente. Uma garota boceja diante da porta e parece feliz ao me ver. É Madison.

— Você não me ganha na corrida de quem acorda mais cedo — eu digo.

— Quem, eu? Não mesmo, para ser honesta. Mas pego às sete na Cafeteria para atender os fregueses madrugadores de Keswick. E você? — seguimos as duas para a chaleira.

— O tal de PEC começa às oito.

— Sortuda. Não conseguiu dormir? — balanço a cabeça.

— Nervosismo?

Olho espantada para ela, mas me dou conta de que está falando do meu

motivo oficial de estar ali: o PEC. Estive tão envolvida com Stella e meu passado que não pensei em nada disso. Outro lugar novo, novas pessoas, não saber o que fazer ou dizer enquanto tento me lembrar de responder quando me chamarem de Riley Kain, e não dizer nada que ela não diria. De repente, já estou bem preocupada. Respiro fundo.

— Faça o seguinte, venha comigo no ônibus das seis e meia e vou lhe mostrar aonde você deve ir, e então preparo para você um incrível café da manhã. Será um prazer.

— Sério?

— Claro — ela ergue a xícara de chá. — Aos primeiros. Empregos, quero dizer — ela pisca, dando a entender que estava pensando em algo totalmente diferente. Ela bate levemente a xícara contra a minha e então estremece. — Esse foi alto. Me encontre aqui novamente em uma hora.

Uma hora, um banho e outra roupa depois, nos dirigimos para a porta de saída. Madison para em frente a uma mesa, abre uma pasta com páginas divididas em colunas, escreve seu nome, coloca a hora em uma das colunas e escreve "trabalho" na descrição. Em seguida me passa a caneta.

— O que é isso?

— Você ainda não leu as regras? Isso provavelmente quebra uma delas — ela abre um sorriso. — Esta é a regra doze: sempre assine quando for sair e quando retornar.

Eu me curvo para escrever Riley - PEC, e me dou conta de que é a primeira vez que escrevo meu novo nome. Saímos para a manhã escura.

— Detesto esta época do ano. É como se fosse meia-noite — ela diz.

— Eu gosto do escuro — admito. Gosto de como encobre e esconde, e do frio também. O chão está congelado e range sob nossos pés conforme pegamos uma trilha atrás da casa em meio às arvores silenciosas em direção à estrada acima.

— Não há ponto de ônibus?

— Não. Você simplesmente faz sinal. Eles passam a cada trinta minutos, mais ou menos.

Não demora para um ônibus aparecer ao longe. Madison acena e ele para.

Escaneamos nossa identidade assim que subimos e caminhamos pelo corredor; Madison segue para um assento nos fundos.

— Minha nossa! Será possível? — diz alguém. Um homem. Madison para e se vira.

— O quê? — ela pergunta.

— Não sente ainda, preciso ter certeza — ele diz, e Madison aguarda ao lado do banco, enquanto o ônibus pega a estrada, cortando o vento. Ele sorri e algo se

passa entre eles naquele ar frio. Será o namorado dela? Mesmo sentado, ele é mais alto que ela; um tipo bruto e aventureiro. Bronzeado, mesmo no inverno.

Ele olha de Madison para mim e depois para os amigos, que estão sentados na frente.

— Uau. É verdade mesmo — diz um deles.

— O quê? — Madison está impaciente. O que olha sorridente para ela responde:

— Finalmente, baixinha. Alguém mais baixa do que você. Os amigos dele começam a rir e ela lhe dá um soco no braço. Endireita os ombros como se quisesse parecer mais alta e senta-se no banco oposto ao dele. Eu me sento ao lado dela.

— Quem é esse? — pergunto, em voz baixa.

— Aquele cara de dois metros de altura? É o Finley — ela aumenta a voz. — Ele e seus amigos são uns metidos.

Ele se curva para nós no corredor.

— Você só está com inveja — olho para os dois, confusa.

— Estamos no Serviço de Estágio para Guarda Florestal — ele explica. EGF.

— Vulgarmente conhecidos como metidos — complementa Madison.

— Só você para sair livre dessa, baixinha — ele diz e pisca um olho. — Quem é você? — ele pergunta, voltando seu sorriso para mim.

— Riley — cuido para que meu nome saia direito. — Estou aqui para a admissão de estagiários.

— Ah, você pode acabar entrando para a turma dos metidos também! — diz Madison.

Ele balança a cabeça, rindo.

— Tenho certeza de que deve haver algum tipo de peso mínimo exigido.

Depois dessa, o ônibus para. Estamos em Keswick.

— Primeiro as damas — diz Finley, e saímos do ônibus. Após acenar para os rapazes, Madison passa o braço pelo

meu. Ela me mostra o edifício aonde devo ir às oito da manhã e me leva para o trabalho dela: a Cafeteria da Cora. Seguimos para a entrada de serviço; as luzes ainda não estão acesas.

— Olá — diz Madison, ao destrancar a porta.

Uma mulher usando um chapéu de chef sai de uma cozinha minúscula e grita:

— Estou feliz que você tenha decidido aparecer. — Madison estica a língua. — E quem é essa, outra indigente que precisa ser alimentada?

— Ah, desculpe — digo, retornando para a porta. Ela ri.

— Brincadeira, menina. Eu sou a Cora, pode entrar — elas me acomodam

em uma das mesas na frente da cafeteria e ficam para lá e para cá. Alguns minutos depois, a luz se acende e as portas são destrancadas. Os fregueses matutinos começam a chegar e logo estamos ocupados atacando o desjejum mais farto e delicioso do mundo.

Um pouco depois, caminho para o prédio do governo que Madison me mostrou, agora com o estômago empanturrado pela comilança. A placa na porta diz: "Programa de Estágio de Cúmbria: Seminário de Admissão". Parece tão oficial, e, para mim, oficial quer dizer Lordeiro. Será que Aiden sabe o que está fazendo, me enviando para cá? Ele costuma saber. Eu hesito, vendo outras pessoas passarem pela porta.

— Ei, é a SB — diz uma voz atrás de mim e eu me viro. É o Finley.

— SB? O que é isso?

— Super Baixinha. Você não deveria passar pela porta em vez de ficar aí olhando para ela?

— Por que você está aqui?

— Sou um dos bons exemplos. É um choque. Eu sei. Vamos lá.

Ele segura a porta para eu passar.

— Assine ali — ele aponta para uma mesa onde há uma fila de pessoas. — Vejo você depois — ele acena para alguém do outro lado da sala e se afasta.

Aguardo minha vez.

— Nome? — uma mulher de sorriso exageradamente branco e olhos duros pergunta.

— Ky — eu tusso. Finjo uma tosse para disfarçar que quase disse Kyla. Controle-se! — Desculpe. Meu nome é Riley Kain.

Ela olha para o computador.

— Você não está na lista. Próximo? Um garoto tenta passar por mim.

— Não, espere. Eu deveria estar aí. Você não pode verificar? É Kain, com K.

Ela respira fundo. Olha novamente. Sorri.

— Você continua fora da lista — ela se vira para o garoto. Começo a entrar em pânico. Aiden poderia ter se atrapalhado? Não.

— Eu devo ter sido inscrita no último minuto. Ela respira fundo novamente.

— Inscrição de última hora, por que não disse antes? — ela toca na tela. — Aí está você. Preencha isto para que eu possa colocar você na lista registrada. Ela me passa um aparelho pequeno, com meu nome na parte de cima, e uma ficha para ser preenchida. Começando pela data de nascimento. Quando era mesmo?

— Aí não — ela reclama. — Você está no caminho — ela aponta para um lado, e eu saio com pressa, de rosto corado. Toco a tela e tento me lembrar das informações no arquivo de Aiden. Finalmente me lembro da minha nova data de

nascimento: 17 de setembro de 2036. Preencho o resto. Endereço, cabelos, olhos, peso, a única informação verdadeira é essa última. E, então, eu paro. Contato de emergência? Aiden não me deu um endereço para os meus falsos pais em Chelmsford. Sem outra opção em mente, coloco "Stella Connor, Lar Chelmsford" e clico "enter".

Eu me aproximo da mesa. Ela me ignora, atendendo outras pessoas.

— Com licença — digo, finalmente.

— Bem a tempo — ela responde, pegando o aparelho e atualizando seu notebook. — Você está devidamente registrada agora. Aqui está — ela me passa uma pasta. — Sente-se, Riley.

Eu me sento nos fundos. Somos cerca de cinqüenta pessoas agora, com alguns lugares vazios ainda, aqui e ali. Todas as outras pessoas estão conversando, parecem se conhecer. São todos dali? Alguns olhares me acompanham e tento sorrir, mas não são olhares exatamente amistosos; após um tempo, desisto e passo a ignorar. Finley está em um canto, com algumas outras pessoas. Meus olhos buscam os dele e ele pisca.

Mais alguns cochichos e, então, um silêncio súbito.

Um homem, de terno marrom amarrotado, caminha até a frente. Ele olha para todos os rostos, movendo-se entre eles como que para se familiarizar. Seus olhos cruzam com os meus após ligeira pausa.

— Bom dia, pessoal — ele diz. — Estou satisfeito por ver tantos rostos conhecidos no Programa de Estágio de Cúmbria nesta manhã e também por alguns poucos desconhecidos. — Seus olhos cruzam os meus novamente e depois correm para outra pessoa, um garoto, mais à frente. — Para aqueles que não me conhecem, sou o Conselheiro Watson. Em nome da

Coalizão Central, gostaria de lhes dar boas-vindas para esta oportunidade, a porta de entrada do seu futuro. O Empregos para Todas as Políticas de Coalizão está em seu vigésimo ano de sucesso, e os programas de Estágio são uma parte vital dessas realizações. Eu vou passar a vez agora ao seu coordenador de estágios local.

Há uma dispersão de aplausos educados e outro orador vai até a frente. Noto pelo canto do olho que Watson sai da sala pelos fundos, e visivelmente todos relaxam.

O esquema é explicado em detalhes ao longo de uma hora. Hoje, estão ali representantes e estagiários de todos os setores, e podemos falar com eles e fazer perguntas. Os setores que procuram novos estagiários são os de Administração, Hotelaria, Parques Nacionais, Transporte, Educação, Segurança, Comunicação e Saneamento. Amanhã teremos de entrar e assinar na linha pontilhada para nos comprometer com o PEC por cinco anos. Podemos perguntar qualquer coisa,

fazer nossas escolhas, e depois faremos testes de aptidão.

Na segunda-feira saberemos quais os quatro setores que vamos experimentar. Passaremos uma semana em cada um e, finalmente, um setor será escolhido para cada candidato. Ele não diz quem faz a escolha final, e suponho que não sejamos nós.

Assim, sem qualquer garantia de onde iremos acabar, é preciso primeiro se comprometer por cinco anos'? Isso me soa como para sempre.

Quando ele termina, as portas se abrem para uma sala adjacente, com áreas reservadas para cada setor. Todos se dispersam e parecem mais interessados em conseguir uma xícara de chá do que falar com os representantes e estagiários. É quando noto acenos e chamadas aqui e ali. Será que eles já sabem o que querem escolher? Ou será que acham que isso é apenas uma formalidade? Será que todo mundo já sabe quem irá para onde?

Uma mulher na mesa mais próxima (da Educação) me chama a atenção e sorri, e há algo nela que me faz sorrir de volta. Sigo em sua direção.

— Olá — ela cumprimenta. — Você já pensou em trabalhar em escola?

— Não — respondo, com sinceridade.

— Honestidade! Uma excelente característica — ela me olha curiosa. — Eu nunca esqueço um rosto, e há algo de familiar em você, mas não sei o quê. Você não é daqui, é?

Nego com a cabeça, com cuidado para esconder a preocupação. Teria ela visto Lucy em mim, apesar do cabelo e dos olhos diferentes, depois de tantos anos?

— Eu sou de Chelmsford.

— Acho que não a conheço mesmo, e todas as crianças em Keswick passam pela minha escola. Mas a mim isso não importa, e não deveria importar para ninguém, porque lugar de origem não é critério de aprovação.

— Sério? Achei que eu iria direto para Saneamento. Tinha certeza disso.

Ela ri.

— Bem, caso você considere outra opção, estamos à procura de três estagiários na escola primária de Keswick. Você começaria como assistente de professor, e, se tudo correr bem, pode passar para a formação de professores depois de um ano — ela se empolga e fala sobre inspirar as mentes jovens, e me lembro do menino sorridente no trem, levado pelos Lordeiros.

— Está tudo bem?

Estou surpresa. Sou assim tão transparente?

— Não sei se quero educação; não convivi muito com crianças pequenas e...

— Bem, é exatamente essa a questão. Se você escolher Educação, passará uma semana conosco na escola e nós duas saberemos logo se isso é para você.

— Obrigada — agradeço, e não apenas pelo que ela disse, mas pelo jeito gentil com que falou.

Ela parece saber o que quero dizer e sorri novamente.

— Vá em frente, fale com todo o mundo. Nenhum de nós morde! — ela se inclina para mais perto e fala em voz baixa: — Exceto, talvez, os da Segurança.

Eu endireito os ombros e começo em uma extremidade da sala, visitando um setor de cada vez, mas pulo o de Segurança. Eles não são Lordeiros, e sim a força local que lida com estacionamento e coisas pequenas, mas quero me manter afastada de tudo o que diga respeito a autoridade, e, além do mais, eles trabalhariam com os Lordeiros, não é mesmo?

Logo fica evidente pelo tráfego de pessoas que existem dois pontos principais de concorrência: Hotelaria e Parques Nacionais.

Nesse último, há agora uma pequena multidão. E noto que é uma multidão hostil, quando tento me aproximar.

— Ora, ora, é a SB — diz Finley, que é alto o suficiente para me ver por cima de todos e notar que não estou fazendo progresso.

Finley me puxa para a frente e logo estou cara a cara com seu chefe, que olha para mim e levanta uma sobrancelha.

— Considerando uma carreira nos Parques Nacionais?

— Claro. Ele suspira.

— Não tem nada a ver com passeios de montanha-russa em férias ensolaradas.

Fico indignada com o seu tom.

— Claro que não. Trata-se de conservação, acesso público, educação e segurança — estive calada por tempo suficiente para pular a lengalenga.

— Você tem alguma habilidade relevante?

— Sei ler mapas e como usar uma bússola. Sou corredora e tenho experiência em caminhadas, então me encaixo perfeitamente. Eu amo o ar livre em todas as condições meteorológicas.

— Sério? — a voz dele ainda está cética, e, mesmo que eu nunca tivesse ouvido falar do que se faz nos Parques Nacionais até cinco minutos atrás, algo em sua voz me deixou interessada.

Endireito a coluna e o encaro.

— Me teste e verá — um desafio lançado.

— Ora, ora. Quem diria.

Eu me afasto dos olhares hostis dos outros candidatos; Finley nos segue.

— Você lidou bem com ele.

— Será?

— Mas eu não teria muitas esperanças. Eles testarão dez para escolher cinco

este ano. Mas a maioria dos outros foram voluntários em Parques Nacionais por todo tempo de escola e consideram garantidas suas reivindicações. Mesmo que você fique entre os dez, é uma competição difícil.

Cheguei longe demais para deixar que meu lugar de origem seja um critério de desclassificação.

CAPÍTULO 10

Temos a tarde livre. Devo voltar para casa? Provavelmente. Todos devem estar no trabalho, e Stella e eu poderemos conversar um pouco mais. Não é para isso que estou aqui?

Mas o sol está brilhando. É hora do almoço, só que, com o Café da Manhã dos Gigantes que tomei, estou satisfeita, e o sol brilhando sobre as colinas rochosas salpicadas de neve está me chamando, deixando meus pés inquietos.

Para começar, perambulo por Keswick, sem prestar atenção para onde estou indo, e depois de um tempo me encontro nos limites da Escola Primária de Keswick. A professora disse que todas as crianças dali frequentam aquela escola. Deve ter sido a minha escola. Devem estar na hora do almoço; há crianças correndo e brincando por todo o terreno. Parece um lugar feliz, sem as correntes do Ensino Médio no qual estive até recentemente. Será que eles também recebem visitas de Lordeiros por aqui? Será que os Lordeiros ficam no canto durante as reuniões escolares e arrastam os desordeiros, para nunca mais serem vistos novamente? Não. Isso seria ridículo. É uma escola primária, e não cheia de adolescentes potencialmente perigosos. Olho para os edifícios brancos por um momento, mas nada me parece familiar.

Durante todo esse tempo as colinas rochosas estão me chamando. Quero subir, chegar ao céu e tocar o Sol. Sigo uma trilha que leva para fora da cidade, pegando qualquer saída para cima e para fora. Paro diante de uma placa que aponta o caminho para o Círculo de Pedra de Castlerigg. Quase fico sem ar ao ler as palavras: é o círculo de pedra do meu sonho, aquele com meu pai? Nele, eu contava as pedras: as Crianças das Montanhas.

Estou andando mais rápido, mas não é rápido o suficiente, então, começo a correr. A corrida é de subida em terreno irregular e o ar frio gela minha garganta, mas é bom estar correndo. Eu disse àquele representante dos Parques Nacionais que era uma corredora, mas o quanto tenho feito isso ultimamente? Eu quase nem caminho mais. Isso me lembra tanto de Ben que dói. Mas agora minha mente está em Castlerigg. Preciso chegar lá assim que meus pés conseguirem me levar.

Eu desacelero para uma caminhada quando finalmente avisto um portão. É o portão, tenho certeza disso. Fecho bem o casaco; apesar de ter corrido e apesar do sol, a temperatura parece ter caído, e sinto uma pontada de expectativa. Neve? Nuvens distantes se aproximam.

Eu me inclino contra o portão e finalmente vejo. Uma grande área com o círculo de pedra em seu centro; as montanhas, montando guarda, formam um anfiteatro ao redor. Abro o portão e entro; em seguida, fico ali, olhando, algo se agita e se modifica dentro de mim. Não foi apenas um sonho, tenho certeza disso. Eu me lembro, e a alegria por ter uma lembrança me faz rir em voz alta. Eu estive aqui, muitas vezes antes, em vários climas: piqueniques em dias ensolarados de verão, caminhadas sob as pancadas de chuvas de outono e a magia coberta de neve, em busca de pontos brilhantes de flores silvestres da primavera. Aquele era o nosso lugar, meu e do meu pai. O nosso lugar especial, que visitamos inúmeras vezes.

Caminho até as pedras, mas não começo a contá-las ainda. Tenho que começar no lugar certo, onde algumas das pedras chegam ao círculo. Começamos ali para não perder o rumo.

De perto, algumas das pedras são enormes, mas não tanto como na minha memória, quando elas eram gigantes; agora, algumas são até mais baixas do que eu. Chego à primeira, pressiono minhas mãos contra ela, então me inclino sobre a pedra fria, as mãos estendidas, o rosto virado, para que minha bochecha também toque nela. Fecho os olhos. Número um.

Tudo o que tenho sido e tudo o que tenho passado nesses últimos anos parece ir embora, deixando apenas Lucy. Uma garotinha com seu pai. Abro os olhos novamente. Será este lugar, estas pedras antigas? Será que milhares de anos de idade fazem alguma coisa ao tempo, fazem sete anos parecerem sem importância? Sinto-me recuar para como eu era naquela época, e começo a correr entre as pedras, marcando e contando cada uma com a mão.

Está ficando cada vez mais escuro e frio, e de repente a névoa encobre as pedras. O sol desaparece. O clima de Lake District: ele muda num piscar de olhos. As palavras vêm espontaneamente à minha cabeça. Quem dizia isso? De olhos fechados mais uma vez, me recosto contra uma outra pedra e sinto como se estivesse afundando; o tempo esfria ainda mais, mas não me importo. Busco no passado por mais alguma coisa, mas não sei o quê.

Um senso de inquietação toma conta de mim. Este não foi sempre um lugar bom. Afasto esse pensamento, querendo permanecer como Lucy, mas ela está indo embora.

Há quanto tempo estou aqui? Estou tremendo de frio e a luz começa a desaparecer. Eu deveria voltar, pegar o ônibus com Madison quando a cafeteria fechar às cinco. Verifico o relógio, são quase quatro. Eu deveria ter tempo de sobra para chegar lá, mas estou desorientada. Em que pedra eu estava, e para que lado é o portão? Eu não sei. Espio entre a névoa, mas ela guarda seus segredos, não consigo ver além de alguns metros de campo congelado. Um arrepio desce

pela minha coluna. E se eu tivesse seguido o meu primeiro impulso e continuasse subindo, subindo e subindo? Estremeço só de pensar em estar no topo de uma colina e incapaz de ver o caminho.

Que ótima guarda florestal eu daria.

Atravesso o campo congelado na direção que aposto ser a certa, torcendo para que a névoa se dissipe. Caminho mais do que esperava e esbarro em uma cerca, mas nada de portão. Não faz mal, sigo a cerca. Eu começo, mantendo a cerca perto e à vista, mas depois de andar por muito tempo sei que fui para o lado errado. Devo voltar? Não. Continuo indo, é a única maneira de ter certeza de que não acabarei indo e voltando. Chego a um portão, mas parece diferente daquele por onde entrei.

Estou do lado oposto, o do estacionamento. Agora, o portão que procuro está distante de novo, na outra extremidade.

Finalmente eu o alcanço, atravesso e sigo a trilha para baixo. As luzes da cidade começam a penetrar a neblina, que se dispersa conforme alcanço as primeiras casas; então eu corro a toda a velocidade pelas ruas, de volta ao centro.

Quando viro a última esquina, o ônibus está se afastando. Eu aceno e ele para. Entro, respirando com dificuldade. Aturdida, tenho um momento de pânico quando não consigo encontrar minha identidade, mas está no outro bolso. Eu a passo pelo scanner e caminho pelo corredor. Uma mão acena: é Madison. Ela se afasta para que eu possa sentar ao seu lado no banco do corredor.

— Riley? Pensei que o seminário tivesse terminado horas atrás! Como foi?

Minha manhã parece estar a séculos de distância.

— Bem, eu acho. Estou pensando em Parques. Talvez Educação.

Ela me olha com curiosidade.

— O que aconteceu com você esta tarde? Dou de ombros.

— Nada de mais. Saí para uma caminhada.

— Você terá que reportar isso quando voltarmos.

— Por quê?

Ela encolhe os ombros.

— Não se preocupe, vai ficar tudo bem. Você deveria ter escrito isso naquele livro idiota quando saímos; Stella provavelmente fez alguma marcação porque não sabia onde você estaria a cada segundo do dia.

— Sério?

— Não se preocupe. Você não sabia, não é? Porque eu não li as regras.

Stella está diante de sua mesa, na área de recepção, os braços cruzados, rígidos pela tensão. Sua cabeça se volta quando entramos, e seus olhos se fixam em mim. Algo muda, seu rosto se descontrai quando ela me vê, e eu tento dizer que sinto muito sem dizer nada. Ela sorri, mas em seguida olha para Madison ao

meu lado, e seu sorriso desaparece.

— Oi, senhora Connor — Madison cumprimenta. Seu braço enganchado no meu começa a me puxar para o outro lado da sala.

— Não tão rápido — diz Stella. — Riley? Eu gostaria de uma palavra. Por aqui.

Ela se vira e caminha em direção a outra porta, às suas costas.

— Ô, ô — diz Madison. — Uma conversa em seu escritório particular. Boa sorte.

Acompanho Stella e atravesso a porta, que balança e se fecha atrás de mim.

— Sinto muito sobre o livro, eu não sabia que... — começo a dizer, mas Stella vem até mim e me puxa em um abraço desajeitado, e apertado. Ela é só ossos, magra e desesperada.

Ela me solta.

— Eu estava tão preocupada. Não faça isso comigo de novo!

— Ela se senta à mesa, o rosto tenso novamente.

— Por que você obriga todas a dar satisfação de seus dias desse jeito? Se não fizesse isso, não iria se preocupar quando alguém se esquecesse de escrever algo no livro. Você deve confiar em nós. Não podemos ter permissão para sair durante o dia? Todas temos mais de dezoito anos. Ou deveríamos ter — acrescento, já que não tenho, mas estou certa de que as outras sim. Ela balança a cabeça.

— Eu sou responsável por todas as garotas da casa, e levo isso muito a sério.

— Ah. Você precisa fazer isso, por esta ser uma casa supervisionada para menores de vinte e um anos?

Ela hesita.

— Não precisa, não é? É você mesma que as obriga a fazer isso; nos obriga a fazer isso.

Ela balança a cabeça.

— Você é a única que quebrou as regras aqui; não discuta — ela fala mais suave a seguir. — Eu não posso ter regras diferentes para você.

— Claro que não.

Ela respira fundo e balança a cabeça.

— Eu estava com tanto medo de que algo tivesse acontecido, de que tivessem descoberto que você não é Riley Kain e levado você para longe de mim novamente.

Agora estou arrependida.

— Eu sinto muito, de verdade. Não li todas as regras ainda — admito. — Não sabia que precisava escrever o que faria durante a tarde.

Ela abre uma gaveta e me passa outra cópia das regras.

— Então, você deve sentar e ler as regras antes do jantar, antes que viole

mais uma por acidente.

E não é tão ruim. Sento-me em uma poltrona no canto do escritório, está um pouco frio, mas em pouco tempo Pipoca me encontra e se enrosca em meu colo, me aquecendo, como uma bolsa de água quente. Stella me traz uma xícara de chá e eu começo do início. Já conheço a regra número um: ser gentil com Pipoca. Coco atrás de suas orelhas e ela ronrona. O resto delas são em sua maioria simples, coisas lógicas, como não pisar nos tapetes com as botas da rua e manter as portas fechadas à noite.

Quando chego à metade, faço uma pausa e levanto os olhos. Será este o mesmo escritório do meu sonho? Há longas cortinas que cobrem as janelas e também se curvam pela sala, cobrindo parte da parede adjacente. Tiro Pipoca dos meus joelhos, vou até as cortinas e as puxo para um lado. Há uma porta! Exatamente como no meu sonho. Incapaz de me controlar, estico a mão para abrir a porta, mas ouço vozes fora do escritório.

Corro de volta para a cadeira e pego as regras novamente, segundos antes de Stella voltar. Ela pega algo de sua mesa e torna a sair.

É melhor eu terminar de ler isto antes do jantar. Concentre-se. Há algumas regras sobre o toque de recolher, verificações surpresa dos quartos, e informar onde estamos e o que estamos fazendo.

— Ela é um pouco maníaca por controle, não é? — digo a Pipoca, em voz baixa.

Uma sensação desconfortável me toma por dentro. Será que ela sempre foi assim ou ficou assim depois que me tiraram dela?

Naquela noite, logo após as luzes se apagarem (o que agora sei que acontece às onze da noite), ouço uma leve batida na porta e ela se abre. Stella espreita.

— Está acordada?

— Estou — respondo, mas ela parece insegura. — Pode entrar.

Ela caminha pelo quarto e coloca uma cadeira ao lado da cama, como fez na noite passada.

— Mas você sabe que é hora de apagar as luzes — provoco.

— E eu deveria estar dormindo.

— Não seja atrevida. Eu sei que você precisa acordar cedo amanhã, por isso não ficarei muito tempo.

— Está tudo bem. Eu não sou de dormir muito — agora, por exemplo, minha mente está tomada por montanhas e caminhadas na colina rochosa.

— Você nunca foi. Me fazia ficar acordada metade da noite até os quatro anos. E depois até mais tarde, com pesadelos.

— Que tipo de pesadelos?

— De todo tipo. Monstros embaixo da cama. Algo acontecendo com... — e

ela para. — Coisa normal de criança, eu acho.

Então eu sempre fui assim: com sonhos e pesadelos vividos? Pensei que fossem apenas as lembranças fragmentadas que assombravam meu sono.

— Podemos ver mais fotos? — pergunto.

— Hoje não. Eu quero falar com você sobre algo. Como foi o PEC hoje?

Encolho os ombros.

— Tranquilo.

— Está ciente de que, se você se inscrever amanhã, serão cinco anos de comprometimento, e de que você pode nem conseguir o que quer?

— Eles explicaram; eu sei. Mas...

— Eu tenho outra idéia. Por que, em vez disso, você não trabalha aqui?

— Como assim?

— Aqui, na casa. Eu normalmente tenho duas meninas trabalhando para mim, mas uma delas fez vinte e um anos há alguns meses e foi embora.

— Fazendo o quê?

— Você sabe, cuidar da casa. Do jardim, no verão. Ajudar com a comida — ela vê a minha expressão. — Eu sei que não parece muito emocionante. Mas poderíamos passar mais tempo juntas, nos conhecer uma à outra novamente. E seria mais seguro. Haveria menos chance de alguém descobrir que você não é quem você diz que é.

— Eu não sei. Estou interessada no estágio em Parques Nacionais.

— Isso pode ser difícil de conseguir.

— Eu gostava de fazer caminhadas?

— E de correr. Você não parava nem por um minuto.

— Não, eu quero dizer nas montanhas, nas colinas rochosas. Em lugares altos.

Ela hesita.

— Eu acho que você nasceu parte cabra-montesa. Você adorava isso.

Noto a expressão em seu rosto.

— Mas você não gostava. Ela suspira.

— Não. Eu não tenho a cabeça nas alturas. E eu tinha medo de que você escorregasse e se machucasse.

— Se você não gosta de altura, com quem eu fazia caminhadas? Com o meu pai?

Ela balança a cabeça, finalmente admitindo que ele existiu.

— Essa era outra razão para eu não gostar.

— O que quer dizer? — ela hesita novamente e eu perco a paciência. — Eu tenho a sensação de que você e ele não se davam bem. Mas ele faz parte do meu passado, de onde eu venho. Preciso saber mais sobre ele também.

Ela me olha por alguns momentos e finalmente concorda.

— É claro. Sinto muito. Sim, seu pai levava você para caminhar na montanha — ela faz uma pausa e eu fico em silêncio, olhando para ela, dizendo me fale um pouco mais com os meus olhos, e posso notar que algo se desarma nos dela. Ela segura a minha mão. — Tudo bem. Seu pai... o que posso dizer? Ele sempre foi um sonhador, sua mente estava sempre em outro lugar. Ele tinha um talento para levar você para o mundo do faz de conta, onde tudo era possível. Foi isso o que me atraiu nele, mas não foi o suficiente. Não depois que você nasceu. Danny não era a pessoa mais confiável do mundo; ia da raiva à alegria rapidamente, e se distraía fácil. Eu estava sempre com medo de ele esquecer que você o estava acompanhando e perdê-la no meio do caminho.

— Mas ele não me perdeu, então você estava errada.

Ela parece tensa. Há uma nuvem em seus olhos, e eu gostaria de poder retirar o que disse. Ela solta a minha mão.

— Já conversamos bastante por hoje.

Ela se levanta e caminha até a porta. Se vira e seu rosto está suave novamente.

— Por favor, pense sobre o PEC. Você realmente quer jogar sua vida fora por cinco anos? Você pode acabar fazendo qualquer coisa e não o que acha que quer. Não seria melhor trabalhar aqui do que acabar em Saneamento? E você pode sempre deixar isso para depois e se inscrever para a próxima admissão daqui a seis meses, se ainda quiser.

— Está bem. Vou pensar sobre isso.

— Boa noite, Lucy. Quero dizer, Riley.

Como estou caindo de sono, eu realmente penso nisso. Sobre passar vinte e quatro horas do meu dia nesta casa e só conseguir escapar se inventar um bom motivo para escrever na coluna de um livro. E ter de voltar antes de ser descoberta.

E então eu penso sobre as montanhas: andando em lugares altos, subindo em direção ao céu. Com o meu pai: Danny sonhador. Agora eu sei o nome dele e o guardo bem guardado.

Os sonhos dessa noite são confusos. E gloriosos.

CAPÍTULO 11

O próximo sermão chega na manhã seguinte, no ônibus; e vem de uma fonte surpreendente: Madison.

— Tem certeza de que realmente quer se inscrever no PEC? Olho para ela, surpresa.

— São cinco anos, e eles pagam praticamente nada por todo esse tempo. E você poderia acabar em um lugar horrível. Pode até — o rosto dela se enche de horror — acabar trabalhando com o Finley.

Ele se vira para nós, do banco da frente, e pisca.

— Tomara que ela tenha essa sorte — ele diz.

— O que você acha? Sobre eu me inscrever? — pergunto a ele.

— Foi a melhor coisa que já fiz — ele responde, sério. — Eu adoro.

— Mas... — interrompe Madison.

— Sem, mas. Mas, se você está contando com ser escolhida para os Parques, não conte com isso. Tenha um plano B.

Não muito mais tarde, estou encarando o contrato na sala de seminário onde estivemos na manhã do dia anterior.

A última vez que assinei um contrato eu tinha acabado de ser Reiniciada e estava deixando o hospital. Parece ter sido há tanto tempo. Na época, eu não tive escolha. O que teria me acontecido se eu tivesse recusado assinar? Aquele contrato era sobre prometer seguir as regras, da minha nova família, do colégio e da comunidade. Sobre dar o melhor de mim para me encaixar e não me meter em encrenca. Fui sincera quando o assinei, mas não durou muito, não foi? Se os Lordeiros me encontrassem agora, eles me prenderiam, sob a acusação de ter quebrado meu contrato. Algo primordial na lista do que os Reiniciados não devem fazer é buscar por sua vida anterior. Ter usado o TAI para mudar minha aparência, criado um nome e identidade falsos também aumenta meus pecados.

Mas esse contrato, hoje, só depende de mim. Sou eu quem decide. Mordisco minha caneta e tento me concentrar para lê--lo corretamente.

Cadeiras se movem ao meu redor. Ninguém pergunta nada, todos simplesmente assinam sem ler e devolvem os papéis. Logo notarão minha hesitação.

O que isso significa? Cinco anos de estágio. Ser treinada em uma carreira, seja ela qual for: minha escolha ou a deles.

Uma vida, por escolha própria. Como Reiniciada eu não poderia fazer isso

até ter vinte e um anos.

Se eu não tivesse sido raptada pelo TAG há sete anos, não tivesse me tornado uma terrorista, não tivesse sido Reiniciada, o que seria da minha vida agora? Será que eu ainda estaria aqui, neste momento exato, tentando fazer esta escolha? Lucy talvez estivesse feliz, animada. Teria assinado o contrato e saído com os amigos no fim de semana para comemorar. Talvez ela tivesse certeza de que conseguiria sua primeira opção, aqui em sua cidade natal, onde todo mundo a conhece.

Será que Stella ainda estaria lá no fundo da mente de Lucy, argumentando contra isso, querendo mantê-la segura e em casa?

Eu assino: Riley Kain.

A próxima etapa no formulário é selecionar minhas melhores opções. Coloco Parques Nacionais em primeiro lugar; hesito e, em seguida, coloco Educação em segundo. Olho para os outros, e então estou ciente de ser uma dos últimos ainda às voltas com a papelada, rabisco as outras opções de forma aleatória, com Saneamento e Segurança por último, e entrego o formulário.

Seguem-se horas de testes de aptidão: interpretação, matemática, estranhos problemas de lógica e sequências. Quando finalmente chega a hora de ir, somos instruídos a nos apresentar na segunda de manhã, às oito horas, quando descobriremos quais dos quatro testes de uma semana faremos, começando o primeiro naquele mesmo dia.

Lá fora, o sol de ontem é uma memória distante: o céu está cinza, as montanhas cobertas de nuvens. Fica mais fácil pegar o ônibus e ir direto para casa. Hora de enfrentar Stella e dizer a ela que assinei na linha pontilhada.

Quando chego lá, a porta lateral que normalmente usamos está trancada. Sorte eu ter lido as regras ontem à noite e assim saber o código da porta. Digito os números e entro. A casa está em silêncio.

Eu abro o livro para assinar e vejo "Stella Connor" escrito na coluna de fora, com um "compras" na descrição e hora de retorno estimada para as quatro da tarde. Ela também segue as regras? Outro nome, Steph, também está assinalado para compras. Será a garota que trabalha para ela? Eu examino a página de hoje; parece que ninguém está em casa, e ninguém está previsto para voltar por pelo menos algumas horas.

É minha chance de explorar.

Sou tomada por um sentimento peculiar de excitação. No começo fico zanzando, calma, quase como se eu estivesse esperando alguém surgir de repente e exigir saber o que estou fazendo.

Começo pelas salas comunitárias, corredores e escadas. Saio vagando, buscando, mas não encontro nada, qualquer coisa que me pareça familiar. De

repente, Pipoca salta de uma mesa quando entro em uma sala e eu quase dou um grito.

A casa é enorme. Pipoca me segue enquanto ando pela imensa e brilhante cozinha, pelas áreas de serviço e despensas. Nada é familiar, nada me toca. No entanto, a cozinha parece nova. Quem sabe ela a tenha modificado desde que estive aqui? A seguir, tento a porta do escritório de Stella, onde estive no dia anterior. Está trancada.

Stella tinha dito que o quarto da torre não era o meu quarto. Qual seria ele, então? Tento voltar no tempo, parar de pensar, apenas seguir os meus pés, mas nada funciona. Eu tive sonhos com o meu quarto daqui antes, mas, se fecho os olhos e tento vê-lo, tudo é incerto. Há apenas um senso de proporção, alguns armários pintados de branco, uma cama cheia de babados. Talvez existam fotos dele nos álbuns.

De volta ao meu quarto, de porta fechada, tiro o grampo do cabelo e remexo a fechadura para abrir o guarda-roupa. Levo os álbuns para minha cama e os coloco em ordem, do um ao onze.

Abro um álbum, depois outro. Analiso cada um, à procura de fotos tiradas no meu quarto, mas logo me distraio quando percebo que, fora o primeiro álbum, em que sou um bebê, cada um começa com um aniversário. Desde o meu primeiro aniversário com o rosto sujo de bolo, quando era uma garotinha, e depois mais crescida. Aniversários parecem coisa séria. Cada ano, houve um incrível bolo temático decorado: em um ano, fadas; no outro, pôneis, e depois duendes.

Mamãe os fez para mim.

Sinto um arrepio na coluna. Mamãe? Stella. Há várias fotos dela sorridente, seus braços à minha volta, meus braços em volta dela. Eu era bem pequena quando seu cabelo escuro se tornou loiro claro como o meu. Conforme cresci e meu cabelo escureceu um pouco, estranhamente o dela também escureceu. Era quase como se ela estivesse tentando fazer com que combinássemos.

Mais uma vez não há sinal de papai. Há espaços vazios nos álbuns como se algumas fotos tivessem sido retiradas, mas são poucos e bem espaçados, não deve ter havido muitas fotos dele.

Ele tirou a maioria das fotos.

Uma imagem dele por trás da câmera salta em minha mente, e então desaparece. Preciso perguntar a Stella o que houve com as fotos que ela retirou dos álbuns. Será que ela as guardou em algum lugar ou as destruiu?

Alguma coisa me faz colocar os álbuns de lado e pegar o último, o de número onze.

Primeira página: Lucy sorrindo. Eu. Sinto arrepios em meus braços e

espinha. Estou usando o vestido rosa. O mesmo do armário, o mesmo do meu sonho. Pipoca salta e se aproxima, espiando conforme viro as páginas.

— Olha, é você — sussurro, não sei bem por quê. Há fotos e mais fotos de Pipoca quando filhote. Perseguindo cordinhas, sentada nos meus joelhos, dormindo nos meus braços. Meu presente de aniversário de dez anos. A seguir estão fotos minhas com um bolo de sorvete cor-de-rosa. O tema era princesa naquele ano. Dez velas, então eu estava certa.

Algumas páginas depois, algo se modifica.

Ainda estou sorrindo, mas alguma coisa está errada. Há algo no meu rosto, estou retendo alguma coisa. Eu quase posso sentir aquele momento, mas então ele se perde.

O quê?

Viro outra página e há uma foto minha num dia de sol, com os picos da montanha Catbells atrás. Pipoca está em meus braços e meu sorriso com dentes separados é de verdade dessa vez.

Viro a página: nada. Busco em outras páginas do final, mas o resto do álbum está vazio. Algo me deixa arrepiada.

Eu o fecho. Meu coração bate forte por trás das costelas. Aquela última foto minha é a que estava no DEA. A última que Stella tirou antes que eu desaparecesse. A que ela deu ao site na esperança de que eu fosse encontrada e que voltasse para ela algum dia.

Não sei por quanto tempo fico ali, olhando para a parede, pensando. Não sei por que tenho me mantido distante de Stella. Seriam a necessidade e a ansiedade em seus olhos que me afastam dela? O que éramos uma para a outra no passado está nessas páginas. Para ela, nosso relacionamento é real e imediato; para mim, é apenas um eco fraco, como uma música que ouvi uma vez, mas não consigo me lembrar.

E agora me inscrevi no PEC em vez de ficar aqui com ela.

Ouço um barulho estranho. Será um carro? Olho para o relógio. São quase quatro horas, elas devem estar voltando. Eu me apresso e coloco rapidamente os álbuns de volta no guarda-roupa, na ordem em que estavam, tranco o armário e desço as escadas.

Stella está na cozinha, esvaziando as sacolas de compra. Paro na entrada por um instante; ela sorri quando me vê.

— Posso ajudar? — pergunto.

— Claro — organizamos algumas coisas em duas geladeiras grandes e ela me mostra em quais armários guardar cada coisa.

— Agora, vamos a uma xícara de chá e bate-papo — ela diz, e coloca a chaleira para esquentar. — Steph ficou na cidade, então seremos só nós duas por

um tempo. — Ela serve o chá e nos sentamos nos banquinhos do balcão.

— Preciso lhe contar uma coisa — começo a dizer, e hesito.

— O que foi, Riley?

— Sinto muito, mas me inscrevi no PEC.

Eu me preparo para a reação dela, mas ela me olha calmamente e toma um gole do chá.

— Imaginei que fosse fazer isso. Embora saiba que não sou muito fã de Parques Nacionais. Eles fazem algumas coisas perigosas. E seria um desastre se colocarem você em Segurança, com esse aumento nas verificações de segurança. Mas vamos esperar e ver o que o estágio lhe oferece. Não há sentido em se preocupar com isso agora, não é?

Olho para ela, surpresa e em choque. Essa, definitivamente, não era a reação que eu esperava.

— Obrigada, mamãe — sussurro.

E o rosto dela fica engraçado. Ela estica o braço, mas, em vez de me esmagar num abraço como o de ontem, ela toca em meu queixo. Pisca diversas vezes e se levanta, vai até o balcão atrás de nós e pega uma caixa.

— Tenho uma coisa para você — ela a abre e segura algo pequeno e retangular.

— O que é isso?

— Veja, é uma câmera. Essas modernas são tão engenhosas — ela aperta um botão pequeno que se abre de supetão para mostrar as lentes e alguns controles. A máquina é pequena, pouco mais de alguns dedos de largura. Ela me mostra como funciona. — Pensei que, se você precisar sair todos os dias, poderá tirar fotos para me mostrar o que fez. E podemos começar outro álbum juntas. Que tal?

— Obrigada — agradeço, e tiro fotos de Pipoca sentada aos nossos pés, de Stella, e algumas da cozinha. Depois paro próxima a ela e estico o braço para tirar uma de nós duas juntas. Ela me mostra como ver as fotos, apertando um botão e projetando-as em uma superfície, e alguns cliques depois estamos lado a lado, sorrindo, estampadas na parede da cozinha.

— Ah, tenho outra coisa para você — ela pega algo no bolso. — Fiz uma cópia extra da chave do guarda-roupa com os álbuns de fotos, assim você pode vê-las quando quiser. Mas o mantenha fechado e guarde a chave. Não quero que ninguém mais mexa lá, está bem?

Ela me entrega uma chave, eu passo os dedos nela e a coloco no bolso. E me sinto culpada por já ter mexido lá sem ela saber. Lembro que ia perguntar a ela sobre as fotos desaparecidas do meu pai, mas não consigo. Hoje não. Não enquanto estamos nos dando tão bem.

— Agora chega, tenho coisas a fazer — diz Stella. — Hoje é o aniversário da Ellie. Você quer me ajudar a decorar o bolo?

O bolo de aniversário da Ellie não é tão elaborado quanto os da minha infância: um bolo de chocolate de três camadas e cobertura de chocolate, flores de açúcar subindo entrelaçadas pelos lados e vinte velas. É delicioso e todas estão de bom humor; nem Madison faz comentários de duplo sentido. Ela anuncia que a razão para seu bom humor é que esse é o seu único fim de semana de folga do mês e que eu sairei com ela para uma caminhada amanhã no Catbells com Finley.

Mesmo após ouvir isso, Stella está mais relaxada do que nunca, sorrindo da ponta da mesa, olhando para cada uma das garotas. E eu percebo que, para ela, todas são suas filhas: substitutas da que perdeu? Algumas estão aqui há anos.

Mais tarde, descubro que Ellie é louca por jardinagem e está encantada que as flores do bolo são cópias das que ela plantou no jardim no último verão. Sinto uma pontinha de ciúme.

CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, quando eu e Madison botamos os pés para fora, para pegar o ônibus até Keswick, finalmente acontece. Está nevando.

Eu danço pelo caminho, com os braços para o céu.

— Você é doida — ela diz.

— Eu amo a neve. Não sei por quê. Ela dá de ombros.

— Eu basicamente a tolero. Mas seria ótimo se nevasse hoje, se nevasse realmente forte, e eles cancelassem essa caminhada idiota.

— Eu pensei que você quisesse ir. Ela não responde, e eu olho para ela.

— Ah, entendi. Não tão interessada em caminhar, mais interessada no Finley.

Ela faz uma careta e então ri.

— Talvez.

— O que há entre vocês dois? Ela levanta os ombros.

— É difícil explicar. É o Finley — como se isso explicasse tudo.

— E...?

— Ele não é conhecido por manter namoros por mais de cinco minutos. Finley é paquerador.

Chegamos à estrada e esperamos pelo ônibus.

— Você está errada — digo. — Pode ser que ele fosse assim antes, mas ele realmente gosta de você. Dá para ver nos olhos dele quando ele a olha.

O rosa das bochechas dela fica mais intenso, mas ela não responde e levanta um braço para fazer sinal para um ônibus que se aproxima.

Quando chegamos à cidade, seguimos para o Centro de Informações. Há um pequeno grupo de pessoas vestidas como nós, com agasalhos de caminhar. Finley está lá, e um homem conhecido como John escreve numa prancheta o nome de cada um que chega.

Finley acena ao nos ver. Ele coloca nossos nomes na lista de John e se aproxima.

— Ora, ora, vejam quem está aqui. Baixinha e super baixinha. É melhor que vocês fiquem grudadas em mim.

— E por quê? — Madison pergunta.

— Se continuar nevando, vocês podem desaparecer na ne—

vasca. Nós não queremos perdê-las lá em cima.

Está nevando forte. Há uma pequena discussão sobre isso e a previsão do tempo. Eles decidem esperar e consultar o verificador de penhascos, que deve

chegar a qualquer momento.

— O que é um verificador de penhascos? — pergunto ao Finley. Ele se vira para mim e levanta uma sobrancelha. — Esse é o tipo de coisa que você deve saber se quer trabalhar em Parques. Ele é exatamente o que o nome diz.

— Deixa ver se eu adivinho: ele verifica os penhascos? — pergunta Madison.

— É isso aí, Einstein. Len sobe a cordilheira de Helvellyn todos os dias e verifica as condições do penhasco Striding Edge. Ele tira algumas fotos lá de cima e eles postam seu relatório para os montanhistas poderem decidir se querem subir — ele explica, apontando para um armário na parte da frente do Centro de Informações. Vou até lá olhar. Dentro está o relatório de ontem sobre as condições e o tempo de Helvellyn. Com gelo: apenas para os montanhistas com experiência em equipamento de sobrevivência de inverno. É obrigatório usar crampons nas solas. E uma foto: um caminho de gelo fino na beirada de um penhasco, com queda acentuada de ambos os lados.

— Não é para medrosos — diz Finley.

— Não é para mim! — exclama Madison.

— Exatamente — diz Finley, e ela lhe dá um soco no braço. Mas estou ignorando os dois, olhando fixamente para a imagem no armário. Eu estive sobre aquele penhasco, muitas vezes. Tenho certeza disso! Com Danny, o Sonhador.

— A julgar por esse sorriso, você não é medrosa — diz uma outra voz, e eu me viro. É John. Ele deve ter se aproximado e ouvido sem que eu percebesse.

— Não. Podemos subir hoje, então?

John ri.

— De jeito nenhum. Há muitos iniciantes aqui.

— Não entendo — diz Madison. — Por que enviam um cara lá em cima todos os dias para verificar as coisas? Por que simplesmente não instalam uma câmera e alguns sensores climáticos?

Finley balança a cabeça. Eu me adianto antes que outra pessoa responda.

— É uma questão de conservação. Os Parques Nacionais não podem colocar equipamentos lá em cima, é contra sua filosofia — John concorda.

Len, o verificador de penhascos, chega. Ele é mais velho do que imaginei, de cabelos longos e grisalhos presos para trás, uma barba cinza selvagem e um brilho de loucura em seus olhos. Ele conversa com John e decidem que ficaremos em Catbells. Enquanto Len se afasta a passos largos, olho ansiosa, os pés cocando para ir atrás dele e perguntar se posso ir até Helvellyn com ele em vez de ficar com os outros.

— Você vem? — Finley me chama, e vejo que nosso grupo está se adiantando. John lidera o caminho, com Finley atrás, como marcador, levando os

que ficam atrás.

Caminhamos por Keswick até o rio, depois descemos o rio a pé pelos campos, atravessando florestas e subindo para a entrada de Catbells. Em pouco tempo, há mais neve no chão e começamos a subir uma colina íngreme. Madison está ofegante, diminuindo o ritmo, e Finley ri e a empurra pelas costas. Em seguida, segura sua mão. A maneira como eles são um com o outro me toca por dentro, revelando uma dor que sempre esteve lá.

Imagine se Ben estivesse aqui. Segurando minha mão, enquanto subimos a montanha. Imagine se estivéssemos sozinhos em vez de estar neste grupo errante de montanhistas.

Eu acelero e deixo Finley e Madison para trás. Para lhes dar algum tempo sozinhos, digo a mim mesma, ou é apenas porque não consigo mais olhar para eles? Forço minhas pernas e músculos e ultrapasso os outros um a um, que diminuem o passo quando o caminho se torna íngreme. Em pouco tempo alcanço John na parte da frente.

— Devagar — diz ele, alegremente. — Eu não posso deixar você sumir na nossa frente, e não posso acelerar e deixar os outros para trás.

— Que tal se eu for primeiro, mas ficar à vista? — pergunto, ansiosa para ver o caminho aberto em minha frente.

— Está bem. Mas não se afaste muito — ele diz. — De vez em quando espere para alcançarmos você.

Saio na frente. A neve diminuiu como disse a previsão do tempo, e o céu está clareando. A vista se estende diante de nós.

O caminho livre aos meus pés me faz continuar. A cada passo que dou, sinto que estou ficando mais perto de algo, sem saber o quê. Eu me forço a esperar de vez em quando para que os outros me alcancem, como prometido, então disparo de novo. A neblina gradualmente se eleva, e um por um os picos que nos cercam se revelam. Algo dentro de mim se modifica pouco a pouco. Este é o lugar ao qual pertenço.

Alcanço algumas pedras. O vento varreu a neve para longe deste lugar agora exposto, deixando o brilho do gelo para trás. É necessária uma leve corrida para cima. Stella está certa, sou parte cabra-montesa. Escalo as rochas com facilidade e aguardo pelos outros no topo quando vejo John acenar. A maioria sobe sem muita dificuldade, mas Madison parece alarmada e não parece estar querendo chamar a atenção de Finley. Eu desço novamente para deixá-la, antes que ele perceba.

Na primeira colina há outra escalada, e a seguir estou sozinha no topo do mundo. O lago se estende na parte de baixo, com Keswick mais à frente. No entanto, campos mais elevados e subidas mais íngremes chamam por mim, e

prometo a mim mesma: só mais um dia.

Aqui de cima você pode acreditar em qualquer coisa. As palavras se formam dentro de mim: Danny, o Sonhador. E eu as repito em voz alta.

Noto passos vindo de trás. John está ao meu lado. Será que ele ouviu?

— Verdade. Estas montanhas e lagos estão aqui há muito tempo, mais tempo do que as pessoas. Eles estarão aqui quando formos todos embora.

Não falamos mais nada. O mundo lá em baixo, com seus Lordeiros e problemas, parece distante, sem conseqüências.

Os outros nos alcançam, e em pouco tempo precisamos iniciar a caminhada de volta, ainda à luz do dia. De volta à realidade.

Naquela noite, no jantar, Stella nos diz que uma inspetora virá para o almoço no dia seguinte. Um OCJ. Todos devem participar, sem desculpas, e se comportar perfeitamente. Ela não diz o nome, mas será que é a minha avó, a que Madison mencionou? Aquela cujas fotos estão escondidas dentro de uma caixa em um guarda-roupa trancado? Olhares são trocados e nada mais é dito, mas o ânimo geral baixa, como se ela tivesse acabado de jogar um balde de água fria sobre a sala.

Madison me segue até o meu quarto depois do jantar, mal--humorada.

Ela se joga na minha cama.

— Eu realmente não acredito nisso.

— No quê?

— Que aquela bruxa tinha que escolher este domingo, meu único domingo de folga em um mês inteiro, para vir para um almoço estúpido. E todos devem participar. Algumas de nós têm uma vida própria. Coisas para fazer.

— Como o quê?

Ela faz uma careta furiosa, mas seu rosto luta entre a raiva e o sorriso.

— Finley? Ela confirma.

— Sim. Ele finalmente me convidou para sair esta tarde, iríamos nos encontrar na cidade, sair para almoçar, ou qualquer outra coisa. Mas agora...

— Qualquer outra coisa? Que outra coisa?

— E isso importa? Tentei ligar, mas ninguém atende. Ele vai pensar que inventei uma desculpa para não sair com ele. Ele nunca vai acreditar que não somos autorizadas a perder esse almoço estúpido. É esta casa estúpida. Nenhuma das outras é assim.

— É a mãe da Stella que vem para o almoço? A comandante do Controle Juvenil de toda a Inglaterra de que você me falou?

Ela confirma.

— Ela aparece a cada poucos meses. Stella nunca se refere a ela como "mãe", mas é isso que ela é. Astrid Connor, a assassina sorridente.

— O que quer dizer?

— Ah, você vai descobrir em breve — ela suspira tragicamente. — Eu não posso acreditar que isso está acontecendo comigo.

— Eu avisei.

— O quê?

— Que Finley realmente gosta de você.

— Talvez — ela sorri, por pouco tempo. — Não que isso terá importância depois de amanhã.

— Ligue novamente amanhã, diga a ele que vai encontrá--lo mais tarde. Dará tudo certo.

— Claro. Aposto que ele só vai sair com outra garota.

— Eu duvido!

— O que a faz muito sábia em relação aos garotos, não é? Eu não respondo.

— Está bem, eu já lhe falei sobre mim; agora me diga. Existe alguém? Existe, não existe? Me conte!

Posso sentir uma sombra cruzar o meu rosto.

— Existiu.

— O que aconteceu? Você não conseguiu segurá-lo, então ele largou você e...

— Não — arremesso um travesseiro contra ela. — Não, mas ele realmente se importava, por isso ele não seria tão idiota. Assim como Finley realmente se importa.

— Então, por que vocês não estão juntos? Se o caminho do verdadeiro amor é perdoar tudo, onde está ele? Por que deixá--lo para trás? Por que ele não seguiu você para Keswick?

— Ele não podia, é só isso — respondo, me recusando a dizer mais. Madison acaba percebendo que fiquei chateada, se desculpa e sai.

Eu suspiro, desligo as luzes, vou para a cama e me cubro. Se Ben me ama de verdade... isso não deveria sobreviver a tudo? Ele não deveria se sentir do mesmo jeito, lá no fundo, ainda que os Lordeiros tenham apagado toda a memória que ele tinha de mim?

É um absurdo romântico pensar assim. Sou tomada por uma onda de tristeza, pouco a pouco, tão profunda que sinto como se um peso enorme estivesse me segurando imóvel, como se estivesse paralisada. Mais tarde ouço um leve toque em minha porta: Stella? Mas meus olhos continuam fechados quando ela se abre. Meu corpo está imóvel, respirando fundo, incapaz de estender a mão ou dizer qualquer coisa. Momentos depois a porta se fecha novamente e ouço os passos se afastando.

Somando-se à dor, uma sensação desconfortável de inquietação. Amanhã, conhecerei minha avó.

O que ela faria se soubesse que estou aqui? Ficaria feliz por rever a neta, há muito tempo perdida, ou será ela uma Lordeira por inteiro?

CAPÍTULO 13

— Noto que há alguns rostos novos hoje — ela sorri, e seus olhos brilham por trás dos óculos, que se parecem um pouco com os meus. — Eu sou Astrid Connor, e sua adorável governanta aqui é minha filha. Aposto que ela não lhes contou — ela olha para Stella e depois sorri novamente. — Filhas! — ela diz e balança a cabeça. Como na última foto dela que vi, seu cabelo é grisalho e escorrido. Usa roupas comuns, nada que diga Lordeiro na forma como ela se parece ou age, mas há algo estranho nela. Sinto arrepios na nuca. Todos os olhares são atraídos para a frente. Ela é daquelas pessoas para as quais você não quer virar as costas.

Stella limpa a garganta.

— Há três meninas novas desde sua última visita — ela rapidamente aponta para cada uma de nós e diz nossos nomes, enquanto Steph e outra garota, escolhidas para ajudar, estão servindo a comida e colocando-a sobre a mesa: carne assada com legumes. Quando Stella aponta para mim e diz Riley Kain, os olhos de Astrid pousam sobre mim. Algo transparece em seu rosto por um breve momento (curiosidade, que logo cairá em desinteresse?). Em seguida, ela é interrompida por Stella, que lhe passa a comida. Mas o olhar retorna, curioso.

Nem sinal da conversa habitual em torno da mesa. Todas comem em silêncio, até mesmo Madison, enquanto Astrid coordena o tribunal. Ela conversa com Stella sobre o funcionamento da casa; pergunta sobre os reparos das janelas. De vez em quando seus olhos caem sobre uma de nós, e ela nos enche de perguntas, sobre o trabalho ou Keswick, num bate-papo agradável. Não há nada formal, ela não caminha ao redor da mesa ou deixa transparecer qualquer coisa.

Então ela se vira e seus olhos param em Madison, que brinca com a comida, largada em sua cadeira, de olhos baixos.

— Madison, não é? — ela pergunta.

Madison levanta os olhos e confirma com a cabeça. Seus olhos estão visíveis agora, desafiantes. Algo se contorce em meu estômago.

O rosto de Astrid parece divertido.

— Não está com fome hoje, querida?

— Na verdade não. Posso ser dispensada?

A inspiração profunda de Stella é audível na sala silenciosa.

— Com uma condição. Diga-me exatamente o que você está pensando, em primeiro lugar.

A dúvida atravessa o rosto de Madison, e ela a afasta. Por favor, Madison, não seja idiota, eu imploro em silêncio.

— Tudo bem, então. É meu único fim de semana de folga deste mês, e eu tinha planos. Mas ela insistiu que todas estivéssemos aqui — Madison olha para Stella.

— Entendo. Sinto muito por ter atrapalhado seus planos — diz Astrid. — E quais eram eles? — Um tom de vermelho atravessa o rosto de Madison. — Um rapaz, eu suponho. Ora, ora, convenhamos, Stella — ela diz, olhando para sua filha agora.

— Elas não precisam estar todas aqui hoje, não se têm planos. Você sabe que eu só venho para ver como você está. Você sabe o que é ser mãe e se preocupar com a sua filha — há um tom de malícia nessas palavras.

Os lábios de Stella estão em uma linha fina.

— Acho que sei o que é melhor para as minhas garotas. Madison limpa a garganta.

— Eu lhe falei o que estava pensando, como me pediu; posso ir agora?

Astrid olha para a filha, uma sobrancelha levantada.

— Fique e termine seu almoço — diz Stella. Madison faz uma careta.

— Isso não é justo. Nenhuma das outras casas têm regras assim. Ela nos trata como prisioneiras!

Ela foi longe demais. Todas as garotas olham aterrorizadas para ela. Eu imploro com os olhos: Pare com isso; peça desculpas agora!

Astrid sorri.

— Acredito, querida Madison, que você seria capaz de notar a diferença entre isto e uma prisão, se algum dia você estiver em uma. Pode ir agora.

Madison olha de Astrid para Stella, como um coelho diante dos faróis de um carro. Stella concorda, aturdida.

— Vá — ela diz.

Madison coloca o guardanapo sobre a mesa e afasta a cadeira. Caminha rigidamente para a porta e se vai. Astrid ri.

— Como vocês são sérias! Ninguém tem uma história para contar? Talvez uma de suas garotas novas — os olhos dela caem sobre mim. — Kylie, não é isso?

— Riley — corrijo, tentando não mostrar reação por ela dizer meu nome tão parecido com Kyla.

— Quando você chegou a Keswick?

— No início desta semana. Vim para me inscrever no PEC.

— Você é de onde?

— Chelmsford. Mas adoro as montanhas, e quero trabalhar nos Parques

Nacionais — me apresso a explicar o que eles fazem, antes que ela sequer pergunte. Minha voz falha de novo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Finalmente, uma tagarela. E como foi que você...

— Ah, porcaria. Desculpe! — Stella a interrompe, dando um salto quando um jarro cai e espalha água sobre a mesa. Steph corre para buscar um pano; Astrid se levanta antes que a água escorra para o colo dela. — Desculpe, desculpe — diz Stella novamente.

— Pare com essa agitação — Astrid reclama. Ela e Stella deixam a sala de jantar.

A porta se fecha e, como se todas estivéssemos prendendo a respiração, a soltamos num suspiro coletivo.

— Ela é sempre assim? — pergunto a Ellie, que está sentada ao meu lado.

Ela confirma.

— Ela é horrível para Stella, não é? Dá para acreditar no que ela disse, de saber como é se preocupar com uma filha, quando a filha de Stella está desaparecida? Desagradável.

Então, todo o mundo começa a falar em voz baixa sobre Madison, sobre o que ela disse, por quanto tempo Stella vai prendê-la em casa por punição, mas eu não consigo tirar as palavras de Astrid da minha cabeça. Como Ellie disse, foi desagradável, mas não do jeito como Ellie pensou. Havia algo mais por trás de suas palavras que me deixou em dúvida e preocupada.

Fingindo dor de cabeça, eu deixo as outras e saio para um passeio, pensando em procurar Madison. Mas, quando começo a atravessar a área da recepção, meus pés param de se mover. O escritório de Stella, a porta escondida. Será que elas estarão na mesma sala que costumavam ficar?

Eu não deveria. Mas vai estar trancada de qualquer forma, não vai? Olho em volta, não há ninguém. Passo por trás da mesa em direção à porta do escritório e seguro a maçaneta. Ela se move e eu abro a porta. Tarde demais, me dou conta do meu erro; e se elas estiverem aqui? Mas a sala está vazia. Atrás de mim, ouço vozes e passos em minha direção. Entro no escritório e fecho a porta.

Estou presa.

E se elas vierem aqui agora?

Meus olhos correm pela sala, meus ouvidos ficam atentos para os passos. Tudo o que consigo ouvir são algumas vozes baixas atrás da porta. Nem de Stella nem de Astrid, mas de algumas das meninas. Elas não estão se movendo, ficam lá fora, provavelmente em poltronas perto da janela, e não irão a lugar nenhum tão cedo.

Meus pés seguem relutantes os poucos passos até as cortinas que cobrem a

porta; parecem congelados; cada movimento é um esforço. Eu deveria ter ido para o meu quarto, ou procurado por Madison, qualquer coisa menos aquilo.

Algo na parede me chama a atenção. Uma foto recente de Astrid, que estava escondida na caixa no meu quarto, está pendurada ali. Eu paro, olho em volta e percebo que há outras.

Então é assim. Quando Astrid vem visitar, Stella pendura os retratos novamente; quando Astrid vai embora, eles são escondidos em uma caixa. Balanço a cabeça. Que família estranha é essa à qual pertenço?

Talvez seja a hora de descobrir. Eu puxo a cortina e a atravesso. Empurro a porta e olho.

E é exatamente como no meu sonho: um corredor estreito. Eu costumava brincar de esconde-esconde aqui. Está empoei-rado. Coloco o dedo debaixo do nariz, tentando não espirrar. Será que não é mais usado?

Quando atravesso a porta e a fecho atrás de mim, estou mergulhada na escuridão. A lanterna: costumava haver uma lanterna escondida aqui, no canto. Tateio ao longo da parede até a parte de baixo, mas não encontro nada.

Caminho, lenta e silenciosa, com uma mão tocando a parede. O corredor passa por um quarto, em seguida faz uma curva de noventa graus. Há algumas lascas de luz vindas de painéis de ventilação perto do chão. E vozes.

Agacho perto de um painel, e ouço.

—... mas não faça isso, por favor, não. Estou implorando — é a voz de Stella.

— Fazer o quê?

— Você sabe.

Astrid solta um risinho.

— Você deveria ver o seu rosto. Meu, meu... tão feroz. É uma pena que você não consiga utilizar essa energia de uma forma melhor.

— Eu não vejo nenhum propósito melhor para a minha vida. Servir e proteger os jovens do nosso país não é parte do seu trabalho, como OCJ?

— É, sim, e eu levo isso muito a sério. As maçãs podres devem ser retiradas para evitar apodrecer o barril, como você bem sabe. Essas meninas aqui... elas não são suas filhas. Você sabe as conseqüências de um erro. Isso poderia ser um erro doloroso.

Silêncio. Posso sentir a tensão mesmo do outro lado da parede. A mãe de Stella está de olho nela? Estremeço.

— Eu disse que tinha notícias para você sobre Lucy e você não me perguntou ainda — diz Astrid, finalmente. — Você não quer saber?

— Claro que sim. Por favor, me conte.

— Stella, prepare-se para um choque.

— O quê?

— Você se lembra que eu lhe disse semanas atrás que Lucy foi morta por uma bomba terrorista? Eu encontrei algumas... irregularidades nos registros dos Lordeiros sobre esse assunto.

— O que você quer dizer?

— Parece que a morte dela foi falsificada.

Estou atordoada. Stella foi avisada de que eu teria morrido naquela explosão? Ela não disse nada, não me perguntou sobre isso. E agora não está dizendo nada que eu possa ouvir em resposta à notícia de que estou viva. Notícia que ela não teria como saber. E estou torcendo (rezando) para que ela seja uma boa atriz.

— Não entendo. Onde ela está, então? — Stella pergunta, finalmente.

Há uma pausa.

— Não faço idéia. Ela ainda está listada como oficialmente morta, mas, extraoficialmente, está desaparecida. Parece haver algum interesse em encontrá-la, vindo de uma série de... locais interessantes. Eu me pergunto o que essa menina está aprontando.

— Nada para se preocupar, eu tenho certeza! — Stella responde, rápido demais, e eu estou preocupada. É um jogo perigoso. De alguma forma, eu sei (ou por traços de memória, ou pela observação de hoje, ou ambos) que Astrid é capaz de ler no rosto das pessoas o que elas dizem ou não dizem. Stella não deveria estar chorando histérica com a notícia de que estou viva?

— Sério? Veremos — diz Astrid. — Mas não importa; você sabe que tenho mantido a minha parte no nosso acordo, e descobri tudo o que pude sobre o que aconteceu com ela. Eu vou protegê-la e trazê-la a salvo para casa e para você se eu puder. Querida menina, apesar de nossas diferenças, você sabe que eu só quero o melhor para você. Assim que eu descobrir alguma coisa sobre o paradeiro de Lucy, você ficará sabendo. Mas não me pergunte mais nada. Você irá se decepcionar.

Logo a conversa se volta para outras coisas, o telhado que precisa de conserto, a umidade na adega. Estou congelada de frio por estar abaixada naquele corredor sem aquecimento. Hora de fugir, enquanto as duas ainda estão ali.

Não posso voltar por onde vim, com certeza haverá olhos do lado de fora do escritório de Stella. Levanto com cuidado, relaxo os músculos e me movo lentamente para a frente, com uma mão na parede. Suas vozes se distanciam conforme chego à outra porta.

Cuidadosamente puxo a porta: e nada! Começo a entrar em pânico. Será que está trancada? Não havia fechadura antes, tenho certeza disso. Tateio ao longo da porta, sem cadeado, mas há um trinco simples. Eu o destranco. Atravesso a porta para a despensa que fica atrás da cozinha, em seguida, de volta ao longo do

corredor.

De alguma forma, meus pés estão se lembrando, mais e mais, como contornar a casa. Olho para baixo antes de chegar a um salão principal e sacudo minhas roupas para me livrar da poeira.

Mais tarde, de volta ao meu quarto, minha mente está girando com Astrid. As coisas que ela disse, a maneira como ela disse. O tom cortante em suas palavras.

Ela tinha dito a Stella que eu havia morrido. Isso foi antes de eu ter me relatado como encontrada, antes de ela saber que eu estava voltando para ela? Ela nunca me contou, então não posso perguntar sem admitir que estava ouvindo. Mas por que ela não me contou? Definitivamente, eu não a entendo.

Astrid disse que está procurando por mim, que me levará para casa, se me encontrar. No entanto, aqui estou eu, e ela obviamente não sabe sobre isso; Stella não lhe contou. Stella não confia na mãe.

Mas Astrid notou que algo se passa com Stella, tenho certeza disso. Ela não deixará isso de lado. Se Astrid descobre o que é, estou em apuros. Apesar de suas garantias a Stella, eu também não confio nela. Se os Lordeiros descobrirem que estou aqui, eles virão até mim.

Perigo.

Com cuidado e em silêncio, caminho na ponta dos pés pelo escritório de mamãe, mas é difícil ser uma espiã neste estúpido vestido cor-de-rosa: ele farfalha e agita conforme ando. Seguro a beirada da saia e a levanto enquanto me escondo atrás das cortinas.

Eu empurro a porta, entro e a seguro parcialmente aberta com o meu pé enquanto me inclino para pegar a lanterna. Eu a ligo e deixo a porta se fechar.

Caminho devagar, tateando a parede, viro a curva e, então, me agacho para ouvir como uma espiã.

— ... estará aqui em breve — é a voz da mamãe.

— Ele mima aquela criança, assim como você.

— É o aniversário dela!

— Realmente, Stella. Não está na hora de você dizer a verdade a ele? Que a sua preciosa filha não é dele, que você nem sequer sabe de quem ela é. Talvez eu devesse contar a ele?

— Não! Não se atreva, eu vou...

— Não me ameace, Stella. Você irá se arrepender.

Suas vozes continuam, mas eu paro de ouvir. Tremendo, coloco as mãos em meus ouvidos, mas ainda escuto as palavras da vovó se repetirem vez após outra dentro da minha cabeça: sua preciosa filha não é dele.

Como pode ser isso? Ele é o papai.

Meu papai!

Começo a chorar.

CAPÍTULO 14

— Está tudo bem? — pergunta Madison.

— Não era para eu estar lhe perguntando isso? Por onde você andou ontem? As apostas estão em que Stella vai castigar você, seja por isso, seja pelo que você disse ontem no almoço.

Ela sorri, e é um sorriso muito feliz.

— Escrevi assim no livro: fora até tarde. Achei que assim ficou bem claro.

O ônibus encosta e nós entramos. Madison senta ao lado de Finley, ele segura sua mão, e alguns dos garotos assoviam. Eu me ajeito em um banco sozinha, feliz por ter um espaço entre nós antes que Madison se acostume com seu estado amoroso o suficiente para me perguntar de novo se está tudo bem.

Aquele sonho, as coisas que Astrid disse, poderiam ser verdade? Ele não era realmente o meu pai? Todos os trechos de memória que tenho dele, o jeito como ele era comigo, dizem o contrário. Mas e se ele não soubesse?

Então, ele morreu por uma filha que nem mesmo era dele.

Mais tarde, estou de pé na sala de reuniões do PEC, e, quando meu nome é chamado, recebo um envelope. Não parece tão importante agora. Mas, a não ser que Astrid descubra o que acontece com Stella, e quem eu sou, e tudo pare, serão cinco anos da minha vida.

Eu o rasgo.

Cara senhorita Kain, blá, blá, blá. Eu pulo para a parte mais importante: meus testes.

Semana

Semana 1: Educação

Semana 2: Parques Nacionais Semana

Semana 3: Hotelaria

Semana 4: Transporte

Oba! Consegui minhas duas primeiras opções. Mas estou perplexa por ter conseguido Hotelaria. Isso realmente não me atrai, então eu o tinha colocado por último na minha ordem de preferência, e parecia uma escolha muito popular. Eu viro as páginas e encontro os detalhes de cada colocação.

As palavras seguintes a "Hotelaria" parecem saltar do papel.

Relatório para o Lar Waterfall para garotas, de Stella Connor.

O quê? Como pode ser isso? E eu me recordo o quão inflexível Stella tinha sido sobre não me inscrever para o PEC, especialmente para Parques. Mas,

então, quando lhe contei que eu tinha assinado, ela ficou estranha e eu pensei que ela tinha percebido que eu devia tomar minhas próprias decisões. Mas eu estava errada. Ela estava na cidade naquele dia, ela conhece alguém, e deve ter mexido alguns pauzinhos. Quer apostar que esses testes não significam nada, que eu vou acabar do lado dela por cinco anos como uma espécie de aprendiz de empregada doméstica?

Afinal me dou conta de que os outros estão saindo, indo para seu primeiro teste. A semana 1 para mim é Educação, e eu leio os detalhes. Escola Primária de Keswick; devo ir lá agora e me apresentar na recepção. Mas que diferença isso vai fazer?

Sou levada às pressas para um escritório assim que chego lá. Dois outros potenciais estagiários estão aguardando com a mesma mulher sorridente com a qual falei na semana passada sobre o estágio em Educação.

— Eu realmente sinto muito por tê-los deixado esperando. Eu me perdi — minto. Eu conhecia o caminho, mas meus pés não cooperaram.

— Não há problema, querida, sente-se. Eu sou a senhora Medway, diretora da escola. Eu também treino estagiários de professores e assistentes. Vou lhes deixar a par do que irão fazer esta semana.

Tento prestar atenção, para ser gentil com ela, mas é uma batalha perdida. Alguns detalhes passam em branco. Observaremos as aulas por dois dias, passaremos um dia na recepção e administração, e a seguir outros dois dias de aulas, mas desta vez ajudando.

— Alguma preferência de idade ou matéria? — os outros lhe dizem suas preferências e, por fim, ela se vira para mim e sorri. — Você está quieta hoje. Tem alguma série favorita? Atividades?

— Eu não me importo — começo a dizer, então faço uma pausa. — A não ser que vocês tenham aulas de artes. Eu amo artes. E corridas, esporte.

— Perfeito. Os novatos farão uma bagunça com artes. Vou colocar você lá. E há um dia de esportes esta semana, na sexta--feira à tarde; uma ajuda extra sempre é bem-vinda. Pensaremos em algo para os outros dias.

Ela nos leva para uma volta, contando a história da escola pelo caminho. Ela foi danificada e reconstruída após as revoltas. A Escola Primária de Keswick costumava ser chamada de Escola Inglesa da Igreja de Saint Herbert, mas o nome mudou depois que as escolas religiosas foram proibidas, há trinta anos. Vemos crianças através das janelas das portas de sala de aula, um jogo barulhento de basquete em um ginásio, cabeças inclinadas em uma biblioteca. Então, finalmente, chegamos à sala de artes, e eu espio pela porta. Novatos, ela disse? Eles são minúsculos. Quatro anos de idade. Todos sentados no chão de pernas cruzadas para ouvir a professora.

A senhora Medway bate à porta e troca uma palavra com a professora. Retorna e aperta meu braço.

— Vá em frente. Vai dar tudo certo, não pareça tão preocupada. Eu entro e vejo um mar de rostos pequenos me olhando e sorrindo.

Não muito depois, estão todos de avental por cima dos uniformes, e a professora me passa um para usar por cima de minhas roupas.

— Você decide. Está aqui para observar, então você pode se sentar em um canto e assistir. Ou colocar a mão na massa, se quiser.

Decido sentar e observar por um tempo. Eles estão fazendo pintura a dedo em grandes folhas de papel branco, e o ar está tomado pelo cheiro de tinta e pelas vozes entusiasmadas. Apesar da minha decisão de me manter afastada, em pouco tempo os redemoinhos de cor sobre o papel branco me puxam para perto. Estou louca para pintar.

Uma mãozinha puxa a minha.

— Senhorita, veja a minha pintura! — diz um menino, me puxando para uma mesa, e logo estou admirando bolhas e manchas.

Uma menina está sentada em silêncio entre a conversa, não se junta.

— Olá — cumprimento. Ela não responde. O menino olha para cima.

— É a Becky. Ela está triste.

— Ah, eu entendo. Também fico triste às vezes — admito.

— Mas eu gosto de pintar quando estou triste. — Eu nunca disse uma frase tão verdadeira. Me ajoelho no chão entre eles e mergulho os dedos ansiosos em tinta preta.

— Por que você está triste? — pergunta Becky.

— Principalmente porque sinto saudade de algumas coisas. Como do Sebastian.

— Quem é ele? — o menino pergunta.

— Veja — eu digo. Não me lembro de ter feito pintura a dedo antes, eu prefiro um pincel na minha mão, mas um esboço razoável de um gato preto logo aparece no papel.

Becky observa com bastante atenção.

— Você está com saudade do seu gato? — ela balança a cabeça. — Tudo bem. Eu também vou pintar uma coisa. — Ela reúne diferentes tintas e logo se concentra em obter o máximo de confusão possível no papel e nela mesma. Eu olho para a professora de artes, que me levanta o polegar. Outras crianças me mostram seus desenhos e me pedem para lhes mostrar como pintar um gato. E depois de um tempo estou achando aquilo divertido. Eu poderia ser professora de artes?

Não se Stella tem alguma coisa a ver com isso.

Fico durante o almoço e ajudo a limpar. A professora pendura os quadros nas paredes e coloca o meu gato ao lado do desenho de Becky. (O dela poderia ser qualquer coisa, desde um alienígena a um poste de luz, mas estou quase certa de que é um homem. Talvez seu pai.)

— É o pai dela — confirma a professora. — Ele desapareceu no mês passado.

Eu me viro chocada para ela.

— O que aconteceu? Ela faz uma pausa.

— Você fez um bom trabalho fazendo Becky participar. Obrigada — ela não responde à minha pergunta. E, se não pode ser dito em voz alta, todos nós sabemos o que isso significa.

Lordeiros.

Quando toca o último sinal, estou surpresa por o dia ter passado tão rápido. Cada série escolar tem aulas de artes por metade do dia, uma vez por semana, e minha tarde foi desenhando a carvão com o quinto ano. Olho os picos de pontas brancas na volta ao centro de Keswick. Se eu não conseguir entrar em Parques, talvez Educação não seja uma escolha tão ruim. Então eu afasto a idéia. Que piada eu sequer pensar em ser professora. Além dos meus registros falsos, eu nem terminei o Ensino Médio. E o que dizer das manipulações de Stella?

Eu deveria pegar o ônibus de volta para casa agora, mas há uma ponta de raiva dentro de mim que diz que não.

Madison: ela vai entender. Sigo para a cafeteria. Vou esperar ali até que ela saia do trabalho; podemos pegar o ônibus de volta juntas.

Quando chego à cafeteria e puxo a porta, ela não se move. Está trancada? Intrigada, percebo que as luzes estão apagadas do lado de dentro. Uma placa de "fechado" está pendurada na porta, mas eu tenho certeza de que Madison disse que trabalharia até as cinco.

A sensação de desconforto se instala dentro de mim. Dou a volta e bato na porta de trás da cafeteria.

Ninguém responde, mas acho ter ouvido um ruído no interior. Bato novamente e nada. Estou prestes a me virar e ir embora, mas tento abrir a porta. A maçaneta gira. Não está trancada.

Entreabro a porta e espio lá dentro.

— Olá! É a Riley. A Madison está?

Cora está sentada na bancada, de costas para mim. Não se vira, nem responde. Sem saber o que fazer, depois de um momento, eu abro a porta, entro, e a fecho novamente. A luz está fraca e eu pisco.

— Olá? — repito e caminho em direção a ela. Seus ombros estão tremendo. Será que está chorando? Sinto o medo crescer dentro de mim. — O que é isso?

O que há de errado?

Ela olha para mim e balança a cabeça.

— O que ela poderia ter feito? — ela sussurra. Madison? O pânico se estabelece. Não, de novo não.

— O que aconteceu? Me diga! — exijo.

— Ela estava me ajudando a fazer bolos para amanhã, ali de pé com farinha no nariz e me contando sobre esse rapaz de que ela gosta. E eles entraram marchando, e a agarraram. Eles a arrastaram para fora, na frente dos fregueses. E todos eles ficaram lá, apenas olhando para seus lanches que ela tinha servido antes. Ela se foi — Cora esconde o rosto entre as mãos.

— Lordeiros? — sussurro. Ela confirma.

Não. NÃO. Isso não pode estar acontecendo, não pode. Aqui também não. Sinto como se areia movediça estivesse sob meus pés, me puxando para baixo, para outro pesadelo.

— O que ela poderia ter feito? — Cora pergunta novamente. Sacudo a cabeça. Nada para merecer isso. Eu pisco, mas não há lágrimas, apenas um espaço vazio por dentro, quando evoco o nome da pessoa que deve ser a responsável: Astrid Connor. Minha avó. Só pode ter sido ela. Ou poderia ter sido Stella? Meu estômago se embrulha. Farei com que ela tome uma providência. Farei com que ela resolva isso.

Fico por tempo suficiente para fazer um chá, para começar a arrumar a bagunça deixada para trás. Cora revela que se livrou dos clientes após os Lordeiros saírem. Na parte da frente da cafeteria estão alguns lanches pela metade, ainda nos pratos. Raspo os restos para a lixeira, coloco os pratos na máquina de lavar louça e guardo a comida nas geladeiras.

Paro junto à porta.

— Tenho que ir agora. Você vai ficar bem? Ela encolhe os ombros.

— Vou me levantar pela manhã. Obrigada pela ajuda. Suas palavras ecoam em meus ouvidos enquanto ando

para o ponto de ônibus. Ela não me agradeceria se soubesse quem é minha avó.

Um ônibus está esperando quando chego ao ponto, e eu entro. Finley está ali. Sinto faltar o chão ao me dar conta de que preciso dizer a ele. Caminho para o seu banco enquanto o ônibus se afasta.

— Finley? — ele olha para cima. Seu rosto está pálido, os olhos mortos. Ele sabe. Algum dos fregueses da cafeteria ou outra pessoa deve ter contado.

Eu não digo nada. Sento ao seu lado, como se sentar ali pudesse ajudar em algo.

CAPÍTULO 15

Praticamente corro até a recepção. Passou da hora do chá, mas há um grupo de meninas lá, sussurrando, rostos pálidos. As notícias correm rápido.

— Onde está Stella? — pergunto.

Uma delas aponta para a porta do escritório, mas, antes que eu possa me mover em direção a ela, a porta se abre. Stella sai, acena para todas e começa a se afastar.

— Espere — eu chamo, e ela se vira. — Você sabe o que aconteceu com a Madison? — pergunto, e todas na sala se calam.

Stella para, olha para mim, e seus olhos estão dizendo fique quieta, mas eu não percebo.

— Você sabe, não é, que os Lordeiros vieram e a arrastaram hoje. Estranhamente, no dia seguinte em que Astrid, sua mãe, veio para o almoço.

— Isso é o suficiente, Riley.

— Não, não é. Nem perto de suficiente; nada nunca é dito. O que você vai fazer sobre isso? — uma parte de mim está ciente de que outras garotas vieram agora, que todas estão em silêncio, de olhos arregalados e bocas abertas. Os olhares entre mim e Stella.

— Não há nada que eu possa fazer.

— Mas ela é sua mãe. Isso não significa nada? Ela não responde.

Eu balanço a cabeça. Posso sentir Ellie chegando perto de mim, segurando meu braço. Me puxando em direção à porta da sala que dá para o meu quarto, e eu a deixo me guiar. Meus pés dão os passos, mas depois eu paro na porta e olho para trás, para Stella. Ela ainda está de pé, congelada no lugar.

— Não. Eu acho que realmente não significa nada — digo, e depois sigo pelo corredor com Ellie.

Leve-a para a torre! Madison tinha dito, rindo, a primeira vez que me mostrou o caminho para o meu quarto.

Ellie tenta fazer com que eu fale, mas eu a mando embora e fecho a porta. Todos os amigos que eu tive na vida se foram. Pipoca arranha a porta para entrar e eu a ignoro. Fico onde estou até depois do início do jantar. Ninguém vem me ver; elas sabem onde estou, e que eu não irei, não é mesmo?

Ninguém nunca diz nada. Não é esse o maior problema de todos? Se todos nos uníssemos (as pessoas por todo o país) e disséssemos Pare, já chega! Toda vez que algo acontecesse isso não acabaria?

Estou começando a falar como Aiden.

Alguém bate à minha porta tarde da noite. Ela se abre. Stella fica ali, me olhando, eu sentada na cama, cobertores puxados até a cabeça, encostada na parede.

— Ainda acordada, estou vendo. Pensei que você poderia estar com fome — ela estende um prato de comida na mão.

Sacudo a cabeça. De braços cruzados.

Ela entra, coloca o prato sobre a mesa. Senta-se na cadeira.

— Por que você está tão zangada comigo? Fico surpresa.

— Quer que eu faça uma lista?

— Mantenha a voz baixa. Não importa o que você possa imaginar, não há nada que eu pudesse ter feito para salvar Madison. Ela foi longe demais.

— Você nunca gostou dela.

— Isso não é verdade. Ela podia ser difícil às vezes, mas...

— Então por que você não faz alguma coisa'? Por que você não chama Astrid? Ela teria que ouvir você.

— Ela não vai me ouvir.

— Então, é essa a sua filosofia? Que as mães não precisam ouvir as suas filhas?

— O que você quer dizer? Eu balanço a cabeça.

— Isso não é importante agora, Madison é importante. Astrid precisa ouvir de você que o que ela fez está errado, que precisa nos trazer Madison de volta! Como Astrid pode ter levado Madison embora se tudo o que ela fez foi responder com sinceridade, dizer o que realmente pensava?

— Verdade demais pode ser uma coisa ruim. E cuidado com o que você diz sobre a sua avó!

— O quê?! Você a está defendendo?

— Não, não exatamente, mas...

— O quê, então? Ela respira fundo.

— Ela acha que o que faz é certo. Que protege todos os outros ao...

— Tirar as maçãs podres? Que patético. Ela é uma louca manipuladora cega pelo poder.

— Cuidado com o que você diz e para quem você diz! Eu balanço a cabeça.

— Você está do lado dela.

— Ela é minha mãe.

— Isso não é uma boa razão. As pessoas têm que ganhar o respeito... até mesmo as mães.

— Lucy! Você deve muito a sua avó. Não fale assim dela — e Stella parece inquieta, como se as paredes tivessem ouvidos, mas, mesmo que tivessem pela

primeira vez eu não me importo.

— O quê? O que eu devo a ela? Stella não responde.

— Você é tão ruim quanto ela.

— O que você quer dizer?

— Fazendo o que acha melhor para mim, sem ter a menor idéia do que realmente seja.

Ela me olha, o alarme se instalando em seus olhos.

— Ah, sim, eu entendi tudo. Você mexeu os pauzinhos, não foi? Você decidiu que farei o estágio aqui. E nada do que eu faça ou diga fará qualquer diferença para onde irei terminar.

Ali está em seus olhos. A confirmação.

Eu me viro, dando as costas para ela, e olho para a parede.

— Lucy, me escute. Eu só quero mantê-la segura. Você seria descoberta se...

— Serei descoberta se você continuar me chamando de Lucy, e se continuar chamando a atenção para mim assim. Isso nunca teria acontecido se papai estivesse aqui. Nada disso.

Ela recua.

— Cale a boca! Você não sabe o que está falando. Você nem sequer se lembra dele!

Eu não respondo, mas ela deve ter lido em meus olhos, e seu rosto se transforma em fúria.

— Você se lembra. Você se lembra dele, mas não se lembra de mim — ela cruza os braços com rigidez, manchas vermelhas surgem em suas bochechas brancas.

— Talvez eu me lembre de algumas poucas coisas. Mas, se estão erradas, como posso saber, se você não me fala nada? Me diga logo!

— Foi ele, foi ele o tempo todo!

— O que foi ele?

— Danny estava no TAG. Foi culpa dele! Foi ele quem levou você. Eles queriam crianças artisticamente talentosas com menos de dez anos de idade para fazer algumas experiências, e lá estava você, o perfil perfeito. Ele entregou você para eles.

Fico olhando para ela, chocada. Isso foi o que o doutor Craig e Nico sempre disseram, que eu fui dada a eles. Entregue a eles pelos meus pais, que eles sabiam o que ia ser feito comigo. Será que meu pai poderia realmente ter feito isso, sabendo o que eu iria enfrentar? Eu sempre tive certeza de que era uma das mentiras deles. Mas terá sido porque sou uma pessoa com certo talento artístico, é por isso que eu fui escolhida? Chocada, me lembro que Nico dizia sempre que os cérebros dos artistas têm a fiação diferente. Mais fácil de se mexer.

Mas como Stella poderia saber sobre isso? Eu nunca disse a ela. Teria conseguido essa informação com o meu pai, é isso que prova que ela está dizendo a verdade?

Não. Não pode ser.

— Eu não acredito em você — digo. — Como você pode saber o que o TAG queria o que eles estavam fazendo?

— Minha mãe me disse. Ela tem feito tudo o que pode para encontrar você! Investigando o TAG, e tudo o mais.

Estou aliviada e me sinto relaxar. Não foi meu pai que disse a ela, e, se isso veio de Astrid, então talvez nada do que Stella disse seja verdade. Mas, então, a dúvida grita para mim, e olho para ela.

— Isso não faz sentido. Se Astrid está tentando me encontrar para você, por que você não disse a ela que eu estou aqui?

Sua boca se abre e se fecha de novo.

— Entendo. Você não confia nela. Então, por que você acredita quando ela diz que meu pai me entregou para o TAG? Ele nunca teria feito isso comigo!

— Ele nunca teria feito isso com afilha dele.

Não. Estou balançando a cabeça, e num instante estou de volta ao corredor ouvindo minha mãe e Astrid; e Astrid dizendo que já está na hora de dizer a ele que sua preciosa filha não é dele.

— Ele não era meu pai — falo, tranqüila. Ainda luto contra isso, mas as palavras não saem como uma pergunta.

— Não. Ele descobriu. E, só depois disso, ele deu você para o TAG, para os experimentos deles. Vingança: ele fez a única coisa que poderia me machucar mais do que qualquer outra coisa.

— Ele não faria isso.

— Sinto muito, Lucy — ela diz, a raiva dando um tom ensanguentado ao seu rosto. — Eu sinto muito. Eu não deveria ter lhe contado.

— Não acredito em você! — estou me enroscando como uma bola em cima da cama. Stella vem e coloca a mão em meu ombro.

— Lucy, eu sinto muito.

— Me deixe em paz! — digo, e ela retira a mão. — Eu falo sério. Vá embora.

Ela murmura que me ama, que nada pode mudar isso. Depois de um tempo, finalmente sai. A porta se fecha e eu estou sozinha.

Aquilo não pode ser verdade, não pode. Ele não faria isso. Meu pai não faria isso.

Mas, se ele descobriu que eu não era filha dele, ele teria ficado furioso. Que homem não ficaria? Stella deve ter traído meu pai, e não apenas uma ou duas

vezes. O que foi que Astrid disse? Que ela não sabe de quem eu sou filha. Eu poderia ser de qualquer um. O pensamento me enche de horror e eu luto contra ele. Será que meu pai poderia ter feito o que ela disse, descoberto que eu não era filha dele e me entregado, para se vingar de Stella pelo que ela fez?

Não. Eu não posso acreditar. Eu não vou acreditar.

Stella está errada. Ela deve ter inventado isso. Só está tentando me manipular novamente, como sua mãe a manipula.

A porta está trancada e estamos mergulhados na escuridão. Papai acende a lanterna e a segura sob o queixo.

— Muahahaha! — ele faz uma encenação.

— Fique quieto! Você não é um fantasma. Nós somos espiões.

— Ah, é. Desculpe — ele sussurra.

Tateamos ao longo do corredor, viramos a curva, e um leve murmúrio de vozes fica mais alto.

— Eu ainda acho que devemos brincar de fantasmas e gritar BUU através das grades — papai sussurra.

Eu balanço a cabeça e me curvo para ouvir, com meu pai ao meu lado.

Mas as palavras que ouço estão erradas. Não pode ser outra coisa, pois elas não fazem sentido. Há um estrondo quando a lanterna cai da mão de papai. Eu olho para cima.

— Papai?

Ele se desequilibra. A luz da lanterna aponta para o caminho errado, mas mesmo na sombra o rosto dele me olha como nunca olhou antes.

— Papai? — torno a chamar.

Seus olhos se concentram nos meus novamente.

— Vá para o seu quarto, Lucy. Vá!

E ele deixou de ser um espião silencioso. Ele corre para a porta; logo está do outro lado da parede com a mamãe e a vovó, e suas vozes estão altas o suficiente para não precisar ouvir pela grade.

CAPÍTULO 16

— Você está bem? — pergunta a senhora Medway quando chego na manhã seguinte. Eu tinha conseguido evitar dizer qualquer coisa para Stella no café da manhã, ainda me recuperando do que ela dissera na noite anterior. E do sonho que se seguiu. Meu pai... ele sabia. Ele estava lá quando ouvi aquelas palavras. Será que algo dentro de mim suprimiu a memória de que ele estava comigo? Eu não queria saber. Eu não queria ver o olhar em seus olhos quando ele soubesse a verdade.

Stella estava certa sobre o que aconteceu?

— Você está pálida — a senhora Medway coloca a mão na minha testa.

— Eu estou bem.

Ela me olha mais de perto.

— A Madison, da cafeteria, era sua amiga, não era? Sinto culpa. Eu mal tinha pensado nela desde a visita de

fim de noite de Stella. O sonho que me manteve acordada, olhando para as paredes, por horas. Ela interpreta mal.

— É uma cidade pequena. As notícias correm. Que tal você passar o dia na administração hoje? Há uma pilha de documentos para serem arquivados. Mas, se você quiser tirar um cochilo no canto, tudo bem também.

Então, ali estou eu em um escritório fechado. Com fileiras de armários organizados por ano, com os nomes dos alunos em ordem alfabética e cestas de papéis para arquivar. Ela explica o sistema, e, quando fico surpresa com os registros em papel, e não arquivos de computador, ela coloca um dedo ao lado do nariz, e pisca.

— Arquivos de papel não podem ser haqueados.

Ela sai, e eu ataco a pilha de papéis da primeira cesta: certificados de ausência por gripe ou outros compromissos. Notas de arquivo. Resultados de testes. Começo pelo topo, localizo o arquivo para cada um e os empurro para dentro, feliz por ter algo para fazer que não exija muito da minha mente. Mas depois de um tempo largo a cesta.

Os armários para os anos atuais ocupam a fileira da frente, mas e aqueles que ficam atrás? Dou a volta. Eles estão organizados por ano e englobam décadas desde que a escola foi renomeada e reaberta, cerca de trinta anos atrás.

Os anos em que devo ter estudado nessa escola... os arquivos estão ali. Eu olho para a porta, fechada, trancada, e silenciosa. Meu último ano aqui foi em

2047 ou 2048. Encontro o armário e abro a gaveta de A a H para buscar por Lucy Connor, mas não encontro nada.

Espere um minuto. Astrid, minha avó, também é uma Connor. Então Connor é o nome de Stella. Eu não teria o sobrenome de meu pai naquela época, antes de ele cair fora? Qual era o nome dele? Concentro-me em Danny, e então em Daniel. Eu me inclino para a frente, fecho os olhos, descanso a testa contra o armário frio de metal, desejando que ele me revele seus segredos. Eu tento deixar minha mente vazia, mas não penso em nada. Frustrada, eu começo no A, investigando até perceber que isso levará uma eternidade.

Volto para o meu arquivamento, e a manhã finalmente termina. Na hora do almoço eu evito a sala dos funcionários e vago pelo pátio da escola.

O pátio é fechado em toda a volta, por cercas muito altas para uma criança de dez anos de idade subir sem uma escada. Os únicos portões são bloqueados; é preciso digitar um código para abri-los. E eu tenho certeza de que os alunos não sabem o código.

Está frio, mas há neve para brincar, e as crianças estão a todo o vapor, construindo bonecos e travando lutas de bolas de neve. Vejo uma passar voando em direção à minha cabeça, mas é tarde demais para me abaixar. Uma professora aparece e grita para as crianças pararem.

Ela se aproxima de mim enquanto eu tiro a neve do meu cabelo.

— Tudo bem? — ela pergunta.

— Está tudo bem — respondo, e me inclino contra o portão.

— Você é uma das novas estagiárias, não é?

— Em teste para ser uma — explico.

— Está gostando até agora?

— Bastante — eu a olho mais de perto. — Você não sabia ao certo por que eu estava aqui até que eu expliquei. Alguém de fora poderia vagar por aqui?

Ela balança a cabeça.

— Temos câmeras — ela aponta para elas: no portão, no edifício e algumas em árvores. — Os seguranças sabem exatamente quem você é, mesmo que eu não saiba. E os portões são mantidos trancados.

— E foi sempre assim? Ela encolhe os ombros.

— A senhora Medway é louca por segurança — ela olha em volta; as crianças mais próximas estão longe demais para ouvir, mas ela abaixa a voz de qualquer maneira. — Desde que uma menina desapareceu da escola. Foi há cerca de seis ou sete anos.

— Nossa! Acho que ouvi falar: como era mesmo o nome dela? — eu digo, tentando manter minha voz leve, casual, ainda que esteja desesperada para saber o meu nome.

— Louise alguma coisa. Sim, é isso. Louise Howard, eu acho — a seguir, há uma confusão na outra extremidade do pátio da escola. Chutaram um boneco de neve e seguiram-se gritos de protesto. Ela corre para cuidar disso.

Naquela tarde volto para os armários. Louise é bem parecido com Lucy. Será que eu poderia ter sido Lucy Howard?

Não há nenhuma Lucy Howard, ou Louise Howard para começar. Mas ela errou o primeiro nome, talvez o segundo também não esteja muito certo.

Busco mais intensamente pelo H e, depois de me cortar algumas vezes com os papéis, encontro: Lucy Howarth. Assim que vejo o nome, e o sussurro em voz alta, eu sei que está certo. Minhas mãos começam a tremer. Eu realmente estou me lembrando de coisas, mais e mais; pequenas coisas, talvez, mas mais do que pensei ser possível. Talvez as lembranças sejam como blocos. Puxe uma da parte de baixo que as outras cairão.

Eu retiro o arquivo. É volumoso. Será que eu matava aula? De alguma forma, eu sei que não. Stella não aprovaria.

Na capa do arquivo estão os meus dados de registo. Pais: Stella e Daniel Howarth (Danny, o espião) e informações de contato. No interior estão as mesmas coisas que passei a manhã organizando. Relatos de professores e algumas faltas, mas muito poucas, eu não sou de ficar doente com facilidade. E eu já era uma artista, mesmo naquela época. Ganhava concursos na escola e em todo o condado. Se o TAG estava procurando por jovens artistas, eu não teria sido difícil de encontrar, com ou sem a ajuda de minha família. Eu me agarro a isso.

Há uma pasta separada na parte de trás do meu arquivo, um relatório sobre o desaparecimento. Começando com uma nota de ausência das aulas da tarde. Outras notas escritas se seguem, e então as impressas. Como minha mãe foi contatada e depois as autoridades. O comparecimento pela manhã foi confirmado; eu desapareci durante a tarde. Ninguém da escola me viu sair, era um mistério. O arquivo termina abruptamente. Lucy tinha desaparecido. O que aconteceu com ela? Comigo. Eles não sabiam; o final está em branco.

Coloco o arquivo de volta. Eu o enfio no armário onde o encontrei e continuo a arquivar as intermináveis folhas de papel. Sem me concentrar no que está em minhas mãos, além das letras do alfabeto para arquivá-los, enquanto os minutos passam.

Para onde eu fui?

Ok, talvez os portões não fossem trancados naquela época, e talvez também não houvesse câmeras de segurança, mas é difícil acreditar que alguém poderia ter me levado da escola à força e ninguém ter visto nada. Mas e se fosse alguém com quem eu quisesse sair?

Como meu pai.

Naquela noite, eu tento explicar a Stella por que não posso acreditar que meu pai me entregou ao TAG. Conto a ela como ele se infiltrou entre os guardas do TAG, de onde eu estava presa, e como me ajudou a fugir naquela noite. Que corremos pela areia até um barco. Então eu tropecei e eles nos pegaram. Nico; a arma levantada em suas mãos. Papai na areia me dizendo para fechar os olhos, para nunca esquecer quem eu era. Como eu não consegui desviar o olhar. Como seu olhar estava ligado ao meu quando ele morreu.

Conto que vê-lo morrer foi o tijolo que finalmente permitiu a Nico e ao médico do TAG o que eles queriam. Eu não pude lidar com aquilo, e minha personalidade se fragmentou. Ela escondeu o que aconteceu, dentro de mim. Que a divisão alcançou o seu objetivo. Quando me tornei uma Reiniciada, parte das minhas memórias sobreviveu, aguardando o gatilho certo para sair novamente, para que eu pudesse lutar pelo TAG.

Stella chora. Grandes soluços sacodem seu peito. Ela nunca soube como meu pai morreu, ou se ele estava mesmo morto. Ela só sabia que ele havia desaparecido e nunca mais voltou.

Ela nunca soube que foi minha culpa.

Mas, apesar das lágrimas, ela ainda acredita que foi ele quem me levou para longe dela.

Dou passos cuidadosos como uma espiã pelo terreno da escola, observando a professora responsável pelo parquinho. Espero que ela se distraia. Alguns meninos empurram e apertam uns aos outros; começa uma briga. Vozes se tornam mais altas e todos se esforçam para ver, então, finalmente, a professora nota e corre.

Eu engulo em seco, levanto a alça do portão e dou um passo para fora. Ele se fecha atrás de mim com um barulho muito alto. Estou do lado de fora! Corro até a estrada, mantendo um olho atento, esperando a qualquer momento que alguém saia correndo e me arraste de volta para a escola. Eu não posso ser pega.

Minha mão ainda está em meu bolso segurando o bilhete que encontrei debaixo do meu travesseiro. Papai tinha ido embora fazia dias, desde que... E eu estremeço só de pensar naquele dia, meu aniversário, e no que a vovó disse. Mamãe e papai gritando tarde da noite. O lugar vazio que ele deixou quando eu acordei de manhã.

Mas está tudo bem agora, tem de estar. Eu puxo o bilhete que eu tinha lido e relido dez milhões de vezes desde o dia anterior.

Querida Lucy, eu estou em uma missão secreta muito especial, e preciso de sua ajuda! Vá para as Crianças das Montanhas amanhã, na hora do almoço, e aguarde novas instruções. Não conte a ninguém.

Com amor,

Papai

Viu? Assinado "Com amor, Papai". Foi tudo uma horrível confusão, e ele vai me dizer isso, e então tudo ficará bem.

Meus pés praticamente voam pelas ruas mais calmas, onde há menos chance de os olhares alheios notarem a minha fuga. Depois sigo pela calçada e pela colina, ainda indo rápido. Eu não quero perdê-lo. Eu não quero que ele pense que eu não fui.

Atravesso correndo o portão em direção ao campo; nenhum sinal dele. Talvez esteja se escondendo atrás de uma das pedras? Corro para o lugar onde costumamos iniciar e começo a dar voltas em torno das pedras, contando em voz alta, esperando que ele salte e me dê um susto a qualquer momento.

Estou na de número quatorze, quando ouço um carro. Há um estacionamento junto ao portão, do outro lado do campo.

Depois de um momento o portão se abre, mas não é o papai. Um homem, que eu não conheço, atravessa o campo em minha direção; eu o ignoro e continuo contando as pedras, inquieta. Papai, saia de onde você está se escondendo. Faça isso agora!

Mas o homem não vem até mim. Ele fica no centro do círculo e me olha por um momento. Em seguida, olha para os dois lados.

— Você é a agente secreta Lucy?

Eu paro de caminhar. Só o papai me chama assim.

— Quem é você?

— Sou o Agente Especial Craig. Tenho suas novas instruções do agente Howarth.

Oh. Eu olho para ele. Papai é o Agente Howarth! Mas ele nunca envolveu outros agentes em nossas brincadeiras. Ele deve ser um agente de verdade!

Eu o cumprimento.

— Continue.

— Agente Howarth ordena que você acompanhe o agente especial Craig, que sou eu — e ele pisca o olho. — No espião--móvel. Vou levá-la ao agente Howarth para detalhes completos de sua missão.

Insegura, atravesso o campo em direção ao estacionamento. O agente Craig caminha mais devagar, atrás de mim, e eu olho para trás. Seus olhos cuidadosos estão vigilantes, nas pedras, nas montanhas. Em mim.

Quando chegamos ao carro, eu paro.

— Cadê o papai? Ele abre a porta.

— Entre, agente secreta Lucy. Você descobrirá em breve para onde estamos indo — ele sorri e sinto meus pés de repente enraizados no chão, lembrando a

senhora Medway na escola dizendo para nunca sairmos com pessoas que não conhecemos. Mas eu conheço o papai, e esse homem está me levando até ele. Então está tudo bem, não é?

Ele balança a cabeça, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

— Está tudo bem, Lucy, vamos levá-la direto para o seu pai. Ele queria vir, mas está sendo vigiado. É por isso que está se escondendo nos últimos dias.

Se ele sabe que o papai tem estado escondido, então deve ser tudo verdade. Eu entro no carro, ele fecha a porta. Ela se tranca assim que ele entra. Conforme nos afastamos, olho para trás, para as pedras através da janela, tentando sufocar a onda de pânico que diz que eu nunca mais irei vê-las novamente.

CAPÍTULO 17

Os desenhos são colocados a nossa frente no estúdio. A professora de artes sorri.

— Esta é a parte mais difícil. O que você acha?

Tento me concentrar depois de uma noite mal dormida e de muitas memórias dolorosas. Às vezes desejo que elas fiquem enterradas. Eu me sinto incomodada e exposta, como se estivesse sangrando na frente de todos, e não acredito que ninguém esteja vendo as feridas. Será que meu pai realmente fez aquilo? Me entregou com aquele bilhete? Será que ele realmente o escreveu, ou eu só acho que foi ele por causa do lugar onde o encontrei e do que estava escrito?

— Riley?

Os jovens artistas estão esperando. Eu me forço a voltar para o presente.

— É uma decisão difícil, mas colocarei estes à frente dos outros — digo, apontando cinco dos desenhos a lápis.

A professora escolhe os seus favoritos, nós comparamos, e ela acaba escolhendo os três melhores. Voltamos para a sala barulhenta e os alunos do quarto ano se acalmam. Ela levanta os escolhidos, mas tem o cuidado de elogiar todos os outros. Há rostos felizes e alguns desapontados. Será que eu era assim? Será que me importava se ganhasse?

Ela aponta para os vencedores do ano passado, ainda na parede lateral, e vejo que estão em um quadro que dá a volta na sala. Vencedores da escola, de várias séries.

Mais tarde, enquanto os alunos guardam os materiais e saem para almoçar, sigo os desenhos ao longo das paredes.

Eu paro, congelada com uma paisagem. As Crianças das Montanhas. As pedras cinzentas do Círculo de Pedras de Castlerigg estão desenhadas delicadamente, com detalhes escondidos; elas estão dançando. As de cima têm rostos apagados, sorrindo para seus filhos mais abaixo. A primeira vista, o movimento e a personificação não estão explícitos. Um olhar mais atento os revela. E lá, escrito no canto inferior, está um "Lucy" bem pequeno.

Percebo vagamente um movimento ao meu lado, mas realmente não o noto. Estou em algum outro lugar, um lápis na mão, escondendo os rostos no sombreamento e na textura das pedras.

— É incrível, não é? — diz uma voz perto da minha orelha. Eu não respondo. — Você vê? — e a professora de artes aponta os segredos do desenho.

Incapaz de me controlar, pergunto:

— O que aconteceu com essa garota, essa Lucy? Ela se tornou uma artista?

— Eu não sei. Ela saiu daqui — ela responde, e parte andando de forma brusca.

Ela saiu, ou foi roubada? Ela entrou no carro por vontade própria.

No final do dia, não consigo me conter. Subo correndo pelas trilhas que levam ao Castlerigg. Agora entendo como me senti no outro dia quando vim aqui, a sombra de medo que cobriu minha ligação com este lugar.

Antes de mais nada, aquele era o nosso lugar especial, meu e do meu pai. Eu posso ver a magia nas pedras dançantes; os rostos apagados que desenhei para as montanhas estão lá nas linhas distantes e na sombra do sol da tarde. Começo a contar as pedras, como tinha feito apenas alguns dias atrás, mas não é divertido agora. Quando chego à décima quarta, um calafrio percorre minha espinha. É como se eu esperasse ouvir um carro, olhar para cima e ver o doutor Craig andando em minha direção. Apesar de todo o fingimento daquele dia, isso é o que ele era: o médico do TAG que deliberadamente fragmentou a minha mente.

E isso não era apenas um sonho. Os blocos de dentro estão saindo, um de cada vez. Eu me lembro daquele dia. O bilhete era real, mas foi meu pai quem o escreveu?

Minha mente está confusa, no entanto se tornando mais clara. Será mesmo o que Stella disse, dias atrás? Quando criança, eu era canhota. Não importa que eu tenha sido forçada depois a ser destra e Reiniciada como destra. Essas outras memórias foram escondidas e bem torcidas, mas estão começando a se desenrolar. Junto comigo.

Eu pensava que ter assistido a Nico matar meu pai foi o que finalmente causara a fragmentação da minha personalidade, mas talvez isso tenha sido apenas o último prego. Talvez tudo tenha começado com o meu pai, com aquele bilhete. Ao saber que, quando ele descobriu que eu não era realmente sua filha, ele não me quis mais.

Ou foi apenas o que Nico e o doutor Craig queriam que eu pensasse?

Seja qual for a verdade, de uma coisa estou certa agora: Stella não tinha nada a ver com eles. O seu segredo ter sido revelado pode ter definido os acontecimentos seguintes, mas ela nunca desistiu de mim. Ela nunca teria feito nada além de se agarrar a mim bem apertado, desesperada.

A luz está indo embora e eu corro de volta à cidade para pegar o ônibus. Ele está partindo quando chego à praça e faço sinal. O motorista encosta e eu subo.

Finley está lá, no mesmo lugar em que havia estado antes com Madison. A culpa cresce dentro de mim quando percebo que estive tão absorta com minhas próprias coisas, que nem percebi a ausência dele no ônibus nos últimos dias. Não

importa como isso me faz sentir agora, o que eu estou passando é história antiga. A dor de Finley está acontecendo neste momento.

Sento-me em frente a ele no corredor e tento encontrar seu olhar, mas ele está cabisbaixo. Acho que nem sabe que estou aqui; depois de um momento, porém, ele olha por cima.

— Ei, Super Baixinha.

— Ei — eu quero perguntar como ele está se está bem, mas isso é estúpido, não é? É claro que não está bem. Tento dizer isso com meus olhos. Depois de alguns segundos, ele balança a cabeça e olha para baixo novamente.

Será que ele sabe quem é a mãe de Stella, que ela deve ser responsável pelo desaparecimento de Madison? Do que adiantaria ele saber? Talvez se Stella pudesse ver a dor de Finley, ela fizesse algo a respeito de Madison. Talvez ela fizesse Astrid trazê-la de volta.

Ou talvez ele fizesse barulho o suficiente para chegar até os ouvidos de Astrid, e então ele também desapareceria.

Mas eu não posso deixar isso para lá, e, quando me dou conta, não acredito que não pensei nisso antes. O DEA. Temos de colocar Madison na lista dos Desaparecidos em Ação. Por mais improvável que pareça, talvez ela possa ser encontrada.

Olho para ele e cutuco seu pé.

— Finley? Precisamos conversar — sussurro. Ele levanta os olhos, com um rápido olhar de esperança, que desaparece rapidamente quando dou um pequeno aceno de cabeça. Se ao menos eu soubesse onde ela está.

— Amanhã. Pegue o ônibus das sete da manhã. Concordo, fazendo que sim com a cabeça.

Naquela noite, começo a trabalhar em um desenho de Madison. Por que não tirei uma foto dela com minha câmera enquanto tive chance?

Para colocá-la no DEA eu tenho de entrar em contato com Aiden. Ou será que...? Ele me disse como entrar em contato com alguém que o conhece aqui: deixar um bilhete codificado no quadro de avisos da comunidade, e depois esperar até que ele entre em contato.

Isso era para emergências. Será que isso é uma emergência?

Sim.

Desenhar a Madison acaba sendo fácil. É o olhar de desafio em seus olhos que a marca. Será que foi isso que realmente incomodou Astrid?

Estou quase terminando quando há uma leve batida na minha porta. Escondo o desenho debaixo da cama. Stella olha para dentro, hesitante, mas eu faço sinal e ela entra.

— Quero me desculpar por ontem à noite — ela diz.

— Eu também. Mas podemos não falar sobre essas coisas lioje à noite? Eu simplesmente não consigo lidar com isso agora.

— Claro — o alívio atravessa seu rosto. — Tenho uma idéia. Vamos nos divertir um pouco.

— Como?

Ela sorri. E me mostra uma chave.

— Assim! — Ela vai até o outro armário trancado e vira a chave. Depois olha para mim. — Vamos.

Eu me levanto e caminho pelo quarto. Ela abre as portas; dentro do guarda-roupa há prateleiras, e nelas estão pacotes brilhantes embrulhados.

Olho para ela, sem entender.

— São para você. Seus presentes de aniversário.

— Sério?

— Sim. Há um para cada ano que não estávamos juntas. Porque eu nunca desisti, Lucy. Nem uma vez. Todo dia 3 de novembro, mais um se juntava a eles — ela toca minha bochecha. — Eu sempre soube que, de alguma forma, você voltaria para mim — ela pisca várias vezes. — Aqui, me ajude a carregá-los — e ela enche meus braços com pacotes pequenos e grandes; em seguida, traz os últimos sozinha. Nós os espalhamos sobre a cama.

— Vá em frente — ela diz.

— Posso desembrulhar?

— Claro. São para você, não são? Embora alguns deles possam não estar muito adequados para você agora. Comece pelo começo — ela sugere, e me entrega um com vários "11" pelo papel. — Onde está a sua câmera? Eu quero fotos de aniversário!

Eu sorrio e balanço a cabeça.

— Como você explicaria se elas fossem encontradas? Seu sorriso vacila.

— Claro. Você tem razão, é muito arriscado.

— Não, é uma boa idéia. No próximo ano, quem sabe? Mas meu aniversário não é em novembro.

Ela fica paralisada.

— O que você disse?

— Meu aniversário é em setembro agora! Como Riley, na minha identidade falsa, fiz dezoito anos no dia 17 de setembro.

— Ah. Claro. — Ela sorri, e a tensão desaparece. — Você tem usado a câmera?

— Na verdade não. Desculpe. Vou levá-la amanhã.

Começamos com os presentes, e logo estou coberta de papel e de presentes para meus onze, doze, treze, quatorze, quinze e dezesseis anos de idade. São

roupas, agora muito pequenas, e material de arte. Além de uma linda pasta de desenhos feita de couro.

— O último — ela está com um embrulho na mão, o presente do meu aniversário de dezessete anos.

Eu abro o papel com cuidado. Dentro está um agasalho verde pálido muito bonito, de um fio bem macio.

— É lindo.

— Sério? Você gostou mesmo?

Como resposta, me levanto e o visto sobre o pijama, abraçando-o.

— É perfeito.

Ela tira meus óculos.

— Perfeito com os seus olhos verdes. Eu mesma tricotei, tarde da noite.

— Obrigada — coloco os óculos de volta. — Mas sobre combinar com meus olhos, isso tem que ficar em segredo.

— Claro — ela reúne os papéis de presente e os enfia em um saco. — Eu vou queimá-los — ela fala com naturalidade.

— Desculpe.

— Pelo quê?

— Todo esse segredo sobre mim é difícil para você, não é?

— Qualquer coisa para ter você de volta. — Algo transparece em seu rosto, ela começa a dizer alguma coisa, mas eu interrompo.

— Não vamos falar dessas coisas esta noite, lembra?

— Tudo bem. Em outra noite. Agora durma um pouco. Ela me ajuda a esconder os presentes no guarda-roupa, eu fico com o material de desenho e algumas roupas que devem servir. Ela vai até a porta e se vira.

— Mas eu vou dizer uma coisa. Você estava certa. Eu não deveria ter interferido com os seus testes de estágio. Vou dar um jeito para que eles não interfiram onde vão colocar você, tudo bem?

E, com isso, ela se vai.

Bem. Eu fico olhando para a porta pela qual ela acaba de desaparecer. Será que ela falou sério? O tempo vai dizer.

Pego novamente meu desenho quase pronto de Madison, dou os últimos toques e o guardo no bolso do casaco.

Inquieta, o sono parece distante, apesar da hora tardia. Abro o outro guarda-roupa e pego os álbuns de foto. Cada um começa com um aniversário, e eu olho novamente para as fotos do aniversário; presentes, bolo, sorrisos. Exceto o primeiro álbum, é claro. Na verdade, o primeiro aniversário de alguém deveria ser no dia em que nasce, não? Deveria ter um bolo com um grande "0" nele. Em vez disso, o primeiro álbum começa com fotos de mim sorrindo, pegando

brinquedos e rastejando pelo chão. E uma muito embaraçosa de um banho.

Eu as afasto e, com as luzes apagadas e os olhos fechados, abraço a lã verde suave, ainda vestida sobre o pijama. Após a agonia do sonho com meu pai, de seu bilhete e das memórias que emergiram, ao menos agora estou me sentindo querida, desejada. Talvez Stella supra isso. Uma mãe que me ama, que nunca iria me abandonar.

Todos aqueles presentes que ela planejou e comprou a cada ano eram coisas que eu sei que teria amado, e ainda amo.

Ela os embalou com cuidado e os trancou em um armário, tudo por uma filha que ela talvez nunca visse de novo. É tão insuportavelmente triste, mesmo assim estou aqui agora. É ainda mais difícil de suportar sendo tão esperada.

CAPÍTULO 18

A manhã chega cedo. Finley está no ônibus das sete da manhã, como planejado, eu aceno para ele, mas me sento, em silêncio, na parte da frente.

Ao sairmos, caminho sem dizer nada até a porta dos fundos da cafeteria de Cora. Finley me segue e está ao meu lado quando chego à porta. Eu bato. Está trancada neste momento, mas em breve será aberta.

Cora vê que somos nós, e um rápido olhar de esperança atravessa seu rosto.

— Entrem — ela convida, e nós entramos. Ela verifica a rua, fecha a porta e tranca. — Alguma novidade? — seus olhos correm de mim para Finley e, quando ele me olha, ela faz o mesmo.

Eu balanço a cabeça.

— Desculpe, não temos novidades. Mas pode haver algo que possamos fazer. Vocês já ouviram falar do DEA, Desaparecidos em Ação? — Eles negam. — Isso é muito secreto. Existe um site gerido pelo DEA, onde se divulgam desaparecidos; existe uma rede de pessoas que tenta localizá-los, ou descobrir o que aconteceu com eles.

— O que aconteceu com Madison é improvável que seja bom — diz Cora.

Finley estremece e sacode a cabeça.

— É melhor saber — ele diz. — Como é que vamos fazer isso?

— Precisamos de uma fotografia da Madison, recente. Se não for possível, fiz um desenho dela — mostro o desenho que fiz na noite anterior.

— Está muito bom, mas eu tenho fotos — Cora empurra sua cadeira para trás e entra em uma sala adjacente.

Finley estende a mão e traça o rosto de Madison no papel com um dedo.

— Eu queria...

— O quê?

Ele balança a cabeça.

— Eu queria ter dito a ela como realmente me sinto.

— Acho que ela sabia — eu digo, embora não tenha certeza disso. Eles tinham apenas começado, não é? Será que ela sabia o que é tão óbvio agora? Ele a amava. Ele a ama, eu me corrijo.

Cora retorna com algumas fotos e escolhemos uma para usar. Vendo a saudade nos olhos de Finley, ela entrega uma outra para ele.

— Guarde o desenho também, se quiser — ofereço, e ele o guarda na mochila.

— O que acontece agora? — pergunta Cora.

— Eu cuido disso — respondo.

A seguir, prometemos não contar a ninguém, e, quando saímos, me pergunto por que estou fazendo isso. Não sobre colocar Madison no DEA, mas envolvê-los nisso. É um risco, um risco enorme, mas a única maneira de lhes dar esperança.

Isso é o que Aiden faz, o que o define. Junte-se a nós, ele tinha dito. Parece que me juntei.

Estou muito adiantada para a escola, então saio para uma caminhada até o quadro de avisos da comunidade que Aiden descreveu. Fica exatamente onde ele disse que estaria, escondido em um beco ao lado de um prédio. Não há ninguém à vista, e eu prendo o bilhete: Buscando parceiro de xadrez, por favor, entre em contato com Anita por aqui.

Tudo o que posso fazer agora é esperar.

Tiro algumas fotos no caminho para a escola. Fotos de Keswick com o sol nascendo. O sol parece sair do nada e iluminar a montanha de uma vez, e os primeiros toques de luz transformam as sombras escuras em uma manhã deslumbrante e clara.

Quando chego, os pais estão deixando as crianças nos portões da escola e uma professora está vigilante observando a entrada de cada uma.

Uma mulher vem pelo outro lado com dois meninos, carregando um bebê. Um dos meninos tropeça e começa a chorar. Ela muda o bebê de braço e tenta se abaixar para acudi-lo.

— Posso ajudar? — sorrio, ajudo o menino a se levantar e faço com que ele e o irmão atravessem o portão.

— Obrigada. Você é nova na escola?

— Estou em fase de teste para fazer estágio como professora.

— Você pode ser a professora desta criaturinha aqui algum dia, então — a mãe sorri e olha para o bebê, com uma aparência suave no rosto. É menino? É menina? Não daria para saber; mesmo embrulhado, o bebê é minúsculo, de rostinho cor-de-rosa, e usa o menor chapéu que eu já vi. Parece estar dormindo.

— Nunca se sabe — respondo. — Talvez.

Outra professora se aproxima e fala com o bebê, numa linguagem estranha.

— Ela está com quanto tempo?

— Quase quatro semanas.

Eu as deixo conversando e passo pelos portões. O que eu sei sobre bebês é exatamente nada. Mas ela era tão pequena. Quatro semanas de idade? Faço uma careta. Naquele meu primeiro álbum, estou com o rosto gordinho e engatinhando, entretida com brinquedos. Quanto tempo eu tinha quando aquele

álbum começou? Talvez Stella tenha um outro álbum escondido em algum lugar. Ela é tão louca por foto que é difícil acreditar que não tenha tirado algumas quando eu era muito pequena. Só pode ser isso.

Algo me incomoda neste dia, como um dente dolorido que você deve deixar em paz, mas fica tocando com a língua, empurrando e cutucando até que se solte. Não estou na sala de artes; estou em uma turma de segundo ano hoje, em todas as aulas, e minha mente divaga tanto que a professora tem de repetir instruções para mim mais do que repete para seus alunos. Ela deve me achar uma idiota.

Eles têm de ler depois do almoço e há uma aniversariante entre eles, sete anos hoje, e é ela quem escolhe a próxima história a ser contada. A professora começa a ler o escolhido, um livro velho e esfarrapado de uma prateleira baixa, sobre princesas que resgatam animais, e eu me distraio novamente, olhando para os balões de aniversário amarrados à cadeira da menina que flutuam sobre sua cabeça.

Como Riley, meu aniversário mudou para 17 de setembro. Engraçado como Stella é com aniversários; eles são muito importantes para ela. Ela realmente pareceu abalada quando mencionei que meu aniversário não é mais em novembro.

Naquela noite, no jantar, os pensamentos chacoalham em minha cabeça. Eu me sinto desconectada com o que acontece ao meu redor. Quando terei notícias do contato de Aiden? Poderia ser qualquer um, até mesmo alguém nesta mesa. Eu sorrio ao pensar nisso. Astrid não ficaria nada contente. De qualquer forma, tenho certeza de que ela mantém um olhar atento sobre este lugar. Olho para as outras garotas conversando; Stella está na cabeceira da mesa. Ela parece diferente. Ela me lança um olhar interrogativo, como se sentisse que estou preocupada com algo, mas, se nem mesmo eu sei o que há de errado, como ela poderia saber? Intuição de mãe, uma voz sussurra dentro de mim, e eu a afasto. Que bobagem.

Steph, a ajudante de Stella, termina de servir os pratos e senta-se conosco. Percebo que ela é tão calada quanto eu; ela janta olhando para as outras garotas tanto quanto eu.

Não consigo afastar um profundo sentimento de mal-estar, e não consigo entender o motivo. Mas sei que há algo sobre aquele bebezinho de hoje e sobre os álbuns de fotos. As primeiras fotos que faltam. Todo o resto está lá. Talvez sejam as que Stella guarda para si mesma.

Percebo agora o que me incomodava antes sobre Stella. Seu cabelo está mais escuro, não completamente, mas as raízes escuras sumiram, estão misturadas, e a cor geral está num tom mais escuro. Ela foi ao cabeleireiro. Franzo a testa. Foi

como ela disse quando viu pela primeira vez que meu cabelo loiro tinha escurecido. Aposto que ela vai escurecer um tom de cada vez até ficarmos combinando.

Por que ela é tão obcecada por ficarmos parecidas? É apenas parte do seu jeito "pegajoso"?

Sinto meu estômago dar voltas. Espere, pense. Há muita coisa confusa misturada. Antigamente, Stella combinava seu cabelo com os meus, como que para afirmar que pertencíamos uma à outra; agora está tentando fazer isso novamente. Além disso, ela ficou muito estranha com a mudança da minha data de aniversário. E não existem fotos de quando eu era bebê.

O jantar desce como areia, eu largo o garfo.

— Você está bem, Riley? — pergunta Ellie, e eu posso sentir outros olhos voltando-se para mim, mas não respondo.

Aniversários. Doutora Lysander disse que meu teste celular mostrou que eu tinha menos de dezesseis anos quando fui Reiniciada, mas, se meu aniversário é em novembro, eu teria mais de dezesseis anos. Ela disse que eu era uma "joana-ninguém", com DNA não identificável. Os olhos dela ficaram estranhos quando disse isso; não que estivesse mentindo, ela simplesmente não acreditava. Que ninguém sabia quem eu realmente era. Ela disse... Não. Ela disse que eu poderia ter sido um bebê nascido fora do lugar.

— Riley? — ouço uma voz me chamar de novo, mas é distante e remoto.

O que Astrid disse naquele dia? Precisa e exatamente. Eu fecho os olhos, voltando no tempo, e eu estou girando, estou em outro lugar. Um corredor escuro, agachada. Aborrecida com uma brincadeira que deu errado, tentando ouvir suas exatas palavras...

Não está na hora de lhe contar a verdade? Que a sua preciosa filha não é dele; que você nem sequer sabe de quem ela é?

Tudo fica escuro.

CAPÍTULO 19

Aos poucos, o nada é substituído pelo piso frio, por vozes.

— Lu... Riley! — é a voz de Stella.

Abro os olhos e ela está me segurando, apoiando minha cabeça.

Olho para ela.

— Quem sou eu?

— Ela deve ter batido a cabeça — Stella diz, com olhar alarmado.

Steph se aproxima. Ela está com meus óculos nas mãos.

— Uma das lentes caiu — ela diz.

Fecho os olhos. Steph deve ter visto, ela já deve saber que na verdade meus olhos são verdes. Que os óculos são um disfarce. Quem sou eu? Você nem sequer sabe de quem ela é. Stella me ajuda a levantar.

— Você vai para a cama agora — ela diz. E atravessamos a sala.

— Espere — Steph chama. — Eu os consertei. A lente só entrou um pouco. Ela estende meus óculos; eu os seguro e os coloco de volta. Steph olha de Stella para mim, com um semblante pensativo.

Ellie vai na frente e mantém as portas abertas. Quero afastar Stella e andar sozinha, mas minha cabeça ainda está confusa, e isso dói. Será que eu realmente entendi tudo quando caí? Quando desmaiei?

Stella me ajuda a ir para cama; Ellie passa ao nosso lado.

— Obrigada, Ellie. Você pode ir agora — diz Stella. Ellie parece indecisa conosco, sai e fecha a porta, que faz um clique.

Stella olha para mim com algo parecido com medo.

— Você não é minha mãe — eu digo, como uma afirmação, não uma pergunta.

Ela desvia o olhar para o lado.

— Que bobagem.

— Ouça. Eu fiz um teste celular com os Lordeiros quando era uma Reiniciada. Eu tinha menos de dezesseis anos, e isso foi depois do meu suposto décimo sexto aniversário, em novembro daquele ano.

— Mas os testes podem dar errado...

— Você quase teve um troço no outro dia quando eu disse que meu aniversário não era em novembro. Não existem fotos minhas de recém-nascida. E naquele dia, no meu décimo aniversário, quando ouvi você e Astrid...

— Você se lembra daquilo? — ela está surpresa.

— Astrid disse que você nem sequer sabe de quem eu sou. Eu pensei que só queria dizer que papai não era meu pai, mas isso é apenas metade da história, não é? Você não é minha mãe também. Admita!

Seu rosto fica sem cor. Ela me olha nos olhos, desesperada.

— Eu sou, em todos os sentidos que contam. Eu sempre amei você, Lucy.

— Não! Não de uma maneira que conta. Diga-me a verdade. Diga-me, agora!

— Você deveria descansar. Você pode ter tido uma concussão.

— Eu não tive. Diga-me de onde eu venho! Eu tenho o direito de saber.

Stella está tremendo, seu rosto desmoronando.

— Eu sou sua mãe. Eu sou — ela está sufocando as lágrimas, e algo mais: a verdade.

Parte de mim quer confortá-la, colocar uma mão sobre a dela, mas não. Ela tem que enfrentar isso. É algo tão secreto que ela nem mesmo pode falar sobre isso?

— Não pode haver nada entre nós, se não temos a verdade — eu me afasto dela, me viro para a parede.

O tempo passa. Minutos, ou mais? Uma mão toca no meu ombro, depois se afasta.

— Tudo bem — ela diz a voz entorpecida. — Vou contar. É uma história triste.

Eu me viro e sento.

— Estou ouvindo.

Ela não diz nada no começo, se recompondo. Em seguida, balança a cabeça.

— Está bem. Seu pai e eu queríamos filhos. Desesperadamente. Mas, sempre que eu ficava grávida, eu perdia o bebê. Às vezes de poucos meses, outras vezes mais. Eu não sei por que, os médicos não sabiam por quê. Então aconteceu uma última vez. Eu estava grávida novamente. Mas daquela vez não contei a ninguém, nem mesmo a seu pai. Ele se afastou por um tempo, não estávamos nos dando bem — ela faz uma pausa e morde o lábio.

— E?

— Eu estava passando uns dias com a minha mãe — o jeito como ela diz as palavras, há algo mais ali, mas eu não interrompo. — Meu bebê nasceu antes do tempo, minha linda e querida filha. Pude adorar Lucy por alguns dias, apenas alguns dias. E, então, ela morreu — a voz de Stella está sufocada e eu não sei o que dizer.

Ela se vira para mim e segura a minha mão.

— Então, mamãe, meses mais tarde, me trouxe você. Você era perfeita. E era minha. Eu sempre amei você, Lucy. É isso que faz de você minha filha. Você não

vê?

— Espere um minuto. Você está dizendo que Astrid apareceu com um bebê para substituir o seu, que morreu? De onde?

— Eu honestamente não sei. Imaginei que de um orfanato. Como OCJ ela é responsável por isso também. Mas eu não perguntei. Eu não queria que ela levasse você para longe de mim.

— E você me "ganhou" meses depois? Ninguém notou que você tinha um bebê, depois não o tinha mais, e, em seguida, o tinha novamente? E o meu pai?

— Eu lhe disse. Eu estava... fora. Na minha mãe. Seu pai e eu não nos víamos fazia um bom tempo. Então, quando ele finalmente voltou, ele viu você, e deduziu que você era nossa; nós voltamos. Eu não contei a verdade a ele.

Eu balanço a cabeça para ela.

— Como você pôde mentir para ele assim?

— Eu precisei. Minha mãe ameaçou levá-la embora se algum dia eu contasse. Mas, então, anos mais tarde, ela me pressionou, e um dia você e Danny nos ouviram falar sobre isso...

— Em primeira mão.

— Sim. Ele não conseguiu lidar com isso, e foi embora. Poucos dias depois, você desapareceu. Mamãe descobriu que o TAG havia levado você. Que Danny tinha entregado você para eles. Eu sei que você não quer acreditar. Minha mãe tentou diversas vezes trazer você de volta, mas não conseguiu descobrir exatamente onde você estava sendo mantida.

— Você diz que sempre me amou como sua filha. Por que seria diferente para o papai? Ok, ele tinha que superar o choque, mas eu ainda era eu. A mesma filha que ele conhecia desde sempre — sacudo a cabeça.

— Talvez você esteja certa. Talvez ele não tenha tido nada a ver com o que aconteceu com você — ela diz as palavras como se fossem difíceis de pronunciar em voz alta, e a verdade está lá, em seu rosto. Seria difícil para ela aceitar que ele fosse inocente depois de toda a culpa que jogou sobre ele ao longo dos anos. Seria difícil aceitar como ele morreu. — Será que isso importa agora?

— Importa para mim — e estou balançando a cabeça, meus olhos estão marejados.

— É demais para processar tudo de uma vez. Sinto muito por você não saber. Eu...

— Não é só isso. Eu acho que me lembro do que aconteceu naquele dia. O dia em que desapareci.

Ela fica parada, quieta.

— Havia um bilhete de papai embaixo do meu travesseiro para encontrá-lo

em Castlerigg. Eu fui lá na hora do almoço, mas ele não estava lá. Havia outra pessoa, do TAG. Ele disse que papai tinha mandado me buscar. Mas, quando chegamos aonde eles me levaram, papai não estava lá. Eu não o vi por dois anos, quando ele tentou me salvar.

Seu rosto fica duro, irritado.

— Não, espere — eu digo. — Isso não significa que foi ele quem escreveu o bilhete. Talvez fosse falso.

— Mas como eles iriam colocar um bilhete debaixo do seu travesseiro, ou saber que Castlerigg era o lugar aonde você e seu pai sempre iam, se ele mesmo não tivesse contado?

Eu dou de ombros.

— Eu não sei. Não quero acreditar; não posso acreditar nisso.

Stella se esforça para afastar a raiva.

— Ouça. Seja lá o que aconteceu, ele ainda assim tentou salvar você, não foi?

— E ele morreu por causa disso.

— Ele morreu tentando ser um herói — por trás de suas palavras há algo não dito: que ela não poderia perdoá-lo ainda que ele não estivesse envolvido no meu desaparecimento. Ele falhou.

Conversamos um pouco mais, mas eu finjo estar com sono e ela vai embora. Eu fico olhando para a parede no escuro.

Então, estou de volta ao início. Como se tivesse sido Reiniciada novamente. Para não saber quem eu sou. Sem saber quem são meus pais e de onde venho. Não há nem mesmo um nome que seja realmente meu. Lucy Howarth ou Lucy Connor, de qualquer forma, é o nome de um bebê morto.

Estou entorpecida.

Nada.

CAPÍTULO 20

— Sente-se — diz a senhora Medway, e eu me sento em frente à sua mesa. Ela fecha a porta.

— Riley, você gostou da sua semana na nossa escola?

— Sim, obrigada — respondo, tentando estar no aqui e agora para dar atenção a ela, mesmo tendo falhado na maior parte do dia.

Ela suspira.

— Eu não sei bem o que fazer com você, minha querida. Nosso departamento de artes está implorando para que você seja uma das nossas próximas estagiárias. Você deixou uma impressão e tanto lá. Isso é fantástico, mas os outros dias não foram tão positivos. A verdade é que, se nós colocarmos você como estagiária, você terá de passar um ano trabalhando em todas as séries e matérias da escola. g

— Eu sinto muito. Não tenho sido eu mesma nestes últimos dias — e como eu poderia ser, quando não sei quem sou?

— Eu entendo que você deva estar chateada por causa de sua amiga Madison. Há mais alguma outra coisa?

Estou assustada por ela mencionar Madison novamente; não é algo comum, admitir sentimentos sobre alguém levado pelos Lordeiros. E seu rosto está cheio de interesse genuíno, de preocupação. Não há nada que ameace aqui. Mas como posso ser honesta?

Hesito.

— Só entre nós?

— Claro.

— Eu descobri recentemente que sou adotada. Foi um choque — eu nunca disse nada mais verdadeiro.

— Oh, entendo.

— Eu queria saber se há trabalhos na área de ensino em orfanatos.

— Costumava haver — ela faz uma careta e balança a cabeça. — O mais próximo é o Abrigo de Cúmbria; costumávamos enviar professores para lá no remanejamento. Mas há alguns anos eles passaram a contratar por conta própria. Nos afastaram completamente. Eu poderia perguntar — ela hesita. — Não sei ao certo o que pode estar acontecendo lá. Pode não ser um bom lugar para você.

— Por quê?

— Está isolado. Enfiado em um vale no meio do nada, a quilômetros de

distância de algumas fazendas, e as pessoas que trabalham lá nunca vêm à cidade — ela franze a testa. — Vamos deixar por isso mesmo, está bem? Agora, o que vamos fazer com você? — ela abre um netbook, olha para a tela por um momento, e então o toca e olha para cima novamente. — Certo. Eu já recomendei você para um estágio aqui. Se você decidir nos colocar como sua primeira escolha, deve conseguir. Mas não se decida até fazer todos os seus testes. Eu olho para ela, muito surpresa.

— Obrigada.

— Riley, estou fazendo uma aposta em você aqui. Eu levo muito a sério a responsabilidade que temos sobre cada criança ao nosso cuidado, todas as crianças que ensinamos. Não há folga, não há desculpa quando o mais importante são as crianças.

— Eu entendo.

— Agora, vá. Seja lá o que você decidir, desejo-lhe tudo de melhor.

— Obrigada — repito, com a garganta engasgada. Ela ainda nem sabe quem ou o que eu sou, mas está disposta a me dar uma chance. Hesito na porta.

Ela olha para mim.

— Mais alguma coisa?

Anseio por lhe dizer que eu sou sua aluna desaparecida, Lucy, aquela pela qual ela não poderia se responsabilizar por todos esses anos. Será que isso ainda a assombra? Mas, de qualquer maneira, eu não sou exatamente Lucy.

— Não, é só isso. Obrigada mais uma vez — e me dirijo para a porta.

Paro no Centro de Informações, onde Madison e eu nos encontramos com Finley e saímos para a caminhada até Catbells. Noto que há mapas em molduras de vidro ao lado do prédio, e os analiso de perto.

— Tem mais mapas lá dentro — diz uma voz. Eu me assusto. Finley está de pé junto à porta.

— O que você está fazendo aqui?

— Aparentemente, minha cabeça não está no meu trabalho o suficiente para fazer algo divertido, por isso estou de plantão aqui — ele faz uma pausa e olha ao redor. — Alguma novidade?

Balanço a cabeça.

— Eu dei o primeiro passo, mas estou esperando ser contatada ainda para colocá-la no DEA. Não deve demorar. Mas não tenha muitas esperanças — aviso, gentilmente.

— Então, o que você está fazendo? Planejando uma caminhada de fim de semana?

— Talvez.

— Posso ir?

— Talvez. Não pergunte por quê, mas eu quero ir além do Abrigo de Cúmbria. Você sabe onde fica?

— Não, mas posso descobrir — ele me faz entrar com ele, busca nos índices e encontra o mapa certo. — Nunca peguei essa trilha, ela não fica na rota principal de caminhada. Mas vai ser bom sair e ficar longe de tudo e de todos, e no alto.

— Eu sei. Para mim também. Podemos manter segredo sobre aonde estamos indo?

Ele me olha intrigado.

— Claro.

Planejamos a ida. Teremos que sair de Keswick de carro até um ponto em que poderemos pegar uma trilha, mas Finley diz que pode conseguir um carro emprestado. Ele calcula que a partir daí levaremos cerca de três horas em cada sentido. Combinamos de nos encontrar pela manhã.

Ao voltar para casa, me pergunto: o que estou fazendo? De verdade. De que adiantaria ir olhar um orfanato do qual posso ou não ter vindo, há uns dezessete anos? Stella só deduziu que vim de um orfanato, e, mesmo que eu tenha vindo não há garantia de que seja esse.

Dou de ombros. Eu não sei. Algo em mim quer ir até lá, para vê-lo.

Naquela noite, Stella bate à minha porta e espreita.

— Posso entrar? — ela hesita. Faço que sim com a cabeça.

— Eu trouxe uma coisa para lhe mostrar.

Em suas mãos está um pequeno álbum. Ele não combina com os outros do guarda-roupa. Ela o abre e no interior dele estão páginas e páginas de um bebezinho, muito menor do que aquele de quatro semanas que vi no dia anterior. Com tufos de cabelo escuro, olhos que mal se abrem. Mesmo nas fotos ela parece muito parada.

— Esta é Lucy.

— Por que você me deu o mesmo nome? Ela encolhe os ombros, desconfortável.

— Não sei ao certo. Talvez eu não devesse ter feito isso — ela respira fundo. — Sempre lamentarei a morte dela, mas, apesar disso, eu amei você. Ainda amo. Por quem você é. Nada vai mudar isso.

— Mas o nome Lucy deve sempre lembrar você do que você perdeu.

Eu olho para ela, e então começo a entender. Ela tinha tanto medo de me perder, como perdeu o bebê daquelas fotos. E todos os outros bebês também. Então, anos mais tarde, quando eu desapareci, todos os seus medos se tornaram realidade. Sinto que estou começando a entendê-la. Só um pouco.

Não significa que eu goste dela.

CAPÍTULO 21

— Há algo sobre estar aqui em cima que, não importa o quanto a vida seja uma porcaria, me faz sentir melhor.

Estou olhando através da minha câmera para as colinas solitárias que se espalham ao nosso redor, e os vales abaixo. A subida está mais à frente.

Finley está quieto e eu desço a câmera.

— Desculpe — digo, olhando para ele de lado.

— Está tudo bem. Eu não tenho o monopólio mundial sobre a tristeza; você pode ter um pouco também. Então, por que sua vida está uma porcaria?

Dou de ombros.

— Não posso lhe contar tudo — hesito. — Mas há algo que posso. Fica entre nós. Alguém com quem me importo também foi levado pelos Lordeiros não muito tempo atrás.

— Alguém?

— Está bem. Um cara.

— E você o amava.

— Correção, eu o amo. O pretérito não é permitido.

— Concordo.

Seguimos em frente, basicamente em silêncio depois disso, parando para verificar o mapa algumas vezes, quando os caminhos se ramificam, e subindo de forma constante até o fim. Chegamos ao cume. Estamos no alto, em uma trilha deserta, o vento frio passa cortante. Sem neve aqui em cima; será que derreteu? O céu está um pouco claro, mas parece fino, como se até mesmo o oxigênio tivesse sido roubado pelo vento uivante. Estamos andando rápido para nos mantermos aquecidos.

— Que dia lindo você escolheu — diz Finley, mas posso notar que ele não se importa, não mais do que eu, em ser maltratado pelo clima. Quando, porém, pegamos uma descida, é um alívio sair do vento.

— Estamos quase lá; o orfanato é naquele vale — ele aponta para a frente; teremos que atravessar a colina. — Você vai me dizer por que estamos indo até lá?

Eu olho para ele de rabo de olho. E suspiro.

— Para ser honesta? Eu não tenho certeza. Mas é uma longa história.

— Nós temos tempo. Eu balanço a cabeça.

— Que tal você me contar uma história em vez disso?

— Sobre o quê?

— Eu não sei. Onde você mora?

— Em Keswick Folguedos: terra de barulho e lindos brinquedos.

— O quê?

— Nós somos famosos pelas corridas de barco. E algumas outras coisas. Não é muito longe de sua casa. Algumas poucas remadas seguidas de uma caminhada, ou cerca de uma hora de caminhada ao longo da margem do lago até a colina. — Ele me mostra no mapa.

— Ouvi dizer que é mais liberal que a nossa casa. Ele ri.

— Sim, e muito. Nós saímos e entramos a qualquer hora. Eu não podia acreditar no que Madison falava sobre a casa de vocês — seu sorriso desaparece. — Me diga uma coisa. Foi porque ela saiu do tal almoço para me ver?

Ele não diz o que está pensando, mas eu sei.

— Não é culpa sua. O que quer que tenha acontecido com Madison; você não fez nada. Foram os Lordeiros que fizeram. E os motivos são só deles.

Posso notar pela expressão dura em seu rosto que ele não está convencido.

— Eu sei como é isso.

— O quê?

— Pensar que o que houve com alguém é culpa sua. Isso devora a gente por dentro. Ela não iria querer isso, Finley.

— Nem o seu amigo. Mas você não pode controlar como se sente.

— Não.

Seguimos em descida constante para o vale enquanto falamos, mas ainda estamos no alto o suficiente para ver tudo ao redor; só mais um pouco e lá está. Um conjunto de edifícios em uma clareira no meio de um bosque, junto de um riacho caudaloso; uma cerca se estende ao redor, envolvendo uma grande área. Um lugar pitoresco, mas de alguma forma estranho, e frio, e não é só o inverno que faz com que seja assim. Parece solitário e sem vida.

— Veja. Ao longo da cerca — foco onde Finley indica, e alguns pontos estão se movendo ao longo da cerca, do lado de dentro. Seriam pessoas? Mas estão uniformemente espaçados, se movendo à mesma velocidade. Que estranho.

Pego a câmera de novo e dou um zoom. Uma longa fila de crianças caminha por uma pista do lado de dentro da cerca. Verifico o perímetro; pelo que posso ver, parece que a pista segue por toda a área do terreno.

— O que você está vendo? — Finley pergunta.

— Crianças. Elas estão lá fora para uma caminhada, eu acho — e faço uma careta. — Mas é estranho.

— Como?

— Elas estão andando, uniformemente espaçadas, em fila indiana.

— Vamos descer para olhar mais de perto? — ele pergunta, e eu hesito. Algo parece errado, muito errado, mas eu não sei o que é, e estou com um mau presságio. Que diz que não deveríamos estar aqui. Pelo menos, Finley não deveria estar aqui.

Faço sinal para ficarmos atrás de algumas árvores. Tiro a mochila do ombro.

— Você pode esperar aqui? Vou descer para espiar, com cuidado. Eu não quero que nos vejam.

— Eu não sei. Eu deveria ir com você.

— Honestamente, não há nada para se preocupar — minto. — Eu sou realmente boa em me esconder, e será mais fácil sem a mochila. Eu só vou descer com cuidado, dar uma olhada rápida e voltar direto para cá. Basta que você fique fora de vista. Está certo? Eu vou ficar bem. Prometo.

— Você está indo só para dar uma olhada e voltar.

— Sim.

— Tudo bem — ele verifica o relógio. — Vou lhe dar uma hora. Se você não estiver de volta até lá, vou descer atrás de você. Combinado?

— Combinado.

Eu tiro o casaco de fora. Ele é azul-claro e pode chamar atenção. A blusa de lã que uso por baixo é cinza e deve se misturar às sombras.

No começo me mantenho na trilha. Ela corta a colina. Assim, se eu for discreta, não devo ser vista lá embaixo. Então, conforme chego mais perto das árvores, corto caminho pelos arbustos, passando rente a rochas e depois árvores, em direção à cerca de onde vimos as crianças, calculando onde deveria interceptá-las com o passar do tempo. Eu me movo com cuidado, calma e lentamente. Essas habilidades, tão úteis agora, de me mover sem ruído, utilizando a camuflagem, são coisas que aprendi com Nico e o TAG anos antes. Eu paro atrás de algumas pedras, a cerca está a pouco menos de cinqüenta metros de distância, e espero.

Logo a primeira delas surge numa curva. Como parecia visto de cima, elas estão apenas andando. Sorrindo. Em fila única, sem conversar, sem nada. Verifico o terreno; nenhum adulto à vista.

Eu deveria voltar agora, mas me aproximo, me lembrando do padrão que vi lá de cima. Se as crianças se mantiverem nessa pista ao longo da linha da cerca, em breve haverá árvores, e a forma como o terreno se eleva deve me manter fora da vista dos prédios.

Dou uma corrida e me aproximo da cerca. Ela não é alta, posso facilmente ver por cima dela. Mas há algo mais. Um leve brilho de fios ao longo dela. É elétrica, ou será um alerta de intruso? De qualquer forma, ficarei do lado de cá. Eu me abaixo e espero.

Passos estão vindo para cá. Fico indecisa, isso é loucura.

Eu me levanto assim que as crianças se aproximam. O primeiro é um menino de cerca de onze ou doze anos. Caminhando e sorrindo. Ele me vê; deveria me ver, mas continua andando. As outras crianças o seguem, a poucos metros de distância, passam por mim, um por um, sem reação. Conforme passam, são cada vez mais jovens.

Uma menina de uns sete anos se aproxima agora.

— Oi — cumprimento.

— Oi — ela sorri, mas continua andando.

Alguns mais novos, cerca de quatro ou cinco anos de idade, seguem no fim da fila.

— Parem — eu digo. As últimas três crianças olham para mim e param. Sem dizer nada.

— O que você está fazendo? — olho para o da frente.

— Estou parado — ele responde.

— Não, antes de eu dizer "pare". O que você estava fazendo? Ele me olha intrigado. E sorri.

— Hoje é sábado. Estamos fazendo a nossa caminhada de sábado de manhã. Os três sorriem, sem fazer movimento para continuar. É como se eles fizessem o que eu digo e quando digo para fazer, sorrindo o tempo todo. Assim como os outros, todos andando no mesmo ritmo, sorrindo. É quase como se...

Não. Não, não pode ser. Não pode.

Eu começo a tremer, o horror me tomando por dentro.

— Estendam as mãos — eu digo, incapaz de impedir o tremor na minha voz. Os três esticam as mãos ao mesmo tempo.

— Puxem as mangas — eu digo, e eles o fazem.

E lá estão, brilhando em seus pulsos: Nivos. Tenho presença de espírito o suficiente para tirar algumas fotos rapidamente, as mãos tão trêmulas que preciso equilibrar a câmera contra a cerca para que saiam boas, me esquecendo de que poderia ser elétrica. Mas percebo que não é elétrica, porque eu ainda estou de pé aqui. Não pode ser, é completamente ilegal. Ser um Reiniciado é uma punição para os criminosos adolescentes menores de dezesseis anos. Não para criancinhas. O que eles poderiam ter feito para merecer isso?

É quando foco a lente da câmera na direção deles que eu vejo. O último menino: aquele sorriso torto. Não. Não. O dia em que vim para Keswick de trem. Aquela mãe e o filho. É o mesmo menino.

Eu abaixo a câmera e olho para ele.

— Onde está sua mãe?

Ele sorri e não diz nada. Eu repito a pergunta.

— Eu não sei o que é isso — ele responde, e seu sorriso é o mesmo do trem, mas seu olhar está em branco. Os risos e travessuras sumiram; seja lá o que fizesse dele quem ele era... se foi. Clang.

Um ruído leve, por entre as árvores ao longe. Uma porta? Sinto medo. Será que a minha câmera descansando contra a cerca disparou algum alerta lá dentro? Foi estúpido.

— Ponham as mãos para baixo de novo — eu digo. — Andem! Alcancem os outros!

Eles saem, mais correndo do que andando agora, tentando alcançar os outros, como foram instruídos. Eu me abaixo por trás da cerca.

Meu estômago revira; eu quero vomitar. Crianças, crianças pequenas, Reiniciadas? Não. Isso quebra todas as leis. Crianças de quatro anos de idade, como aquele menino do trem, não podem ser criminosas, não importa o que a mãe possa ter feito.

Outro som distante. Será alguém para investigar?

Saia daqui. Volto apressada por onde vim com o máximo de cuidado de me manter abaixada, fora de vista. Ao alcançar certa distância da cerca, paro atrás de umas pedras. E olho para trás. As crianças chegaram a casa agora. Figuras mais altas estão lá. Tiro uma fotografia apressada, olhando através do zoom. Meia dúzia de adultos, e eu não preciso ver suas roupas pretas para saber o que eles são. Há algo no jeito como eles se movem, como se posicionam, que não me deixa dúvida. Lordeiros.

Alguns deles estão falando com as crianças e os outros estão verificando a colina, binóculos na mão. Rezo para que Finley tenha ficado fora da vista, onde o deixei.

Não há nenhuma chance de eu voltar para a trilha de cima sem ser vista, se eles estiverem olhando com atenção.

A única coisa a fazer é acelerar e despistar. Corro, dando uma volta para fazer parecer que estou indo para o outro lado, sem olhar para trás. Então recuo e me abaixo, ficando fora de vista, me arrasto contra a vegetação rasteira, passo pelas pedras, até que finalmente chego à trilha. Eu me abaixo onde deixei Finley atrás das árvores.

— O que está acontecendo? Estou respirando com dificuldade.

— Precisamos sair daqui o mais rápido possível. Melhor se ficarmos fora da vista e fora da trilha.

Ele espia por entre as árvores.

— Há vultos vindo nesta direção pelo portão lá embaixo. — Meu estômago revira. Ele me entrega o casaco, mas eu o enfio na mochila em vez de vesti-lo. — Quem são eles?

— Corra agora, conversamos depois. Ele compreende meu medo.

— Tudo bem. Um segundo — ele olha no mapa. — Você consegue escalar nas rochas?

— Sim.

Fugimos a toda a velocidade na direção da trilha, mas depois, assim que estamos longe e fora de vista, saímos da trilha e corremos por um caminho rochoso, poeirento, íngreme e instável feito para ovelhas, e não pessoas. Mas Finley é muito parecido comigo; ele se move como uma cabra-montesa em lugares altos. Posso ver para onde estamos indo, para uma escalada íngreme sobre um penhasco. Se conseguirmos chegar lá antes que alguém alcance o ponto de onde saímos, eles nunca saberão por onde fomos.

Só se tiverem cães. Eu afasto esse pensamento. A menos que os cães já estejam lá, os Lordeiros não terão tempo para buscá-los antes de termos ido embora.

Chegamos à subida, e posso ver que mais à frente há alguns lugares onde terei problemas por causa da minha altura.

— Terei de saltar para conseguir — digo, e subo nas rochas. Alguma coisa me diz para manter sempre três pontos de contato ao subir, mas estou indo rápido demais para fazer isso. Um pé desliza.

Finley, que vem logo atrás, me segura.

— Não adianta ser rápida se você estiver morta — ele diz. Eu olho para baixo e vejo uma queda acentuada abaixo de nós agora. Foi por pouco.

Eu desacelero e desta vez dou ouvidos a Finley sobre o melhor caminho a percorrer. Finalmente chegamos ao topo. Um rápido olhar para trás mostra cabeças subindo pela trilha, e nós abaixamos.

— Tenho certeza de que eles não viram que caminho pegamos — digo, sem ter certeza se é verdade. Mas estamos em apuros, se não for.

— Estamos em uma parte da trilha que eu tinha mesmo vontade de fazer de novo. Mas não escalando até o topo sem equipamento. — Ele ri.

— Você é louco.

— Você é mais louca do que eu.

O vento está uivando de novo, agora que estamos do outro lado da montanha rochosa, e visto meu casaco azul.

— Vire o casaco do avesso — sugiro. — Para ficarmos diferentes.

Finley olha para trás, tira o casaco e o inverte, passando de azul para cinza. Ele pega outro chapéu na mochila e troca o azul por um vermelho.

— Estamos bem disfarçados?

— Sim. Agora vamos sair daqui. Rápido.

Não corremos no penhasco, seria suicídio, mas mantemos o ritmo o mais

rápido possível com alguma segurança. A temperatura caiu e as nuvens estão se formando.

Outra trilha se junta àquela.

— É aqui que teríamos saído se tivéssemos feito isso de maneira sensata — diz Finley. E seguimos em frente, descendo e nos afastando do vento. Estou respirando mais fácil, e...

— O que foi isso? — pergunta Finley.

— Eu não ouvi nada. — E ouço, a seguir, um som fraco atrás de nós. — Eles poderiam ter ido pelo caminho mais longo e nos alcançado?

— De jeito nenhum. São quilômetros a mais, e nós estávamos indo rápido.

— Você tem certeza?

— Não.

Nós continuamos, rápido novamente; há algumas pedras à frente, e nos abaixamos por trás delas, fora de vista e longe do vento.

— Vou dar uma olhada — aviso, e pego a câmera. Dou um zoom na trilha abaixo, e ali está. Um vulto, um montanhista, e ele parece familiar. — É aquele cara, ele estava no Centro de Informações no outro dia.

— Que cara?

Eu passo a câmera ao Finley, e ele olha pela lente.

— É o Len. O verificador de penhascos.

— Devemos sair daqui?

— O Len é tranquilo, e não há razão para isso. Logo a trilha vai se abrir e ele nos verá, de qualquer forma. Sugiro ficarmos e comermos alguma coisa.

Finley abre a mochila, tira uns sanduíches e uma garrafa térmica.

— Chá?

— Sim, por favor! Você pensa em tudo.

— Eu tento, mas com você é difícil acompanhar — ele pega duas canecas e serve o chá para nós dois; eu aconchego a caneca quente em minhas mãos frias.

— E então? Você vai me dizer o que está acontecendo? — ele pergunta.

— Às vezes é melhor não saber — respondo; ele olha para trás e depois de um tempo balança a cabeça.

Ele desembrulha os sanduíches.

— Gosta de queijo?

Já estamos comendo quando Len aparece na trilha.

— Olá, jovem Finley — ele cumprimenta. Finley acena.

— Olá, velho Len.

— Pirralho insolente. Bom lugar para um piquenique em um dia frio. Tudo bem se eu me juntar a vocês? — ele pergunta, sentando-se em uma pedra um pouco acima, de onde pode ver a trilha de ambos os lados.

Finley nos apresenta, e Len tira biscoitos da mochila para compartilhar. Parte de mim não quer se mover, por conta do choque no orfanato, do frio, dos músculos doloridos pela corrida apressada e da escalada. Parte de mim está gritando de medo pelo atraso e quer correr.

Finley pergunta a Len sobre as condições meteorológicas e sobre a trilha à frente, mas, enquanto Len responde, tento saber se seus olhos não estão sobre mim com muita curiosidade.

Len continua sentado na rocha acima de nós, apesar do vento, de vez em quando olhando para a trilha.

— Teremos companhia em breve — ele avisa, e há algo na forma como ele diz isso que me deixa mais alarmada. Ele olha para nós.

— Vamos combinar nossas histórias?

Finley e eu trocamos um olhar. Meus pés têm o impulso de correr. Quero descer a trilha correndo pelo outro lado.

— Não adianta correr, você seria vista — diz Len. — Além disso, somos apenas três montanhistas que passaram um tempo agradável sobre aquele penhasco hoje, antes de parar para o almoço. Não temos nada a esconder.

Posso ouvir os passos se aproximando agora; eles se movem rápido. Se eles vêm do orfanato, andaram muito mais rápido do que pensei que fossem capazes. Em seguida, aparecem dois rostos. Eles devem ter se separado quando as trilhas se dividiram.

Len acena.

— Olá — ele diz.

O Lordeiro sorri, o que não é normal.

— Olá. A caminhada estava boa hoje?

— O vento passa cortando — Len responde. — Do jeito que eu gosto.

— Onde vocês estiveram? — pergunta o Lordeiro, e Len conta a versão combinada enquanto Finley e eu nos concentramos em comer biscoitos.

O Lordeiro está pensativo.

— Entendo. Vocês viram outros dois montanhistas? Um deles é uma garota. Achamos que eles podem estar perdidos.

— Vimos duas garotas há um tempo atrás. Elas pegaram o último desvio, eu acho, na direção de onde vocês vieram.

Eles se afastam e conversam entre si. Falam em um comunicador e nos dão uma última olhada. A seguir, voltam pelo mesmo caminho.

— Muito bem, então — diz Len. — Vamos dar o fora daqui antes que eles percebam que foram enganados.

Jogamos apressadamente as coisas nas mochilas e partimos em outra direção. Len imprime um ritmo forte, e, cada vez que a trilha se divide, pegamos um

caminho diferente, andando em zigue-zague de um jeito que não teríamos pensado sem ele, até que estamos descendo novamente pelo outro lado.

Len coloca Finley para liderar, desacelera na minha frente para que fiquemos para trás.

— Eu acho que precisamos conversar — ele diz, em voz baixa. E, sim, ele nos ajudou hoje, mas o que eu posso dizer a ele?

— Obrigada por sua ajuda. Mas...

— Eu soube que você está buscando um parceiro de xadrez. Anita, não é?

Eu quase caio dura. Len? Ele é o contato do Aiden do DEA? Ele pisca.

— Você foi difícil de rastrear.

— Você estava nos seguindo hoje?

— Isso foi um pouco de sorte. Finley pegou meu carro emprestado e me disse que você iria com ele. As chaves do carro têm um rastreador. Então, o que está acontecendo?

Em primeiro lugar, uma promessa. Eu pego em meu bolso a foto de Madison que tenho carregado desde que coloquei aquele recado.

— Você pode colocar a Madison no DEA? Ele hesita.

— Posso. Mas as chances são poucas — suas palavras diretas são amenizadas pela tristeza em seus olhos.

— Você sabe para onde ela foi levada?

— Não sei, mas imagino. Há uma prisão de trabalho para mulheres, depois de Honnister. Na mina de ardósia. Ela provavelmente está lá, onde termina a maioria dos que são levados daqui.

Eu respiro aliviada.

— Prisão. Então ela está viva.

— Às vezes isso não é vantagem. Ninguém nunca saiu daquele lugar. Mas vamos correr contra o tempo. O que você estava fazendo hoje para que os Lordeiros se interessassem?

Mas, antes de decidir se devo ou não contar tudo a ele, ouvimos chamados de um outro grupo de montanhistas que se aproxima. Eles nos acompanham por todo o caminho até onde nossos carros estão estacionados.

— Precisa de carona, coroa? — pergunta Finley.

— Pirralho abusado. Para falar a verdade, preciso. E, levando em consideração que esse carro é meu, eu dirijo, muito obrigado.

Finley entrega as chaves, relutante.

— Como você chegou aqui? — pergunto.

— Subindo e descendo montanhas — Len sorri.

Meu queixo cai. Quantos quilômetros dá isso? Ele parece idoso e nos acompanha.

Quando pegamos a estrada, Len me olha no espelho.

— Você é uma das possíveis novas estagiárias dos Parques, não é? Eu levo o grupo para uma caminhada no primeiro dia, então vejo você na segunda-feira. Conversaremos lá.

Ele dá uma ligeira ênfase ao lá. Ele não quer que Finley saiba de nada.

Finley está assobiando enquanto Len dirige pela estrada, em direção a Keswick.

— Você está muito alegre — digo. Ele me olha de lado.

— Nós os despistamos, não foi? Sei que você não vai me dizer por que eles estavam atrás de você, mas eu não me importo com o motivo. Sempre que um Lordeiro não consegue o que quer, eu fico feliz.

Eu sei o que ele quer dizer, mas eu não estou sentindo isso. Será que realmente nos livramos de alguma coisa? Durante toda a viagem de volta para Keswick, mantenho a atenção na estrada à frente, meio que esperando um bloqueio na estrada.

E a minha câmera está queimando, fazendo um buraco em meu bolso. Aiden tem que ficar com as fotos. A prova está lá, Lordeiros estão violando a lei, estão transformando criancinhas em Reiniciados. Ninguém pode ignorar isso. É a única coisa que finalmente vai fazer todo mundo parar, se unir, e dizer chega para os Lordeiros?

Entro em pânico ao pensar que tenho as únicas cópias aqui, na minha câmera. Se os Lordeiros fizerem as perguntas certas para aqueles meninos, saberão que seus Nivos foram fotografados. Eles ficarão desesperados para me encontrar. E se descobrirem quem eu sou... Estou morta.

Isso já passou do ponto de autopreservação. Eu preciso me manter viva. Tenho que entregar essas fotos para o Aiden.

Temos que revelar a todos. E acabar com isso.

CAPÍTULO 22

— Podemos conversar?

Stella sorri ao me ver. Parece tão absurdamente feliz por eu estar procurando por ela, que sinto uma pontada no peito.

— Claro que sim, venha — ela diz. Entro no escritório e tranco a porta. Ela levanta uma sobrancelha. — Isso parece sério. Está tudo bem?

— Não. Nada bem.

— O que houve?

E eu não sei o que dizer. Quanto menos contar, será melhor para ela, na verdade. Mas, apesar da necessidade de cautela, eu simplesmente não posso fazer isso com ela, não posso desaparecer sem dar uma palavra. De novo não.

Stella se levanta atrás da mesa e vai até o sofá contra a parede. Sento ao lado dela.

— Vá em frente. Você pode me contar qualquer coisa.

— Você não vai gostar de ouvir isso. Sinto muito, mas eu tenho que partir.

Ela balança a cabeça.

— Partir? Mas você mal chegou aqui. Por quê?

— Tenho certeza de que meu disfarce foi descoberto, ou, se não foi, será em breve. Eles virão atrás de mim se eu ficar.

— Oh, Lucy. Não. Eu vou com você. Eu vou...

— Não. É sério, você não pode; é muito arriscado. Ficarei mais segura se estiver por conta própria.

Uma gama de emoções cruza seu rosto e me preparo para a tempestade, mas, antes mesmo de começar, a tempestade desaparece. Stella afunda no sofá.

— Quando? — ela pergunta, num sussurro.

— Eu não sei. Logo. Assim que eu resolver uma coisa. Não será para sempre, eu prometo. Entrarei em contato. Algum dia eu vou voltar e procurar por você, quando as coisas forem diferentes.

— Oh, Lucy. Não. Não é justo.

— A vida é assim — sou mais dura do que pretendia. Mas quando a vida foi justa comigo? Mesmo quando finalmente achei que estava retornando a uma família que era minha, descobri que era tudo mentira.

— Isso não é por minha causa, é?

— Claro que não.

— Conte tudo para mim. Talvez eu possa ajudar. Eu balanço a cabeça.

— Sinto muito, é mais seguro você não saber.

— Você não confia em mim — sua voz está amarga.

— Não é isso! Mas por que eu deveria? Você mentiu para mim toda a minha vida — as palavras saem antes que eu consiga impedi-las.

Ela recua.

— Você tem remoído bastante isso, não é?

— O quê?

— Que eu não lhe disse tudo.

— O que mais você não me disse? — exijo. Uma parte de mim sabe que não era para ser assim, que eu deveria estar tentando consertar um pouco as coisas antes de partir, mas não consigo parar de perguntar. O que mais poderia haver?

— Não foi minha culpa!

— O que não foi sua culpa?

— Ela me fez fazer isso, você não vê?

— Quem? Sua mãe? O que ela fez você fazer?

— Ela me chantageou, todos esses anos, para que eu mantivesse silêncio. Eu era uma prisioneira naquela época! Ela me manteve trancada a chave durante toda minha gravidez, para me impedir de falar; ela afastou o Danny, ela o fez pensar que era isso que eu queria. Talvez meu bebê tivesse sobrevivido se eu estivesse em casa. Mas, então, quando ela trouxe você... Ela sabia que me tinha nas mãos. Exatamente onde me queria. Eu não podia dizer nada, podia? Ou você iria embora. Então, ela finalmente me deixou ir.

— Do que você está falando?

— Não. Isso é o suficiente. Se quiser saber mais terá que me contar os seus segredos também.

— Acabo de fazer isso. Eu vim aqui para lhe dizer que tenho que partir. Eu não deveria ter contado, era perigoso, mas eu contei. — Eu me levanto.

— Espere. Não saia assim. Por favor. Eu vou falar. Mas você precisa prometer que nunca contará a ninguém.

Faço uma pausa. Estou fervendo de raiva, de novo. É algo sobre Stella e eu... eu não sei. Ela me deixa louca. Mas ficará tão triste quando eu me for.

Respiro profundamente e me sento.

— Tudo bem. Conte.

— Eu descobri algumas coisas, somei um mais um. Coisas que minha mãe fez anos antes contra o governo.

— Contra os Lordeiros? — minha cabeça está girando. De jeito nenhum! Ela é uma Lordeira até debaixo d’água.

— Não, não exatamente. Existem facções, sabe. Dentro do governo. Mamãe está no lado da linha dura; o último Primeiro Ministro não estava. Ele teve que

sumir.

— Espere um minuto. Você está falando de Armstrong?

— Sim. Ele e sua esposa, Linea — ela respira fundo. — Eles eram tão adoráveis e...

— Você os conhecia?

— Linea e minha mãe eram amigas de escola, tempos antes. Linea confidenciou a ela que seu marido estava planejando expor o lado detestável de alguns Lordeiros, e renunciar. Ele nunca teve a chance de fazer isso.

Minha cabeça está girando.

— Não pode ser! Os pais da minha mãe? Ela franze a testa.

— Mãe? O que você quer dizer? ,

— Depois que fui Reiniciada, foi para essa família que fui encaminhada. Sandra Armstrong-Davis.

Agora é a vez de Stella me olhar chocada.

— Você estava com a Sandy? Eu não sabia.

— Você a conheceu?

— Claro. Costumávamos passar as férias juntas, quando éramos crianças. Nós não mantivemos contato. Eu não podia. Não depois de saber o que realmente aconteceu com os pais dela.

— Mas eles foram assassinados pelo TAG.

— Sim, mas o TAG recebeu informação sobre o local onde eles estariam. A informação vazou, foi armação.

— Sua mãe estava por trás disso? Meu Deus! Você tem que contar. Você precisa!

— Não. Eu não posso! Eu nunca poderei, não mais. É muito tarde, tarde demais. Que diferença faria agora? Depois de todo esse tempo. Não.

— Me escute. Astrid estava me usando para chantagear você. Se eu não estiver mais aqui, e ela não souber onde estou, ela não pode mais chantagear você, não é?

— Não é mais tão simples assim. É todo mundo; todas as meninas daqui. Ela as usaria contra mim.

Eu tento. Eu me esforço. Para dizer a ela que, se as pessoas não falarem o que sabem, se não se levantarem contra os Lordeiros, as coisas só vão piorar. Que está em nossas mãos fazer alguma coisa. Stella não está ouvindo, eu posso notar.

Mas como posso reclamar se, durante todas aquelas vezes com Aiden, eu também não ouvia?

O que eu não digo é: o que teria acontecido se ela tivesse falado isso há anos? Se tivesse contado a todos que o Primeiro Ministro ia se demitir e expor os

Lordeiros, que eles foram assassinados por seu próprio governo para mantê-los quietos.

Talvez a opressão dos Lordeiros que temos hoje nunca houvesse ocorrido.

Eu me levanto para sair.

— Espere. Meu último pedido. Posso ver sua câmera?

— Minha câmera? Por quê? Ela balança a cabeça.

— Eu vou devolver. Eu só quero cópias de suas fotos. Aquelas de nós duas.

Hesito.

— Tudo bem. Vou pegá-la — e saio da sala, me perguntando se ela teria percebido a protuberância reveladora que dizia que a câmera estava no meu bolso o tempo todo.

De volta ao meu quarto, remexo na tela interativa da câmera até descobrir como criar pastas e protejo com senha a do orfanato. Estou louca para enviá-las para alguém, qualquer um, mas não ouso sem um computador não governamental. Eles estariam monitorando e impediriam com certeza, e, em seguida, teriam a minha localização.

Eu levo a máquina para baixo, pensando que devo esperar enquanto Stella faz o download das fotos. Hesito em deixá-la fora da minha vista.

— Tenho algo para você — ela estende a mão, e nela está uma chave. — As coisas do seu pai. Fotos, todas elas. Eu queria me livrar delas, mas por algum motivo não consegui.

— Onde?

— Na antiga casa de barcos. Você se lembra onde fica?

— Eu acho que sim. Obrigada — aperto a chave em minha mão.

— Vá em frente, dê uma olhada, enquanto eu copio as fotos. Eu lhe devolvo no jantar.

Hesito, sem saber se devo deixá-la fora da minha vista, mas a chave em minha mão me puxa para outra direção. Pego o casaco e calço as botas novamente, sentindo um pouco os pés doloridos pelos tantos quilômetros corridos hoje. Saio pela porta lateral e corro pelo jardim em direção ao lago.

Será que me lembro da casa de barcos? Eu tento, me esforço, mas não me vem nada além deflashes de um caiaque deslizando sobre a água. Perambulo pela beira do lago. Existem vários anexos ao longo da água, ao lado dos racks dos caiaques, e outro mais afastado, quase escondido pelas plantas crescidas e árvores frondosas. Assim que o vejo à luz do luar, eu sei: é a casa de barcos.

Papai costumava passar muito tempo aqui.

Não há nenhum barco à vista. Ele a havia transformado em oficina, onde construía várias coisas, ou simplesmente passava o tempo. Fora de casa. Para ficar longe de Stella, me dou conta agora, o que eu não seria capaz de perceber

naquela época.

A chave se encaixa na fechadura, mas ela não gira. Algum vestígio de memória me diz para empurrá-la com o joelho e tentar novamente, e dessa vez ela gira. A porta se abre rangendo.

Ela cheira a poeira e umidade. Dou um passo à frente, atravessando teias de aranha. Eu as afasto e espirro, buscando o interruptor na parede. Encontro o interruptor, e ele não funciona, mas depois meu cotovelo derruba algo de uma prateleira. Eu me inclino para pegar e minha mão se fecha em torno dela: a lanterna. Eu a ligo.

A mesa, o banco, tudo ainda no mesmo lugar. Ao ver aquilo, o fluxo de memória quase me derruba. Em vez de ferramentas e coisas quebradas, estão cobertos agora por caixas de plástico. Abro a tampa de uma, depois de outra. São roupas. Roupas do meu pai, de uma outra vida; e seus livros.

Em outra caixa, embaixo de mais livros, está um jogo de xadrez. O mesmo com o qual ele me ensinou a jogar. Uma das minhas poucas lembranças felizes. Ele me deixava ganhar. Eu sorrio, abro a caixa e toco as peças no interior.

É claro que está faltando uma. Uma torre. O castelo. Ele a usou para chegar até mim, naquele lugar distante, para onde fui levada, mantida prisioneira e Reiniciada. E está aqui no meu quarto, escondida em um canto da minha mala. E ali estão todas as suas companheiras. Algo dentro de mim anseia por reuni-las em seus pequenos ninhos dentro da caixa.

Outra caixa está cheia de fotografias, e eu mergulho nelas. Há fotos antigas de Stella e papai, algumas de seu casamento. Procuro pelas imagens de nós juntos. Elas não são muitas. Há uma com ele, eu e Pipoca quando filhote; estamos sorrindo. Deve ter sido tirada na manhã do meu décimo aniversário. Antes de tudo dar errado. Eu a coloco no bolso, junto com uma de Stella e papai sorridentes quando jovens. Não há muitas fotos do meu pai, se aquelas são todas as que existem, para analisar uma vida inteira. Era ele que costumava estar com uma câmera nas mãos.

Minha câmera. A sensação de desconforto retorna. Quanto tempo eu passei aqui embaixo?

— Riley?

Dou um salto e me viro. Ellie está sob o batente da porta, tremendo sem casaco, com minha câmera na mão. Ela me entrega.

— Stella me pediu para lhe dar isto. Você a esqueceu no escritório. E mandou dizer que não há problema em perder o jantar, se você quiser.

Ela se vira e volta correndo pelo caminho.

Olho para a câmera em minhas mãos, confusa. Eu a esqueci? Ela disse que me entregaria durante o jantar. Por que a mudança? Será que ela se deu conta de

que eu ia querer passar muito tempo aqui?

Talvez haja uma mensagem além das palavras. Algo não está certo. Minha pele se arrepia, como se um exército de aranhas tivesse me encontrado aqui.

Desligo a lanterna e me embrenho na noite. Fecho a porta, lenta e silenciosamente; eu a empurro com o joelho. Está trancada. Eu me pergunto o que fazer com a chave; em seguida, a coloco em cima da porta.

Vozes flutuam no ar da noite, muito fracas para discernir. Ouço pisadas esmagando o cascalho na parte de cima. Eu me camuflo de uma árvore para outra, até que os vultos ficam à vista, mas está muito escuro para distinguir quem são. Pego a câmera, aciono a visão noturna e olho usando o zoom. Um carro está estacionado ao lado do edifício; a porta principal que dá para o lago está aberta, e Stella está sob o batente. Dois outros vultos caminham em direção a ela. Um deles é Astrid. O outro é um homem, de costas para mim. A luz é fraca, mas cada movimento que ele faz é fluido, sinuoso, felino. Sinto como se meus músculos e ossos estivessem derretendo, não consigo me manter de pé; acho que vou desmaiar. Nico.

Por que ele estaria aqui, com Astrid? Não faz sentido.

Ele faz uma pausa, vira a cabeça, olha para a escuridão, e eu estremeço, convencida de que ele pode sentir minha presença, de que seus olhos azul-claros podem de alguma forma penetrar a noite e ver onde estou escondida. Sem pensar, meu dedo aperta o botão da máquina, tirando várias fotos rápidas dele e de Astrid na mesma cena.

Como pode ser isso? Astrid e Nico, Lordeiros e TAG, são inimigos declarados. Não são?

Um movimento atrai o meu olhar para os lados da casa. Eu ajeito a câmera. Vultos de preto. Lordeiros. Eles guardam as portas laterais. Quer apostar que estão em todas as portas? Sinto um arrepio só de pensar em Ellie. Será que ela entrou antes que eles chegassem?

Então noto que um dos Lordeiros tem algo amarrado diante dos olhos. Óculos de visão noturna.

Eu me abaixo novamente, até ficar fora de vista.

Aquele recado de Stella foi um aviso. Será que Astrid descobriu quem eu sou? Meu cérebro em pânico não consegue processar Astrid e Nico juntos, ou o que significa isso. Mas, seja lá o que for, não pode ser bom.

A adrenalina se espalha pelo meu corpo. Corra!

Ir para a direita significaria atravessar um trecho aberto que se inclina para o lago sem proteção. Não há como não ser vista. A esquerda é a rota de fuga mais lógica. A trilha arborizada na cidade. Será onde eles irão me caçar quando se derem conta de que não estou na casa. O lago.

Eu me esgueiro pela beirada da água em direção aos racks dos caiaques. Praticamente prendo a respiração ao tirar um caiaque tão silenciosamente quanto posso. Os remos estão presos junto com os caiaques. O desejo de fugir é tão forte que é difícil parar, mas eu consigo, soltando os outros remos e reunindo-os. Será mais difícil me perseguir.

Caminho ao longo da costa, equilibrando o caiaque e os remos totalmente sem jeito. Entro lentamente na água para que ela não espirre, lutando para suportar o frio quando ela invade minhas botas. Entro o mais silenciosamente possível no caiaque. É estranho com roupas de frio e com todos os remos debaixo do braço. Um dos remos cai na água e a outra extremidade bate em meu rosto e arranca meus óculos. Eles caem na água fazendo barulho. Tento pegá-los, mas eles desaparecem na escuridão. O que importa? Não servirão para enganar Nico se ele me pegar.

Acelero, e minhas aulas de caiaque da infância retornam. Minhas remadas são rápidas e certeiras. Sigo ao longo da costa, para ser mais difícil de detectar.

Assim que estou longe o bastante da casa, me afasto da margem do lago e largo os outros remos na água, com um pedido de desculpas em silêncio. Eu os deixo para trás flutuando, enquanto coloco toda a energia do pânico em remadas para me levar o mais distante possível de Astrid e Nico.

CAPÍTULO 23

Tremendo de frio, tiro o caiaque da água e o escondo embaixo de uns arbustos, junto com o remo. Tento me lembrar do mapa que Finley havia me mostrado mais cedo. O Lar para Rapazes de Keswick deve estar perto.

Não gosto de estar indo para lá, é arriscado por muitos motivos, mas que escolha tenho? Preciso encontrar Len, e a única maneira que conheço é através de Finley. Além disso, estou encharcada pela água do lago. Meus pés ainda devem estar no lugar, mas estão tão dormentes que tenho dificuldade de andar. A temperatura está caindo e, a julgar pelo gelo fino que precisei quebrar deste lado do lago, ainda vai piorar. Eu preciso ficar aquecida e seca.

Há edifícios mais acima, luzes e vozes. Pego o caminho que passa ao redor das casas, até que finalmente vejo um grande edifício mais acima.

Eu o contorno. Há um garoto nas sombras perto da porta dos fundos; um ponto de luz vermelho diz que ele está fumando. Devo esperar até que ele termine e tento me esgueirar depois, ou arrisco de uma vez?

Estou com muito frio para ser sutil. Dou alguns passos e paro à frente dele. - Oi.

Ele aperta os olhos, tentando acostumá-los na escuridão; eu paro sob a luz de uma janela.

— Oi. De onde você surgiu tão magicamente? Eu rio.

— Você poderia dizer ao Finley que estou aqui?

— Ele de novo? — ele revira os olhos e joga o cigarro para o lado do edifício. — Espere um pouco — ele desaparece no interior da casa.

Alguns minutos se passam. Uma janela da outra ponta do edifício se abre com um baque e uma cabeça espreita. É o Finley.

— Riley? O que você está fazendo aqui? Corro para a frente da janela.

— Estou com problemas.

— Uma donzela em apuros? Uma das minhas coisas favoritas. Entre de costas — ele estende a mão e eu entendo que ele fala da janela. Ele me puxa pelo vão, para uma espécie de despensa.

— Você está congelada.

Concordo, tremendo violentamente, sem me preocupar em disfarçar mais.

— Vim de caiaque pelo lago. Estou encharcada.

— Suponho que isso tenha algo a ver com os Lordeiros que nos perseguiram hoje cedo.

— Provavelmente — respondo, embora não tenha muita certeza de que eles poderiam ter descoberto tão rápido quem eu era e onde me encontrar. Então me lembro de Steph no jantar na outra noite. Ela viu meus olhos verdes. Será que ela é espiã de Astrid? Se for, aquilo seria estranho o bastante para ela se reportar, mesmo que não tivesse idéia de quem eu fosse. Eu balanço a cabeça. — Eu não sei. Pode ser isso, ou pode ser outra coisa. De qualquer maneira, estou encrencada. Tem certeza de que quer ajudar?

— Não seja idiota. Claro que vou ajudar você. Para começar, você precisa se aquecer. Espere aqui — ele abre a porta e olha para o lado de fora. — A barra está limpa — e me estende a mão. — Tente parecer que está aqui por causa do meu charme irresistível, e não para fugir da lei — ele pisca segura minha mão e coloca o braço em volta da minha cintura.

Andamos rápido pelo corredor até o final, subindo alguns lances de escada para o próximo andar e pegando um corredor. Ele abre a porta de um quarto.

Outro garoto está lá, lendo um livro em uma das duas camas.

— Desapareça — diz Finley.

Ele olha para cima e revira os olhos.

— Não demorou muito para superar a última — ele diz. E Finley estremece, mas consegue manter o braço em volta de mim enquanto o outro garoto sai.

Assim que a porta se fecha, nos separamos.

— Desculpe — falamos ao mesmo tempo.

— Ele não vai dizer nada? — pergunto.

— É claro que vai. Mas só para os rapazes. Código masculino — ele dá tapinhas ao lado do nariz.

— Ótimo — eu digo. Então me pergunto por que estou me importando. Desde que eles não contem às autoridades que estou aqui... Minha reputação é a última das minhas preocupações.

Ele abre um armário e procura algo.

— Tire essa roupa molhada e coloque estas. — Ele se vira e eu tiro o jeans e as meias. Visto seu moletom gigante e suas enormes meias de lã. Ainda estou tremendo. — Minha cama não é tão repugnante quanto a dele. Vá em frente, se aqueça — eu deito e me enrosco no cobertor como em um casulo. Finley coloca minhas coisas no aquecedor e enche minhas botas de papel.

Ele puxa uma cadeira de rodinhas. Agora vêm as perguntas, e ele tem o direito de perguntar, mas, em algum tipo de reação maluca e atrasada de medo, estou com os braços ao redor da cabeça. Nico. Ele deve saber que estou viva. Por que mais ele estaria lá? Ele vai me encontrar. Solto soluços profundos, e Finley começa a dar tapinhas no meu ombro, todo atrapalhado, mas gentil, e por alguma razão isso me faz chorar mais.

— Ei! Vai dar tudo certo. — Como ele pode saber? — Não chore. Se alguém ouvir, vai arruinar a minha reputação.

Eu me encolho, soluçando, e luto para me controlar. Um sinal toca e eu levo um susto.

— Hora do jantar. Mas eu posso ficar. Eu me sento e esfrego a mão nos olhos.

— Na verdade, estou morrendo de fome.

— Ah, graças a Deus, eu também! Certo. Vou trazer para cá.

— Você pode fazer isso?

— Claro. Os garotos vão me encher de perguntas quando eu pegar um prato extra. Volto em cinco minutos.

Ele sai, e eu luto para me reestruturar como antes. Quando estava certa de que sairia livre, que encontraria Aiden e lhe daria minhas fotos, porque ele saberia o que fazer com elas. De alguma forma, com potencialmente todos os Lordeiros do mundo atrás de mim, eu não estava exatamente bem, mas poderia seguir em frente. Mas e agora, com o Nico?

Depois de tudo o que ele e o TAG fizeram comigo. Roubaram minha infância, minha vida, mataram meu pai, me programaram para ser uma assassina. Sinto uma pontada de fúria por dentro. Mas acima de tudo, suplantando todo o resto, está o medo. Um olhar para ele, mesmo de longe, e eu fiquei apavorada. Ele deve saber que não morri quando ele detonou a explosão. Por que mais ele estaria aqui? Astrid sabia que eu havia sobrevivido. Ela deve ter dito a ele quando descobriu onde eu estava. Ele vai me encontrar. Ele sempre me encontra.

Eu olho nervosa para a janela às minhas costas e para a porta do lado oposto, como se, ao pensar no que me assusta, eu pudesse esconjurá-lo.

Mas Astrid e Nico juntos: o que isso significa? Não consigo entender. Stella disse que Astrid estava por trás dos assassinatos, que o TAG os concretizou, mas que ela planejou. Não poderia ter sido o Nico; isso foi há mais de vinte e cinco anos e ele não poderia ser muito mais velho do que isso. Astrid deve ter ligações com o TAG. Será isso? Que ela ainda os usa para seus propósitos?

Mas Nico odiava os Lordeiros. Como eles poderiam estar no mesmo lugar ao mesmo tempo? Ele era totalmente dedicado ao TAG.

Sacudo a cabeça, tentando entender tudo isso. Depois que fui levada de Castlerigg para aquele outro lugar pelo doutor Craig, Nico estava lá. Ele estava envolvido desde o início. Astrid era minha avó, ou assim eu pensava naquela época; ela me conhecia desde que eu era um bebê. Ela pode ser a única pessoa que sabe de onde eu realmente venho. Agora que eu a vi com Nico, não é coincidência demais pensar que o TAG me usou como alvo e que ela não estava

envolvida? Stella acha que meu pai estava por trás do que aconteceu comigo, mas era Astrid, sua própria mãe, o tempo todo.

Ouço passos se aproximando, e eles me tiram desses pensamentos. Meu coração dispara. Uma batida leve e Finley abre a porta.

Ele vê o olhar no meu rosto.

— Sou eu. Será que devemos ter uma batida secreta?

— Desculpe, eu estou nervosa. E desculpe por ter perdido o controle antes.

— Não se preocupe. Aqui está — ele me estende uma das duas tigelas grandes de guisado que traz nas mãos. Há uma fatia de pão no canto da tigela e o cheiro é ótimo. Eu só disse que estava com fome para fazê-lo ir, para ter tempo de me recompor, mas, agora que sinto o cheiro da comida, estou faminta.

Enquanto comemos, Finley me olha com curiosidade, fazendo pausas entre as colheradas.

— Você está diferente, acabo de notar. Sem óculos. Mas seus olhos estão diferentes de alguma forma.

— Eu os perdi no lago.

— Vai me dizer o que está acontecendo?

Eu olho para ele. Cheguei ao ponto fraco do meu plano.

— Às vezes é melhor não saber das coisas.

— Como no que você estava metida hoje.

— Exatamente.

— Fico contente que eu tenha uma reputação de bom hospedeiro, mas, não importa o quão liberal seja este lugar, vai acabar notando. Você não pode ficar aqui para sempre.

— Apenas algumas horas serão suficientes. Obrigada.

— O que posso fazer para ajudar?

Eu não consigo ver nenhuma maneira de obter as informações de que preciso, a não ser ir direto ao ponto.

— Eu preciso encontrar o Len — revelo, com um pedido de desculpas implícito para Len. Ele não queria que Finley soubesse de nada, não é?

— Sempre soube que o velho era mais do que aparenta. Isso é fácil; ele mora no alto da montanha. Podemos ir agora mesmo.

— Acho melhor esperar até que todo mundo esteja dormindo, então saio sem ser notada. Me diga onde encontrá-lo, e eu vou...

— De jeito nenhum. Eu também vou. Não quero que você se perca ou dê com a porta errada.

— Mas...

— Nada de mas. É assim que vai ser — ele pega as tigelas e leva algumas coisas para seu colega que teve de se abrigar em outro quarto. Ele retorna, senta

em uma cadeira e começa a ler um livro; a seguir, torce o nariz para o estado da outra cama e me diz que cuidará de mim, que tudo está bem, que devo tentar dormir e que ele vai me acordar em poucas horas.

Finalmente aquecida, estou certa de que não conseguirei dormir, que não é possível. Ainda tenho os meus próprios medos, além de outros intrusos. E se Nico se der conta de que Ellie foi a última pessoa a falar comigo? Meu estômago revira ao pensar o que ele poderá fazer se colocar as mãos nela. Então estou com raiva de Stella por ter usado Ellie desse jeito, e no instante seguinte tenho medo por Stella. E por Finley. Não vai demorar muito para alguém se lembrar de que passamos o dia juntos, para vir procurá-lo e, em seguida, se eles ainda não entraram em contato com os que estavam nos perseguindo perto do orfanato hoje, eles o farão em breve. Finley diz que está cuidando de mim, mas não faz idéia do que poderá enfrentar se eles vierem aqui.

Meus medos são como corvos negros ao redor da minha cabeça, mas de alguma forma eles se tornam tênues e distantes, e eu adormeço.

Uma cabeça pequena espreita sobre o ombro da mãe. Risos.

Abaixe-se! Digo em silêncio, com os meus olhos, mas ele não entende. Ele espreita novamente.

Desta vez, eles o veem. Lordeiros vestidos de preto.

Eles passam por mim marchando e arrancam o menino da mãe; ela está implorando, ele está chorando. As pessoas do trem abaixam os olhos e focam o chão, ou as janelas vazias. Ninguém se move. Ninguém diz nada.

Não desta vez. É hora de dizer não. Chega. Eu saio da minha cadeira.

— Deixem o menino em paz!

Um dos Lordeiros se vira lentamente. Seu cabelo loiro com mechas é muito longo e rebelde para um Lordeiro. Seus olhos azuis claríssimos cintilam perigosos. Ele mostra um sorriso sedutor e estende a mão.

Nico? Não. Não pode ser.

CAPÍTULO 24

Meus olhos se abrem de repente. Eu me sinto um pouco confusa. Onde estou? No quarto de Finley. Ainda está tudo em silêncio. O que me acordou?

Olho pelo quarto e a luz do luar que atravessa algumas aberturas na cortina é apenas suficiente para enxergar. A cadeira e a outra cama estão vazias. Estou sozinha.

A seguir, há um som fraco no corredor. Passos?

Sento, amedrontada. Não tenho onde me esconder. Não há tempo suficiente para sair pela janela. Não há para onde correr.

Um leve toque na porta e ela se abre. É Finley.

Relaxo aliviada.

—- Que bom, você está acordada — ele diz — Está na hora de ir.

Eu ignoro o pânico e pego minhas coisas sobre o aquecedor.

— Praticamente secas.

Ele se vira e eu as visto rapidamente.

— Agora vamos — ele pega a minha mão. — Se alguém nos vir pensará apenas que estou ajudando você a sair discretamente.

Finley verifica o corredor e me chama. Nós seguimos para a escada em silêncio, descemos e saímos pela porta dos fundos. Desta vez uma porta de verdade, e não uma janela.

Olho para o lago. Tudo se encontra em silenciosa e negra escuridão. Faço uma careta. Certamente, assim que os Lordeiros perceberem que não estou em casa ou a caminho de lá, saberão que peguei um caiaque; e notarão que os outros remos estão faltando. Eu até esperava ver luzes de busca.

Esgueiramos por caminhos íngremes, para longe das casas e do lago, Finley segue na frente. Caminho firme e em silêncio no escuro; anos de treinamento na floresta com Nico me deixaram especialista. Finley não se sai tão bem. Um estalo particularmente alto na frente me faz estremecer.

— Fique de cabeça baixa — sussurro.

— Não se preocupe, a árvore está bem — ele diz.

— Que árvore?

— Aquela, cujo galho acaba de se arrebentar na minha cabeça. Começo a perceber que ser baixinha tem suas vantagens.

Chegamos a uma estrada e caminhamos por quase dois quilômetros, atentos ao barulho de carros e nos escondendo sempre que passa um. Então começamos

a descer uma pista longa e sinuosa.

— Aqui estamos nós, na residência do Len — diz Finley. Eu acho que aquilo se parece mais com um barraco do que com uma casa; o carro que pegamos emprestado antes está estacionado ao lado. Está tudo silencioso e escuro.

— Que horas são? — pergunto, sussurrando.

— Quatro da madrugada.

— Espero que ele não tenha um sono pesado.

Finley bate de leve na porta; nenhuma resposta. Ele tenta a maçaneta. Trancada. Trocamos um olhar.

— Eu acho que bater na porta com vontade vai contra toda essa coisa de estarmos aqui em segredo — ele diz.

Eu pego algumas pedrinhas e as jogo contra a janela. Pouco depois, ouvimos movimento do lado de dentro, as fechaduras se destrancando. A porta se abre e Len espreita.

— É melhor que tenham um bom motivo. Len nos leva para a cozinha e fecha a porta.

— Eu não sei quanto a vocês, mas eu não posso ser civilizado sem chá a esta hora da manhã. Você pode fazer isso enquanto conversamos — ele diz para Finley, apontando para a chaleira e as xícaras. A seguir, me leva para a sala ao lado e fecha a porta.

— Então, senhorita Lucy Connor, seu disfarce foi descoberto.

— Você já sabe? Ele confirma.

— Como?

— Recebi uma mensagem de sua mãe. Olho para ele em choque.

— Ela conhece você?

— Como acha que você foi parar no DEA, afinal? Balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não sei; acho que não pensei nisso.

— Você sabe como eles descobriram quem você é?

— Eu não sei. Mas acho que a Steph, que é uma das meninas, trabalha como espiã para Astrid. Ela viu quando meus óculos caíram. Que os meus olhos são verdes.

— Eram uns óculos e tanto. Não os usa mais?

— Eu os perdi no lago. Não acho que isso tenha importância agora. Tenho certeza de que Astrid já estava desconfiada de que algo estava acontecendo com Stella. Então, se Steph contou a ela sobre os meus óculos, ela deve ter somado os fatos e descoberto — eu me reclino e suspiro. — Sinto muito por ter envolvido o Finley. Eu tive de fugir, e não sabia outra maneira de encontrar você.

— Ele é um jovem inteligente. Vai ficar de boca fechada. Mas há mais para

contar, não é?

Há uma batida na porta. Finley espreita e estende duas xícaras de chá.

— Posso entrar?

— Ainda não, nos dê mais um tempinho — pede Len. Finley parece decepcionado, mas nos entrega o chá e sai. Len toma um gole do chá super-hiper-quente e parece

mais feliz.

— Assim está melhor. Agora me diga. O que aconteceu ontem à tarde para fazer os Lordeiros procurarem você por toda a montanha?

— Eu descobri uma coisa, algo que coloca os Lordeiros em maus lençóis. Eu preciso chegar até o Aiden, quanto antes melhor. Você pode me ajudar?

Ele me encara sério e respira fundo.

— Sempre vou ajudar quando puder, porque eu sou um velho idiota e estúpido. Não tenho tempo de vida sobrando para ser cauteloso. Mas tirar você da cidade vai ser difícil se estão procurando por você. Talvez você deva me dizer por que isso é tão importante.

E eu hesito, dividida. Aiden confia nele, e isso é o suficiente para mim. Mas será mais seguro se ele não souber?

— Veja por esse lado. Se você é o único que sabe de uma coisa, e algo acontece com você, ninguém saberá.

Concordo com a cabeça e engulo em seco.

— É tão horrível, que é difícil até mesmo falar — minha cabeça dói, e eu a coloco entre as mãos.

— O tempo é curto, Lucy — ele enfatiza gentil.

— Eu prefiro que você não use esse nome. Continue com o Riley.

— Está bem, Riley.

Eu me volto para cima e encontro seus olhos.

— Nós vimos de longe. A fila de crianças, caminhando ao longo da cerca dentro do terreno do orfanato. Mas alguma coisa estava errada com elas. Não eram como crianças normais. Então, me aproximei para ver melhor.

— Doida de pedra. Mas e daí?

— São todas Reiniciadas. Até mesmo as menores, de uns quatro ou cinco anos de idade — o horror que sinto em meu rosto está refletido no dele. — Eles eram como robôs..., quase. Sem personalidade, sem vida.

Ele agarra minha mão.

— Tem alguma evidência? Apalpo o meu bolso.

— Fotos, na minha câmera, dos Nivos em seus pulsos.

— Péssima hora — ele diz e xinga baixinho. — O site do DEA foi haqueado.

— O quê? Será que foi assim que descobriram onde eu estava? — como

Reiniciada, investigar minha vida passada é completamente ilegal. Isso seria motivo suficiente para que os Lordeiros me caçassem, sem contar minha intromissão em seus segredos no orfanato.

— Eles entraram nas áreas protegidas do site. Qualquer informação disponível para administradores do DEA está aberta para eles. Se procurassem, eles saberiam que você foi encontrada, mas não teriam sua localização. Esse tipo de informação não é armazenada no site, nem mesmo criptografada. É claro que eles podem ter pensado em procurar por você em Keswick. Mas todas as comunicações por computador estão suspensas enquanto isso é investigado, por isso não podemos enviar as fotos como um becape. Além disso, Aiden precisará de você. Você é a testemunha. Temos que fazer você chegar lá.

— Bem, você sabe como eles estão procurando por Lucy Connor? As coisas poderiam piorar.

— Pode ficar pior?

— Se eles associarem você à garota que tirou fotos no que eles chamam de orfanato. E se descobrirem que Finley estava comigo. E você foi visto com a gente mais tarde. Eu sinto muito.

Len convida Finley a entrar e tomar um chá conosco. Len pega alguns biscoitos e levanta a mão quando tentamos dizer algo.

— Fiquem quietos. Estou pensando. Finalmente Len olha para mim, e aponta para Finley.

— Você não contou a ele o que descobriu? — nego com a cabeça. — Deixe assim, então.

Finley parece prestes a protestar, mas Len levanta a mão.

— Me escute. Podemos estar encrencados. Mas, se você não sabe o que é, não pode dizer. Você pode bancar o inocente. É um pouco forçado para você, eu sei.

— Eles não se preocupam com a inocência — eu digo em um tom amargo, ao pensar nas crianças Reiniciadas. Crianças? Algumas delas eram praticamente bebês.

— Isso é o que eu acho que você deve fazer — Len diz a Finley. — Vá para casa. Volte a dormir como se nada estivesse acontecendo. Eu acho que as chances são baixas de eles conectarem você a ela.

— Ele não pode vir comigo? — pergunto.

— Não. Se Finley for dado como desaparecido agora eles ligarão vocês dois. E estarão mais propensos a deduzir que eram vocês dois que eles estavam procurando ontem na montanha.

— Não, você não pode simplesmente mandá-lo de volta! É muito perigoso.

— Me escute. Há algo estranho em tudo isso. Se você realmente encontrou

algo que o governo dos Lordeiros quer manter escondido, eles teriam se lançado sobre todo o condado como uma tonelada de tijolos, bloqueando estradas, fazendo buscas nas casas, nos locais de trabalho. E não houve nada disso.

— E o que significa isso? Ele coca a cabeça.

— Não tenho a menor idéia, mas por enquanto acho que isso está em nosso favor. Normalmente eu pensaria em aguardar até que as coisas se acalmassem antes de tentar movê-la para qualquer lugar, mas desta vez eu acho que, quanto mais rápido você sair da cidade, melhor.

— Certo. Vou embora, então, ou não serei capaz de chegar discretamente antes do amanhecer — Finley se levanta e se aproxima de mim meio sem jeito. Ele se inclina para me dar um abraço.

— Cuide-se — ele diz. — Não se preocupe comigo, eu vou ficar bem.

Len o leva até a porta, e eles cochicham algo muito baixo para que eu possa ouvir; em seguida, a porta se fecha e Len volta para o seu lugar.

— Você realmente acha que eles não vão encontrá-lo? — pergunto.

Ele hesita.

— Não, e ele sabe disso. Ele está fazendo isso para que você ganhe tempo. Não o desperdice.

CAPÍTULO 25

— Você tem certeza disso?

— A menos que você possa bater os braços e voar, tenho sim — diz Len. — Os trens estão parados. Mesmo que conseguíssemos agora outra identidade falsa, eles já estão atrás você. Eles não são fáceis de ser enganados. É o único jeito.

O caminhão, para o transporte de mercadorias, está estacionado atrás de uma oficina no meio do nada. Depois das proibições ambientais para o turismo de longa distância em carro particular, esse é o único tipo de veículo que faz percursos rodoviários longos. A cabine do caminhão tem um piso falso que Len acaba de abrir, com um pequeno, e eu quero dizer realmente pequeno, espaço por baixo. Tem sido usado apenas para deslocar tecnologia para o DEA. Eu serei a primeira passageira.

— Vamos ver se você cabe — ele diz, e eu me encolho e me aninho em um cobertor. Tento diferentes posições até encaixar braços e pernas. — Vou testar o chão agora. Bata ou grite se ficar muito apertado.

Eu levanto o polegar, Len repõe lentamente o piso em seu lugar, sobre mim, e eu mergulho na escuridão. Ele o abre novamente.

— Tudo bem?

— Acho que sim, só precisei encolher os ombros. Vá em frente.

Ele o coloca de volta no lugar. O barulho da broca quando ele substitui os parafusos é inacreditável, e eu tento tapar os ouvidos com as mãos, mas mal consigo me mover o suficiente. Começo a sentir um pânico irracional, como se estivesse sendo enterrada viva em um caixão. O motorista está almoçando. Ele não é do DEA, mas é subornado com freqüência para deixar seu caminhão sozinho por um tempo. Embora saiba que está transportando algo, ele é mantido ignorante quanto ao conteúdo. Ele não sabe que estou aqui. E se algo acontecer a quem quer que deva pegar essa "entrega" no ponto de destino? Ninguém, além de Len, sabe que estou presa aqui. Ele achou muito perigoso enviar uma mensagem que possa ser interceptada. Mesmo que ele tenha perfurado alguns buracos para o ar, já sinto dificuldade em respirar.

Ouço um tap-tap vindo de fora e imagino Len dando tapinhas ao lado do caminhão para me desejar sorte.

Dou um sorrisinho, que não dura muito. Devo tanto a Len e a Finley. Por favor, fiquem em segurança. Len me contou que arranjou uma fuga segura para o Finley, para o caso de ele se sentir em perigo, mas, se os Lordeiros forem atrás

dele, é mais provável que ele não tenha a menor chance. Foi sorte eu estar perto do lago quando Nico, Astrid e os Lordeiros chegaram. Se Stella não tivesse enviado Ellie com aquela mensagem enigmática, eles provavelmente teriam me pegado. O que eles teriam feito comigo? Nada de bom, eu tenho certeza. Talvez me levado para a prisão em que Len acredita que Madison esteja. Ou, talvez, eu estivesse morta.

O tempo passa. Uma porta se abre, e é fechada com força logo a seguir. O motor do caminhão é ligado, e ele cambaleia ao longo das estradas esburacadas pelo que parece ser uma eternidade. Depois pegamos a autoestrada, que é suave e rápida. O movimento de balanço é quase reconfortante. O pequeno espaço confinado é aquecido e me embala para dormir.

VVRRRRR...

Acordo de supetão e bato a cabeça com força em algo acima de mim, então lembro onde estou. Aquele barulho, ecoando no meu crânio; são os parafusos que estão sendo removidos. Chegamos, aonde quer que seja, ou será que fomos parados ao longo do caminho? Eu não tenho noção de quanto tempo se passou. Mas, agora que estou acordada, todos os músculos do meu corpo estão gritando para se mover e esticar e, de um jeito ou de outro, eu vou sair dali.

O último parafuso é retirado, o chão é levantado e eu me sento.

Um rosto espantado me olha de cima e o chão quase cai na minha cabeça.

— Oh, meu Deus. É uma garota.

O piso é afastado e outro rosto aparece. São dois homens, de macacão. Obviamente não são Lordeiros. Eu respiro aliviada e coloco as pernas para fora.

— Ai! Pode me dar a mão?

Um deles me ajuda e eu saio do caminhão, mas quase caio de novo. São minhas pernas protestando depois de tanto tempo na mesma posição. Eu me equilibro, com uma mão na lateral do caminhão. Estamos do lado de fora, no frio, por trás de alguns edifícios, e está escuro.

— Onde estou?

Eles trocam um olhar.

— Ah, desculpe. Estou aqui para o ato final do Conto de Inverno — Len tinha me passado as palavras que eu deveria dizer; palavras codificadas que devem me levar ao comando do DEA de imediato.

As coisas andam rápido depois disso. Sou levada para dentro de uma oficina e corro até seu banheiro nojento. Depois peço uma xícara de chá enquanto conversas apressadas acontecem do outro lado da porta. Estou estranhamente calma. Será porque o que acontecerá a seguir está fora do meu controle? Eu não sei.

Um carro surge e me colocam no banco de trás. Um homem e uma mulher

sentam-se silenciosamente na frente. Eu olho pelas janelas; passamos por uma área industrial, em seguida por mais e mais áreas urbanizadas. Não é Londres e não é familiar, mas depois vejo uma placa: Bem-vindo a Oxford. Tão perto de casa! Ou o que costumava ser a minha casa. Meu antigo colégio, Lord Williams, está a apenas alguns quilômetros de distância, em Thame. Nosso vilarejo não fica muito além dali.

As ruas se tornam mais cheias de prédios antigos, tomadas por pedestres. Seguimos pelas ruas estreitas até pararmos. Eles me entregam um casaco diferente para vestir, um chapéu, e caminho ao lado do motorista ao longo de ruas de paralelepípedos, após uma enorme construção antiga. Anseio por parar e, de queixo caído, olho para cima em toda a minha volta, mas não ouso chamar atenção para mim mesma.

Nós nos abaixamos ao passar por um arco, por um caminho ao longo de uma quadra rodeada por edifícios; em seguida, chegamos a uma porta, onde somos recebidos por uma garota sorridente, alguns anos mais velha do que eu. O motorista me deixa lá. Eu sigo a garota por passagens sinuosas até uma outra porta. Ela bate de leve.

— Pode entrar — ela diz, e vai embora.

Eu abro a porta. É uma sala de estudo, com estantes de livros alinhadas. E quem está lá, naquela mesa? Aiden, com uma aparência muito assustada.

— Kyla? Você é a nossa nova testemunha? Graças a Deus está tudo bem com você — ele salta por cima da cadeira e me envolve em seus braços para um abraço, e eu retribuo com um pouco de força. Algo me tranquiliza; Aiden está aqui e saberá o que fazer. Será que estou segura, pelo menos por um tempo? Ele finalmente me solta, mas continua segurando minha mão, meus dedos entrelaçados nos dele. E eu o olho, estremecendo pela vontade tão forte que tenho de continuar segurando sua mão. Como senti a falta dele. De seus profundos olhos azuis. Olhos alegres, apesar dos riscos que ele assume. A maneira como seu cabelo reage à luz, com reflexos de vermelho-fogo. Eu sorrio.

— Aham — o som de um pigarro. Eu me viro e vejo que há outra pessoa na sala, uma mulher em uma cadeira perto do fogo. Mais velha do que Aiden, uma expressão de fome feroz em um rosto pálido, com círculos escuros ao redor dos olhos. — Eu espero que não estejamos usando todos esses recursos para transporte de namorada agora — ela franze a testa.

— Len não nos teria enviado nada dessa maneira que não fosse vital. Não com um código de emergência — a voz de Aiden é calma, mas suas bochechas ficaram com um leve tom de vermelho.

— Então, o que é tão urgente? Conte! — ela exige. Eu olho para Aiden.

— Eu prefiro falar com você a sós. Ela faz uma careta.

— Sem chance.

— E quem é você? — retruco.

— Está tudo bem, Kyla. Esta é Florence. Nós comandamos o DEA juntos, desde que... — e ele para. — De qualquer forma, sempre trabalhamos em um sistema duplo ao ouvir testemunhas. Se mais pessoas sabem, então a informação está segura.

— Está bem, então — eu pego a câmera e a remexo com dedos ansiosos; digito a senha da pasta e encontro o controle de projeção de tela. — Essas fotos foram tiradas no Abrigo de Cúmbria, perto de Keswick. Um orfanato isolado e rodeado por cercas. Eu vi crianças andando dentro do limite da propriedade, movendo-se estranhamente. Eu me aproximei para ver melhor e isso foi o que eu descobri.

Não há paredes brancas, por isso aponto para a porta, e aperto o botão para mostrar as fotos: três meninos pequenos, de pulsos esticados. Seus Nivos claramente visíveis.

Os dois se surpreendem.

— Meu Deus! — Aiden ex dama, e eles olham um para o outro.

— Pela forma como estavam agindo, todas as crianças do orfanato eram Reiniciadas. Desses pequenininhos até os de onze ou doze anos. Eram cerca de cinqüenta crianças no total.

— Não podemos esperar mais — ele diz. — Não com esta e todas as outras provas de atrocidades praticadas por Lordeiros que já temos. É hora de passar para as pessoas as informações que reunimos. Elas não podem ignorar isto. Será o começo do fim dos Lordeiros.

Florence sacode a cabeça.

— Precisamos de verificação. Fotos podem ser falsificadas.

— Não! Nós temos uma testemunha.

Eles continuam, e tenho a sensação de que virá uma longa argumentação com diferentes variações, mas me sinto distante. Passei adiante o que sei, não é mais o meu fardo. Há outras coisas que eu quero, e preciso, contar a Aiden; coisas pessoais. Mas não aqui, não agora. Não com ela na sala.

— Desculpem — interrompo, assim que há uma pausa.

— É possível eu conseguir alguma coisa para comer?

Aiden fica sem graça.

— Claro. Mas nos deixe com as fotos — ele estende a mão para a câmera.

— Quero ficar com a câmera, há coisas minhas aí também. Ele a conecta a um computador e faz o download das fotos do orfanato quando lhe passo a senha. A seguir, me devolve a câmera.

— Mas Len me disse que o sistema de computador do DEA está

comprometido.

Aiden suspira e confirma com um aceno de cabeça.

— Tem sido um pesadelo. Nossos técnicos estão trabalhando nisso. Sabíamos que eles monitoram o site há anos, mas desta vez eles romperam defesas e foram capazes de rastrear para os administradores do site. É um mistério a maneira como conseguiram, e não temos certeza de por quanto tempo eles têm nos espionado através dele ou a quantidade de informação que já conseguiram acessar. Mas este computador está offline. Então, por enquanto, as fotos ficam armazenadas aqui, e continuam aí, é claro — ele aponta para a câmera. — Guarde-a em lugar seguro.

Eu a coloco de volta no fundo do meu bolso. Aiden olha incisivamente para Florence. Ela suspira e se levanta.

— Entendi a indireta.

— Você poderia trazer algo para Kyla comer? — Aiden mostra seu sorriso mais encantador, e ele é muito bom nisso, mas ela faz uma careta.

— Não abuse da sorte — ela pisa forte até a porta e olha para trás. — Mas vou dar um jeito para que tragam alguma coisa.

— Você pode pedir ao novo rapaz para trazer? Ela olha para ele com curiosidade, depois assente. E ela se foi.

— Ela é irritante — estou feliz por ela ter ido, mas ainda mais feliz por estar sozinha com Aiden. Minha mão busca a dele novamente e ele sorri.

— Ela tem motivo. Foi o pai dela quem criou o DEA, décadas atrás. Sua identidade foi exposta com o material do computador. O disfarce se foi e ele está morto. Ela está se escondendo aqui. Como eu.

— Ah, não, isso é horrível.

— Mas não vamos focar nos problemas. Temos razões para estarmos alegres aqui hoje.

— Temos?

— Você está bem, está segura. Apesar das nossas dificuldades tecnológicas, estamos quase lá, Kyla. Estamos prontos para divulgar a nossa verdade sobre o mundo dos Lordeiros assim que nossos sistemas voltarem a funcionar. Você é uma pedra no sapato deles.

— Que imagem adorável — sorrio. — Aiden, você estava certo sobre tudo.

Ele sorri.

— Claro que eu gosto de ouvir isso, mas sobre o quê, exatamente?

— As coisas só vão mudar se todo o mundo souber o que se passa, e se unir. Eu quero fazer tudo o que eu puder para o DEA. Me unir a você de uma vez por todas.

— Ser uma testemunha já está bom demais.

— Não, não está. Deve haver mais que eu possa fazer — protesto. E por dentro estou começando a reunir todo o resto que tenho para dizer a ele; tudo o que eu não disse antes e que descobri desde a última vez em que estivemos juntos. Mas, antes que eu possa começar alguém bate na porta.

— Eis sua terceira razão para ficar alegre — diz Aiden. Mas ele está diferente, seus olhos estão tristes, e ele solta a minha mão.

Eu o olho, sem compreender. A porta se abre.

Eu pisco. Olho novamente para Aiden, sem acreditar no que vejo. Sem confiar nos meus olhos.

Olho novamente para quem está parado à porta, com uma bandeja de sanduíches nas mãos. Para o jeito como seu cabelo escuro e crescido está escondido atrás das orelhas e para seus olhos castanhos, cor de chocolate. O jeito como ele fica de pé. Um sorriso toma o meu rosto, meu corpo inteiro.

— Ben?

CAPÍTULO 26

Eu fico olhando, paralisada, e me volto para Aiden.

— Mas como... O que...

— Vou deixar que o Ben explique — ele se levanta e se dirige para a porta. — Matem a saudade, eu volto mais tarde. Precisamos conversar um pouco mais — ele sai e fecha a porta.

Ben sorri um pouco desconfortável. Ele coloca a bandeja sobre a mesa.

— Kyla, não é?

Confirmo com a cabeça, tentando impedir que transpareça em meu rosto a onda de decepção que me toma por dentro. Ele ainda não se lembra de mim, ou o que fomos um para o outro. Quando ele abriu a porta, por um momento pensei que ali estivesse o meu Ben novamente, de alguma forma, e que por isso ele estivesse ali. Mas suas memórias se foram.

Ele se senta na cadeira ao meu lado, a centímetros de distância, mas parece uma lacuna de quilômetros, quando tudo o que posso fazer é me controlar para não estender a mão e tocá-lo. Em vez disso, eu apenas deixo meus olhos caírem sobre ele, analisando cada pedacinho que eu tinha medo de nunca ver novamente.

Ele parece estar gostando.

— Há algo que eu preciso lhe dizer, mas é difícil com você me olhando assim — um traço do humor de Ben. Não importa se suas memórias se foram, aquele é o Ben.

— Desculpe, vou tentar parar. O que foi?

— Obrigado.

— Pelo quê?

Ele passa as mãos pelo cabelo, do jeito como sempre fez.

— Foi você que me tirou daquele lugar de treinamento. Com os Lordeiros.

— Foi?

— Eu pensei que eu quisesse estar lá, que queria ter sucesso. Para me tornar o que eles queriam. Mas todo o tempo lá havia uma voz na minha cabeça, duvidando do que eles diziam, questionando as coisas. Sua voz.

— O que eu disse funcionou? Eu pensei ter conseguido, por um momento. Mas depois duvidei. Achei que talvez eu tenha visto aquilo porque queria ver. Mas realmente funcionou?

— Sim, graças a você eu estou na corrida contra os Lordeiros com você e

todo o resto dos malucos — ele sorri, provocativo.

— Você sabe o que eles fizeram com as suas memórias? Ele nega.

— Na verdade não. Aiden está ajeitando para que eu veja um médico, para fazer uma ressonância e outras coisas. Não sei o que vão encontrar.

As mangas dele são longas; eu as seguro e as puxo para cima; sinto sua pele quente sob os meus dedos.

— Você não tem Nivo.

— Não — ele dá um sorriso malicioso. Segura minha mão e a prende entre as suas. — Você não precisa de uma desculpa para me tocar.

— Você nem sequer se lembra de nós dois juntos! Você é um paquerador — me sinto confusa e tonta com a sensação da sua pele contra a minha. Para Ben, a minha mão é a de uma desconhecida? Isso é estranho. Ele parece o mesmo, mas eu o conheço?

— Talvez eu seja. Mas sei que já fomos próximos. Você deve realmente se importar comigo, para correr o risco de ir àquele lugar cheio de Lordeiros. Indo ao meu encontro, tão perto do perigo.

Eu dou de ombros.

— Eu sou uma idiota. Eu faço esse tipo de coisa.

— Estou feliz que você tenha feito.

— Como veio parar aqui com o Aiden?

— É uma longa história. Foi ele quem me encontrou. Eu fugi; alguém do DEA me viu e reconheceu. Aiden me procurou até descobrir onde eu estava escondido. Ele passou maus bocados para me convencer de que não estava com os Lordeiros.

— Claro, você não teria se lembrado dele também.

— Não. Infelizmente, acho que o machuquei um pouco. Até ter certeza de que ele estava dizendo a verdade.

— Ops!

— Não tenho certeza se seu orgulho superou a gravata que lhe dei. Na verdade, não tenho certeza de que ele ou Fio saibam o que fazer comigo. Eles querem descobrir o que fizeram comigo, mas fazem questão de que eu esteja acompanhado. Não sei bem o que eles acham que eu vou aprontar.

— Acho que eles precisam ser cuidadosos — minha testa está franzida. Essa não é a maneira de ajudar alguém a melhorar, apesar de tudo. Quem sabe ele comece a recuperar algumas memórias, como eu? — Ainoa não acredito que você está aqui — e estou novamente dando um sorriso de maluca ao olhar para ele.

Ele parece notar e sorri.

— Ouvi dizer que você estava com fome. Eu os fiz especialmente para você

— ele aponta para a bandeja esquecida sobre a mesa e solta minha mão.

— Obrigada — pego um sanduíche, um substituto ruim para a mão de Ben. Queijo com picles, e eu nem gosto de picles, mas como ele se lembraria disso? Quando há tanta coisa mais importante que ele também não consegue lembrar.

Ben permanece ao meu lado, eu como os sanduíches, ele me faz rir algumas vezes, e eu tento não o encarar demais. Isso realmente está acontecendo? Ben; ele está ali realmente. Aiden o encontrou, e ele está são e salvo.

Aiden bate à porta.

— Olá, tudo bem se nós entrarmos?

Gesticulo que sim, com a boca cheia de pão. Aiden entra e com ele está Florence, que olha fixamente para Ben. Ele revira os olhos e se levanta.

— Estarei lá fora, então — diz Ben. — Vejo você amanhã?

— Espero que sim — respondo. Ele sai e eu o ouço falando com alguém no corredor antes que a porta se feche. Eles realmente tinham alguém do lado de fora o tempo todo?

— Você mantém o Ben vigiado a cada minuto do dia? Aiden encolhe os ombros e olha para Florence.

— A senhora Cautelosa acha que é necessário. Ela se encrespa.

— Nós realmente não sabemos o que pode acionar o gatilho dele, não é? Acho que nem ele sabe. Até descobrirmos o que foi feito com ele, é uma precaução razoável.

— Você é muito cautelosa, com Ben e tudo o mais. Devíamos divulgar agora as evidências que reunimos. Junto com o depoimento de Kyla.

— Depoimento? O que é isso, exatamente? — interrompo.

— Nós gravamos os relatos das testemunhas das atrocidades dos Lordeiros, ou filmamos quando podemos — explica Florence.

— Filmam?

— Tudo o que você precisa fazer é contar a sua história para a câmera; simplesmente fale o que disse para nós — explica Aiden. — Então, quando divulgarmos a denúncia, se algum dia fizermos isso — ele lança um olhar significativo para Florence —, a sua história estará lá.

— Nós vamos chegar lá, Aiden — ela afirma. — Mas, para evitar sermos desacreditados e ignorados, temos que ter certeza de que temos relatos de testemunhas para tudo. Não é o suficiente se for tudo o que ele disse/ela disse. Precisamos levantar provas. Boatos não contam.

— Mas os Lordeiros devem saber o quão perto estamos de divulgar a denúncia. Caso contrário, por que gastar uma jogada com esse ataque cibernético? Eles estavam cientes do site há anos. Por que agora? Eles devem saber os riscos. Temos que agir antes que eles nos detenham.

Florence olha para mim.

— Chega disso agora, Aiden — ela diz. Quase como se dissesse Não na frente das crianças. Fico irritada, mas depois me lembro do que Aiden me contou sobre o pai dela, e tento não demonstrar.

— Você se sente preparada para fazer isso agora? — Aiden pergunta. — Nós sempre tentamos gravar o depoimento na primeira oportunidade.

— Em filme?

— Melhor.

Eu engulo em seco, com receio de me comprometer com gravação, som e imagem, mas sem querer deixar Florence ver o meu medo.

— Por que não? Eles estão todos atrás de mim, de qualquer maneira. Dar a eles mais um motivo não fará diferença.

— Esse é o espírito — diz Florence. Eu só tenho tempo de me perguntar se o fato de ter passado a maior parte do dia espremida no chão de um caminhão fez muito estrago com o meu cabelo; e, no momento seguinte, ela está com a câmera em um pequeno tripé sobre a mesa. — Quando estiver pronta — ela diz. — Basta dizer quem você é, e o que você viu — ela aperta um botão e uma luz verde se acende.

— Que nome eu uso?

Ela faz um barulho impaciente e para a câmera.

— Você tem uma lista?

— Para dizer a verdade...

— Use Kyla — diz Aiden.

— Tudo bem — concordo. Ele é tão verdadeiro quanto qualquer um dos outros, não é? Ela começa a gravar e eu olho para a câmera, digo que sou Kyla Davis, que estava fazendo montanhismo em Cúmbria, quando vi um orfanato. Diferente dos outros. E projeto as fotos da minha câmera. Florence também registra isso.

Ela desliga a câmera.

— Isso deve servir. Vou dar uma olhada e falo amanhã — ela guarda a câmera e sai da sala, nos deixando em paz.

— Desculpe. Fio não é sempre tão educada quanto deveria. Obrigado por fazer isso. Sei que foi difícil para você.

— Está tudo bem — eu respondo, tentando ignorar o que ele diz, mas parece loucura dizer coisas de que os Lordeiros não gostariam, e, como se isso não fosse ruim o bastante, ainda deixar alguém gravar. — Pode me passar para a primeira posição na sua lista dos mais procurados, mas será que isso realmente importa? Eu já estou nisso.

— É o único jeito.

— Eu quero agradecer você por ter encontrado o Ben. Ele dá de ombros, desconfortável.

— Era o mínimo que eu poderia fazer. Sempre senti que tinha sido culpa minha, o que ele fez.

— Não foi — protesto. — Se fosse culpa de alguém, seria minha — ou de Nico, acrescento em silêncio, mas Aiden não sabe sobre Nico. Suspiro. Há tantas coisas que eu não disse ao Aiden. Eu deveria? A coisa mais importante, que seria como munição para o DEA, é a história de Stella; que sua mãe, uma Lordeira, estava por trás dos assassinatos. Mas, embora eu tenha prometido não dizer, foi o que Florence chamou de boatos, não foi? Que valor teria, para mim, dizer algo que alguém me disse, se não há nenhuma maneira de provar?

— Você parece estar a um milhão de quilômetros de distância.

— Sinto muito.

— Há uma outra coisa que precisamos conversar.

— O que é?

— Tenha cuidado com Ben, Kyla. Nós não sabemos o que fizeram com ele. E, não importa o que tenha sido, ele não é mais o garoto que você conhecia. Sem suas memórias de quando vocês se conheciam, ele mudou.

— Ele ainda é o Ben.

— Não como era, mas vamos ver o que descobrimos quando fizermos algumas ressonâncias. Parece que eles usaram algum procedimento como o de reiniciar, mas menos drástico. Suas memórias pessoais se foram, mas algumas coisas gerais permaneceram, como o poder de tomar decisões; assim, ele é livre para pensar e agir. Isso os torna mais úteis para os Lordeiros como agentes, mas talvez também os torne capazes de se libertar de seu controle, como Ben o fez.

Fico calada. Eu me arrisquei por ele, não foi? Em algum lugar, lá no fundo, ele é o meu Ben. Eu vou encontrá-lo, de alguma forma. Eu preciso.

— É o bastante para um dia, não? Arrumamos um quarto para você, mas terá que dividi-lo com uma aluna. Vou lhe mostrar —eu o sigo por um corredor.

— Que lugar é este?

— Faculdade Ali Souls. É uma filiada à Universidade de Oxford.

— Eu pensava que a Universidade de Oxford fosse controlada pelos Lordeiros.

— Oficialmente é, mas isso é parte da razão pela qual estamos aqui, escondidos à vista de todos. Eles não procuram direito embaixo dos próprios narizes. Algumas décadas atrás, a Ali Souls desempenhou um papel importante em convencer a Conferência das Faculdades de Oxford de não participar dos protestos. O governo Lordeiro lhes concedeu privilégios especiais de independência, e isso porque não entenderam que a motivação não era a favor

dos Lordeiros, mas para preservar e proteger a universidade. E nós temos conexões aqui há anos; o avô de Florence tinha uma bolsa de pesquisa, e, quando mudaram as regras para admitir alunos como parceiros, Florence foi uma das primeiras. Eles levam muito a sério os laços de amizade entre alunos. Quando precisávamos de ajuda, seu corpo diretor votava para providenciá-la.

— A faculdade votou isso? — estou chocada. — Isso quer dizer que um monte de pessoas sabe que o DEA está aqui.

— Todo estudante e pesquisador.

— É muito risco para todos eles — para nós, se um deles não conseguir manter a boca fechada.

— Sim. Precisamos sair daqui o mais rápido possível. A única maneira é divulgar logo essas evidências. E então será melhor nos dispersarmos e nos escondermos até que as coisas se acalmem.

Chegamos a uma outra porta e ele bate. Quem abre é a garota que me recebeu quando cheguei.

— Esta é a Wendy. Durma bem.

Ela fecha a porta. É um quarto irregular, com estantes ao longo das paredes de pedra, repletas de livros de história. Duas camas estreitas. Um guarda-roupa e uma longa mesa com duas cadeiras.

— Essa é a sua — ela aponta para a cama perto da janela junto à corrente de ar. Ela me mostra o banheiro no corredor, me empresta uma toalha e uma muda de roupa. A curiosidade espreita por trás de seus olhos, mas ela não pergunta nada.

Meu instinto de autopreservação me impediu de ajudar o DEA por muito tempo, até eu ver que era o único caminho. O que faz com que todos esses estudantes universitários, como a Wendy, arrisquem suas vidas por nós, quando eles nem sequer nos conhecem?

Wendy estuda enquanto tomo banho, depois finge dormir, encolhida de frio.

Eu me pergunto onde fica o quarto de Ben, se ele dorme, se tem sonhos. Apesar do perigo que corremos de os Lordeiros nos encontrarem, sua proximidade é como uma droga. Será que alguém o vigia durante o sono, mesmo durante a noite?

O que foi mesmo que Florence disse? Ela duvida que Ben saiba o que aciona o seu gatilho. Ele não sabe muito sobre quem ele era, mas como vamos descobrir isso se eles o mantêm a sete chaves? Eu tenho que ajudá-lo a lembrar.

Eu vou encontrar um jeito.

CAPÍTULO 27

A manhã seguinte chega cedo com um toque na porta. Abro os olhos. Wendy se foi, e Florence está à porta.

— Você não pode dormir o dia todo, há coisas para fazer. Volto em dez minutos.

Eu me apresso pelo corredor para me lavar rapidamente e visto a blusa e o jeans emprestados de Wendy. Não fica mal, mas é tudo muito comprido. Decido enrolar as pernas da calça.

Florence retorna, entra e fecha a porta.

— Aiden me disse que você expressou interesse em aderir ao DEA. — Uma sobrancelha levantada, ainda que de leve, mostra que ela tem dúvidas.

— Eu quero ajudar — digo um pouco nervosa pelo que isso pode implicar com Florence envolvida.

— Bem, você terá sua chance. Temos algumas testemunhas com as quais estou tendo problemas para que coloquem suas histórias para fora. Aiden sugeriu que você pode ser de alguma ajuda. Aparentemente, o meu comportamento nada delicado atrapalha.

Eu me esforço para não rir.

— Você é um pouco dura às vezes.

— E daí? Eu não sou enfermeira nem médica! — e ela quase ri. — Vou lhe mostrar onde conseguir um café da manhã e lhe arranjar um documento de identificação. Eles são emitidos pela faculdade; esteja com ele em todos os momentos. Aiden levará você e Ben mais tarde, ainda pela manhã.

— Ben?

— Aiden acha que passar um tempo com você pode mexer com algo que esteja lá no fundo, escondido — ela revira os olhos. Então me olha mais de perto. — Há uma condição. Você está no comando. Se Ben fizer ou disser qualquer coisa que preocupe você, ou que nos preocupe você tem que dizer a mim ou ao Aiden. Está bem?

— Combinado.

— O que você quer que eu faça? — Ben me pergunta, enquanto coloco minha câmera para gravar.

— Qualquer coisa. Eu só quero ter certeza de que sei como usar isso. Pronto?

— Vá em frente.

Aperto o botão de início e olho para Ben através da câmera.

Ele está recostado na outra ponta do sofá, sorrindo, convencido, mas ainda há algo no jeito dele de sorrir que torna difícil me concentrar no que estou fazendo. Verifique o som.

— Diga alguma coisa.

— Alguma coisa.

— Muito engraçado. Fale quem você é, e o que está pensando.

— Eu sou o Ben — ele se inclina para a frente. — E estou pensando em como você é linda, e que, mesmo que não me lembre, eu tinha um ótimo gosto para garotas.

Sinto um frio na barriga, um nó na garganta. Ele sorri.

— Tente manter a câmera estável.

— Desculpe. Eu era loira naquela época, sabe; estou muito diferente agora.

Ben estende a mão, toca o meu cabelo; eu desisto e abaixo a câmera. Ele se aproxima e olha nos meus olhos. O nó de antes parece agora amarras ainda mais apertadas. Eu não consigo respirar. Quero me afastar daquele estranho e, ao mesmo tempo, me aproximar do Ben que conhecia e amava.

A porta se abre e nos afastamos rapidamente.

— Pronta para ir? — pergunta Aiden.

Nós nos levantamos e caminhamos até a porta.

— Posso dar uma dica? — Ben pergunta, em voz baixa.

— Qual?

— Quando você terminar, lembre-se de parar a gravação. Eu rapidamente aperto o botão de desligar.

Verifico as filmagens no carro em movimento. A câmera funcionou bem, o foco automático manteve Ben bem nítido e sua voz está clara.

Aiden nos leva até a porta de uma casa, nos apresenta, diz que logo estará de volta e vai embora.

Assim, Ben e eu nos encontramos na sala de Edie, com ela e sua mãe. Edie tem cinco anos, e, de acordo com Florence, viu Lordeiros atirarem em seu irmão em um parque. Ele tinha nove anos. A mãe quer que a menina testemunhe; a mãe diz que Edie também quer, mas, toda vez que alguém tenta filmá-la, ou mesmo lhe fazer perguntas, ela se cala.

Eu me sinto pressionada; Ben também está estranho, batendo um papo furado com a mãe de Edie enquanto eu penso no que dizer, em como trago à tona o motivo pelo qual estamos aqui. Edie é pequena e silenciosa, e agora está encolhida em uma poltrona. Deve sentir todos os olhos nela e está tentando se esconder.

— Que tal você me mostrar o seu quarto? — sugiro à Edie. Ela olha para a mãe.

— Está tudo bem, docinho — ela diz, e Edie pega a minha mão e me puxa em direção às escadas. Aceno para Ben ficar com a mãe.

— É aqui — ela abre a porta, mas, quando a sigo, ela se vira e me enfrenta.

— Você está aqui para me perguntar coisas?

— Eu deveria. Mas talvez eu não pergunte. Porque, você sabe, você não precisa dizer nada, se não quiser.

— Não preciso? — ela pergunta, os olhos arregalados de surpresa.

— Não. De jeito nenhum. Você é quem decide, não importa o que os outros digam. Porque eu estou no comando, e eu sou muito mandona.

— Murray também é assim — ela fala, muito séria.

— Quem é Murray?

Ela vai até a cama e pega um ursinho de pelúcia muito felpudo.

— Ele não parece mandão. Ele parece estar com sono. Ela ri.

— Ele é mandão, se alguém tenta acordar ele. Jack era assim também.

— Jack era o seu irmão?

— Sim — seu sorriso desaparece e ela abraça o ursinho. Eu sei por que estamos aqui. Uma menininha com uma história triste; isso é bom para ganhar a simpatia do público, como Florence disse. Mas obrigá-la a fazer o que não quer é simplesmente errado.

— Nós não precisamos falar sobre o Jack.

— Ninguém mais fala sobre ele. Eles cochicham. Mas mamãe quer que eu conte a você. Ela disse que pode ajudar a impedir que isso aconteça com o irmão de outra pessoa. Mas eu não podia dizer nada antes.

— Por quê?

— Porque mamãe estava ouvindo. Isso deixa ela muito triste.

— Ah, entendi. Que tal se apenas o Murray escutar? Ela vira a cabeça de lado.

— Isso pode ser bom. Posso contar qualquer coisa para o Murray.

— Você tem certeza, mas muita certeza, de que quer fazer isso?

Ela levanta uma sobrancelha e me olha como se tivesse muito mais do que cinco anos.

— Você não é muito boa no seu trabalho, não é? Depois dessa, logo estamos prontas. Murray me ajuda a segurar a câmera. Ela olha diretamente para ele e lhe conta que seu irmão chutou uma bola que acertou um Lordeiro. Quando o Lordeiro se recusou a devolvê-la, Jack o perseguiu. O Lordeiro pegou uma arma. E puxou o gatilho.

Não tenho certeza se segurei a câmera firme o suficiente.

De volta à faculdade naquela tarde, verificamos as gravações com a Florence.

— Eu não sei como você conseguiu convencê-la a se abrir assim — ela

comenta.

Eu dou de ombros.

— Em parte porque eu disse a ela que não precisava dizer nada, a menos que quisesse. E em parte porque ela não podia falar sobre isso na frente da mãe, mas podia na frente do ursinho de pelúcia.

— Você conseguiu um emprego.

— O que acontecerá com Edie e sua mãe quando esse filme for divulgado? Elas não deveriam estar escondidas, em vez de deixadas em casa?

— Nós oferecemos. A mãe de Edie quer ficar com a família por enquanto. Algumas pessoas fazem isso. Quando estivermos prontos para divulgar a evidência, vamos avisá-los e levados em seguida.

— Vocês têm como esconder todos? Todo mundo pode ser salvo? — insisto sem conseguir tirar da minha mente o rosto sério de Edie falando com o ursinho.

— Faremos o possível — responde Florence, olhando para Ben. — Vejo você no jantar?

Estou dispensada.

Mais tarde, Ben e eu passeamos por uma das quadras internas da Faculdade Ali Souls. Uma área cinzenta de grama morta em um dia frio e cinzento. Os edifícios antigos da faculdade elevam--se por todos os lados. Suas janelas são como olhos e de repente me dou conta tanto da exposição quanto do confinamento. Qualquer um poderia estar nos observando de cima, presos neste lugar.

— Podemos conversar? — Ben pergunta, e eu percebo então quanto tempo ele permaneceu em silêncio desde que estivemos com Florence.

— Que tal ali? — sugiro, apontando para um banco escondido por um muro. Vamos até lá e sentamos. — O que foi?

Ben passa a mão pelo cabelo.

— Como você pode acreditar no que aquela garotinha disse?

— O que quer dizer?

Ele vira a cabeça de um lado para o outro.

— Me expressei mal. O que eu quis dizer é que é difícil acreditar que algo assim poderia acontecer que um Lordeiro mataria uma criança apenas por... — e ele dá de ombros.

— Por ser uma criança? Eles fazem isso, e muito pior, o tempo todo.

— Como você sabe quando as pessoas estão lhe dizendo a verdade ou não? — seus olhos estão atentos, preocupados; o Ben brincalhão desapareceu.

— Por que uma criança iria mentir?

— Ela poderia ter sido obrigada.

— Não — balanço a cabeça. — Eu estava olhando em seus olhos, ela estava

dizendo a verdade. De qualquer forma, eu mesma já vi coisas tão ruins ou piores; então, eu sei.

— Mesmo que você tenha visto coisas por si mesma, como pode saber o que está por trás do que você vê? — os olhos dele estão céticos.

— Veja, eu vou lhe mostrar — eu conto a ele a história do orfanato de Cúmbria, sobre as crianças Reiniciadas. Mostro a ele uma foto de três menininhos sorridentes com expressões nada naturais e o brilho prateado em seus pulsos.

— Mas como você sabe que são Nivos?

— Era óbvio que eles foram Reiniciados, pelo jeito como eles agiam. Não havia outra explicação.

— Mas eles não poderiam ter sido treinados para agir daquele jeito?

— Crianças de quatro anos não são bons atores. E por que alguém faria isso?

— Para deixar os Lordeiros e o governo em maus lençóis.

— Está bem, e quanto a isso, então? — e lhe conto sobre Phoebe, uma garota que nós dois conhecíamos de nossa escola, levada e Reiniciada sem acusação ou julgamento, apenas por ter feito comentários sobre alguns Reiniciados serem espiões. Sobre o meu professor de artes, o Gianelli, arrastado para fora da sala de aula na frente de toda a escola quando tudo o que fez foi desenhar a Phoebe e pedir um minuto de silêncio para ela. Sobre o centro de extermínio, onde, com uma injeção, Lordeiros mataram os Reiniciados que quebraram os seus contratos e empilharam os corpos no chão. E sobre Emily, morta pelo próprio Nivo só porque estava apaixonada e teria um bebê antes dos 21, e fora de sua sentença. Eu omito o resto da história, que eu estava lá com o TAG, atacando o centro de extermínio.

Ben está calmo, pensativo.

— Tem mais uma história. Você quer ouvir, ou já é o suficiente?

— Vá em frente, conte.

— Você tinha uma amiga na escola, outra Reiniciada, a Tori. A mãe dela se cansou de perder a atenção para ela e a devolveu aos Lordeiros. Tori não tinha feito nada de errado. Ela foi levada ao centro de extermínio que mencionei, e viu com os próprios olhos outros serem... — minha voz falha. — O que é isso? Você se lembra da Tori? — estou chocada, ele não se lembra de mim, mas algo atravessou seu rosto com a menção do nome de Tori. Ele sempre disse que ela não era sua namorada, mas ela o amava, e era uma das garotas mais bonitas que eu já vi. Era difícil de acreditar.

— É claro que não me lembro dela — ele afirma, mas seu rosto está controlado, incerto. — É só que é... difícil ouvir todas essas histórias tristes. Conte o que aconteceu com a Tori.

— Ela viu outros Reiniciados serem mortos por injeção e empilhados no chão. E então... — eu paro. O olhar confuso de Ben se foi, mas há um lampejo de algo a mais. O que será? — Olhe, essas são todas as coisas que eu vi. Algumas delas você viu também. Não acredita em mim?

— Eu só... — e então, como se algo se conectasse dentro dele, ele sorri e pega a minha mão. — Claro que acredito.

— Um dia eu vou lhe mostrar o anel de Emily; eu o escondi em uma árvore a poucos quilômetros de casa. É real. Você não vê, Ben? São todas essas histórias que tornam tão importante o que estamos fazendo no DEA. Vale a pena arriscar tudo, para fazê-las serem ouvidas. Para fazê-los parar.

Ele hesita, passa o braço sobre meus ombros e eu me inclino contra ele, tão consciente dele, de seu calor e proximidade, que é difícil continuar a pensar direito.

Ben aponta para uma torre visível sobre os telhados de Ali Souls.

— Está vendo, lá em cima? Esse é um dos edifícios mais altos em Oxford. A torre da Igreja de Santa Maria. A vista deve ser surpreendente. Eu quero ir lá em cima com você.

— Está bem, vou perguntar se nós...

— Não. Tem que ser o nosso segredo, o nosso lugar especial. Vamos deixar para quando eu estiver autorizado a sair sem um cão de guarda atrás de mim.

Mais tarde, medito sobre a nossa conversa, o que Ben disse, as coisas que ele não disse, e que pairavam em seus olhos. Eu me pergunto se esse não é o tipo de coisa que Florence mencionou que eu deveria lhes contar. Mas isso não é justo. Sua memória foi retirada, ele está descobrindo o mundo, como ele funciona, o que acontece nele. Ele tem que fazer perguntas, não é?

Mas sinto uma pontada de desconforto por dentro. Ele reagiu ao nome de Tori, tenho certeza disso. É claro que eu não cheguei a contar a ele o resto da história. Que eu estava no TAG, com o nome Chuva; que Tori escapou dos Lordeiros e também se juntou a nós. E, então, houve o dia em que eu fui perseguida pelos Lordeiros e Tori foi capturada.

Estremeço. Eu nunca vou esquecer o olhar de puro ódio no rosto dela; e não foi apenas porque ela pensou que traí o TAG, mas porque Nico disse a ela que eu sabia que Ben estava vivo e não contei a ela. O veneno nas palavras que ela gritou antes de ser jogada na traseira de uma van Lordeira ecoa em meus ouvidos até hoje: Traidora! Kyla, ou Chuva, ou quem quer que você seja, eu vou pegar você. Eu vou caçar e estripar você com a minha faca.

Há uma parte de mim que está aliviada que os Lordeiros a tenham levado, que ela nunca terá a chance de se vingar. Mas há uma outra parte que tem vergonha de pensar assim.

CAPÍTULO 28

— Topa fazer uma viagem? — diz Aiden, sorrindo, na manhã seguinte. — Não há necessidade de se encolher na traseira de uma van da companhia telefônica desta vez; eu peguei emprestado um carro bem impressionante.

— Claro! Para onde?

— É uma surpresa. Mas seremos só nós e Florence hoje — fico desapontada. Nada de Ben. Agora que o sol está alto, as preocupações de ontem à noite parecem bobagem. Ben não se lembraria de Tori, isso não faz sentido. Deve ter sido o meu ciúme que me fez imaginar a reação dele. Foi isso.

O carro é luxuoso e potente, emprestado de um colega qualquer da faculdade. Uma hora depois, passamos por Oxford e seguimos pelo campo, pegando em seguida uma longa pista que dá numa fazenda.

— Estamos aqui para ver outra testemunha? — eu pergunto, quando saímos do carro.

— Hoje não — diz Florence. — Vamos logo.

Ela bate uma vez na porta, pega uma chave do bolso e abre a porta. Ela entra, Aiden e eu seguimos logo atrás, e então ela grita:

-Olá!

— Ah, aí está você, finalmente — no batente da cozinha está um homem que estou muito surpresa de ver. O que ele está fazendo aqui? Eu conheço o rosto, mas o resto mudou.

— DJ?

— Sim, este sou eu — ele sorri. — E aí está você, Kyla. Seu cabelo é um dos meus melhores trabalhos.

— Você mudou. Desistiu do roxo?

— Isso é tão semana passada. — Hoje o médico TAI está com listras de tigre nos cabelos e nos olhos. — Você esqueceu seus óculos?

— Eu os perdi me desculpe.

— Pode ser que você tenha esquecido uma outra coisa. Eu me sinto culpada e olho para DJ e Aiden.

— Ah, não! Era para eu dizer a Aiden que você queria vê--lo! Desculpe. Foi um problema?

— É bom ver o quão confiável você é — espeta Florence.

— Sem dramas — diz DJ. — Isso me deu um tempinho para investigar as coisas um pouco mais antes de falarmos sobre isso. Para olhar para dentro de

você um pouco mais.

— O que quer dizer?

— Você, minha querida, está ficando mais e mais interessante. Como quando Alice estava na toca do coelho, nada é como parece.

— Eu não entendo.

— Quando estávamos lidando com os seus genes de cabelo, tivemos que dar uma olhada em seu DNA. Estou conectado aos sistemas dos Lordeiros tanto quanto necessário, para verificar se as pessoas são quem eles dizem que são. O que é mais uma precaução, por segurança, do que qualquer outra coisa.

— E?

— Para os níveis mais baixos do sistema, seu DNA está marcado como desconhecido. Para os níveis superiores fica mais interessante. Ele é listado como confidencial.

— O que isso significa?

— Não faço idéia, mas adoro um bom mistério. E não é tudo. Puseram códigos de proteção nos arquivos relacionados a isso, e não são códigos simples, mas de tão alto nível que eu não consegui subornar alguém para quebrá-los.

Todos os três estão olhando para mim e eu cruzo os braços.

— Vocês não estão pensando que eu sei algo sobre isso?

— Claro que não. Mas você sabe de alguma coisa, não sabe? — os olhos de DJ estão tão estranhos, listras marrons e âmbar no fundo laranja. Eu não consigo desviar os olhos.

— Por que isso importa, de qualquer forma? DJ dá de ombros.

— Para ser honesto? Pode nem importar. Mas, e é um grande mas, minha experiência tem me mostrado que, quando os Lordeiros se esforçam muito para esconder alguma coisa, é porque é importante descobrir. Qualquer coisa que eles não querem que seja conhecida, eu quero saber.

Aiden vem se sentar ao meu lado e segura minha mão.

— Kyla? Você sabe alguma coisa que possa ajudar?

— Talvez eu saiba.

— Não há problema em dizer qualquer coisa na frente de DJ. Ele é um de nós.

Eu respiro fundo.

— Olha. A principal coisa que eu sei é que não tenho a menor idéia de quem eu sou. Feliz?

— Espere — diz Aiden. — Não estou entendendo. Você não acabou de conhecer sua mãe em Keswick? Na verdade, o DNA dela não deveria ser confidencial também, seja lá o que isso signifique?

— Aiden, eu ia lhe contar isso, mas não tive a chance de falar com você

direito. Ela não é minha mãe.

— O quê? Ela denunciou o seu desaparecimento ao DEA. Todos os registros a mostram como sua mãe.

Eu balanço a cabeça.

— O bebê dela morreu e eu fui entregue a ela como substituta. Ela não sabe de onde eu vim.

— Dada por quem? — DJ pergunta. Engulo em seco.

— Pela mãe dela. Astrid Connor. Ela é a comandante OCJ da Inglaterra. Stella, minha mãe adotiva, acha que Astrid pode ter me pegado em um orfanato de lá, mas não sabe ao certo.

— Então é por isso que você estava bisbilhotando o orfanato — conclui Florence.

Faço que sim.

— E a história continua curiosa — diz DJ. — Se isso for verdade, por que um bebê órfão tem DNA confidencial? E você teria sido testada na escola e no seu centro médico. Por que isso não ficou registrado, então?

— Me diga você — dou de ombros.

— O que mais que você não nos contou? — exige Florence.

— Desculpe eu não ter ficado me gabando de não saber quem são os meus pais, está bem? Pelo que eu sei, eu poderia ter sido abandonada, indesejada. Eu não via como isso poderia ser importante para alguém além de mim.

Aiden levanta a mão.

— Ela está certa, Fio. Isso é coisa pessoal. Kyla não tinha que nos dizer, é escolha dela.

Não que eu tenha tido muita escolha hoje.

— O que você acha que isso significa? — pergunto a DJ, que está muito calado, com rodinhas de pensamento girando por trás de seus olhos. Ou será que são apenas as listras de tigre?

— Eu não sei. Mas algo me diz que é melhor descobrir. Eu deixo a minha cabeça cair entre as mãos. Stella não me fez jurar segredo sobre de onde eu vim, mas às vezes você não precisa ter dito as palavras "Eu prometo" para saber que quebrou um juramento. Mas e quanto ao resto dos segredos dela?

Definitivamente, eu prometi a Stella que não contaria a ninguém sobre Astrid estar por trás dos assassinatos; sem provas, que uso teria essa informação para o DEA, afinal de contas?

— Kyla? — Aiden está com a mão no meu ombro. — Você está bem?

— Há mais coisas e ela não está nos dizendo — reclama Florence. — O que é?

Aiden pede para nos deixarem sozinhos.

— O que é, Kyla? — ele pergunta, quando os outros saem e a porta se fecha.

— Eu não sei o que fazer.

— Eu não posso ajudar se você não me disser mais do que isso.

— É sobre a Stella. Ela me contou outra coisa. Não é sobre quem eu sou, ou qualquer coisa assim, mas é importante. E eu prometi não contar.

— Essa é uma decisão difícil. Tudo o que eu posso dizer é que você deve fazer o que acha que é certo aqui — ele dá um tapinha em seu estômago. — Siga a sua intuição. — ele hesita. — Não contar vai machucar alguém?

Nego com a cabeça.

— É uma história antiga. Além disso, não há nenhuma maneira de verificá-la. É só um boato.

— O que você acha que deve fazer?

— Acho que preciso pensar um pouco mais sobre isso. Como é que você consegue ser tão compreensivo?

— Tudo isso faz parte de ser um super-herói — ele brinca, e eu me lembro que o chamei assim, séculos atrás. Quando ele encontrou Ben escondido com os Lordeiros. Aiden, o super--herói, ajudando pessoas a encontrar aqueles com quem se importam. Tentando consertar o mundo.

Eu achava que ele era um fracasso nisso. No entanto, mais e mais eu tenho esperança, agarrando-me à possibilidade futura de que as coisas poderiam ser consertadas pelo DEA sem o uso de armas e bombas. Que ele e os outros podem realmente fazer isso.

Que nós podemos fazer isso.

— Obrigada. Por tudo.

Seu olhar está fixo no meu, quente, e por um momento é difícil respirar. Em seguida, ele balança a cabeça, olha para o lado e chama os outros de volta.

— E então? — Florence quer saber.

— É o suficiente por hoje — responde Aiden. Florence protesta, e Aiden completa: — Nós não trabalhamos assim, nós não somos Lordeiros. Ela pode nos dizer quando estiver pronta, se estiver pronta. Estou convencido de que não é fundamental para nós agora.

E estou vasculhando meu cérebro, à procura de alguma coisa, qualquer coisa, que possa ajudar, e então a encontro.

— Espere um minuto. Existe alguém que pode saber algo sobre o meu DNA.

— Quem é? — pergunta DJ.

— Eu sempre achei que havia algo que ela não estava me dizendo, que estava escondendo, mas eu não sei. Talvez eu tenha imaginado isso.

— Quem?

— Minha médica no hospital. A doutora Lysander. Os olhos de Aiden se

estreitam.

— Ela era a sua médica?

— Sim. Ela disse que meus registros diziam que eu era uma "joana-ninguém". Que, apesar de todos terem seu DNA testado no momento do nascimento, eles não sabiam de onde eu vim. Ela disse que isso era tudo o que sabia, mas havia algo por trás de suas palavras. Ela nunca mentiu, exatamente, mas omitiu ao distorcer as palavras.

— A doutora Lysander, a própria, a médica que inventou o processo de reiniciar pessoas, era a sua médica — diz DJ.

— Interessante. Aposto que não foi coincidência. Mas por que ela lhe disse algo sobre seus registros?

— Nós éramos meio próximas. Ela me disse uma porção de coisas que não deveria. Quebrou as regras para me ajudar.

— Precisamos falar com ela.

— Ela está sempre cercada por guardas e o hospital é uma fortaleza.

— Se conseguíssemos levar você até ela, você iria? Ver se consegue descobrir o que ela sabe?

— Claro.

Aiden protesta. Ela é uma médica Lordeira; por mais que eu pensasse que fôssemos próximas, seria muito perigoso. Eu balanço a cabeça.

— Ela não me entregaria. Nunca.

No carro, a caminho de volta para Oxford, me sento na parte de trás, olhando pela janela sem ver. Ponderando outras coincidências.

O que realmente significa Astrid e Nico juntos? Como foi que fui parar com a família do Primeiro Ministro assassinado depois de ter sido Reiniciada? Minhas duas famílias, mamãe e Amy, e Stella e Astrid, de alguma forma sua história e o que ainda pode surgir, estão torcidas e entrelaçadas, comigo no centro. No entanto, nenhuma delas é verdadeiramente minha.

As idéias começam a se acumular dentro de mim, e só há uma solução.

Eu preciso correr.

CAPÍTULO 29

— Aposto que você não consegue me acompanhar — desafia Ben.

— Ah, é?

Ben pega a trilha e eu estou em seus calcanhares. É muito estreito para correr lado a lado, mas finalmente estamos fazendo uma coisa que até bem pouco tempo pensei que nunca poderia acontecer de novo. Estamos correndo juntos. Está frio, escuro o suficiente para ser um pouco perigoso correr na velocidade máxima por uma trilha desconhecida, mas ele definiu o passo. De maneira nenhuma permitirei que ele me deixe para trás.

Costumávamos correr para aumentar os nossos níveis. As endorfinas da corrida os faziam subir, chegando a oito. Podíamos conversar sobre qualquer coisa, sem arriscar ter o Nivo liquidado por causa da queda dos níveis, nos levando ao desmaio.

Tanta coisa mudou desde então. Nenhum de nós tem um Nivo mais, não precisamos correr para manter o nível, mas, hoje, eu precisava disso. No entanto, fiquei surpresa por Aiden ter concordado, que tenha nos deixado sair da faculdade juntos. Talvez ele entenda. Talvez ele entenda muito bem.

De repente, uma pancada. Um grito. Ben voa pelo ar, cai pesadamente, e eu quase tropeço nele.

— Ai!

— Você está bem?

— Eu acho que sim — ele vira o pé de um lado para o outro.

— Sim, está tudo bem. Só bati e caí, não torci.

Eu estendo a mão para ele se levantar, e ele dá umas batidas na roupa.

— Vamos andar um pouco — ele sugere.

— Tem certeza de que não está ferido?

— Eu estou bem. Foi o dia difícil que fez você querer correr? — ele segura a minha mão enquanto caminhamos até a trilha.

— Pode-se dizer que sim.

— Quer falar sobre isso?

Eu fico em silêncio por um momento.

— Você se importa se não falarmos?

Ele para de andar, me puxa até ele, seus olhos são piscinas escuras ao luar.

— Falar é uma opção. Há uma outra — uma mão desliza pela minha cintura, a outra está embaixo do meu queixo. E é como se eu estivesse em dois lugares,

ali e na primeira vez que ele me beijou. Foi à noite depois de correr, e tão parecido com isso que minha mente está à deriva, entre passado e presente, entre o Ben que conheci e o Ben que não conheço. E a seguir estou tremendo e chorando.

Ele se afasta.

— O que há de errado?

— Eu não sei. Quem é você? Quem sou eu? O que é isso tudo?

— Isso é pensar demais — ele sorri. — Pare de pensar — e ele me beija de novo, e de novo, até que o passado se foi, as lágrimas se foram e aqui estamos nós. Agora. Não há mais nada.

Somente mais tarde retornamos. Ben segura minha mão com força, eu protesto quando chegamos a um corredor e ele me puxa para o lado errado.

— Meu quarto é pelo outro lado.

— Não, você vai voltar comigo. Ainda temos coisas para conversar.

Outro corredor e uma curva, mais algumas escadas. Ben ainda segura a minha mão. É tarde e estou cansada, mas cada pedaço de mim está vivo. Para conversar?

— Agora é hora de ficar de bico calado — ele sussurra, abre uma porta e espia. Alguém está dormindo em uma cama, no escuro. Nós nos esgueiramos até uma outra porta. Ben a abre. — Espere aqui — ele sussurra. — Vou dizer ao meu carcereiro que já voltei assim ele não irá verificar quando acordar.

Eu atravesso a porta; ele a fecha atrás de mim e estou mergulhada na escuridão.

Ouço vozes baixas do outro lado da porta. Em seguida, ela se abre e Ben entra.

— Dê a ele cinco minutos e ele vai apagar como uma lâmpada — ele cochicha e me puxa para perto. Beija minha bochecha, meu pescoço, e eu posso ouvir meu coração fazer tum-tum tão alto que me preocupo se o aluno ouvirá através da porta.

Mas, então, Ben me solta, se vira e liga uma pequena luz de mesa. A escuridão desaparece, revelando um diminuto quarto de estudante. Mesa e guarda-roupa.

Cama de solteiro.

— Ben, eu deveria ir.

— Você não vai escapar tão facilmente — ele sorri, me empurra para baixo, para que eu sente na cama, e senta-se ao meu lado. — Nós precisamos conversar.

— Conversar?

Ele dá um sorriso travesso.

— Falar é uma das opções — ele segura a minha mão. — Diga-me. Por que

você estava tão chateada antes?

— É uma longa história.

— Eu não tenho nada, além de tempo.

E, assim que eu começo, tudo vem à tona; tudo o que quis dizer a ele por tanto tempo. Dentro de mim, as coisas estão se libertando com as palavras, soltando e ficando livres. Ben coloca um cobertor em nossa volta, contra o frio. Enquanto eu falo, e choro, e falo um pouco mais, ele só me abraça. Eu lhe conto até que não sei de onde venho, sobre ter sido raptada pelo TAG e o que eles fizeram comigo. Por que eu fui Reiniciada e o que aconteceu depois que ele foi embora. Conto a ele sobre Stella, mas não sobre sua mãe e os assassinatos. Essa história não é minha para contar.

Finalmente Ben diz:

— Certo. Eu tenho uma pergunta. Com tudo isso, por que o que realmente chateou você hoje foi eu ter beijado você?

Eu balanço a cabeça.

— Não, não era isso. Isso foi lindo — fico corada. — É o seguinte: como é que podemos ser qualquer coisa juntos quando não sabemos quem somos?

Ele balança a cabeça.

— Eu também não tenho nenhuma idéia de onde venho, nem nada do que aconteceu antes de eu ter sido Reiniciado, então você está à minha frente sobre isso. Pelo menos você sabe quem criou você. Mas isso não importa.

— Não?

— Não. Kyla, tudo o que somos é o que nós somos aqui e agora.

E ele me beija de novo, e isso é tudo o que importa. Agora. Mas uma voz dentro de mim sabe que pela manhã o sol vai aparecer. O amanhã virá de uma forma ou de outra.

CAPÍTULO 30

Estou aquecida, em um lugar escuro, sonolento e feliz. Noto alguma coisa; algum tipo de som. Um clique. Eu me movo lentamente, e então lembro de onde estou.

Sento rápido. A luz atravessa as cortinas apenas o suficiente para ver. Ben está de costas, colocando alguma coisa no guarda-roupa.

— Ben?

Ele se vira. Sorri.

— Você está bonita assim sonolenta.

— Já é de manhã? Eu não queria ter pegado no sono! Tenho que sair daqui antes que alguém perceba.

Ele encolhe os ombros.

— Fique. Quem se importa? — ele passa a mão em volta do meu queixo e me beija, mas eu me afasto.

— Eu me importo — vou até a porta e a abro calmamente. O aluno do outro cômodo está dormindo e roncando.

— Ele é uma beleza de guarda — ele sussurra. — Ele poderia dormir com qualquer barulho — e beija minha bochecha. — Vejo você aqui esta noite?

Seus olhos prendem os meus e de alguma forma as palavras saem sem qualquer pensamento ou vontade.

— Tudo bem.

Saio pelos corredores sem ver ninguém. Sigo para minha porta e a abro.

Wendy está em sua mesa. Ela se vira e sorri.

— Fez uma boa corrida com Ben ontem à noite?

— Nós só estávamos conversando, e eu adormeci! Ela ri.

— Claro, eu acredito em você — ela pisca. — Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.

Eu protesto mais algumas vezes, as bochechas queimando, então vou para o chuveiro. Será que ela guardará segredo? E por que isso importa? Por algum motivo, eu não quero que saibam que estive fora a noite toda, para que não imaginem coisas.

Algo me incomoda. Basicamente porque não quero que Aiden descubra, nem sei o motivo. Ele trouxe o Ben para cá, ele deve saber como me sinto. Mas de alguma forma eu sei que Aiden não iria gostar se soubesse que estive no quarto de Ben a noite toda. Ele é protetor e se preocuparia. E ele é a última pessoa que

quero magoar, depois de tudo o que fez por mim. Essa é a única razão para que eu não queira que ele saiba. Não é?

O dia passa. Florence me leva para gravar mais algumas testemunhas; adultos desta vez, por isso não tão difíceis como a última, mas ainda assim suas histórias machucam. Ben não está conosco, pois finalmente encontraram um médico para levá-lo para fazer exames, sem perguntas. E, depois de cada testemunha, estou dizendo a mim mesma, Apenas sobreviva a este dia. E então poderei ficar com o Ben.

Quando Florence e eu voltamos para a faculdade, olho para a torre de Santa Maria enquanto atravessamos a quadra, para onde Ben queria ir.

— As pessoas podem subir lá, na torre?

— Claro. Se alguém da igreja estiver lá, apenas sorria e mostre sua carteira de estudante. É do século XIII. Dê uma olhada nos gárgulas. A vista é incrível.

Chegamos ao escritório e me remexo impaciente enquanto Florence passa as gravações de hoje da minha câmera para o computador.

— O que há com você? — ela pergunta.

— Nada.

Ela levanta uma sobrancelha, mas, antes que possa dizer qualquer outra coisa, a porta se abre e Aiden entra.

— Kyla? Você já terminou? Preciso de uma palavra rápida. Florence me entrega a câmera.

— Terminado. Pode ir embora.

Aiden mantém a porta aberta e eu atravesso, de coração apertado. Será que ele ouviu alguma coisa sobre a noite passada? Não. Seus olhos estão brilhando.

— Rápido, pegue o que você precisa até amanhã, sairemos em uma aventura.

— Para onde vamos?

— Visitar a doutora Lysander.

— Mas como...

— Não há tempo para perguntas, você pode perguntar no caminho. Não conte a ninguém! Me encontre nos fundos em cinco minutos. Vá!

Corro para o meu quarto para pegar algumas coisas. Wendy não está lá, então não posso pedir a ela para dizer a Ben que tive que sair. Não posso deixar um bilhete com o Não conte a ninguém de Aiden nos meus ouvidos, não há tempo para correr até o quarto dele, se é que ele está lá.

Enquanto me apresso para encontrar Aiden, me pergunto: será que Ben vai pensar que lhe dei um bolo?

— Como é que vamos chegar à doutora Lysander? Ela está sempre com seguranças.

— Com um pouco de sorte. DJ descobriu que ela participará de uma

conferência médica amanhã; temos conexões no Centro de Informações, então eu posso entrar onde ela estiver hospedada. Ouvimos dizer que ela recusa guardas em seus aposentos e os faz ficar do lado de fora da porta. Procuramos por grampos e câmeras no quarto e está limpo.

— Neste caso, o que vai acontecer?

— Nós colocaremos você lá hoje à noite; ela chegará cedo, no começo da manhã. Ela tem algumas horas programadas para descanso antes do início da conferência.

— Que é quando farei minha aparição.

— Exatamente. Kyla, não há muito o que possamos fazer se ela disparar o alarme.

— Ela não vai. Mas eu ainda não entendo por que estamos fazendo todo esse esforço para descobrir mais sobre mim. Mesmo que ela saiba de onde vim, o que eu duvido, por que isso teria importância?

— Não faço idéia. DJ quer realmente investigar isso e estamos juntos com ele.

— Quem é ele? Aiden me olha de lado.

— Nem eu sei o seu nome verdadeiro.

— Não foi isso o que quis dizer. Como é que ele se encaixa no DEA? Eu imaginei que ele apenas ajudasse com a mudança de identidades, como fez comigo. Mas há mais coisa aí, não é mesmo?

Aiden ri.

— É um caso de...

— ... informação restrita, só para quem precisa saber — re-viro os olhos e tento outra tática. — Ele é da Irlanda?

— Isso você nota pelo sotaque, então suponho que não há problema em dizer que sim — Aiden hesita. — O DEA recebe apoio internacional, e não apenas da Irlanda Unida. Eles sabem um pouco do que se passa aqui por intermédio de pessoas que já escaparam do Reino Unido, e existe uma pressão internacional para revelar todas as histórias, para divulgá-las, e em breve. Eles querem impedir as violações dos direitos humanos. É por isso que o ataque Lordeiro em nossos sistemas de computador veio numa hora tão ruim. Isso diminuiu o ritmo das coisas.

Eu olho para fora da janela. Por que as pessoas em outros países longe de nós se preocupam com nossos direitos humanos, quando quase todo mundo aqui parece virar as costas e fingir que não vê?

— Eu não acho que isso seja o mais importante. O foco deveria ser retirar a trave dos olhos de todos daqui. Fazê-los encarar o que está acontecendo em seu próprio país, debaixo de seus narizes, para o consertarmos nós mesmos.

— Ambos são importantes. Mas a pura verdade é que não podemos fazer isso sozinhos, não quando os Lordeiros detêm todo o poder. Às vezes você precisa de ajuda.

Aiden pega a entrada para um pequeno vilarejo, em seguida estaciona ao lado de uma van, por trás de um edifício.

— É aqui que nos separamos até amanhã. Você tem certeza de que quer fazer isso?

— Sim. As razões de DJ para se interessar por minhas origens podem ser diferentes das minhas, mas eu ainda quero saber.

— Tenha cuidado — ele parece prestes a dizer algo mais quando a porta do motorista da van se abre e um homem sai.

— Boa noite — ele inclina a cabeça e abre a porta dos fundos da van. Ele pega uma sacola e me entrega. — Roupas. Use estas — após acenar para Aiden, subo na parte traseira.

A van se move lentamente até a estrada e eu visto um uniforme sob a luz fraca. Parece ser de camareira. Havia alguns em tamanhos diferentes, e um deles parece se encaixar em mim o suficiente para não chamar a atenção. Não há janelas na parte de trás; estamos na estrada por cerca de trinta minutos. Escuto então um bi bi fraco e começamos a descer por uma rampa circular. A van para, e estou começando a me sentir nervosa. Que lugar é esse? Eu não sei o que estou fazendo. Se alguém me perguntar qualquer coisa, ou... A porta se abre.

— Aí está você, moça. Agora, não se preocupe com nada, está tudo preparado. Vou levá-la hoje à noite, já que não haverá ninguém até amanhã. Melhor deixar o casaco e outras coisas lá na van, eles ficarão bem até de manhã.

Eu tiro o casaco e pego a câmera em um bolso. Talvez eu a devesse ter deixado na faculdade, mas algo me diz que vou precisar dela para chegar a algum lugar com a doutora Lysander. Há um bolso no uniforme e eu a coloco ali.

Eu o sigo pela garagem subterrânea até um elevador. Ele usa uma chave para chamar o elevador, que chega em segundos. Nós subimos.

— Não deve entrar mais ninguém, mas, se entrar, acene com a cabeça e não diga nada. Deixe que eu cuido disso.

Prendo a respiração, mas o elevador não para até chegarmos ao andar selecionado. A porta se abre, ele espia e faz sinal para que eu o siga.

Caminhamos por um saguão todo acarpetado, onde todas as portas têm fios encapados por cima.

— O que é isso?

— Os seguranças instalaram essa fita eletrônica; os quartos foram verificados, livres de grampos e selados há pouco tempo.

Ele abre uma porta que dá para um corredor estreito com pequenas portas por

toda a extensão. Ele as conta e para diante de uma delas.

— Esta é a escotilha de serviço para o quarto de sua amiga; elas são usadas normalmente para servir o café da manhã ou um lanche. Ouça com bastante atenção. Você não pode abri-la com o sistema ligado sem disparar um alarme — ele olha para o relógio. — O sistema se desligará rapidamente, por um minuto, o máximo possível, sem disparar os alarmes. Deve ser tempo o suficiente para abri-lo e para que você possa entrar no quarto por aí. Ainda bem que você é baixinha, eu não poderia fazer isso. Assim que atravessar, procure ficar confortável, há cobertores e travesseiros no guarda-roupa. Fique longe da porta. Sua amiga virá amanhã entre sete e sete e meia da manhã, e ninguém deve ver você quando ela chegar e eles trouxerem a bagagem dela. Fale com ela, e depois saia da mesma forma, às oito horas. O sistema eletrônico será desligado exatamente às oito, por um minuto, e é só. Aqui está um relógio para você. Ele está em sincronia com o sistema do hotel, então a hora é exata. Entendeu?

— Sim — respondo, colocando o relógio no pulso. É digital com horas, minutos e segundos mostrados por uma luz verde suave e pulsante.

Ele olha para o seu próprio relógio e me explica rapidamente como as escotilhas de serviço funcionam. E me diz para não tocar nas janelas ou portas do quarto se o alarme estiver ligado.

— Está na hora — ele diz, abrindo a escotilha até o fim; parece um mini elevador. Entro na caixinha e luto para abrir a porta do outro lado, sem espaço suficiente para estender os braços direito, mas consigo levantá-la.

— Depressa — ele diz.

Rastejo até o outro lado e as portas balançam fechadas.

— Boa sorte, criança — sua voz soa fraca do outro lado. Meu coração está batendo muito rápido; não foi fácil fazer

isso em um minuto. Estou sentada no chão acarpetado no futuro quarto da doutora Lysander, arrependida de não ter feito mais perguntas, como se posso acender a luz, ou se há algo para comer.

Saio tateando pelo quarto escuro. Uma cama grande. Uma mesa. Uma cadeira. Um guarda-roupa. Eu o abro e tateio pelo fundo. Embaixo dos travesseiros e dos cobertores prometidos, meus dedos se curvam em torno de algo frio e roliço, com um interruptor. Uma lanterna. Eu a ligo.

— Obrigada, homem misterioso — eu sussurro para mim mesma. Torno a explorar o quarto, com a lanterna cuidadosamente inclinada para baixo. Ele decidiu que o único lugar em que ficarei segura é dentro do (felizmente) enorme guarda--roupa. E se eu dormir e não acordar até ela chegar?

Ajeito os travesseiros no chão do guarda-roupa e me arranjo sobre eles com o cobertor. Eu tento ficar com a porta fechada, mas parece muito fechada, então a

deixo entreaberta. Tenho certeza de que vou acordar antes que ela chegue aqui. Tenho certeza de que nem vou dormir.

Olho a parede por um tempo, imaginando o que posso dizer para que a doutora Lysander me conte tudo o que sabe sobre mim; ensaio as palavras. Eu finalmente fecho os olhos. O que Ben está fazendo agora? Mordo o lábio. Espero que ele não esteja pensando que o estou evitando, ou que não quero estar lá. Será que alguém diria onde estou, se ele perguntar?

Mergulho em sonhos inquietos, de guarda-roupas. Os guarda-roupas da Stella, cheios de fotos e memórias embrulhadas, guarda-roupas de universitários com espaços estreitos, pequenos demais para se esconder. Click... nhéééém.

CAPÍTULO 31

O som abafado de uma porta se abrindo; passos.

Abro os olhos em sobressalto, contente ao ver que fechei o guarda-roupa durante a noite.

— Sim, basta colocá-la lá. Obrigada — será a voz da doutora Lysander? Uma outra voz, masculina, pergunta se ela precisa de alguma coisa. — Não, obrigada; apenas um pouco de paz e sossego. — Mas a gente nem sempre pode ter o que quer.

A porta se fecha, e há passos na sala.

Luto para afastar o sono da minha mente; já era bem tarde quando finalmente adormeci. Forço a vista para ver os números digitais no relógio. 07:40? Oh, não. Ela está atrasada. Não temos muito tempo.

Mas fico em silêncio, imóvel. E se eu estiver errada, e ela soar o alarme quando me vir? Ela não faria isso, não depois de tudo o que passamos. Será que faria?

Escuto com muita atenção para me certificar de que ela está sozinha. Há um ruído fraco de zíper. Será uma mala?

É agora ou nunca.

Espreito por uma fresta da porta, a tempo de ver que ela se aproxima. Abro a porta completamente.

— Doutora Lysander? — ela dá um salto no ar. — Sou eu, Kyla.

— O quê? — ela está pronta para correr para o outro lado, para a porta, mas então olha, realmente olha, para mim. Estendo as mãos para mostrar que estou desarmada.

Seus olhos estão arregalados e o rosto pálido, mas, fora isso, parece a mesma de sempre: óculos grossos, longos cabelos escuros amarrados para trás com talvez mais algumas mechas grisalhas. Olhos que podem ver através de mim. Ela pega uma de minhas mãos para me puxar do guarda-roupa. Paro ao lado dela.

— Kyla? — ela está sorrindo. — É você? Seu cabelo. Mas é você! — e ela faz algo que nunca tinha feito antes. Me puxa para um rápido abraço. Então, como se percebesse o que fez, me solta com a mesma rapidez.

— Eles me disseram que você estava morta.

— Sinto muito por isso. Eu estou bem.

— Por que eles fariam isso? — ela balança a cabeça. — Como você está aqui, se escondendo no meu quarto? O que está acontecendo?

— Eu não tenho muito tempo. Preciso lhe perguntar algumas coisas, mas primeiro eu vou dizer onde estive — me dei conta ontem à noite. Se eu não contar a ela o que descobri e por que eu quero saber, ela nunca vai revelar o que não revelou antes. Eu tenho que dar a ela uma razão e fazer o que sempre fizemos. Trocar informações.

— Eu fui atrás de quem pensei ser minha mãe. De antes de eu ser Reiniciada. Você lembra que contei a você que o TAG me raptou quando eu era pequena? Fui roubada da minha mãe quando eu tinha dez anos. Fui então procurá-la e a encontrei, para conhecê-la novamente. Mas não muito tempo depois de chegar lá descobri que ela não era minha mãe de verdade.

— Explique.

— Fui entregue a ela quando bebê, depois que seu próprio bebê morreu, e ela me criou até os dez anos de idade. Ela não sabia de onde eu tinha vindo. Sua mãe é uma OCJ e me entregou para ela, então posso ter vindo de um orfanato. Antes que eu conseguisse saber mais, meu disfarce foi descoberto, e eu tive que sair com pressa — essa é a parte da história que me esforcei para contar. Não posso dizer a ela detalhes de onde estou agora, ou com quem. Eu posso me colocar em risco, mas não posso fazer o mesmo com aqueles que me ajudaram.
— Desde então, tenho estado com amigos. Um deles descobriu que, em níveis mais elevados de segurança, eu não sou uma "joana-ninguém". O meu DNA é confidencial. Quem sou eu? Diga-me se você sabe de alguma coisa, eu tenho que saber.

Ela olha para mim com cuidado, considerando.

— Por que você precisa saber?

— Você não ia querer saber quem você é, se descobrisse que tinha sido adotada?

Ela encolhe os ombros.

— Talvez menos do que você. Minha família nunca foi próxima, e muitas vezes difícil. Por que buscar por outra? — ela toca meu cabelo. — Feito pelo TAI, não é mesmo — foi uma declaração, não uma pergunta. — Foi assim que descobriram sobre o DNA? Estou preocupada com você, Kyla. O quão encrencada você está? Você pode sair dessa? Será que saber mais ajuda ou atrapalha? O que seus novos amigos realmente querem com você? Eles são melhores para você do que os seus amigos do TAG acabaram se mostrando?

Estou tão frustrada que quero gritar. Como de costume, ela se concentra na única coisa da qual não quero falar. Os meus amigos. Eu respiro profundamente.

— Você precisa saber o quão errado é agora o sistema do qual você faz parte. Mas, caso não saiba, vou lhe mostrar — preciso chocá-la, para fazê-la me ajudar. É o único jeito.

— Sabe quando eu disse que posso ter vindo de um orfanato? — pergunto, tirando a câmera do bolso. — Eu fui olhar o orfanato local, não sei por quê — dou de ombros. — Não acho que eu conseguisse reconhecer um lugar que deixei quando ainda era um bebê. Ele é isolado, rodeado por cercas. Eu me aproximei o bastante, e foi isso o que eu encontrei — abro o arquivo da máquina e projeto a imagem dos menininhos Reiniciados.

Ela inspira profundamente.

— Essas crianças, tão pequenas? Não. O programa de Reiniciação não é para eles. Quem faria isso? Onde fica esse lugar? Diga-me — ela exige, com o rosto friamente furioso.

— Foram os Lordeiros que fizeram, e continuam fazendo isso. Havia cerca de cinqüenta crianças que eu vi. — Olho para o meu relógio. São 07:51. — A outra coisa que descobri é que essa OCJ, ou seja, a mãe da mulher que me criou, teve algo a ver com o TAG e com o meu rapto. Por favor. Eu já lhe disse tudo o que sei sobre isso. Eu tenho que sair exatamente às oito horas ou não poderei mais sair. Diga-me o que você sabe.

Ela permanece em silêncio por um momento, pensando, e eu não pressiono. Ela finalmente concorda.

— Eu já lhe falei sobre isso. Você estava nos registros hospitalares como uma "joana-ninguém". Não havia menção sobre ser confidencial; nenhuma outra informação a respeito de suas origens.

— Mas há algo mais?

— Sim. Algumas coisas curiosas. Lembra-se de quando você viu seus registros no sistema hospitalar? Onde o conselho hospitalar havia recomendado seu extermínio? Ali dizia que eu o havia rejeitado — ela encolheu os ombros. — Eu não tenho autoridade de anular uma decisão do conselho hospitalar, e, de qualquer forma, nunca tentei fazê-lo. Isso veio de um nível superior. Alguém garantiu que você fosse mantida viva. Também houve interferência e cuidado algumas vezes; a estada mais longa no hospital, e os seguranças que você tinha à noite, são exemplos. Eles estavam acima do meu poder. Alguém estava se intrometendo e isso me deixou curiosa.

— Foi por isso que você se interessou tanto, porque eu era sua paciente?

Ela inclina a cabeça.

— Essa foi uma parte da motivação. Havia uma razão inicial, como eu já disse antes.

— Que eu faço você se lembrar de alguém que você conhecia, alguém que morreu nos motins.

— Sim — é tudo o que ela diz, mas outra coisa atravessa o seu rosto naquele momento, por alguns segundos apenas, e em seguida desaparece.

— Quando você mudou o número do chip do meu cérebro no computador para torná-lo indetectável, foi um pedido de alguém de cima?

Seus lábios se estreitam.

— Não. Isso foi um momento de completa insanidade. Os Lordeiros estavam mais interessados em você do que deveriam estar. Eu deixei o negócio mais difícil para eles.

— Uma outra coisa. Minhas memórias. Algumas lembranças da minha infância retornaram quando eu estava no lugar em que fui criada. Eu era canhota até os dez anos de idade, então me forçaram a mudar, e fui Reiniciada como destra. É possível que minhas memórias estejam retornando porque voltei a usar a mão esquerda? — essa era a teoria de Stella, e perguntar sobre isso não está na lista das razões pelas quais DJ me trouxe até aqui, mas na noite passada eu soube que precisava perguntar. Eu posso não ter essa chance novamente.

Ela está pensativa. Finalmente balança a cabeça.

— É possível que as únicas memórias inacessíveis a partir do seu processo de Reiniciação tenham sido aquelas associadas a ser destra. Outras podem ter sido suprimidas, mas acessíveis nas circunstâncias certas. Mas isso é tudo conjectura. Que eu saiba, o que aconteceu com você não foi tentado antes, então, o que posso dizer?

Estou prestes a perguntar mais coisas, quando meus olhos caem sobre o meu pulso.

— Kyla, o seu relógio diz que são 07:59.

Eu corro para as escotilhas de serviço nos fundos do quarto dela. Meu relógio muda para 08:00.

— É uma pena que não possamos falar mais — eu digo, abrindo as portas. E então xingo. A cabine não está lá, e o que há entre mim e as portas do outro lado é um abismo que cai na escuridão. Mas as portas opostas se abrem, mãos aparecem para ajudar e eu me lanço para elas. Meu tornozelo bate com força na porta enquanto braços fortes me arrastam.

— Onde fica o orfanato que você visitou? — pergunta doutora Lysander apressada, enquanto sou puxada pelo outro lado.

— Cúmbria — respondo em voz baixa, e as portas se fecham. Não tenho certeza se deveria dizer ou não, mas aí está a troca, como sempre. Ela respondeu outra pergunta. Então tive que fazer o mesmo.

Quando consigo me levantar, o mini elevador entra em ação e uma cabine se aproxima. Foi por pouco. Meu tornozelo dói e me curvo para olhar. Estou com um pequeno corte.

— Você está bem?

— Foi só um arranhão, eu estou bem.

Eu o sigo de volta pelo corredor, ouvindo o que devo dizer se alguém falar alguma coisa, então entramos no elevador. Há outros funcionários nele, mas eles sorriem, acenam, e não dizem nada. Eles descem em outro andar. Voltamos para a van no estacionamento.

— Desculpe, mas você vai ter que ficar aqui, muito quieta, até minha hora de almoço. Tem comida para você no banco.

Ele abre a porta, eu entro, e ele a fecha. Coloco minhas roupas de volta e então encontro um sanduíche e biscoitos embrulhados. Como avidamente enquanto penso em tudo o que foi dito.

Horas mais tarde, o motorista da van retorna como prometido e me leva para um encontro com Aiden. No retorno para Oxford eu lhe conto o que a doutora Lysander me disse, esperando que ele ou DJ entendam melhor do que eu.

Por que alguns poderosos sem rosto, capazes de anular as decisões da direção do hospital e tudo o mais que fizeram, se importariam comigo? Eu não posso responder a essa pergunta, mas no fundo de minhas entranhas tenho certeza de uma coisa: isso não pode ser bom.

A doutora Lysander não sabe o que eles estão fazendo no orfanato. Isso está muito claro. Eu me sinto gelar por dentro, com medo do que ela fará com essa informação. Será que ela arrumará um problema maior do que da última vez, e tudo por minha causa?

CAPÍTULO 32

— Ben veio procurar por você ontem à noite — diz Wendy. — Então, eu estou supondo que você não tenha passado a noite toda com ele dessa vez.

— Eu não estava com ninguém.

— Não fique tão brava, eu acredito em você. Apenas me escute um instante.

— O que é?

— Eu sei que eu não conheço você muito bem, e eu sei o suficiente sobre por que você está aqui para saber que eu não deveria fazer perguntas. Mas tenha cuidado.

— O que você quer dizer? Ela me entrega um envelope.

— Apenas tenha cuidado.

Ela sai e eu o abro com um rasgo.

É a letra de Ben. Parece a mesma de sempre.

Querida Kyla,

Meus exames foram bons e estou livre da supervisão constante. Viva! Vim para celebrar a noite passada — onde você estava?

Só há uma maneira de se redimir comigo. Encontre-me no topo da Torre da Igreja de Santa Maria. Dizem que a vista é incrível. Não me faça esperar novamente. Com amor, Ben

Mas não há um horário especificado. Talvez ele já esteja esperando lá há horas!

Busco por roupas limpas, que estão em falta. Pego uma blusa de Wendy emprestada e deixo um bilhete de desculpas. Enfio minha câmera no bolso do casaco e deixo o quarto.

Saio por uma porta lateral de Ali Souls e rapidamente encontro a entrada da igreja. Mostro minha carteira de estudante para um guarda e ele me aponta o caminho para a torre.

E eu começo a subida. As escadas da igreja, e depois da torre, me levam cada vez mais alto até chegar a uma estreita escada em espiral. Quanto mais eu subo os degraus de pedra antigos e desgastados, mais estreito e íngreme é o caminho, e, apesar de querer estar lá agora, preciso ir mais devagar e tomar cuidado.

Finalmente chego ao topo e entro na plataforma da torre, no vento frio. Nenhum sinal de Ben. A plataforma é irregular e estreita, cercada por corrimões de pedra com pedras curvas na parte de cima, quase como se a plataforma tivesse sido encrustada na torre. Cruzo os braços para me proteger do frio e sigo

a plataforma ao redor da torre, esquivando-me dos túneis que interligam o caminho, até chegar a um beco sem saída.

Nem sinal de Ben.

Ou ele já esteve aqui, ou se cansou de esperar e foi embora. Ou ainda não veio. Por que não perguntei à Wendy quando ele deixou aquele bilhete? Se ele veio e já foi, eu deveria procurar por ele. Mas e se ele voltar e eu não estiver aqui? Decido esperar e fazer o circuito novamente, desta vez mais atenta à vista sobre Oxford, e aos gárgulas debruçados de bocas abertas, como se engolissem os edifícios abaixo. Finalmente me encolho contra a pedra fria, tremendo e olhando para a faculdade. Parte dos dois pátios é visível daqui, incluindo o banco onde Ben e eu nos sentamos e conversamos.

Estou muito feliz que os exames de Ben tenham sido bons, mas depois começo a pensar sobre isso. O que isso significa exatamente? Como as ressonâncias podem tranquilizar Florence e Aiden o suficiente para dar mais liberdade ao Ben? Eles podem mostrar o quanto sua memória foi comprometida, mas não vai mostrar o que ele está pensando. Não entendo. Minha testa está franzida; então minhas dúvidas desaparecem com o eco fraco de passos se aproximando pelos degraus de pedra abaixo.

Ele está aqui!

Conforme os passos se aproximam meu sorriso aumenta. Ben disse que isso era o nosso segredo, um lugar especial para nós. Um novo lugar especial, para novas memórias que substituirão as antigas.

Mas, então, o rosto que aparece na porta não é o que estou esperando.

— Aiden?

— Onde está o Ben?

— Eu não sei. O que você está fazendo aqui?

— Vamos ao que interessa; o que você está fazendo aqui? Você sabe muito bem, Kyla, que não deve sair se esgueirando por aí sem dizer a ninguém para onde está indo.

— O que quer dizer com esgueirando? Eu não estava me esgueirando! Eu só... então eu paro. Depois de ler o bilhete, fiquei com tanta pressa de encontrar Ben que não pensei direito. Dou um olhar mais atento para Aiden e compreendo. — Tem alguma coisa errada. O que foi?

— O guarda de Ben foi encontrado em um armário. Morto. Estamos à procura de Ben, mas ele não foi encontrado.

— O quê? Morto? Aconteceu alguma coisa com o Ben?

— Além de ter matado seu guarda, nada que eu saiba. Você o encontraria aqui?

— Ele não poderia ter feito isso, não pode ter sido ele. Eu não acredito em

você.

Ele balança a cabeça.

— Me diga tudo o que sabe, e agora.

Meus joelhos estão tremendo; me inclino sobre o parapeito de pedra. O guarda de Ben está morto? Aquele aluno, o que conseguia dormir com qualquer barulho?

— Kyla?

— Ben me deixou um bilhete. Disse que os exames foram bons e que ele não precisava mais ser vigiado.

— É mentira, Kyla. Os resultados dos exames nem chegaram ainda.

Hesito, em seguida pego o bilhete em meu bolso e o entrego a Aiden. Engulo em seco.

[306]

— Eu não entendo. Por que ele mentiria? Aiden lê o bilhete.

— Eu não sei, mas nada que posso pensar é bom.

— Você me seguiu até aqui?

— Não. Foi um palpite. Florence me disse que você tinha perguntado sobre vir até aqui. Precisamos dar o alarme...

Bang!

Tiros? Vindos de baixo, de Ali Souls. Há pessoas correndo pelo pátio. Gritos dispersos ao vento.

Não. Não. Isso não pode estar acontecendo.

Pego minha câmera, para ver melhor com o zoom.

— Vejo vultos de preto em todas as saídas. Lordeiros.

— Faça o que você faz de melhor, Kyla. Seja uma testemunha — suas palavras são amargas.

Estou gravando. Os Lordeiros empurram todos os alunos e pesquisadores, e aqueles que eles escondiam, para fora dos edifícios e para uma das extremidades da quadra. Contra uma parede. Eles abrem fogo. O caos se instala, e gritos; alguns tentam correr, mas não vão muito longe. Há guardas Lordeiros em todas as saídas. Mas em meio a tudo isso alguns se mantêm de pé, de braços dados. Florence está ao centro. Enfrentando os Lordeiros com calma e desprezo à medida que são alvejados. Há corpos, e mais corpos. O vermelho mancha a pedra antiga e a grama morta de inverno. De alguma forma, mesmo com tudo isso, minhas mãos estão firmes, gravando; testemunha entorpecida, tão morta por dentro quanto aqueles no pátio.

E, então, o silêncio.

Duas figuras de preto guardam uma das entradas para o pátio perto do banco onde eu e Ben nos sentamos dias atrás. Um deles se vira e olha para a torre,

diretamente para mim, como se soubesse que estou ali, observando. A outra desliza o braço em volta de sua cintura. Ela está rindo.

Ben. E Tori.

CAPÍTULO 33

Meus braços finalmente caem, a câmera está pesada. Isso não pode estar acontecendo. Aiden está silencioso, seu rosto é um espelho do meu. Em choque. E agonia.

Florence.

Wendy.

Todos os alunos e companheiros anônimos da faculdade, que decidiram nos ajudar. Mortos.

Fico olhando para a câmera em minhas mãos, cheia de testemunhas. Gravações de dor. Ben? Não. Eu não posso... ele não poderia ter...

Mas Ben estava ali, e era parte desse massacre. Não posso negar o que meus próprios olhos viram, mesmo com tudo dentro de mim gritando que eles devem estar errados.

Eu sou uma testemunha como todos os outros que se escondem nesta câmera. A única gravação que resta deles agora.

Edie é uma das testemunhas. Ben esteve lá comigo. Ele sabe onde ela mora.

Corra!

O pensamento mal chegou à minha mente e meus pés estão descendo os degraus em espiral.

Aiden corre atrás de mim, pedindo para que eu tenha cuidado, para esperar, mas ele fica para trás. Estou fora dali, no ar e na luz do sol. Como o sol pode brilhar hoje? Eu corro, e Aiden não consegue me acompanhar, fica para trás. Ninguém está à vista na Igreja de Santa Maria ou nos outros edifícios. Estão todos escondidos debaixo das camas.

Eu corro mais rápido do que nunca. Meus pés parecem não tocar o chão. Eu estou voando, deslizando na superfície de um mundo em que não quero mais estar. Exceto por uma criança. Se eu puder salvar uma criança, e de alguma forma eu posso. Eu não consigo pensar no depois, ou no antes. Só no agora, só agora. Ou vou parar, sem poder dar mais um passo.

Ainda estou voando quando chego à rua de Edie alguns quilômetros depois. Em seguida à porta de sua casa.

A porta da frente está aberta?

Eu a atravesso, ofegando.

— Olá — eu chamo, a voz entrecortada. — Edie?

As luzes estão acesas. Pratos de comida pela metade sobre a mesa. Não, não,

não...

Eu corro de um quarto para o outro, por toda a casa. Está vazia. A casa está vazia.

Exceto por Murray. Ele está no chão da cozinha. Eu o pego e encaro seu rosto sorridente de ursinho de pelúcia, atordoado. Incrédulo.

Não. Isso é um pesadelo. Este dia inteiro. Nada é real. Não pode ser real. Eu vou acordar em um minuto.

Dou um golpe na parede o mais forte que consigo. Minhas juntas se chocam com o gesso, que se racha. Dor. Sangue. Mas eu não acordo. Eu não estou dormindo.

Aperto Murray com força em meus braços, caio no chão e me enrosco como uma bola. As lágrimas finalmente surgem. Onda após onda de agonia estraçalha o que sou por dentro até que não sobra mais nada.Mais tarde, não sei quanto tempo depois, ouço passos. Meus olhos ainda estão fechados como o resto de mim, rígido.

— Achei que encontraria você aqui.

Alguma parte do meu cérebro registra a voz de Aiden. Ele está aqui. Por quê? É tudo culpa minha. Por que ele viria?

Há um movimento próximo, algo quente toca meu cabelo e o acaricia.

— Temos que tirar você daqui — uma voz murmura. Em seguida, braços me envolvem e me levantam.

Não posso me mover, não posso falar. Mas, se pudesse, o que haveria para dizer?

Estou sendo carregada; ouço a porta de um carro. Sou colocado deitada em um banco. Algo quente é dobrado ao meu redor.

Vozes baixas e o motor do carro é ligado. O veículo parte.

Tudo fica escuro.

Estou imóvel, como uma estátua em um túmulo. Insensível e fria. Olhos fechados. Durante muito tempo, tudo ao meu redor é tranquilo, o silêncio absoluto da morte. Por que eu não era um deles? Eu desejo ser. As balas se perdiam mesmo quando eu tentava pular na frente delas, para impedi-las deferir mais alguém. Eu falhei. A seguir, ouço passos. Longe no início, depois mais perto.

— Ela deve estar aqui em algum lugar — diz uma voz. Ben. Estou imóvel como a morte, de bruços na terra fria. Noto um movimento, uma outra voz. Então, alguém agarra meu cabelo, puxa. E me vira. Abro os olhos.

Tori sorri e estende afaça.

CAPÍTULO 34

— Ela deve estar em choque. Como estamos todos, de alguma forma. Todas as evidências armazenadas na faculdade se foram?

— Sim.

As palavras penetram e o significado vagueia ao redor, à procura de explicação, enquanto outros detalhes começam a passar. Não estou mais em um carro. Será um sofá? Evidências, que evidências?

Tudo retorna, e dói como levar um chute no estômago. Solto um gemido e abro os olhos.

Aiden está do outro lado da sala; ele se aproxima.

— Ei. Você está acordada?

— Acho que sim — sussurro.

Eu me sento. As luzes estão apagadas, mas conheço o lugar. É a casa de Mac. Skye está ao meu lado, encostada no sofá, olhando para cima, a cauda abanando suavemente. Mas, como se soubesse que as coisas não estão bem, não pula sobre mim, como costuma fazer.

Minha mão dói e eu a seguro. Verifico como se ela pertencesse a outra pessoa. Nada quebrado, apenas contusões, algumas juntas feridas.

— O que houve com sua mão? — Mac pergunta.

— Dei um soco na parede.

Ele me passa um copo de água e uns comprimidos.

— Analgésicos. Aqueles que você deixou aqui após sua TAI... Eu tomo dois e agito o recipiente. Um leve chacoalhar por

dentro.

— Não há o suficiente.

— O suficiente para quê?

— É muita dor. Não, não é minha mão. Foi mesmo real, aconteceu de verdade? Na faculdade? E foi o Ben?

Eles trocam um olhar. Aiden tira Skye do caminho e senta ao meu lado.

— Parece que sim.

— Eu não entendo. Por que Ben deixou aquele bilhete e me tirou de lá?

— Talvez ele não quisesse que você se machucasse.

— Maneira engraçada de demonstrar isso. Será que Ben conhece este lugar? — entro em pânico e olho para Mac. Não. Nenhum outro amigo irá morrer.

— Ele conhecia antes de apagarem sua memória, mas não mais — afirma

Aiden. — Aqui pode ser seguro por um tempo.

— Pode ser não é bom o suficiente. Precisamos sair daqui antes que nos encontrem.

— Sairemos. Logo — garante Aiden. — Está tudo acabado.

— O que você quer dizer?

Ele balança a cabeça e a deixa cair entre as mãos.

— O DEA, o que estávamos tentando fazer. É o fim. Florence e os outros. Nossos amigos, cada um deles, assassinados. Nossas evidências destruídas, o sistema de computador comprometido. Estamos liquidados — sua voz está tão cansada, tão cheia de dor.

— Foi tudo em vão? — minha voz sai fraca. A culpa é minha.

— Eu e você devemos ser os primeiros na lista dos mais procurados dos Lordeiros. Você está fora.

— Como assim?

— Irá para a Irlanda Unida. Já está sendo arranjado.

— Não! Você está me dizendo para fugir. E eu não quero mais fugir.

— Vamos tentar reconstruir tudo. Um dia — ele sacode a cabeça. — Eu tenho que ficar, para fazer o que posso, mas não consigo pensar direito se você não estiver segura. Você tem que fazer isso por mim. Vá.

— Por quê? Depois de tudo o que aconteceu. Ben me traiu; eu não posso fugir da confusão que criei — as palavras saem fracas, irreais. — Ele traiu todos nós. Ele não estaria lá se não fosse por mim.

— Mas fui eu quem o levou lá. Estúpido! Eu estava deixando os sentimentos embaçarem meu julgamento. A culpa é minha.

— Não, vocês dois estão errados — diz Mac. — Vocês estavam dando uma chance a ele; é para isso que existe o DEA, não é? Tentando salvar almas perdidas das garras dos Lordeiros.

Aiden balança a cabeça.

— Tantos mortos. Valeu a pena?

— Espere um minuto. Eu não entendo o que você falou antes. O que quer dizer com sentimentos embaçando seu julgamento?

— Ainda não é óbvio?

Com o canto do meu olho vejo Mac sair da sala, fechando a porta.

Aiden suspira, inclina-se para trás no sofá, com os olhos semicerrados. Ele os abre novamente e se vira para me olhar. Ele parece jovem, desnorteado, quase... não ele mesmo. Aiden é sempre forte, seguro do que faz e do motivo por que o faz. Este não é ele. Parece que o único pedaço de terra firme sob meus pés está desmoronando.

Eu busco sua mão e a seguro.

— Você não pode desistir do DEA. Você é o super Aiden.

— Não. Apenas Aiden. Apenas um homem, sem superpoderes. E eu estraguei tudo. Total e completamente, e estamos acabados. É isso.

— Como isso foi acontecer? — engulo em seco. — Como os Lordeiros puderam fazer o que fizeram? E como puderam modificar Ben, fazê-lo nos trair? Transformá-lo em um assassino?

Aiden toca minha bochecha.

— Eu sinto muito. Nenhum Lordeiro estava segurando uma arma na cabeça de Ben. As coisas que ele fez, foi sozinho. Ele fez escolhas e agiu. Foi opção dele fazer o que fez, não importa o motivo.

— Não, eu não posso acreditar nisso. Ben não era assim. Foi o que fizeram com ele — mas, mesmo que eu pronuncie essas palavras, a dúvida se alastra. O TAG fez de tudo para me tornar uma terrorista, para me tornar uma assassina. Mas, no final, eu não pude fazê-lo. Mesmo quando tive certeza de que deveria, que era o único caminho, algo dentro de mim me impediu. Se Ben era a mesma pessoa, algo nele não deveria tê-lo impedido?

Aiden respira fundo.

— É tudo culpa minha. E eu tenho sido um idiota. Se ao menos eu tivesse sido honesto comigo mesmo.

— Não! Você não poderia saber o que Ben faria...

— Não é isso que quero dizer. Eu pensei que, se trouxesse Ben de volta, isso faria você feliz. E que ver você feliz me faria feliz. Mas eu estava errado. Ver vocês dois juntos me fez extremamente infeliz.

Olho para Aiden. Suas palavras de agora e outras coisas que ele tem feito e dito estão começando a se encaixar, mas eu não posso decifrá-lo.

— Então todas as dúvidas que tinha sobre Ben, eu ignorava. Achava que era meu sentimento por você que me fazia questionar Ben e seus motivos. Argumentei com Florence quando a deveria ter escutado. Ela estava certa sobre Ben o tempo todo.

Balanço a cabeça.

— Lordeiros fizeram isso. Ele não é o Ben que eu conheci. Eles o modificaram.

— Mas será que você realmente o conheceu? — pergunta Aiden. — Como você pode amar alguém sem saber tudo sobre essa pessoa, no que acredita o que fez e o que não fez?

Fico em silêncio um momento. Suas palavras estão se encaixando, fazendo sentido.

— O que você está dizendo, na verdade, é que ninguém que foi Reiniciado, que não tem passado conhecido, pode amar ou ser amado. Eu fui Reiniciada.

— Então, por que eu amo você?

CAPÍTULO 35

Acordo bem cedo pela manhã; a casa está em silêncio. As palavras de Aiden estão embaralhadas pelo analgésico, mas me lembro o suficiente. Os comprimidos me fizeram apagar em cima dele logo depois que ele falou aquilo.

Balanço a cabeça. Ele não era ele mesmo. Tudo o que aconteceu o deixou abalado. Ele não quis dizer aquilo.

Não sei o que foi mais alarmante nas coisas que ele disse. Que desistiu do DEA? Que quer me mandar embora? Que me ama. Parece tão irreal como tudo o que aconteceu ontem. A dor da traição de Ben e o que houve a seguir ameaçam destruir tudo o que sou. E, além disso, sem o Aiden para me apoiar, me sinto perdida.

Levanto, como se eu pudesse me afastar de tudo, com Skye aos meus pés. Vagueio pela cozinha. Prendo a respiração ao ver a coruja esculpida em metal que a mãe de Ben fez, em cima da geladeira. Não me controlo. Vou até ela e a pego. Passo os dedos pelo meio das asas, o bico afiado e as garras. Encontro o quadrado de papel e o puxo. É a letra de Ben. Seu "Com amor, Ben" é idêntico ao do bilhete que ele me deixou para que eu saísse de Ali Souls e ficasse segura no alto da torre da igreja.

Não entendo. Por que ele deixou aquele bilhete e me fez sair de lá? Se ele é o assassino frio moldado pelos Lordeiros que Aiden diz que é, e que eu vi ontem com meus próprios olhos, por que não atirou em mim, junto com os outros? Isso teria me deixado mais ferida do que estou agora?

Talvez em algum lugar dentro dele, apesar de tudo o que ele fez, ele se importa. Apenas o suficiente para me salvar. E eu não sei se me agarrar a isso me faz sentir melhor ou pior. Mas, se ele se importava, por que me mandar para o único lugar em Oxford de onde eu teria que assistir a tudo aquilo?

E Tori. Estremeço. Por que ela estava lá? Uma Lordeira agora, como Ben. A última vez que a vi, ela estava sendo arrastada por Lordeiros e gritando ameaças. Será que ela foi submetida ao mesmo tratamento que Ben? Mas havia algo em seus olhos, um tom de vingança na forma como ela riu. Como se ela soubesse que eu estava assistindo e se lembrasse de mim. Ou será que imaginei isso? Mesmo ampliada pelo zoom da câmera, eu realmente poderia tê-la analisado assim de tão longe?

Tenho um milhão de perguntas. Havia pistas para o que Ben ia fazer? Eu poderia ter impedido aquilo se tivesse notado e contado à Florence e ao Aiden?

Volto para a sala da frente, pego minha câmera da mesa onde devo tê-la deixado na noite passada. Eu a olho em minhas mãos, querendo, mas ao mesmo tempo sem saber se consigo. Inspiro profundamente, ligo a máquina e busco o arquivo das fotos que tirei de Ben no dia em que testei a câmera.

O rosto sorridente de Ben é projetado na parede. Eu busco por pistas de trás para a frente, por vestígios do que estava por vir, mas não vejo nada. É apenas o Ben, exatamente como me lembrava dele de antes, não é? Ele estava mais brincalhão do que costumava ser, ao menos para um Reiniciado. Mais arrojado. Dou pausa e olho para os olhos dele na parede, e a dor começa a chegar até mim, para me puxar para baixo.

Eu a desligo. Eu me concentro em respirar, correndo os olhos pela sala, à procura de algo, qualquer coisa, para me distrair, e é quando vejo algo que tinha esquecido. Murray, o urso, sentado na estante de livros. Eu o pego.

— Acabou tudo mesmo? — sussurro para ele. Tudo que tínhamos nos atrevido a desejar? Que histórias como a de Edie poderiam ser divulgadas, poderiam fazer a diferença? Onde está Edie agora? Talvez ela termine Reiniciada em um orfanato. Ou pior.

Ela ainda está em minha câmera. Eu a pego novamente e olho para a lista de arquivos. Edie está lá. Junto com outras três testemunhas que gravei. As crianças Reiniciadas do orfanato. E o massacre na faculdade. Será o suficiente? Olho para Murray. Seu rosto felpudo parece estar dizendo alguma coisa (ou serão apenas os analgésicos?), que ainda podemos fazer isso. E precisamos ser rápidos, antes que algo dê errado.

Estou prestes a desligar a câmera quando faço uma careta. Na lista de arquivos há um que não reconheço, não me lembro de ter notado antes. Está rotulado como SC, e é anterior às fotos que tirei de Astrid e Nico.

Abro o arquivo e clico no play. Stella aparece. Claro! SC é Stella Connor.

Sento e escuto a mensagem. Quando termina, meus braços estão arrepiados.

— Estava ali, o tempo todo? — pergunto ao Murray, atordoada.

Saio correndo para os fundos da casa, com Skye em meus calcanhares, e bato nas portas do quartos.

— Acordem, levantem! — Skye late, e Mac e Aiden saem apressados, meio dormindo. Assustados.

— O que está acontecendo? — pergunta Aiden.

— Precisamos conversar, e tem que ser agora.

— Sobre o quê?

— Me escute. Eu não vou para a Irlanda. Aiden começa a protestar. Eu levanto a mão.

— Tem mais. Fique quieto e escute. Mas, primeiro, eu tenho uma pergunta.

Como estão os sistemas de computação do DEA? Podemos conseguir informações?

— Estávamos praticamente prontos para isso, mas não através dos canais de sempre — responde Mac. — Depois de nossos sistemas terem sido invadidos, planejamos uma melhor alternativa através da Irlanda. Alguns contatos de DJ acham que conseguem entrar no satélite de comunicação dos Lordeiros, transmitindo dali para todo o país e internacionalmente quando estivermos prontos.

— Transmitir o quê? — a voz de Aiden está cética. — A maior parte do que tínhamos se foi; ou roubado dos sistemas hackeados, ou destruído na faculdade.

Eu levanto minha câmera.

— Eu ainda tenho o depoimento das testemunhas. Da Edie e de três outras pessoas. Tenho as fotos das crianças Reiniciadas no orfanato, o massacre de ontem na faculdade, e...

— Não é o suficiente — Aiden interrompe. — Nosso ponto de vista, do pai da Florence e mais tarde da própria Florence, era que precisávamos ter tanto provas meticulosamente documentadas quanto testemunhas. Nós não temos mais isso. Não podemos apoiar você.

— Se não contarmos as histórias deles, eles terão morrido por nada.

A sala fica em silêncio.

— Temos, ao menos, que tentar — diz Mac, finalmente. Aiden olha para nós dois; há algo de diferente em seus

olhos? Em seguida, ele balança a cabeça.

— Eu nunca concordei completamente com o jogo demorado e cuidadoso, mas será que temos mesmo o suficiente para...

— Há algo mais. Veja isto — eu digo, e aponto a câmera para a parede.

O rosto de Stella surge enorme, com um sorriso nervoso.

— Hã, oi. Eu sou Stella Connor. Minha filha, Lucy... (Lucy, eu vou chamar você assim, está bem? Para mim, você sempre será a filha que eu amo) — e ela sorri. — Há pouco tempo, ela conseguiu de mim uma confissão que eu pensei que nunca diria a ninguém. Ela tentou me convencer de que eu tinha que contar esta história, que ela precisava ser revelada. Mas eu me recusei — ela suspira. — Estou velha e sou covarde. Eu sempre fui, mas só agora notei o quanto. Enfim. É melhor eu ir em frente.

— Estou percebendo que Lucy terá que sair da minha vida novamente, não importa o que eu faça. E, nesta câmera que peguei emprestada com ela, eu descobri o motivo. E sim, Lucy, você colocou senha para proteger as fotos, então eu não ia vê-las, mas fui eu quem fez a instalação da câmera, então tenho a senha do administrador, e eu a usei. E encontrei as fotos dessas crianças muito

pequenas, Reiniciadas — ela estremece e ajeita a coluna. — As coisas estão piorando, então agora eu tenho que ser corajosa e contar a minha história.

— Minha mãe é Astrid Connor, a Primeira Oficial do Controle Juvenil Inglês, constantemente subindo nos ranques dos Lordeiros. Há alguns anos eu a ouvi falar com um subordinado sobre os assassinatos do Primeiro Ministro Armstrong e de sua esposa, Linea, antes que isso acontecesse. Eu era criança e não entendi bem o que ouvi, e, quando perguntei, ela me disse que eles souberam antes da mídia, e eu não questionei isso. Mas, anos mais tarde, eu compreendi e a confrontei. Ela admitiu, ou melhor, se gabou de que uma facção linha-dura dos Lordeiros à qual ela pertencia havia deliberadamente vazado informações para o TAG para que esses assassinatos ocorressem. Nossa família era amiga da família do Primeiro Ministro; Linea havia revelado à minha mãe que Armstrong ia se demitir e expor os violentos excessos do exército Lordeiro que ele havia descoberto. Isso teria derrubado o governo dos Lordeiros.

— Minha mãe me trancou para impedir que eu dissesse algo. Eu estava grávida, e meu bebê morreu. Meses depois, ela me deu Lucy, o bebê mais lindo do mundo. Eu não sei onde minha mãe a conseguiu. Assim que ela teve certeza de que eu amava Lucy completamente, ela nos deixou sair. Disse que, se algum dia eu dissesse algo, ela levaria Lucy embora.

— Eu te amo muito, Lucy. Me desculpe por não ter lhe dito tudo desde o início — a mão dela se estende para a câmera. A gravação é interrompida.

Estou lutando para manter a compostura. Stella deve ter feito isso quando eu estava na casa dos barcos. Fez com que Ellie a entregasse para mim com aquela mensagem enigmática, quando de alguma forma descobriu que Astrid estava a caminho. Foi corajosa, finalmente. Espero sinceramente que ela esteja bem.

Eu pisco diversas vezes com força.

— E então? É o suficiente?

Aiden e Mac estão olhando um para o outro em silêncio e atordoados. Então Mac sorri.

— Nós pegamos os desgraçados, não pegamos? — ele levanta a mão para Aiden, que, depois de um segundo de hesitação, levanta a sua e bate na dele.

Aiden recuperou seu olhar determinado.

— Sim! Podemos fazer isso — ele me abraça com força e me larga a seguir, abruptamente. — Você ainda precisa ir embora.

— Não. Sou a única testemunha viva que lhe resta. Eu não vou a lugar nenhum — encaro os olhos azuis de Aiden, sem vacilar, e ele retribui o olhar.

— Que tal interrompermos esse "concurso de encarar" com um café da manhã? — sugere Mac, enchendo a chaleira. — Então talvez você goste de fazer uma gravação comigo dizendo o que houve com o Robert depois do bombardeio

ao ônibus.

Aiden levanta uma mão, pensando.

— Há uma outra coisa. Outra testemunha que realmente iria ajudar — ele me olha, como se pedisse desculpas.

— Quem?

— Precisamos da filha de Armstrong, Sandra Davis. Sua mãe daqui.

— Não. De jeito nenhum — olho para ele, horrorizada. — Saber que mamãe e Amy estão seguras é uma das coisas que me torna capaz de ir em frente. Não tire isso de mim.

— Escute. As pessoas acreditarão nela. Eles não sabem quem Stella é. Mas, se ela vir o que Stella diz, e sustentar isso, além da história de Mac, bem... Estamos feitos.

Mac coloca o braço em meus ombros.

— Ele está certo e você sabe disso. É hora de esquecer a segurança e arriscar tudo — me livro de seu braço e volto para o sofá. Murray está olhando para mim, com um olhar de "Ele está certo" em seu rosto. Balanço a cabeça. Daqui a pouco, Skye vai me dar uma bronca. E, como se lesse meus pensamentos, ela salta para o meu lado, coloca a cabeça em meu colo e olha para cima.

— Está bem. Podemos pedir a ela, mas sem pressão — ela não vai fazer isso, vai? Eu não estou sob a proteção dela, mas ela não fará nada que coloque Amy em risco. — Como vamos falar com ela?

A porta da frente se abre de repente.

— Olá — diz uma voz alegre. Uma que eu conheço. Eu me viro e ali está o namorado de Amy. Jazz.

CAPÍTULO 36

— Eu realmente não estou feliz — diz Jazz, mas seu sorriso nega isso. Seus braços parecem me prender em um abraço permanente desde a fração de segundo em que percebeu quem eu era, mesmo de cabelos mudados. — Por que você não me disse que ela estava viva? — ele reclama com seu primo Mac.

— Você já pode me largar! — estou me contorcendo.

— Você está bem mesmo?

— Estou inteirinha — respondo, sem entender como posso estar tão bem, depois de tudo o que aconteceu.

Ele me solta do abraço, mas me mantém em sua frente com uma mão em cada ombro.

— Amy tem estado tão... Posso contar a ela?

— Se for realmente necessário — Aiden interrompe. Jazz olha pra ele.

— Sim, bem, seja como for, mas Amy precisa saber.

— Por que não? — eu digo. — Não será segredo muito em breve. Que mal pode haver se ele contar a ela agora? Ela não vai dizer nada — não depois da última vez. Amy tinha, com toda a inocência, contado sobre os desenhos que eu estava fazendo para o TAG. Não demorou para que eu fosse arrastada para uma van preta, interrogada e chantageada por Lordeiros.

— E quanto à sua mãe? — Jazz pergunta.

— Ela já sabe.

— Imagina! Ela nunca deixou transparecer.

— Informação restrita, só para quem precisa saber — falamos ao mesmo tempo, e me pego rindo junto com Jazz. Uma parte de mim está surpresa por eu ainda saber como se ri.

— É bom ver você — eu digo. — Agora me deixe ir — ele tira um braço, mas mantém o outro em volta dos meus ombros, e isso é bom. O namorado de Amy sempre foi como um irmão mais velho para mim.

— Precisamos marcar um encontro — Aiden diz a Jazz. — Entre Kyla e a mãe. E não diga nada para Amy, por enquanto não.

— Tudo bem. Pode me passar o recado. O que me faz lembrar uma coisa — ele pega uma caixinha do bolso. — Correio.

— O que é isso? — pergunto surpresa. Mac pega a caixa e a levanta.

— Notícias de DJ, eu acho. Olho para Jazz.

— Você quer dizer que está envolvido com tudo isso também? — um irmão

mais velho com seus próprios segredos. Ele sorri.

— Sempre fui o garoto de recado deles. Apenas mais ocupado ultimamente com os computadores fora do ar. Você não precisava saber, eu acho — eu bato no braço dele. E pensar no que se passa na vida das pessoas, bem em frente dos meus olhos, e que eu não fazia idéia. Nenhuma. Mac abre a caixinha.

— Brilhante! Finalmente — ele abre a mão e nos mostra um comunicador. Coincidentemente ou não, ele vibra. — Tenho certeza de que é para você — Mac diz a Aiden, que endireita os ombros. Ele o segura e desaparece no final do corredor, fechando a porta.

Mac e eu trocamos olhares.

— DJ já sabe o que aconteceu? — pergunto, em voz baixa.

— Eu ficaria surpreso se não soubesse. Mas ele provavelmente quer ouvir um relato em primeira mão.

— O que aconteceu? — pergunta Jazz.

— Informação restrita ou não, acredite em mim, você não ia querer saber — respondo.

Mac arquiteta um plano com Jazz sobre quando e onde podemos tentar encontrar minha mãe, enquanto faço hora na cozinha, preparando torradas. E me perguntando se DJ irá concordar com o nosso plano. E se ele achar que não temos o suficiente para ir a público? E se ele disser não? Não podemos fazer uma transmissão em rede nacional sem a ajuda dele.

Saio da cozinha e me dirijo para o quarto dos fundos. Bato uma vez e entro.

Aiden ainda está no comunicador com DJ. Seus olhos encontram os meus e ele gesticula para que eu fique quieta.

— Quanto tempo teremos?

— Não tenho certeza se vamos conseguir...

— Entendo.

— Deixe-me falar com ele — peço. Aiden faz mímica, puxando o cabelo.

— Tudo bem. Fale com ela então — e me passa o comunicador.

— Alô?

— Oi, Kyla. Aiden estava me dizendo que...

— DJ, apenas me escute um momento. Precisamos fazer essa transmissão, o mais rápido possível. Chega de esperar até que mais coisas saiam errado. Temos que agir antes de....

— Devagar. Eu concordo com você.

— Concorda?

— Sim. E Kyla, querida, soube que você passou por momentos difíceis. Sinto muito — ele faz uma pausa, mas desta vez fico em silêncio. O que há para dizer? — Aiden quer que eu leve você para fora do país.

Eu estreito meus olhos para Aiden.

— Eu não irei.

— Essa é a minha garota. Acho que precisamos de você envolvida em nossa pequena produção cinematográfica. Aiden me informou sobre a gravação de Stella, as outras coisas na sua câmera e a possibilidade de envolvimento de Sandra Davis. Você precisa fazer isso acontecer.

Agora olho para Aiden.

— Nós nem sequer pedimos a ela ainda. Ela pode recusar.

— De uma forma ou outra, preciso disso arranjado para transmitir amanhã, ou teremos de esperar meses para uma outra oportunidade. É um pouco técnico, mas tem a ver com a escolha do momento certo para interferir com o satélite deles sem sermos notados. Podemos mascarar nossa invasão com uma atividade solar se coincidir com uma tempestade geomagnética. E está previsto um clima terrível com trovoadas para mais tarde. As comunicações por satélite e via terrestre devem ser interrompidas amanhã à noite, se tanto as previsões solares quanto as do tempo estiverem corretas.

— Amanhã? Mas tão rápido assim? — pergunto, olhando para Aiden, que encolhe os ombros.

— Você consegue fazer isso?

Esperar pode nos dar mais material para ser transmitido. Mas veja o que acontece com a espera. Ali Souls. É isso o que acontece.

— Sim. Nós vamos fazer isso.

— Esse é o espírito.

— DJ? Eu tenho uma pergunta.

— Sim?

— Você sabe o que a doutora Lysander disse, sobre alguém de alto escalão ter interferido em meus registros hospitalares?

— Sim.

— Você descobriu alguma coisa sobre mim? Sobre meu DNA?

Ele faz uma pausa, quase imperceptível.

— Ainda estou trabalhando nisso.

CAPÍTULO 37

Estou apreensiva e nervosa. Não consigo ficar parada. Aiden olha para mim.

— O que há de errado?

— Nada. Tudo — verifico a hora. — Ela está atrasada. Ele olha para o relógio.

— Só uns vinte segundos. Vai dar tudo certo.

— É só que eu não quero que nada aconteça com ela. Todos que se aproximam muito de mim parece que pagam o preço. Eu não quero que ela se envolva.

Ele segura a minha mão.

— Porque você se importa. Você a quer longe do perigo — ele não diz mais nada, mas eu sei o que ele está pensando.

— Eu não podia ir.

— Eu sei — ele respira fundo. — É parte do que faz você ser quem você é. Mas eu tinha que tentar.

A porta se abre.

— Mamãe! — levanto e corro para ela. Seus braços me envolvem imediatamente num abraço apertado.

Ela olha para Aiden por cima do meu ombro.

— Quem é este? Ele se levanta.

— Prazer em conhecê-la, senhora. Sou o Aiden. Ela se vira para mim. Balança a cabeça.

— Por que você voltou? É muito perigoso.

— Tentei dizer a ela, mas ela não quis ir — diz Aiden. Eles trocam um olhar.

— Teimosa, não é? — diz mamãe. — E por que estou aqui?

— Precisamos de sua ajuda.

Mamãe se senta e Aiden explica o que nós, do DEA, estamos planejando fazer.

— Então, isso realmente será transmitido por todo o país? E em outros países?

Seus olhos ficam distantes, pensando, então encontram os meus com uma faísca de emoção.

— Isso pode funcionar. Mas não entendo no que eu posso ajudar.

— Eu realmente sinto muito por lhe mostrar isso — eu digo.

— O quê?

Eu pego a câmera.

— Você sabe quem são Astrid e Stella Connor? Ela franze a testa.

— Astrid Connor estudou com a minha mãe; elas eram amigas. Stella é filha dela. Costumávamos ser próximas quando éramos crianças, mas não somos mais. Ela parou de responder aos meus telefonemas, há alguns anos — ela encolhe os ombros. — O que elas têm a ver com tudo isso?

— Elas são a minha família. De antes de eu ser Reiniciada. Eu fui adotada por Stella, que me criou desde que eu era um bebê até os meus dez anos. Eu fui embora para encontrá-la.

— O quê? — seus olhos estão arregalados pela surpresa. Ela balança a cabeça. — Eu não posso acreditar. Mas eu não entendo o que isso tem a ver comigo.

Aiden e eu trocamos um olhar. Eu queria avisá-la do que estava por vir, mas ele achou melhor ela ver e ouvir por si mesma.

— Tudo bem. Aqui está uma gravação feita por Stella. Ela a escondeu na minha câmera e eu só vi agora. Sinto muito.

Eu a direciono para a parede e aperto o play. Seu rosto fica pálido conforme ela vê e ouve, e ela segura minha mão com força.

Quando termina, minha mãe desvia o olhar por um momento. Em seguida, me olha nos olhos.

— Se ao menos eu soubesse o que meus pais estavam planejando fazer. Durante todos esses anos, nunca entendi por que meu pai criou um governo de Lordeiros, com tudo o que isso acarretou. Eu sempre achei que ele não sabia o que realmente estava acontecendo, mas ele sabia, e estava planejando colocar um fim nisso. Obrigada por me contar.

— Veja — diz Aiden. — É por isso que precisamos de você. Para introduzir o depoimento de Stella em nossa transmissão. Isso trará credibilidade. Fará com que as pessoas escutem.

— Também temos uma testemunha que viu o seu filho Robert vivo após o ônibus ser bombardeado — revela Aiden. — Você poderia falar sobre o desaparecimento dele também.

Minha mãe concorda.

— Eu soube por outra fonte que Robert sobreviveu ao atentado, mas desapareceu em seguida. Eu sempre deduzi que ele foi Reiniciado. Se meus pais tivessem conseguido dizer e fazer o que queriam, o nosso mundo seria um lugar diferente? Será que eu ainda teria o meu filho? Eu quero fazer isso por eles, contar o que eles foram impedidos de dizer. No entanto, isso não é apenas sobre mim; as coisas podem dar errado. Tenho que pensar na segurança de Amy. Preciso de tempo para pensar sobre isso.

— Eu sinto muito. Tempo é um luxo que nós não temos — explica Aiden.

— Quando precisaríamos fazer isso?

— O mais tardar amanhã à tarde. Há razões técnicas para que a transmissão aconteça amanhã à noite. Jazz pode trazer você, se você decidir nos ajudar.

Eles falam um pouco mais sobre os detalhes, mas eu apenas seguro a mão dela com força. Imagine o choque, todo esse tempo acreditando em uma versão para a morte dos pais e depois descobrir que era tudo mentira.

— Preciso ir — ela me abraça apertado. — Cuide dela — ela ordena a Aiden, e depois vai embora.

— O que você acha que ela vai fazer? — Aiden pergunta. Isso me lembra tanto um outro tempo, uma outra decisão.

Quando ela precisou decidir se devia ou não dizer a todo o país, em uma gravação ao vivo, o que achava que realmente havia acontecido com seu filho Robert. Mas ela terminou não fazendo isso; ela não faria nada que colocasse Amy ou a mim em perigo. Será que desta vez seria diferente?

— Eu não sei — e parte de mim torce para que ela esteja lá amanhã, enquanto outra parte espera que ela fique longe.

À noite, Aiden está trabalhando na sala de informática. Mac saiu com Jazz para se organizar para amanhã, copiar as imagens e fotos da minha câmera e começar a colocar tudo junto. DJ quer que eu faça uma introdução, para explicar como as coisas que eu testemunhei se encaixam, e eu estou tentando pensar no que falar para não ficar olhando para a câmera como uma idiota.

O que posso dizer sobre Ali Souls que explique o que aconteceu e de uma forma que faça algum sentido? O que dizer sobre o Ben?

O que posso contar, o que estou disposta a contar, sobre a minha vida? Minha vida louca, confusa, corrompida pelos Lordeiros, e todos aqueles que foram prejudicados ou destruídos.

Vou de um lado para o outro na sala da frente; Skye está deitada no caminho. Eu quase tropeço nela e xingo.

A porta de Aiden se abre; ele se aproxima.

— Está tudo bem?

— É só medo do palco — digo, mas olhando para os meus pés. Não consigo olhar nos olhos dele.

— Vai dar tudo certo.

— Assim como todo o resto foi bem até agora? — estou tremendo. Não sei por quê. Será uma reação atrasada, medo, dor, tudo isso junto?

Eu olho para cima e dou um passo na direção dele; ele dá um passo para mim. Nos encontramos no meio. Seus braços me envolvem, com delicadeza, sem segurar, apenas reconfortantes, como você faria com uma irmã, ou uma

criança. Aninho a cabeça em seu ombro. Eu me encaixo nele diferente do que era com Ben; Ben é mais alto. A mão de Aiden acaricia meu cabelo. Ele está tentando me fazer sentir melhor, mas não é o suficiente, nada pode ser suficiente para tirar todo aquele vazio. E eu o puxo cada vez para mais perto. Seu coração está batendo mais rápido, assim como o meu. Puxo a cabeça dele para baixo e o beijo. Eu não sei o que estou fazendo, mas não me importo. Estou completamente fria, morta, vazia; Aiden é sentimento, calor e vida.

No começo ele retribui o beijo. Depois, gradualmente, gentilmente, ele me afasta. Balança a cabeça.

— Desse jeito não.

E eu começo a chorar. Por quê? Outra perda, outro espaço frio. Ele me coloca no sofá e me envolve no cobertor.

— Não vá — eu peço.

— Eu não vou a lugar nenhum. Nunca. Enquanto você não quiser que eu vá — mas ele se levanta. — Volto num segundo — ele vai até o corredor e retorna com um violão nas mãos. — Eu não toco com muito freqüência, mas sempre me faz sentir melhor. Feche os olhos, Kyla. Amanhã será um longo dia. Mas vamos passar por isso. E eu estarei lá.

E ele começa a tocar. Ele é bom. Algumas músicas eu conheço, outras não. E de alguma forma meus olhos se fecham. Mergulho em um sono escuro e sem sonhos.

CAPÍTULO 38

O mau tempo prometido chegou. O vento frio chicoteia os ramos das árvores, e as folhas mortas formam redemoinhos quando corro.

Fui dormir tarde e falei que só precisava de uma corrida, já me afastando, porque não consigo olhar Aiden nos olhos depois de ontem à noite. Achei que eles fossem argumentar ou que exigiriam um acompanhante. Mas eles me deixaram ir.

Meus pés voam até a trilha do canal; acelero para fazer tudo ir embora, mas não está funcionando. Eu busco mais; mais esforço, mais velocidade. E os quilômetros passam voando, e fica mais perto. A corrida não foi apenas fuga e libertação. Será que vou conseguir encontrá-lo?

Não no início. Eu sei que estou perto de onde deveria estar, que havia uma certa curva na trilha, uma árvore escalável não muito longe disso. Eu desacelero para uma caminhada e refaço meus passos até que, finalmente, acho que a vejo.

O vento está violento quando subo pelos galhos, como se ele fosse me arrancar e jogar no chão. Aperto os olhos para evitar que entre poeira. O quão alto ficava? Acho que vim longe demais, e olho para trás. Qualquer coisa poderia ter acontecido com ele. Um pássaro ou um esquilo com um olho para coisas brilhantes poderia ter pegado; o galho onde ficou poderia ter sido vítima do vento. Pode ser a árvore errada. Agora que não estou correndo, estou congelando; apalpo tudo com as mãos dormentes, tendo problemas para manter o pé quando mal posso sentir meus pés. Estou prestes a desistir quando meus dedos tocam em algo frio, algo de metal.

Eu me contorço para alcançá-lo e retirá-lo do galho em que está enfiado. O anel de Emily. Eu o fecho com força em minha mão por um instante, depois começo a descer.

De volta ao chão, dou uma olhada na inscrição: Emily e David para Sempre. Eu o tirei da mão dela depois que os dois morreram, Reiniciados, como tantos outros, vítimas dos Lordeiros. Eles foram devolvidos por quebra de contrato quando ela ficou grávida. Seu único crime foi se apaixonar. Preciso de seu anel, preciso de uma razão concreta que eu possa segurar, para enfrentar o que tenho que fazer hoje. Começo a colocá-lo no bolso, mas, em seguida, eu o coloco em meu dedo e começo o longo caminho de volta.

Depois de uma chuveirada vou até a cozinha, onde Mac está fazendo sanduíches.

— Está tudo bem? — ele pergunta. Em seguida, se retrai. — Tudo bem, pergunta idiota. Alguma coisa que não esteja bem e que eu possa fazer algo a respeito?

— Não. Obrigada — sorrio para ele.

— Finalmente um sorriso. Ou quase isso. Sente-se e coma, está quase na hora de irmos. Aiden? Comida — ele chama.

Aiden vem, aperta meu ombro com uma mão e senta do outro lado. Ele me olha nos olhos, acena com a cabeça uma vez, e seu olhar firme diz que as coisas estão bem. Um nó de ansiedade dentro de mim se afrouxa, só um pouco, mas é o suficiente.

— Bem-vinda ao nosso estúdio de cinema — diz Mac, abrindo a porta para um galpão em péssimo estado. Fica a poucos quilômetros de sua casa, trilha acima. Do lado de fora parece abandonado, mas, quando entro, quase engasgo. Dentro é como uma caverna de Aladim para geeks. Há equipamentos por todo lado.

— Você obviamente não preparou isso só para hoje.

— Não. Aqui tem sido um dos centros secretos de tecnologia do DEA há séculos; existe todo tipo de coisas diferentes para brincar aqui. Os filmes são novos e estamos com o equipamento de transmissão que DJ conectou ao satélite. Eu e Jazz liberamos um espaço ontem à noite para as gravações.

Aiden e eu o seguimos em torno de uma fileira alta de prateleiras; por trás delas há uma área livre com um banquinho e uma lona pendurada para esconder os equipamentos que estão por trás. Na frente, uma câmera sobre um suporte e luzes.

— Isso parece ter um pouco mais de tecnologia do que a minha pequena câmera — comento, tocando meu bolso para onde, mais uma vez, ela retornou esta manhã depois de terem copiado o conteúdo relevante na noite passada.

— Que nada. É fácil. Vou lhe mostrar, e então podemos gravar a minha parte.

Mac começa a explicar os controles quando há uma batida forte na porta.

— Olá? — é a voz de Jazz. E uma outra. Mamãe?

Dou a volta nas prateleiras, mas não é apenas minha mãe; Amy está aqui também.

Amy corre para mim e me abraça.

— Sua doidinha. Nunca mais faça isso comigo!

— Você cortou o cabelo — estou chocada. Aquele cabelo grosso e lindo se foi; está curtinho.

— Ei, se eu soubesse onde você estava para pedir conselhos de estilo, sem precisar recorrer a uma sessão espírita, eu teria feito isso. Aliás, você está um pouco diferente também.

— Vocês duas aqui? — pergunto à minha mãe, que está afastada, mas que se aproxima agora para um abraço coletivo. Ela sorri.

— Minhas duas meninas juntas! Eu concluí que era uma decisão de família. Eu tive que deixar Amy a par do que estava acontecendo, e depois fizemos uma votação.

— E? — pergunta Aiden.

— Amy disse para irmos em frente. Eu ainda não tenho certeza, mas nós somos três. Kyla?

E todos os olhos estão sobre mim.

Não. Não me obrigue afazer isso. Não me obrigue a decidir. Engulo em seco.

— Se isso der errado, pode ser uma sentença de morte para todos os envolvidos.

— Inclusive você — mamãe ressalta.

Dou de ombros. Eu não quero dizer em voz alta que não me importo mais com a minha própria vida.

— É diferente para mim. Eles já estão atrás de mim, de qualquer maneira.

— Você me disse uma vez que às vezes a coisa mais importante é fazer o que é certo.

— O problema é descobrir o que é certo, não é? — diz Amy. E eu olho para mamãe e Amy, de pé lado a lado. Amy é

uma Reiniciada, designada a ela como eu fui, mas isso não muda o que elas são uma para a outra agora. O que nós somos. Mas nós não somos as únicas.

— Isso não é apenas sobre nós. Trata-se de toda mãe e filha, todo pai e filho. De hoje e do futuro.

Mamãe olha para mim e balança a cabeça lentamente.

— Está bem. Vamos começar o show.

Mac vai primeiro, enquanto eu opero a câmera. Ele fala sobre o dia em que seu passeio escolar saiu errado, quando bombas do TAG atingiram um ônibus praticamente lotado de adolescentes, de quinze e dezesseis anos. Como ele se feriu superficialmente. Como seu amigo Robby, Robert Armstrong, foi arrastado para fora do ônibus, para longe de sua namorada morta. Gritando, mas ileso. Então, mais tarde estava na lista dos mortos.

Em seguida, é a vez de a minha mãe nos contar sobre seu filho Robert. Como ela ouviu rumores, durante anos, de que ele tinha sobrevivido e sido Reiniciado, mas não conseguiu encontrar nenhum vestígio dele.

Ela faz uma pausa e me olha nos olhos por trás da câmera.

— Mas essa não é a única tragédia na minha vida. Vocês sabem quem eu sou: Sandra Armstrong-Davis. Meu pai, o ex--Primeiro Ministro William Adam M. Armstrong, e minha mãe, Linea Armstrong, foram assassinados por bombas do

TAG quando eu tinha quinze anos. Mas esse não é o final da história. Meus pais estavam se preparando para expor atrocidades dos Lordeiros; meu pai ia renunciar ao cargo de Primeiro Ministro e dissolver o governo. Minha mãe confidenciou para uma amiga da escola, Astrid Connor, que deliberadamente vazou a informação do paradeiro deles para que o TAG os assassinassem e silenciassem. Você vai ouvir sobre isso de Stella Connor, minha amiga de infância, e filha da Lordeira que fez isso.

Ela faz uma pausa.

— Como foi?

Mac, por trás da câmera novamente, ergue o polegar.

— Brilhante. Obrigado. Eu respiro fundo.

— É a minha vez agora? Aiden se aproxima.

— Posso falar sobre Ali Souls. Eu também estava lá. Eu nego com a cabeça.

— Fui eu quem filmou, e quem estava olhando através do zoom e viu o que aconteceu, quando acontecia, com mais detalhes do que você poderia. Eu tenho que fazer isso.

— Tem certeza?

— Sim. E posso testemunhar sobre outra coisa. Mamãe, você e Amy podem ficar? Eu não quero que haja mais segredos. Tudo isso será divulgado e eu quero que vocês saibam por mim.

Sento no banquinho com as luzes sobre mim. Amy ajeita meu cabelo.

— Não é uma foto de capa de revista — eu digo. Ela coloca a língua para fora e sai da frente da câmera.

— Quando estiver pronta — avisa Mac.

Eu olho para a câmera, fingindo que vou falar para mim mesma. Que ninguém mais está aqui, que o ursinho de Edie está me olhando por trás da lente e ninguém mais pode ouvir uma palavra.

— Oi. Eu queria me apresentar, mas não posso. Eu não sei quem eu sou. Antes de eu nascer, uma mulher, que vocês vão ouvir daqui a pouco, era prisioneira. O nome dela é Stella Connor. Ela descobriu que sua mãe, Astrid Connor, uma OCJ dos Lordeiros, havia planejado os assassinatos do Primeiro Ministro Armstrong e de sua esposa. Stella foi presa pela mãe para que se mantivesse quieta. Ela estava grávida na época, e seu bebê morreu.

— Então, Astrid deu a Stella um outro bebê. Eu. Ela ameaçou me tomar de volta se Stella algum dia dissesse algo e depois nos deixou ir. Stella e seu marido, Danny, que pensava ser meu pai, me amaram e criaram como sua filha.

— Quando eu tinha dez anos, fui raptada pelo TAG. Fui submetida a um condicionamento para fragmentar minha personalidade e treinada pelo terrorista Nico, e então ele deliberadamente agiu para que eu fosse capturada e Reiniciada

pelos Lordeiros quando eu tinha quinze anos.

— Depois de ter sido Reiniciada e designada à minha nova família, minha personalidade e minhas memórias fragmentadas começaram a voltar. Mesmo como Reiniciada, meu Nivo parou de controlar minhas ações quando minhas memórias voltaram. O plano do TAG havia funcionado. Eu reingressei ao TAG, mas os Lordeiros me chantagearam para que eu os traísse.

— No Dia do Memorial Armstrong eu estava presente nos discursos proferidos por minha nova mãe, Sandra Armstrong--Davis, que vocês ouvirão aqui também — faço uma pausa, incapaz de dizer o que vem a seguir, girando o anel de Emily na minha mão e me esforçando para me controlar. — Eu sinto muito. Eu tinha uma arma presa ao meu braço. Minha mãe... Sandra, estava ao meu lado, e, se ela não dissesse o que o TAG queria que ela dissesse, eu deveria matá-la — pisco várias vezes para segurar as lágrimas, lutando para não olhar para mamãe e Amy, e para continuar.

— Mas eu não consegui. Não fiquei para a segunda cerimônia no jardim, e corri para tentar salvar a doutora Lysander, que tinha sido capturada pelo TAG depois que eu a traí. Mais tarde descobri que o comunicador que Nico havia me dado, e que eu guardava escondido debaixo do meu Nivo, era uma bomba de controle remoto. Ele tinha a intenção de ativá-lo durante a segunda cerimônia, quando eu deveria estar ao lado da minha família e do Primeiro Ministro Gregory.

Eu inspiro e expiro por alguns segundos, lutando para manter o controle. Em seguida, continuo. Conto a eles tudo o que fiz com o TAG, o que houve com Nico e sobre a bomba que os Lordeiros disseram que me matou. Minha ida para ficar com Stella e descobrir que ela não era minha mãe, a visita ao orfanato, vendo as crianças Reiniciadas e percebendo que eu teria que correr para levar essa informação para o DEA. Sobre ter visto Astrid e Nico juntos. Ido para Oxford e encontrado Ben. Que Ben tinha sido submetido pelos Lordeiros a procedimentos desconhecidos, que ele nos traiu. Minha voz oscila quando descrevo o massacre filmado por mim na faculdade de Ali Souls.

Então eu olho para a câmera.

— Eu ainda não sei quem eu sou. Ou o que Astrid Connor, Lordeira e comandante OCJ, estava fazendo com Nico, o terrorista do TAG que treinou a mim e a muitos outros para atacar os Lordeiros. Mas é difícil imaginar que ela não estivesse envolvida em tudo o que aconteceu comigo desde o início, e o plano para assassinar a minha família e o Primeiro Ministro Gregory.

— Mas de uma coisa eu sei: a verdade precisa ser revelada. Toda ela. Se todos souberem o que realmente acontece, o que os Lordeiros realmente fazem, o que acontece com os desaparecidos, então eles... vocês... darão fim a isso.

Chega de informação restrita. Todo o mundo precisa saber.

Termino minha fala. Fico parada e em silêncio; não consigo levantar os olhos, não consigo olhar ninguém nos olhos. Estou ciente de que Mac parou de filmar, mas ninguém diz nada. Ouço passos. Da minha mãe.

Ela se aproxima de mim.

— Me desculpe — eu digo.

Ela coloca os braços levemente em minha volta e estou ciente de que os outros estão saindo, fora da vista.

— Por que você pede desculpa?

— Eu quase matei você; você e Amy. E um monte de outras pessoas também.

— Você não sabia que estava com a bomba.

— Eu sabia que tinha a arma. Eu achei que fosse usá-la. Eu achei que eu não tivesse escolha.

— Mas você não fez isso.

— Não. Eu não pude. Mas eu fiz tudo aquilo. E o que aconteceu em Ali Souls, por causa do Ben, foi culpa minha.

— Preocupar-se com alguém nunca é uma coisa ruim, mesmo que isso não dê certo.

— Dói — eu sussurro.

— Eu sei. E vou lhe dizer uma coisa.

— O quê?

— Se eu tivesse Astrid e Nico agora na minha mira, os dois estariam mortos.

Sorrio, ao imaginar a minha mãe como uma pistoleira vingativa. Não é uma imagem que venha à mente com facilidade.

— Eu não sou boa em matar pessoas. Sou melhor em fazer com que elas sejam mortas.

Aiden se aproxima e dá um pigarro.

— Temos que colocar este filme em produção agora. Você pode ir, se quiser.

— Preciso tirar Amy daqui. Ficaremos em um lugar tranquilo com alguns amigos por uns dias, para ver o que acontecese... quando isso se propagar — ela me olha suplicante. — Venha com a gente. Por favor.

— Não. Desculpe. Eu tenho que ver isso.

— Está bem.

Amy se aproxima, seus olhos estão vermelhos. As duas me abraçam e vão embora.

Mac e Aiden se ocupam com os computadores e as muitas gravações, fotos e os depoimentos de hoje. Depois de um tempo tentando me recompor, eu vou até eles e observo por cima dos ombros dos dois.

Aiden olha para mim.

— Obrigado — ele diz.

— Pelo quê?

— Por ter tido coragem de fazer o que você acaba de fazer. Eu dou de ombros.

— Eu tenho sido covarde por muito tempo. Você não devia me agradecer por isso — viro para o outro lado, sem conseguir olhá-lo nos olhos.

Foi Stella e mamãe que finalmente me fizeram ter coragem de dizer a verdade. Ambas tiveram essa coragem, então, como eu não teria? Olhando para o que tenho sido e feito, me esforço para me conter quando tudo dentro de mim são estilhaços de vidro. Não há paredes, nem ilusões deixadas para trás. Mamãe sabe. Aiden sabe. Logo o mundo inteiro vai saber.

Finalmente Mac o declara pronto.

— Você quer assistir à sequência? Não tem problema se não quiser.

— Eu vou assistir — respondo. Mac a projeta na parede. No início, os créditos passam na tela. Informação Restrita - O que todos precisam saber, uma produção do DEA.

Eu tento acompanhar todos os quinze minutos sem emoção e com objetividade. Como se eu não conhecesse ninguém ali e fosse uma simples espectadora sentada no sofá prestes a ter a maior surpresa do mundo pela TV. Mas, quando surgem as imagens que gravei da torre da igreja, eu não consigo assistir. Desvio o olhar. Um braço quente desliza sobre meus ombros. Aiden. Eu quero me virar para ele, mas tenho medo do que verei em seus olhos.

BANG!

Um estrondo nos faz saltar, depois rimos quando percebemos ser um trovão. A tempestade chegou.

Aiden sorri. Em seguida, seu comunicador toca. Será o DJ? Ele atende.

— Alô! Sim. Está pronto — ele aguarda, ouvindo. — Entendi, tchau — ele desliga e depois se vira para nós.

— Vamos transmitir às seis, quando a tempestade deverá alcançar o seu pico. Entrará no lugar do noticiário da noite. Será o noticiário da noite! — ele exclama. Ele e Mac batem as mãos no ar, empolgados, e parte de mim também está. Tudo pelo qual lutamos finalmente está acontecendo de verdade.

Mas outra parte de mim está com aqueles que sofreram, que morreram. Florence, Wendy e todos os outros alunos. As criancinhas que foram Reiniciadas.

— O que foi? — pergunta Aiden.

— Como podemos comemorar? Nós não podemos fazer nada por aqueles que morreram, por suas famílias.

Aiden coloca o braço sobre meus ombros e eu me aconchego.

— Nós podemos lembrá-los — ele diz. — E o que fizemos hoje fará com que isso acabe. Fará com que a morte deles tenha um significado.

Sem argumentos, nós três ficamos em silêncio, por um minuto, dois. Em seguida, mais um trovão fortíssimo, e me assusto novamente. Não me importo com tempestades, normalmente eu gosto delas; quanto mais violentas, melhor. Mas hoje não. Estou tão nervosa como quando...

Skye.

Eu me afasto de Aiden.

— Skye ficará apavorada sozinha com essa tempestade. Vou voltar para a casa.

— Quer que eu volte com você? — pergunta Aiden.

— Não. Fique o tempo que quiser. Eu vou ficar bem.

— Espere um instante — Mac mexe em algo no computador e em minha câmera, e então a passa para mim.

— Coloquei aí uma cópia de becape do Informação Restrita. Apenas para o caso de sermos atingidos por um raio.

Faço uma cara feia para ele.

— Não abuse da sorte — eu digo. Atravesso a porta (ar fresco, com ou sem tempestade) e escapo.

A casa é a cerca de três quilômetros para trás e está ficando escuro, mas de vez em quando o céu se ilumina por um relâmpago ramificado. Cada vez que os raios caem, aparentemente bem em cima da minha cabeça, eu quase saio da minha pele, irritada comigo mesma por estar tão nervosa. Estou na metade do caminho quando começam os pingos enormes, pesados e congelantes. Então eu fico molhada e com frio, mas e daí?

Conforme corro, me pergunto como me sinto; eu deveria estar comemorando com os dois. Em vez disso, me sinto vazia.

O que vem agora? Qual será o meu futuro? Como Aiden se sente sabendo todas as coisas que eu fiz?

Mamãe disse que se importar com alguém nunca é uma coisa ruim mesmo se não der certo.

E eu me importo?

CAPÍTULO 39

Estou me aproximando da casa quando as luzes se apagam e tudo fica escuro.

Falha na transmissão de energia, por causa da tempestade? Espero que isso não afete a transmissão. Pelo que conheço do Mac, deve haver um gerador para emergências.

Está muito escuro agora, e, apesar da chuva gelada, eu desacelera para me manter na trilha. Esta noite a escuridão está irritante, e não reconfortante como costuma ser. Sem pensar nisso, passo a me mover em silêncio, cada passo dado com cuidado.

Mais um clarão ofuscante e tudo se ilumina, por apenas uma fração de segundo, e lá está! Ao lado da casa, próximo à porta dos fundos. Dois vultos de preto.

O medo me toma e no instante seguinte tudo mergulha novamente na escuridão. Lordeiros!

Será que eles me viram?

O pânico chega aos meus pés e eu corro sem direção, sem me preocupar em manter silêncio, retornando por onde vim.

Ouço gritos vindos de trás, não sei se fui vista ou ouvida; de qualquer forma, eles estão atrás de mim. Quando a trilha se bifurca, vou para o outro lado, para longe de Mac e Aiden. Não posso levar os Lordeiros até lá, tudo menos isso. Eu devo ser capaz de despistá-los. Posso correr mais rápido do que quase todo mundo que conheço.

Mas não estou me afastando. Posso ouvir que alguém me persegue, mantendo o ritmo. Agora parece que é apenas um corredor, num ritmo constante. Um ritmo familiar, e, quando há outro clarão, não posso evitar olhar para trás.

Ben.

Meus pés vacilam e então acelero, ganhando velocidade novamente, mas não é o suficiente. Pouco a pouco ele se aproxima. Posso ouvi-lo cada vez mais perto, e saber que é o Ben enfraquece meus pés.

Então, de repente, ele está voando pelo ar e me derruba no chão. Sem fôlego, embaixo dele, me esforço para respirar. Ele segura minhas mãos com apenas uma e tateia em meus bolsos. Não! Eu luto, mas ele conseguiu pegar minha câmera.

Ele me levanta e pressiona algo frio e duro contra minhas costas.

— Ande!

— Não. Atire de uma vez, se é isso que você quer fazer. Eu não me importo mais.

Ele torce meu braço em minhas costas e me empurra; eu tropeço para a frente. Que horas devem ser? Eu preciso atrasados. Preciso impedi-los de encontrar Mac e Aiden, impedi-los de parar a transmissão às seis.

Eu tropeço e bambeio para a frente. Com uma exclamação de aborrecimento, Ben me levanta e me carrega, com meu braço ainda torcido. Uma arma pressionada em meu estômago com tanta força que machuca.

— Como você pôde fazer aquilo? Ele não responde.

— Todo o mundo, todos aqueles alunos, fuzilados contra a parede. Mortos.

— Eles eram traidores. Mereceram o que receberam. Assim como você.

— Você é um traidor, você me traiu. Você costumava me amar, e agiu como se ainda amasse. Como pôde fazer isso? — minha voz é suave demais, melancólica, e eu me odeio por isso.

— Ah, desculpe por isso. Seduzir você foi difícil. Mas eu tinha que fazer você dormir de alguma forma.

— Por quê?

— Eu lhe passei um escâner enquanto você dormia. Como você acha que conseguimos encontrar você? Por algum motivo, seus registros estavam errados, precisávamos do escâner para rastrear você pelo chip no cérebro.

Não. A doutora Lysander tinha mudado o número; os Lordeiros descobriram que não poderiam me rastrear, por isso chamaram o Ben para cuidar disso.

Agora estou cheia de raiva, e luto, mas, apesar de alguns truques aprendidos com o TAG, eu sei que os Lordeiros devem tê-lo ensinado a segurar alguém. Ou talvez a dor que sinto por dentro me deixe muito fraca para lutar.

Quando compreendo o que houve, estremeço. Ele me deixou ir para que pudesse me seguir até aqui. E eu pensei que algo dentro dele não havia conseguido me machucar, mas eu estava errada.

— Você é mau.

— Isso não me atinge.

— E aquela garotinha, como você pôde?

— Que garotinha?

— Edie! Você sabia o endereço. Corri até lá, mas elas não estavam mais.

Seus ombros se movem sutilmente. Estaria debochando?

— Não faço idéia. Eu não disse a eles o endereço dela — a voz soa desconfortável. Ele deveria ter dito tudo aos Lordeiros, até mesmo isso, e ele sabe disso. Será que ainda existe, dentro dele, alguma parte do Ben que eu conheci? Será que ela pode ser alcançada?

Estamos na porta da casa de Mac agora; as luzes voltaram e a porta está

aberta. Ben me empurra e eu caio no chão da cozinha. Aos pés de Tori.

Um vulto dourado passa correndo. É Skye. Ela pula em cima de Ben empolgada, lambendo seu rosto. Ele tenta afastá-la, mas ela não deixa.

— Esta é Skye. Sua cadela — digo a ele.

— Minha cadela?

Skye late, como se dissesse que sim.

— Seus pais a deram para você quando ela era filhote. Veja Ben, sua mãe era uma artista, ela esculpiu aquela coruja. Para mim.

Seus olhos seguem minha mão, que aponta para a coruja na geladeira, mas, em seguida, Tori me puxa pelos cabelos e começa a me arrastar pelo chão até a sala da frente. Eu grito. Skye se vira rosnando e avança em Tori, mas Ben a pega pela coleira.

— Senta — ele diz, bruscamente, e ela fica confusa.

— Solte a Kyla — ele ordena a Tori, e ela para, a surpresa em seu rosto. — Até que eu me livre da cadela.

Tori solta meu cabelo, e minha cabeça bate dolorosamente no chão. Ela sorri, mas seus olhos estão cheios de ódio. Eu estava certa, não estava? Ela se lembra de mim. Será que os Lordeiros acharam que Tori seria mais útil com a vingança para motivá-la?

Ben empurra Skye para o corredor e fecha a porta. Ela começa a ganir com tristeza do outro lado, querendo voltar para ele.

— Eles não chegaram ainda? — Ben pergunta a Tori.

— Não. Ainda não — ela responde, e algo se esconde por trás da alegria em seus olhos. Alguma mentira. Ela quer lidar comigo sozinha.

— Você está esperando por reforços? — pergunto. — Ela não chamou ninguém. Eles não estão vindo.

Ben faz uma careta e olha para Tori.

— Não dê ouvidos a ela — ela diz, e me dá um tapa tão forte no rosto que as lágrimas vêm aos meus olhos. Eu pisco furiosamente.

— Você se lembra de mim, não é Tori? Você quer me machucar, não é?

— Eu não quero. Eu vou — ela puxa uma faca do bolso.

— Você sabe que eu sou boa com facas.

— Você matou um Lordeiro com uma faca uma vez. Não acredito que você evoluiu daquilo para isso. Você não se lembra daquele dia em que atacamos o centro de extermínio, e de Emily, a Reiniciada que morreu? — eu tiro o anel do dedo e o lanço para Ben. Ele pega. — Este é o anel de Emily, a garota grávida de que lhe falei na faculdade. Tudo o que eu disse naquele dia é verdade, Ben, e Tori sabe disso. Ela estava lá.

Tori olha para Ben enquanto ele lê a inscrição no anel.

— Ela está mentindo. Ela poderia ter conseguido esse anel em qualquer lugar.

— Você odeia os Lordeiros, não é, Tori? Pelo que eles fizeram com você. Reiniciaram você, depois a levaram para um Centro de Extermínio. O Lordeiro que fingiu salvá-la, você se lembra dele, e do que ele te fez? Trabalhar para eles realmente vale a pena, só para se vingar de mim? Ou isso tudo é para você ficar com o Ben? É isso, não é? Você sempre quis o que não podia ter. Você é apenas uma menina ciumenta.

Tori começa a avançar em mim com a faca; eu me encolho contra a parede. Será que fui longe demais?

— Tori, espere — diz Ben. — Deixe-a por um minuto.

— O quê? — ela franze a testa e se vira para ele.

— Você realmente se lembra dela, de antes — uma afirmação e não uma pergunta. — Explique isso.

Ela olha para nós dois, cautelosa. Acuada.

Está dando certo? Meus olhos correm para o relógio sobre a lareira, são 18: 02. A transmissão começou! Atraso e distração. Não tenho nenhuma dúvida de que ela irá me matar, ou, se não o fizer, certamente farão uma ligação e mais Lordeiros virão tomar o lugar deles. Estou preparada para isso. Eu não me importo. Viver para quê, afinal? Se a transmissão for feita, morrerei feliz.

— Eu não sei o que lhe disseram, Ben. Mas Tori está aqui por vingança e nada mais. Porque Lordeiros me seguiram e a prenderam, arrastando-a para longe.

— E você nunca me disse! — ela me bate no rosto com força novamente, desta vez com o lado liso da faca na mão, e a ponta afiada corta a minha bochecha. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Ah, é por isso que você está tão aborrecida? Porque eu nunca lhe disse que Ben estava vivo?

— Tori, isso é verdade? — ele pergunta.

— Ben, eu...

— Por que você não me contou isso antes?

— Ben, pense por si mesmo — eu digo. — Tudo isso é mentira. Os Lordeiros e Tori encheram você com mentiras, para que você fizesse o que eles queriam. Todas aquelas pessoas mortas, tudo por sua culpa.

— Não! Você é a traidora! É por sua causa e de Aiden que eles morreram. Vocês os transformaram. Nós não tivemos escolha.

Uma batida nos fundos. Skye está se jogando na porta.

— Nem mesmo Tori acredita nisso, ela simplesmente não se importa.

Ele olha para ela.

— Cala a boca! — ela grita com a faca na mão. Ela avança e num instante estou no chão, contra a parede, desarmada. Já fraca e sem ação. Para onde foi a minha vontade de lutar? É isso. É exatamente isso.

Um golpe de perna no alto, e a faca voa pelo ar. Ben. Ele chutou a faca da mão dela.

— O que você me fez fazer? — ele grita, e eu não sei se ele fez isso para impedi-la de me matar ou se por causa de suas mentiras. Se é que ele próprio sabe.

Tori grita furiosa. Ela coloca a mão para trás da calça, em um coldre. Uma arma está em sua mão. Ela a aponta para Ben.

Um som forte. A porta frágil vem ao chão.

Um flash de pelo, Skye salta entre os dois.

A arma dispara e Skye grita, cai ao chão, o pelo dourado tingido de vermelho. Tori a olha, incrédula.

Minha vontade de lutar está de volta. Estou de pé e faço a maior manobra que já fiz para socar Tori no rosto. Ela solta a arma e cai ao chão. Inconsciente. A seguir, a arma está em minha mão, apontada para Ben.

A quem estou enganando? Eu a abaixo.

Ben está segurando Skye, com a mão firme sobre o vermelho que se espalha em seu pelo. Será que foi no ombro? Pego um prendedor de cortina da parede, dou algumas voltas e o amarro apertado para tentar parar o sangramento, e ela está ganindo, mas ainda lambendo o rosto de Ben. Ele está tremendo.

— Ben? Você se lembra de Skye? Lembre-se! — e então ele está chorando e sacudindo os ombros. Eu estou segurando os dois.

É quando a porta da frente é derrubada. Um homem entra. Nico?

CAPÍTULO 40

Giro o corpo e mergulho para pegar a arma de Tori, mas a seguir vem a dor, uma súbita explosão de agonia em minha cabeça, tão forte que caio e me enrosco como uma bola.

— É por isso que rastreamos os rastreadores — a voz de uma mulher. — Eles realmente não são confiáveis para fazer nada direito. Os jovens de hoje não têm foco ou senso de propósito.

Ouço passos se aproximando. Eles param; uma mão acaricia meu cabelo. A dor é tão intensa que tudo o que consigo fazer é abrir os olhos e olhar para aqueles que me olham fixamente; pálidos olhos azuis. Os olhos de Nico costumavam me fascinar e me controlar. Não mais.

— Pobre criança. Você vê, ali? — ele aponta para a porta da frente, e meus olhos correm até lá. É Astrid, com um aparelho em suas mãos. — Uma vez Reiniciada, sempre Reiniciada. Basta introduzir o número do chip cerebral, apertar um botão e bingo. Vem a dor. Ou até mesmo a morte.

Tori se remexe no chão.

— Permitam-me uma pequena demonstração — diz As-trid, digitando algo na máquina. Tori grita, entra em convulsão e, em seguida, fica imóvel.

Como que para enfatizar o que acabara de dizer, Astrid digita novamente; outra onda de dor explode em minha cabeça. Minha vista fica difusa. Toda aquela conversa dos Lordeiros sobre uma segunda chance para os Reiniciados, era tudo mentira. Ainda estamos em uma prisão. Eles podem nos atacar sempre que quiserem.

— É o suficiente, por enquanto — diz Nico. — Ela vai desmaiar. — Ele me coloca no sofá. Ben está seguro entre dois Lordeiros; Tori e Skye estão imóveis no chão.

A dor diminui um pouco, o suficiente para que eu possa virar a cabeça e encarar Nico mais uma vez nos olhos. Engulo em seco, tentando falar com a boca grossa e seca.

— Por que você está aqui? Você odeia os Lordeiros.

— Ah, minha querida, o amor e o ódio não têm nada a ver com ganhar. Eu sempre estive com Astrid. O lado da força — ele se inclina sobre mim, chega bem perto, e eu tento me afastar, mas não consigo convencer os músculos a responderem. Ele beija minha bochecha.

Eu luto para pensar, apesar da dor. Será que Nico se aliou à Astrid de alguma

forma, ou ele sempre foi um Lordeiro? Mas Nico fugiu dos Lordeiros de Çoulson quando eles me seguiram e atacaram o TAG; Coulson estava caçando Nico. Ou foi apenas encenação? Se Nico realmente é um Lordeiro, isso pode explicar por que fracassaram todos os ataques que ele e Katran planejaram. Sabotagem.

O relógio sobre o aparador da lareira marca 18:08. A transmissão está na metade! Eu tenho que mantê-los falando, impedi-los de parar a transmissão.

Com muito esforço consigo virar a cabeça para Astrid.

— Foi você que arquitetou para que me levassem quando eu tinha dez anos. Não foi?

Ela sorri, um sorriso gentil de avó. Sinto arrepios nas costas.

— Claro que fui eu, minha querida. Você tinha um propósito glorioso no Dia do Memorial Armstrong. É uma vergonha que não o tenha cumprido.

Um propósito glorioso? Um ataque suicida? Concentre-se, faça com que ela se atrase.

— Não foi por acaso... Fui designada para essa família para que estivesse lá naquele dia.

— Claro. Apenas fizemos arranjos.

— Como você pôde fazer isso com Stella? Me levar para longe dela?

Seu rosto fica tenso.

— Minha filha se atreveu a reter informações e ameaçou revelá-las; ela tinha que aprender. E, depois, ela a teve de volta em Keswick, e não me contou? — ela balança a cabeça com desgosto.

— Então, você realmente planejou a morte do Primeiro Ministro e de sua esposa, naquela época?

Ela sorri.

— A primeira regra da política é eliminar a oposição.

— Como você sabia que eu estava com Stella? Ela encolhe os ombros.

— Era óbvio que Stella estava escondendo algo. Um pouco de informação e foi fácil concluir.

— Pela Steph. Meus olhos verdes. Ela ergue uma sobrancelha, divertida.

— Exatamente. E não demorou muito para descobrir que era você e o tal de Finley no orfanato naquele dia.

Não. Ela sabe sobre o Finley? Ela deve ter notado o horror no meu rosto. Seu sorriso aumenta.

Estou gelando por dentro. Se ela sabe que Finley estava lá, que ele me ajudou, ele está morto. E todas essas coisas que ela está me contando; eu também não sairei viva daqui. Nenhum de nós sairá. Não com todas as coisas que sabemos.

Mas ainda há uma coisa que quero saber mais do que qualquer outra.

— Por que eu? Quem sou eu? Por quê? Astrid ri.

— Chega dessa reunião de família, querida. Agora, me diga. Onde está sua câmera?

— Minha câmera? — franzo a testa. — Eu não sei.

— Este é o preço pela falta de cooperação — ela diz, e seus dedos se deslocam para o aparelho em sua mão. Eu me preparo para um golpe de dor que não vem. Mas há um grito ao meu lado, e me viro.

Ben está curvado no chão como uma bola.

— Agora, responda à minha pergunta.

Penso rápido. Será que isso importa? É apenas uma cópia de becape. São 18:12, a transmissão deve estar quase no fim. Ela levanta a mão para a máquina novamente.

— Espere. Ben tomou de mim; ainda deve estar com ele. Ela faz sinal para um dos Lordeiros, que revista os bolsos

de Ben e a seguir encontra a minha câmera.

A porta dos fundos se abre; há passos na cozinha?

— Ah, seus outros amigos estão chegando, finalmente — diz Nico. A porta da cozinha se abre. Mais Lordeiros entram, arrastando dois prisioneiros com eles. Eles os jogam no chão.

Mac e Aiden. Ambos ensanguentados e espancados; o braço de Aiden pendurado em um ângulo errado.

— Não! — cambaleio para trás.

— Sim, nós os detivemos. Não haverá estreia de filme para vocês esta noite. E reuniremos todos os rebeldes que aparecem na sua pequena produção também. Já temos alguns deles sob custódia. Mas não se preocupe, eles não ficarão presos por muito tempo.

Eles serão mortos. E eu também.

O Lordeiro com minha câmera a entrega para Astrid. Ela larga o aparelho que estava segurando, sua caixa de dor, para olhar para a câmera.

Não importa mais, não é mesmo?

Eu me encho com o máximo de determinação que posso encontrar dentro de mim, cada reserva de força e cada fragmento do treinamento no TAG. Uma última onda de adrenalina antes que tudo termine.

A faca de Tori, a que Ben tirou de sua mão. Está fora da vista, sob a borda de uma cadeira perto de Astrid.

Eu me lanço para a faca e para Astrid.

CAPÍTULO 41

Coloco a faca contra o pescoço de Astrid e a posiciono entre mim e eles.

— Larguem as armas — ordeno aos Lordeiros. Eles olham para ela.

— Obedeçam — ela diz, entre os dentes, e eles hesitam, mas começam a se curvar para colocar as armas no chão.

— Não se incomodem — diz Nico, caminhando lentamente em minha direção e de Astrid, ainda com a arma na mão apontada para nós.

— Não dê nem mais um passo! Ele para. E sorri, divertido.

— Sério? Não esqueça que eu conheço você, Kyla, ou Chuva, ou Lucy, ou Riley, ou quem diabos você quiser ser hoje. Você não é capaz de matar uma pessoa. É?

O momento se prolonga, cada segundo é uma eternidade. Depois de tudo, vai ser assim o último e definitivo momento da minha vida? Se eu a mato, eu morro. E, se não fizer isso, também morro. Ela merece isso, merece mais do que ninguém que eu posso imaginar neste mundo, exceto talvez Nico. Empurrar a faca em seu pescoço. Cortar sua garganta. Assistir ao derramamento de sangue pelo seu corpo; vingança por tantas pessoas.

Eu não posso fazer isso. Não posso ser como eles.

E Nico sabe disso.

A faca solta na minha mão. Eu engulo em seco. Nico sorri e se aproxima; ele pega a faca. Astrid se afasta de mim, seu rosto contorcido de fúria; ela pega sua caixa de dor.

— Você nunca faria o que eu queria que fizesse, não é? Não mais.

— Deixe que eu cuido dela lá fora — Nico diz a Astrid.

— Já está na hora.

Ela sorri e larga a caixa novamente.

— Como desejar. Mas seja rápido. Temos que sair daqui. Nico coloca o braço sobre os meus ombros, puxa meu cabelo para trás com suavidade e beija minha bochecha.

— Temos negócios inacabados, você e eu.

Há uma briga atrás de Nico. Aiden grita quando um Lordeiro torce seu braço machucado para trás.

Nico abre a porta da frente e me empurra para a noite. Eu tropeço no degrau e caio no chão enlameado pela chuva fria.

Corra.

Eu olho para trás, ele está ali. Assistindo e esperando. É o que ele quer que eu faça. Ele quer que eu corra, não é? Assim, ele pode atirar em mim pelas costas.

Eu me levanto. E o encaro, como Florence fez no Ali Souls.

Ele dá de ombros e levanta a arma.

— Adeus, Chuva. Foi divertido.

E eu fico ali, olhando para ele. Ele está esperando que eu chore, que implore. Eu não vou fazer isso.

É uma coisa engraçada. Hoje cedo pensei que estivesse pronta para morrer, mas não estou. Apesar de tudo, eu quero ficar, para respirar este ar e para sentir, mesmo que tudo o que há para sentir seja dor. Estou lutando contra as lágrimas que ameaçam cair, o medo que estremece meu corpo conforme Nico direciona lentamente a arma para o meu coração. Ele sorri, e então...

BANG!

E eu me encolho, antecipando o impacto, a dor, sendo empurrada para o chão, mas em vez disso estou atordoada.

Nico caiu? É o Nico apertando o peito, com todo esse vermelho se espalhando. Nico morrendo.

Passos se aproximam.

É o Coulson? Arma na mão, olhando para Nico a seus pés. Mas Coulson é um Lordeiro; Nico está com os Lordeiros agora. Não é? Outros Lordeiros correm atrás dele.

— Eu não estou morta.

— Exatamente — diz Coulson. Ele abre a porta e olha para trás. — Vamos lá — atordoada, contorno o corpo imóvel de Nico e caminho de volta para a casa atrás de Coulson.

Os olhos de Astrid estão em choque. Seus Lordeiros também não parecem felizes, não que seja fácil de dizer isso. Mas Coulson é um Lordeiro. Eles não estão do mesmo lado?

Coulson gesticula para outros Lordeiros na sala.

— Saiam — ele ordena. Eles olham para Astrid. A indecisão em seu rosto.

Mais Lordeiros se posicionam atrás de nós.

— Façam o que ele diz — diz Astrid, e eles são conduzidos para fora.

Coulson verifica a sala e coloca um braço do lado de fora da porta. Faz um gesto.

Entram duas pessoas que me deixam muito surpresa. Doutora Lysander e o Primeiro Ministro Gregory.

Doutora Lysander corre para os feridos. Verifica Ben, Aiden e Mac. Depois Skye. E Tori também. Mas, desta vez, ela balança a cabeça para os lados e fecha

os olhos de Tori. Ela está... morta? Outro choque que não posso suportar, não posso acreditar.

— Os outros precisarão dos paramédicos — ela diz. — E um veterinário — Gregory assente, e um Lordeiro fala através de algo em seu colarinho. Eles não serão mortos, mas ajudados?

— Que bom que o senhor veio, Primeiro Ministro; é sempre um prazer reencontrá-lo — Astrid diz a Gregory. — Mas as coisas estavam sob controle.

Gregory levanta uma sobrancelha.

— Mesmo? O que, exatamente, é isso que está sob controle? Que operação você estava conduzindo aqui sem o meu conhecimento? Você sabia de alguma coisa sobre isso? — ele pergunta para Coulson.

— Não soube de nada por nenhum dos canais oficiais. Felizmente, minhas fontes extraoficiais são muito boas.

— Bem. Se o meu chefe de segurança não sabe de nada oficialmente, e eu não sei de nada, como devo interpretar isso?

Astrid está pálida.

— Eu soube dessa trama para desacreditar a gloriosa Coalizão Central com mentiras. Eles tentavam seqüestrar nossa transmissão de televisão e transmitir um vídeo por todo o país esta noite. Eu o tenho protegido, por ser um caso de informação restrita.

Então os Lordeiros também usam essa frase. Gregory dá de ombros.

— Eu posso até não precisar saber, mas, se Coulson não sabe, como uma decisão como essa pode ser tomada?

Ela começa a falar de novo, mas ele levanta a mão.

— Silêncio! Estou adiando meu julgamento até saber mais. Eu decidi que eu preciso saber dessas informações restritas. — A voz dele é fria, e Astrid está ficando mais pálida, mas, por mais que eu goste de seu desconforto, o que isso tem a ver conosco? Eles são todos Lordeiros.

— Como vê, minha cara Astrid, eu descobri umas coisas que acho que eu precisava saber. A doutora Lysander aqui era amiga da minha filha, você sabia disso? Ela veio até mim com algumas informações muito interessantes. Ela insistiu muito em me ver, e, quando me falou sobre um de seus projetos especiais, eu entendi o motivo. Reiniciar um jovem é uma punição criminal legalmente sancionada a ser aplicada apenas de acordo com o devido processo legal, como você bem sabe. Não em órfãos menores de idade e sem responsabilidade legal. E assim nós desenterramos algumas informações sobre seus campos de treinamento não oficiais. Esses dois vieram de lá? — ele aponta para Ben e para o corpo de Tori. — Selecionados por habilidades especiais, submetidos a procedimentos experimentais. Treinados e modificados — ele

balança a cabeça.

— Tudo dentro do meu âmbito como OCJ — diz Astrid.

— Eu duvido que mesmo você acredite nisso. E então nós fomos juntando mais algumas peças. E descobrimos um pouco do que você fez com a minha filha. E minha neta.

Gregory se vira. Por que ele está olhando para mim? Ele é loiro, é verdade, embora grisalho agora, mas de perto eu vejo algo que não tinha notado antes, quando eu o vi na TV ou em fotos. Os olhos. Verdes. O mesmo tom dos meus. Todo mundo está olhando para mim.

Sua neta? Eu? Não. Não poderia ser.

Poderia?

Uma sirene se aproxima; os paramédicos entram. Orientados pela doutora Lysander, eles levam Skye e Ben, além do corpo de Tori. O braço de Aiden está quebrado, mas ele se recusa a sair. Eles enfaixam seu braço contra o peito, verificam os ferimentos de Mac e, em seguida, saem.

— Isso é ridículo — diz Astrid. — Eles são traidores e deveriam ser tratados como tal.

— Pode ser. Eu ainda estou decidindo. Por enquanto, eu quero ver essa transmissão que você impediu.

— Está na minha câmera — eu digo. E aponto para ela no chão, onde caiu quando ataquei Astrid.

Coulson a pega, verifica e entrega para Gregory. Meu avô?!

— Estamos prontos agora? Podemos? — ele projeta a imagem na parede.

Todos nós assistimos em silêncio; desta vez eu não desvio o rosto. Eu fico olhando para os olhos de Florence, pouco antes de morrer, ali de pé, encarando-os. Será que ela se sentiu como eu me senti com Nico?

Quando termina, todos permanecem em silêncio. Gregory finalmente se vira para Astrid.

— Astrid Connor, suas ações têm sido inaceitáveis. Serão necessárias investigações adicionais — ele faz um gesto para Coulson. — Leve-a para fora, e, em seguida, nos deixe.

Depois que eles se vão, a porta se fecha atrás deles, e Gregory se vira para mim.

— Você pode gravar nessa coisa? — ele pergunta, estendendo a câmera.

— Sim.

Ele a entrega para mim.

— Prepare-se.

Eu a coloco para gravar e seguro a câmera. Minhas mãos estão surpreendentemente estáveis. Ele começa.

— Eu sou Merton Gregory, seu Primeiro Ministro, chefe do Governo de Coalizão Central. Eu soube de algumas coisas que me perturbaram demais. Muitos de vocês devem saber que, durantes as revoltas, há mais de trinta anos, um dos estudantes que foi condenado à execução foi a minha filha, Samantha Gregory. Na época, eu era representante do então Primeiro Ministro Armstrong; ele se ofereceu para intervir e perdoá-la. Eu não permiti que ele a salvasse, convencido de que o único caminho a seguir para acabar com o caos violento que assolava o nosso país era o de aplicar a lei em todos os casos. Isso é algo do qual me arrependi por minha vida inteira, e é parte da razão pela qual eu sempre protegi o Estado de Direito a todo custo quando me tornei Primeiro Ministro. Se eu não o fizesse, a perda dela não faria sentido. No entanto, algumas vezes eu tenho sido deliberadamente cego, de maneiras que agora me arrependo.

— Descobri recentemente que a minha filha não foi executada, mas isso não foi um ato de clemência ou bondade. Há mais detalhes que eu ainda tenho de descobrir, como para onde ela foi levada, ou se ela ainda vive. Mas eu descobri que tenho uma neta, uma garota cujo único crime foi ter parentesco comigo, e a punição por isso foi além de qualquer coisa que o Estado de Direito poderia tolerar.

— Vocês estão prestes a assistir a algumas cenas muito difíceis. Sinto muito, mas vocês precisam saber. Devido ao que vocês estão prestes a ver, eu sinto que não tenho escolha a não ser renunciar ao cargo de Primeiro Ministro. O governo será dissolvido e uma eleição convocada. Essa mudança já deveria ter acontecido. Os Lordeiros serviram ao seu propósito na época; agora seu tempo acabou.

— Tudo bem, isso irá servir. Eu terminei — ele me diz. Eu paro de gravar e abaixo a câmera. Meus olhos encontram os de Aiden. Isso está realmente acontecendo?

Gregory vira-se para Mac e Aiden.

— Agora, vocês podem levar isso ao ar hoje à noite antes que eu mude de idéia? E é melhor usar o seu sistema ilegal.

Não sei se isso passaria pelos censores Lordeiros, mesmo com a minha ordem direta. Eles poderiam ter me interditado.

Naquela noite, Mac faz verificações rápidas e repara os danos ao seu equipamento de transmissão que os Lordeiros de Astrid quase destruíram quando prenderam a ele e Aiden.

Doutora Lysander me chama de lado e faz um curativo no corte da minha bochecha.

— Me diz uma coisa, como você descobriu quem eu sou?

— Dedução e adivinhação — ela suspira. — Na verdade, estou

envergonhada por ter levado tanto tempo.

— Me conte.

— Dedução, porque estive pensando sobre tudo o que já foi feito e manipulado em sua vida; o sistema qualificando seu DNA como confidencial, para que ninguém pudesse rastreá-lo, por ordem de Astrid, como descobri depois. Quem você realmente era tinha que ser uma parte importante do quebra-cabeça. E adivinhação porque eu sempre achei que conhecia você.

— Você dizia que eu lembrava uma amiga sua que morreu.

— Não apenas uma amiga — ela puxa uma corrente do pescoço e um medalhão de ouro sai de suas roupas. Ela o abre. — Vê aqui dentro? Uma mecha de cabelo. De uma garota que eu amava, que era para ter sido executada nas revoltas. A filha de Gregory, Samantha. Quando você cortou a perna depois de sua visita recente, num impulso eu coletei o sangue que você deixou para trás, para um teste de DNA. Mais tarde, mesmo me sentindo uma tola por fazer isso, eu comparei o seu DNA com o desta mecha de cabelo. De alguma forma, ela sobreviveu. Sam é sua mãe.

— E você foi até Gregory e lhe contou sobre mim?

— Exatamente.

— Onde está a minha mãe? Ela ainda está viva?

— Eu espero que sim. Gregory está investigando isso.

— Mas como é que ele nos ligou a Astrid?

— Graças a você. Ao me dizer que o orfanato que você visitou foi em Cúmbria. Não demorou muito para que Gregory associasse a Astrid, primeiro o orfanato, depois o desaparecimento da filha. Ela deve ter visto essa oportunidade com Sam como a melhor forma de desacreditar Gregory. Ele seria o próximo Primeiro Ministro depois de Armstrong; Astrid não estava em posição de tomar o poder quando ela organizou o assassinato de Armstrong. Era um plano de longo prazo.

— Eu não entendo. Que utilidade Sam teve para Astrid?

— Naquela época, ela provavelmente pensou que usaria Sam quando ela estivesse pronta, para fazer parecer como se Gregory tivesse infringido a lei para salvar a filha. Depois, mais tarde, quando você surgiu, ela veio com um plano ainda melhor: ter a própria neta de Gregory como Reiniciada e assassinar tanto Gregory quanto a filha de Armstrong ao mesmo tempo. Não sabemos há quanto tempo ela estava planejando isso, mas deve ter sido pelo menos desde os seus dez anos, quando ela planejou, com ajuda de Nico, que o TAG levasse você.

— Se os planos dela tivessem funcionado naquele dia, os Lordeiros não saberiam quem poderiam modificar. Quais Reiniciados eram seguros ou perigosos.

— As visões de Astrid são notoriamente radicais. Ela prefere a pena de morte a Reiniciar. Uma "limpeza geral" nos Reiniciados existentes não a teria incomodado, e ela teria sido a próxima Primeira Ministra se Gregory tivesse sido morto. Mas seus planos se frustraram.

— Porque eu voltei correndo para salvar você. Eu não estava lá, ao lado de Gregory e dos outros, quando eles tiveram a intenção de detonar a bomba escondida no meu Nivo.

— Sim. E desde então eu tenho obtido informações com o Gregory. Que naquela época Coulson estava desconfiado de você, de quem você era. Ele havia notado irregularidades em seus registros. Quando a bomba explodiu em sua casa, ele aproveitou a oportunidade para forjar sua morte, para evitar qualquer possível interferência do TAG enquanto ele investigava.

— Mas como vocês nos encontraram aqui hoje?

— Gregory tem mantido Astrid sob vigilância. Quando ela veio ao sul com sua guarda, sabíamos que algo grande estava acontecendo. Então agimos.

— Bem a tempo. Ela sorri.

— Sim. Felizmente, na hora certa.

Processo tudo em minha mente, mas ainda fico retornando a duas coisas. Eu era apenas um bebê quando fui tirada da minha mãe, da qual eu nunca tinha ouvido falar até hoje. Onde ela está? Será que está viva? E depois há o Ben.

— O que vai acontecer com o Ben?

— Eu não sei. Ele cometeu crimes, embora, talvez, sob coerção.

— Onde ele está agora?

— Ele foi levado ao hospital para avaliação e observação.

— Quando poderei vê-lo?

— Não creio que seja prudente. Para nenhum de vocês.

Mac adicionou a nova introdução de Gregory no Informação Restrita - O que todos precisam saber. Às 21: 00, três horas depois do planejado, a mensagem atinge cada televisão, monitor e tela de vídeo deste país e de outros. Como pode ter acontecido tanta coisa em tão pouco tempo?

Fico de pé, estranha e insegura, ao lado de Aiden, enquanto as imagens são transmitidas; a dor do braço transparece em seu rosto, mas seus olhos estão brilhando.

— Conseguimos Kyla. Nós realmente conseguimos — ele sorri, mas seus olhos correm de mim para Gregory e retornam para mim.

Quando termina, Gregory olha para Aiden e Mac.

— Deixem-nos a sós por um momento — seu tom de voz é o de quem está acostumado a ser obedecido.

Mas as coisas mudaram e eles olham para mim.

— Está tudo bem. Podem ir — eu digo, olhando para Gregory enquanto eles saem. Meu avô, um completo estranho. Alguém que eu costumava odiar a cada batida do meu coração pelo que ele representava, mas alguém que inesperadamente salvou minha vida. Salvou todos nós.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Passei na inspeção? Eu dou de ombros.

— Eu não sei. Há prós e contras.

— E você não tem certeza do que conta mais.

— Exato. Você realmente vai renunciar?

— Não foi isso que eu disse? No entanto, você parece cética — ele se mostra satisfeito.

Eu dou de ombros.

— Talvez essa seja apenas uma maneira de se livrar da culpa. Derrotar Astrid, culpá-la por tudo, reformar o partido e começar tudo de novo.

— A política adora um bode expiatório — ele encolhe os ombros. — Isso provavelmente daria certo. Você é desconfiada. Talvez tenha herdado isso de mim.

— E?

— Nada. Para mim chega. O país pode recomeçar sem mim. Não me orgulho das coisas que foram feitas em nome do meu governo. Não me orgulho das coisas que eu mesmo fiz. Eu não tenho como mudar o passado, mas vou fazer o que posso agora para facilitar as mudanças políticas. O que eu realmente queria dizer a você é o seguinte: eu sinto muito.

— Pelo quê, especificamente? Mesmo que você deixe Astrid fora das coisas, não foi ela quem me transformou numa Reiniciada, me espancou e aterrorizou. Não foi ela que fez com que crianças desaparecessem da minha escola sem nenhum motivo. A lista é longa o suficiente sem ela, mas, já que você a inclui, e isso fica muito pior, ela estava sob o comando de quem?

Ele se encolhe.

— Não se preocupe. Eu não espero uma reunião de família com abraços e flores. Eu não espero que você perdoe e esqueça. Mas há uma coisa que eu vou fazer por você. Por nós dois.

— O quê? — o que ele pode fazer por mim, agora, que faça alguma diferença?

— Vou lhe fazer uma promessa. Encontrarei minha filha, sua mãe. De um jeito ou de outro, eu irei encontrá-la.

Ele se aproxima segura minha mão e eu não a retiro. Tantas vezes eu pensei, essa sou eu, agora sei de tudo. E então surge outra revelação. Mas Sam é a minha mãe de verdade. O DNA não mente. A doutora Lysander também não. Eu luto

contra as lágrimas que ameaçam vir. Aqui não, agora não.

— Onde ela está?

— Vou encontrá-la.

Quando volto para a casa do Mac, Aiden me espera na frente. Sozinho.

— Você não deveria estar a caminho do hospital para olhar direito esse braço?

— Provavelmente. Mas eu tinha que ver você primeiro — ele coloca a mão boa em meu rosto e eu me inclino contra ele, em seu calor. Estou tão feliz que ele ainda esteja vivo, que nós dois estejamos. E, de repente, estou muito cheia de tudo o que aconteceu para querer estar em qualquer outro lugar.

Aiden me envolve com o braço bom e murmura em meu cabelo:

— Eu ouvi o que você disse para a doutora Lysander.

— Sobre o quê?

— Sobre Ben. Você pediu para vê-lo. Eu me afasto.

— Eu preciso.

— Depois de tudo o que ele fez?

— Esse não é ele. Eles o fizeram assim. Você não entende.

— Então, me ajude a entender.

— Ele está lutando contra o que fizeram com ele.

— Como você sabe?

— Ele salvou minha vida hoje. Chutou uma faca da mão da Tori.

— Então eu vou agradecer a ele por isso. Mas será que uma boa ação apaga todas as outras?

Eu olho para Aiden e não consigo responder. Será que uma boa ação de Gregory apagaria todas as suas outras ações? Mas não é a mesma coisa. Ele podia decidir sozinho; Ben, não.

— Kyla, há mais uma coisa. No outro dia, quando eu disse que amava você. Eu perguntei como você podia amar alguém sem saber tudo sobre ele. E você perguntou como alguém que foi Reiniciado poderia então amar ou ser amado.

— E daí?

— Eu sei tudo sobre você. E eu não me refiro a cada memória que você perdeu. Eu sei quem você é, por dentro. Que, apesar de tudo, você nunca poderia deliberadamente ferir alguém. Como você é corajosa, ferozmente leal e todas as suas pequenas inseguranças, medos e teimosias, e eu amo você por tudo isso. Você pode dizer o mesmo sobre o Ben?

— Sim — respondo, mas a dúvida me corrói por dentro, e Aiden sabe disso. — Eu não tenho escolha. Não posso abandoná-lo, ele não tem mais ninguém. Não depois de tudo o que fomos um para o outro.

Sua mão toca em meu ombro.

— Tudo o que foram um para o outro. Isso é passado. Me avise quando você estiver pronta para o presente, ou talvez até mesmo para o futuro.

CAPÍTULO 42

Após a transmissão, tudo acontece muito rápido.

O Primeiro Ministro Gregory faz sua renúncia oficial, como prometido. Em meio a protestos públicos e da pressão internacional, o Parlamento é dissolvido e as eleições, exigidas. E é quase como Aiden sempre disse que seria; assim que todos realmente souberam o que se passava, eles disseram Não, chega. E os Lordeiros perderam o poder.

Claro que não foi tão fácil assim. O preço foi alto de ambos os lados; batalhas campais em alguns lugares, como Cúmbria, onde os seguidores de Astrid se recusaram a aceitar que não estavam mais no comando, mas o preço não era tão alto quanto viver com medo constante dos Lordeiros. Eles conseguiram. O DEA realmente conseguiu. DJ, Aiden e um conselho internacional instauraram um governo provisório até as eleições, e novos partidos políticos estão se formando, escolhendo candidatos.

Gregory ainda está à procura de Sam, da minha mãe, mas meses se passaram e estou começando a aceitar que ele talvez nunca a encontre. Mamãe e Amy estão bem; elas não foram encontradas pelos Lordeiros de Astrid, e eu vou ficar com elas por um tempo em nossa casa recém-reparada. Skye sobreviveu e está aqui, se recuperando e sendo mimada por nós três. Reiniciar pessoas foi proibido, e a doutora Lysander anda ocupada removendo Nivos e chips cerebrais de Reiniciados, inclusive o meu.

Mas, enquanto uma parte de mim está se regozijando com as mudanças que aconteceram e ainda estão por vir, outra parte está no limbo. Lambendo minhas feridas e esperando por esse dia.

A doutora Lysander se senta de frente para mim e Ben, diante de sua mesa.

— Não há garantias. Não sabemos quem você era antes de ser Reiniciado.

— Eu sei, eu sei. Os Lordeiros destruíram meus registros, nada foi encontrado — diz Ben. Ele segura com força a minha mão.

— Nós não sabemos quem você era, mas será que sabemos o suficiente? — eu digo. — Você não precisa fazer isso.

— Eu quero.

A médica passa uma lista de recomendações, e não pela primeira vez. Os resultados de ajuste de memória não podem ser previstos; ele pode recuperar memórias que não queria, e não aquelas que quer; há risco de dano cerebral, convulsões e morte. Embora alguns casos simples de reajuste tenham sido bem-

sucedidos, o caso dele é imprevisível devido aos múltiplos procedimentos aos quais foi submetido.

— Isso é tudo? — ele pergunta.

— Tem certeza de que quer seguir com isso? — ela insiste.

— Sim. Kyla pode assistir?

— Eu não recomendo, mas, se ela quiser, é escolha dela.

— Eu estarei lá — afirmo, sem largar a mão dele. Apesar das coisas que ele fez, foram os Lordeiros, com seus procedimentos e manipulações, que o levaram a nos trair. Eu não posso apagar as coisas que Ben fez; e ainda acordo gritando no meio da noite, com visões de Florence e dos outros que morreram em Ali Souls assombrando meus sonhos. E eu ainda não consigo parar de pensar nos se ao menos. Se ao menos Aiden não tivesse levado Ben para lá; e se ao menos eu tivesse me esforçado mais para ajudar Ben. Se ao menos eu tivesse percebido o que estava prestes a acontecer, e o tivesse impedido.

E se ao menos.

Mas não foi Ben quem nos traiu, foi a criatura dos Lordeiros. Depois de tudo o que aconteceu comigo, todas as identidades que fui obrigada a usar ou que me foram tiradas, eu entendo isso melhor do que ninguém. Eu não posso abandoná-lo enquanto houver qualquer chance de trazê-lo de volta, não importa o quanto eu me sinta dilacerada. Eu não vou.

Eles o preparam. Ele está em uma dessas camas que abraça você como aquela em que estive np TAI; eles verificam tudo, monitores, fios, drogas intravenosas, e colocam um escâner em volta de sua cabeça. Ele segura firme a minha mão o tempo todo.

— E se eu espirrar? — ele brinca. Ele tinha achado engraçadíssimo que a microcirurgia seria feita pelo nariz.

— Você sabe que isso não é possível; você será imobilizado. Praticamente paralisado, menos a fala.

Quando o medicamento faz efeito, a mão dele afrouxa.

— Eu ainda estou segurando — aviso. — Está tudo bem — mas eu estou com medo.

Estes meses têm sido difíceis. Quando Ben realmente entendeu o que tinham feito com ele, como ele havia sido manipulado e submetido a procedimentos para se tornar um agente Lordeiro, ele se tornou sombrio. E nós dois nos esforçamos para aceitar o papel de Tori (que ela manteve as memórias, mas ainda assim escolheu trabalhar para os Lordeiros) e sua morte. Ben só começou a voltar à vida com essa esperança, a microcirurgia experimental que poderia lhe devolver o que foi tirado dele.

A médica me olha sobre um mar de equipamentos e balança a cabeça uma

vez.

— Tudo bem, então, Ben. Podemos começar?

— Não, eu mudei de idéia. Brincadeirinha! Vá em frente.

— Tudo bem. Primeiro estou removendo o seu chip, um procedimento de rotina. — Com isso, não haverá mais chance de alguém ativá-lo para lhe causar dor ou matá-lo, como foi feito com Tori, nunca mais. O meu foi retirado há algumas semanas.

A médica acompanha o procedimento pelas telas de controle, a cirurgia é feita por controle remoto, usando o escâner e ferramentas robóticas microscópicas. O tempo passa devagar; os segundos parecem minutos.

— Seu chip foi removido — ela avisa finalmente. — Está tudo bem?

— Eu estou bem, me divertindo. Continue — ele diz.

— Agora me diga o que está sentindo — ela explicou que diferentes áreas neurológicas do cérebro serão micro estimuladas enquanto ela navega por suas áreas de armazenamento de memória, reatando conexões neurológicas partidas de acordo com suas respostas.

— Ok, lá vamos nós — diz Ben. — Azul, o mar azul. Pelo macio, um cachorrinho! É Skye; eu acho que é. Peixe, sinto cheiro de peixe e batatas fritas. Uma mulher, vejo uma mulher. Será que é a minha mãe? — ele começa a descrevê-la, mas pelo que ele diz não é a mãe de quando ele era um Reiniciado. Em seguida, sua voz muda. — Mamãe? Mamãe? — uma nota estridente de pânico, a voz de uma criança.

— Você está bem — eu digo. — Eu estou aqui.

— Quem é Ben? Eu sou o Nate. Mamãe? — e logo a seguir, ele diz: — Kyla? — sua voz novamente. — Eu me lembro da minha mãe!

— Está melhor do que eu, então.

— Isso é bom — diz doutora Lysander. — Continue descrevendo.

Ele está calado.

— Ben? — ela insiste.

— Eu ainda estou aqui. As coisas estão se passando rápido demais para repetir; às vezes, como se eu estivesse lá, outras vezes, como se estivesse olhando para uma foto.

— A memória pode ser assim. Tudo bem, eu estou reconectando as últimas e mais profundas ligações, isso é um pouco complicado.

— Bom saber.

— Descreva Ben.

As palavras jorram. Nomes e lugares saem confusos e rápido, e então...

— Kyla?

— Sim?

— No grupo de ajuda. Cheguei atrasado, você estava sentada lá. A garota nova. Eu me lembro! A primeira vez que vi você, linda, maravilhosa.

E eu sei que ele não pode sentir ou apertar também, mas estou segurando sua mão com mais força, as lágrimas ameaçando cair; está funcionando. Ele se lembra de mim.

Ele fica ofegante.

— Dor, dor quente, aqui do lado.

— Sim, você tem uma cicatriz, um velho ferimento a faca — a médica explica. — E o que mais? Ben? Responda.

— Não — sua voz está diferente, irritada. — Não!

— Ben?

— Ben? — ela chama, novamente. Ele está em silêncio.

— Ben? — eu tento. — Nate? Você está bem?

— Excelente. Estou excelente, obrigado por perguntar — fico aliviada com suas palavras, mas seu sotaque... Parece diferente. Algo mais londrino, e menos interiorano.

— Estamos quase terminando — avisa a doutora Lysander. Em pouco tempo, o escâner é afastado e as micro ferramentas são removidas. Ela limpa uma pequena gota de sangue em seu nariz e isso é tudo.

Seus olhos estão fechados, a sedação aumentada, ele irá dormir agora.

— Vá para casa, Kyla — diz a médica. — Ele irá para o CTI agora, será monitorado enquanto dorme. Vai levar um dia ou dois antes de sabermos o resultado.

Mas eu fico. Com Ben/Nate, seja ele quem for, ele agora se lembra de mim.

EPÍLOGO

Estamos no final do verão. Eu insisti em vir sozinha, pelas colinas. Skye me acompanha ao lado, ainda mancando, mas isso não a impede. E, conforme ando, eu penso. O que tem me motivado por tanto tempo tem sido tentar descobrir quem eu sou de onde eu venho. Cada nova revelação derrubou paredes em minha mente, mas vieram com um custo. Será que isso se encerra hoje?

Todos vivem procurando por alguma coisa, ou por alguém. A parte que falta para serem completos. Por que eu deveria ser diferente?

O filho da minha mãe, Robert, não foi encontrado, mas ela ainda está procurando, com a ajuda do DE A, agora uma agência sancionada pelo governo e missão de tempo integral de Mac e Aiden.

Mamãe recusou-se a concorrer para o cargo de Primeira Ministra, apesar de todos que a queriam lá. Gregory, que eu vejo de vez em quando, não importa o que ele era, é meu avô, e foi responsável pelas coisas terem saído melhor no final. Ele disse que aqueles que são adequados para o poder não o querem, e que aqueles que o querem, não o são. Mas ele não disse em qual categoria se encaixava. De qualquer forma, um sujeito novo, que desejava o poder, está no comando, um governo totalmente novo foi eleito, e DJ e seus amigos ainda ficarão aqui por um tempo, para manter um olho nas coisas.

Será que tudo vai ficar bem agora? O tempo dirá, mas ainda não tenho certeza de que tudo esteja bem. Assim como toda a enxurrada de tecnologia que chega de fora, agora que as fronteiras estão abertas, com inúmeros canais de internet, dispositivos portáteis e plug-ins aos quais você está sempre ligado. Os viajantes curiosos de outras nações correndo para ver o quão ansiosos estamos para nos tornar como eles. Gregory diz que é por isso que o mundo entrou em cena: não para salvar alguém, mas para ter um novo mercado para vender seus brinquedos.

Com a revogação das Leis Juvenis, agora estou dividindo um apartamento com Madison em Keswick. Ela estava na prisão para Reiniciados de Astrid, como Len imaginou que ela estaria, e foi libertada com todos os outros prisioneiros detidos ilegalmente. Finley tinha se escondido, não muito tempo depois que eu parti de Keswick. Ele só saiu quando foi seguro novamente. Madison não é a mesma, mas melhora aos poucos com a ajuda de Finley.

Vejo Stella uma ou duas vezes por semana; uma confiança frágil está começando a crescer entre nós. Aos poucos ela racionaliza com tudo o que

Astrid fez; com o fato de meu pai não estar por trás do meu desaparecimento. Com o quanto ela estava errada. Para ela, foi difícil aceitar a minha recusa em deixar a doutora Lysander tentar retornar as minhas memórias, mas elas foram destruídas o suficiente. De agora em diante, ninguém além de mim tem direito a opinar no que eu escolho lembrar, e no que eu escolho esquecer.

Por enquanto estou trabalhando nos Parques como verificadora de penhascos. Len está na lista dos desaparecidos. Ele morreu na luta contra os partidários de Astrid. Estar sozinha em lugares altos acima do mundo, e em todas as condições meteorológicas, com as montanhas sob os meus pés (elas que estiveram, estão e estarão ali por muito tempo depois que eu me for), me faz sentir um alívio nunca sentido em nenhum outro lugar. É realmente por isso que voltei para Keswick, apesar de mamãe e Amy. É o único lugar em que eu posso pensar em nada e não ser oprimida.

Eu ainda poderia voltar para a escola, entrar na formação de professores um dia e ser professora de artes, como Gianelli, mas não agora. As carinhas felizes são demais para mim, depois que todas as crianças Reiniciadas do orfanato experimental de Astrid foram encontradas. Mortas. Mortas pelos lacaios de Astrid para esconder o que tinham feito, mas eles foram pegos antes que pudessem se livrar dos corpos.

Ao menos eu sei que Edie sobreviveu, e que Ben nunca disse aos Lordeiros onde ela estava. Sua casa estava vazia naquele dia porque elas ficaram sabendo do que havia acontecido em Ali Souls e fugiram apressadas para um esconderijo. Quando elas reapareceram, eu fui visitá-las. Edie disse que eu poderia ficar com Murray, porque eu era mais solitária do que ela.

Esse foi um momento em que sei que Ben disse a verdade, depois de todas as mentiras que se seguiram. Ele se manteve no papel por tempo suficiente para sair do hospital, e, em seguida, algumas verdades vieram à tona. Ele tinha cometido crimes que justificavam ter sido Reiniciado antes de nos conhecermos, para adicionar aos que cometeu mais tarde em Ali Souls. Ele disse que só foi realmente feliz quando foi Reiniciado.

E, em seguida, ele roubou um carro e desapareceu. Ninguém sabe para onde ele foi. Tudo o que eu sei é que ele não quer estar comigo. Por alguma razão, boa ou ruim, no final, essa é a verdade.

Será que eu poderia ter previsto isso? Eu nunca conseguiria realmente ferir ninguém, Reiniciada ou não. Ben, sim, e o fez. Com os Lordeiros ele pode ter sido coagido, manipulado e escapado da responsabilidade legal por causa disso, mas no final foi ele mesmo quem causou e promoveu o massacre de Ali Souls. Será que isso já diz algo sobre quem ele era realmente? Doutora Lysander percebeu isso logo, e nos avisou várias vezes, mas deixou a escolha para Ben.

Às vezes me pergunto se ele de fato foi meu algum dia, ou se foi tudo ilusão desde o início. Como Aiden disse: como você pode amar verdadeiramente alguém quando não sabe quem ele realmente é?

Mas a maior parte do tempo eu sei que nos amamos. Naquele tempo e lugar quando éramos apenas folhas em branco. Inocentes. Antes de minhas memórias começarem a voltar, antes que os Lordeiros o manipulassem e o modificassem e que a doutora Lysander devolvesse seu passado. Era real, ao menos para mim. Minha prova é a dor que ficou.

Vendo como Finley é com Madison, acho que é possível que o amor dure e cresça. Mas não para mim, não agora. Uma última lição que os Lordeiros me ensinaram é esta: não há segundas chances. Eu escolhi Ben, virei as costas para Aiden, e não posso voltar atrás. Mas Aiden estava certo, não estava? Ben foi o passado. Eu não sinto falta dele como sinto de Aiden. Com Ben é mais um luto por algo que já passou. Não é algo que poderia ter sido.

Que deveria ter sido.

Uma última subida e finalmente chego ao meu destino: a prisão dos Reiniciados de Astrid. Ela é a única prisioneira lá agora. Nos fundos, estão as sepulturas não identificadas, com flores e um memorial; um ato público hoje para revelar isso. Mamãe está aqui, e Stella. Gregory e a doutora Lysander também. Há sobreviventes, mulheres recém-saídas da prisão junto com Madison, com as marcas de seus sofrimentos e a alegria tensa da liberdade inesperada estampadas em seus rostos. Junto com os sobreviventes estão familiares e amigos, como nós, daqueles que não sobreviveram.

E uma surpresa. Eu quase paro de respirar quando Aiden caminha até mim e me abraça. Ele não diz nada, apenas me detém um momento, e nos abraçamos com força.

A cerimônia começa. Gregory tinha cumprido o que prometera: encontrou sua filha. Acontece que ela morreu poucas semanas depois que eu nasci, de causas naturais. Se é que se pode chamar de "natural" morrer de infecção não tratada após o parto. Será que foi uma fuga? Mas gosto de pensar que ela teria ficado comigo se pudesse.

Eu permaneço com mamãe e Stella durante os dois minutos de silêncio, mas, como se isso não fosse suficiente, ele persiste e dura muito mais. Aqueles que sofreram mais do que fizeram sofrer. Eu fico olhando para as palavras gravadas no memorial sobre as sepulturas que incluem a mãe que eu nunca vou conhecer, entre as duas que conheci.

Depois, sinto olhos em mim. Uma mulher, magra, curvada, pele cinzenta, os olhos determinados de uma sobrevivente. Ela me chama.

— Eu estava lá quando você nasceu. Sam se recusou a dizer quem era o pai,

mas que opções existem numa prisão de mulheres com guardas do sexo masculino? Eu sei o nome que sua mãe lhe deu — e então ela sussurra ao meu ouvido, como se não pudesse ser dito em voz alta.

Não foi naquele dia, mas em outros dias, quando o sol brilha e derrete o gelo de outro inverno, para convocar as flores silvestres que brotam da terra; quando o céu escurece com súbitas pancadas de chuva antes que o sol retorne — é então que eu me dou conta de que tanto a dor quanto a alegria são necessários para que a vida cresça. Quando Skye acompanha meus passos, quando Aiden caminha ao meu lado, contra toda a lógica, eu quase posso senti-la.

Minha mãe Sam deve ter sido uma mulher incrível. Tanta coisa tinha sido influenciada por dela; a culpa de Gregory por não a ter perdoado o transformou em um Lordeiro rígido com as regras por boa parte de sua vida. Sua suposta execução levou a doutora Lysander a criar os Reiniciados, uma maneira de parar a execução de criminosos menores de idade, sim, mas veja aonde tudo isso nos levou. E Sam, ela mesma, prisioneira de Astrid durante anos, naquele lugar horrível; eu nem posso imaginar o que ela passou. Mas, de alguma forma, ela ainda tinha isso dentro dela para me dar um nome que alcança e preenche os anos perdidos entre nós.

Eu já recebi e escolhi tantos nomes, mas finalmente estou começando a assimilar meu verdadeiro nome. Muito mais virá com a sobrevivência e com o tempo. No controle de mim mesma agora, com Aiden e eu encontrando nosso caminho juntos no futuro. Porque às vezes ganhamos uma segunda chance.

Este foi o presente que minha mãe me deu:

Esperança.

AGRADECIMENTOS

Escrever e publicar uma trilogia, um livro por ano, é algo incrível!

Devo agradecimentos especiais à minha agente, Caroline Sheldon: sem ela, nada disso poderia ter acontecido.

E a todos os meus editores dos dois lados do oceano. Em especial às editoras Megan Larkin e Rosalind Turner da Orchard Books, no Reino Unido, e Nancy Paulsen e Sara Kreger da Nancy Paulsen Books, nos Estados Unidos. Obrigada por tudo.

Obrigada a Erin Johnson por me levar a um passeio por Oxford e suas faculdades, e a Porter, no Magdalen College. Quando eu estava desesperada porque não era possível ver o pátio de outra faculdade da torre de Magdalen, ele sugeriu a Torre da Igreja de Santa Maria e Ali Souls como alternativa.

Obrigada aos primeiros leitores, Amy Butler Greenfield e JoWyton, e colegas de escrita de toda parte, especialmente aos meus amigos no SCBWI.

E agora... Eu ouvi dizer que a confissão é boa para a alma.

É hora de confessar sobre os nomes dos personagens e de onde eles vieram. Alguns você já devem conhecer. Eu fiz alguns concursos para dar nomes a personagens, que foi como surgiu o Katran de Fragmentada, e Madison e Finley de Despedaçada.

Mas o que você talvez não saiba é que muitos de meus outros nomes de personagens vêm de amigos, e que muitas vezes eu os tiro da minha lista de amigos do Facebook.

Primeiro, os animais de estimação. Skye era uma cadela real! Da minha amiga Karen Murray. Infelizmente Skye morreu antes que Reiniciados fosse lançado, mas o nome e o temperamento da cadela são exatamente como me lembro dela. Sebastian, de Reiniciados, era um gato de verdade, de tempos atrás; meus pais tinham dois, Damian e Sebastian. O personagem do gato em Reiniciados era mais parecido com o Damian, e eu originalmente tinha usado esse nome, mas em algum lugar ao longo da escrita mudei para Sebastian. E, em Despedaçada, Pipoca era o nome de uma das gatas da minha irmã.

E quanto às pessoas: as pessoas reais não têm nada em comum com os personagens, além do nome, salvo indicação contrária. Ben veio de Benjamin Scott, porque ele está sempre sorrindo. Hatten (o apelido de Nico como professor em Reiniciados) veio de Caroline Hooten, e, como o nome me fez pensar em corujas, a grafia mudou em algum lugar ao longo do caminho. Nico

veio de Nick Cruz. A mãe de Kyla, Sandra, veio de minha irmã. E não há muito mais dela no personagem. E, em Despedaçada, Stella veio de Stella Wiseman; Astrid, de Astrid Holm.

E, claro, não posso esquecer do Murray. Ele é o meu próprio ursinho de pelúcia de dormir.

Portanto, há mais de uma maneira de ter o seu nome em um dos meus livros! Minha página do Facebook é TeriTer-ryAuthor. Nunca se sabe...

Você também pode me encontrar como TeriTerry Writes no Twitter e no Tumblr, e meu site é teriterry.com

Obrigada aos fãs de Reiniciados, e aos leitores, blogueiros e críticos de toda parte, cujo apoio e cujo entusiasmo para a trilogia Reiniciados foram incríveis.

E para o homem mais paciente e compreensivo do mundo. Conviver com um escritor pode ser complicado, mas Graham é sempre o centro calmo da minha vida.

Finalmente, a Banrock, Murray e inspirações de toda parte: Vivas!